

MONALISA RENATA GAZOLI



**O MÉTODO ANALÍTICO PARA O ENSINO DA LEITURA EM
“SÉRIE DE LEITURA PROENÇA” (1926-1928),
DE ANTONIO FIRMINO DE PROENÇA**



**UNESP - Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília
Programa de Pós-Graduação em Educação
Marília-SP
11 de fevereiro de 2010**

MONALISA RENATA GAZOLI

**O MÉTODO ANALÍTICO PARA O ENSINO DA LEITURA EM
“SÉRIE DE LEITURA PROENÇA” (1926-1928),
DE ANTONIO FIRMINO DE PROENÇA**

DISSERTAÇÃO apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de Concentração: Políticas Públicas e Administração da Educação Brasileira.

Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação no Brasil.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti.

**Marília-SP
11 de fevereiro de 2010**

Ficha catalográfica elaborada pelo
Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação – Univ Estadual Paulista – Campus de Marília

Gazoli, Monalisa Renata.

G291m O método analítico para o ensino de leitura em “Série de leitura Proença” (1926-1928), de Antonio Firmino Proença / Monalisa Renata Gazoli. – Marília, 2010.
209 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2010.

Bibliografia: f. 164-209

Orientadora: Profª Drª Maria do Rosário Longo Mortati

1. Ensino de leitura. 2. Método analítico. 3. História da educação.
I. Autor. II. Título.

CDD 372.410981

MONALISA RENATA GAZOLI

**O MÉTODO ANALÍTICO PARA O ENSINO DA LEITURA EM
“SÉRIE DE LEITURA PROENÇA” (1926-1928),
DE ANTONIO FIRMINO DE PROENÇA**

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti
Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp-Marília

2ª. Examinadora: Prof^a. Dr^a. Circe Maria Fernandes Bittencourt
PUC-São Paulo

3ª. Examinadora: Dr^a. Lázara Nanci de Barros Amâncio
Instituto de Ciências Humanas e Sociais-UFMT-Rondonópolis

Àquele que segura minha mão
e me ajuda a superar os perigos
de viver: Jorge, amado.

Agradecimentos

Àqueles que me auxiliaram direta ou indiretamente no desenvolvimento da pesquisa da qual resultou esta dissertação:

a Deus, Pai compreensivo e fiel;

aos meus pais, que me deram a oportunidade de viver e me ensinaram a superar dificuldades;

ao meu amado, um companheiro estimado;

à professora Maria do Rosário L. Mortatti, por suas inquestionáveis qualidades de mestre respeitosa e exemplar;

aos queridos e estimados amigos do Gphellb — Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”, pela oportunidade de aprender o valor do trabalho em grupo;

aos professores das disciplinas cursadas como aluna de mestrado, que me proporcionaram valiosas interlocuções;

aos funcionários dos acervos consultados e da Escola Estadual “Prof. Antonio Firmino de Proença”, que me auxiliaram oportunizando o acesso aos documentos necessários ao desenvolvimento da pesquisa; e

ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), pelas bolsas concedidas, sem as quais não teria sido possível dedicar-me exclusivamente à pesquisa de que resultou esta dissertação de mestrado;

a essas pessoas e instituições, consciente de que um trabalho de pesquisa jamais é realizado isoladamente, meus agradecimentos sinceros.

A alma de uma collectividade qualquer
é naturalmente a somma de todos os caracteres
dos individuos actuais e de todas as influencias
passadas; é uma synthese do pensar e sentir
dos que vivem e dos que se foram.
(PROENÇA, 1919, p. 6)

GAZOLI, Monalisa Renata. *O método analítico para o ensino da leitura em “Série de leitura Proença” (1926-1928), de Antonio Firmino de Proença*. 2010, 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Univ Estadual Paulista, Marília, 2010.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentam-se resultados de pesquisa de mestrado em educação (Bolsa Capes - março a agosto de 2008; bolsa Fapesp - setembro de 2008 a fevereiro de 2010), vinculada às linhas “Alfabetização” e “Ensino de Língua Portuguesa” do Grupo de Pesquisa e do Projeto Integrado de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”, ambos coordenados por Maria do Rosário L. Mortatti. Com o objetivo de contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura no Brasil, focaliza-se a proposta para esse ensino apresentada pelo professor paulista Antonio Firmino de Proença (1880-1946), nos livros didáticos que integram a “Série de leitura Proença”, a saber: *Cartilha Proença* (1926), *Leitura do principiante* (1926), *1º. livro de leitura* (1926), *2º. livro de leitura* (1927), *3º. livro de leitura* (1928) e *4º. livro de leitura* (1948). Os livros que integram essa série foram publicados pela Editora Melhoramentos (SP) e circularam em diferentes estados brasileiros, dentre os quais, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco e Santa Catarina, além de São Paulo, tendo contribuído para a formação de muitas gerações de brasileiros. Mediante abordagem histórica centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida por meio dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais, analisou-se a configuração textual dos livros dessa série, que consiste em enfocar os diferentes aspectos constitutivos de seu sentido. Concluiu-se que, nesses livros, apresentada-se uma proposta de concretização do método analítico para o ensino da leitura diretamente relacionada com outros livros de leitura publicados nas décadas iniciais do século XX, como decorrência da institucionalização desse método, no estado de São Paulo.

Palavras-chave: Antonio Firmino de Proença. Ensino da leitura. Método analítico. História da Educação.

ABSTRACT

This work deals with the results of a Master degree dissertation research related to “Literacy” and “Portuguese Language” of Research Group and Research Integrated Project “History of Language and Literature Teaching in Brazil” both under the leadership of Maria do Rosário Longo Mortatti. Aiming contributing to understand an important of the history of reading teaching in Brazil, it focus on the proposal concerning reading teaching presented by Professor Antonio Firmino Proença (1880-1946), in the didactic books called “Série de leitura Proença”, that is: *Cartilha Proença* (1926), *Leitura do principiante* (1926), *1º. livro de leitura* (1926), *2º. livro de leitura* (1927), *3º. livro de leitura* (1928) e *4º. livro de leitura* (1948). All those books were published by Editora Melhoramentos (SP) and had circulation in different Brazilian states such as Ceará, Minas Gerais, Pernambuco e Santa Catarina, besides São Paulo, and in this way, they contributed to form many Brazilian generations. Through historical approach centred on documentary and bibliographical investigation, and by means of localizing, retrieving, assembling, selecting and ordering proceedings, those books textual configuration was analysed, that is to say, to focus on different constitutive aspects of their meanings. The conclusion is that in those books, a proposal to make concrete the analytical method for reading teaching is presented, which is directly related to other reading books published at the beginning decades of 20 th century, as a result of the institutionalization of that method in the state of São Paulo.

Keywords: Antonio Firmino Proença. Reading teaching. Analytical method. History of education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de A. F. Proença	47
Figura 2 – Capa da 1 ^a . edição de <i>Cartilha Proença</i>	97
Figura 3 – Capa da 66 ^a . edição de <i>Cartilha Proença</i>	98
Figura 4 – Capa da 79 ^a . edição de <i>Cartilha Proença</i>	99
Figura 5 – Capa da 59 ^a . edição de <i>Leitura do principiante</i>	100
Figura 6 – Capa da 87 ^a . edição de <i>Leitura do principiante</i>	101
Figura 7 – Capa da 35 ^a . edição de 1 ^o . livro de leitura	102
Figura 8 – Capa da 45 ^a . edição de 1 ^o . livro de leitura	103
Figura 9 – Capa da 1 ^a . edição de 2 ^o . livro de leitura	104
Figura 10 – Capa da 31 ^a . edição de 2 ^o . livro de leitura	105
Figura 11 – Capa da 15 ^a . edição de 3 ^o . livro de leitura	106
Figura 12 – Capa da 17 ^a . edição de 3 ^o . livro de leitura	107
Figura 13 – Capa da 21 ^a . edição de 4 ^o . livro de leitura	108
Figura 14 – Página da 1 ^a . edição de <i>Cartilha Proença</i>	133
Figura 15 – Página da 59 ^a . edição de <i>Leitura do principiante</i>	134
Figura 16 – Página da 59 ^a . edição de <i>Leitura do principiante</i>	135
Figura 17 – Página da 1 ^a . edição de <i>Cartilha Proença</i>	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Bibliografia <i>de</i> A. F. Proença, por tipo de texto e ano de publicação, entre 1913 e 1959	56
Quadro 2 – Ano da 1ª. edição dos livros <i>de</i> Antonio Firmino de Proença	58
Quadro 3 – Ano de publicação, quantidade de artigos e revistas pedagógicas nas quais foram publicados artigos <i>de</i> A. F. Proença, entre 1913 e 1934	59
Quadro 4 – Bibliografia <i>sobre</i> A. F. Proença, por tipo de texto e ano de publicação, entre 1917 e 2009	64
Quadro 5 – Período de publicação e quantidade de edições dos livros da “Série de leitura Proença”	89
Quadro 6 – Ano de publicação das edições dos livros da “Série de leitura Proença”	91
Quadro 7 – Quantidade de páginas dos livros da “Série de leitura Proença”	93
Quadro 8 – Títulos dos textos das lições suprimidas, ou acrescentadas, ou modificadas, na 45ª. edição de 1º. <i>livro de leitura</i> , comparativamente à “5ª. a 10ª.” edição	112
Quadro 9 – Título dos textos das lições suprimidas ou acrescentadas, na 30ª. edição de 2º. <i>livro de leitura</i> , comparativamente à 1ª. edição	113
Quadro 10 – Autor, título do texto e número da lição, na 30ª. edição de 2º. <i>livro de leitura</i>	114
Quadro 11 – Título dos textos das lições suprimidas ou acrescentadas, na 17ª. e 20ª. edições de 3º. <i>livro de leitura</i> , comparativamente à 15ª. edição	115
Quadro 12 – Enunciados de exercícios, em 1º. <i>livro de leitura</i>	117
Quadro 13 – Temas das “exposições gramaticais” e enunciados de exercícios, em 2º. <i>livro de leitura</i>	118
Quadro 14 – Temas das “exposições gramaticais” e enunciados de exercícios, em 3º. <i>livro de leitura</i>	119
Quadro 15 – Autor, título do texto e número da lição, na 1ª. edição de 2º. <i>livro de leitura</i>	138
Quadro 16 – Autor, título do texto e número da lição, na 15ª. edição de 3º. <i>livro de leitura</i>	139
Quadro 17 – Autor, título do texto e número da lição, na 21ª. edição de 4º. <i>livro de leitura</i>	140
Quadro 18 – Número e título do texto, quantidade de parágrafos, frase-síntese e número da(s) página(s) de <i>Leitura do principiante</i>	142
Quadro 19 – Título do texto, quantidade de parágrafos, número de página e frase-síntese das lições de 1º. <i>livro de leitura</i>	144
Quadro 20 – Temas das “exposições gramaticais” e enunciados de exercícios, em 4º. <i>livro de leitura</i>	145

SUMÁRIO

Apresentação	12
Introdução	17
Capítulo 1 – Pesquisas históricas de brasileiros sobre ensino da leitura e da escrita e sobre livro didático	31
Capítulo 2 – Aspectos da vida, da atuação profissional e da bibliografia de e sobre Antonio Firmino de Proença	46
2.1 – Dados biográficos e atuação profissional	47
2.2 – Bibliografia de Antonio Firmino de Proença	54
2.3 – Bibliografia sobre A. F. Proença	63
2.3.1 – Capítulo de livro	65
2.3.2 – Texto acadêmico sobre A. F. Proença	66
2.3.3 – Textos sobre A. F. Proença, em anais de eventos	66
2.3.4 – Textos de homenagem póstuma a A. F. Proença	69
2.3.5 – Textos, publicados entre 1928 e 1954, com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus	73
2.3.6 – Textos, publicados entre 1974 e 2009, com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus	78
Capítulo 3 – Apresentação da “Série de leitura Proença”	84
3.1 – A editora da “Série de leitura Proença”	85
3.2 – Aspectos gerais dos livros da “Série de leitura Proença”	88
3.3 – As diferentes edições dos livros da “Série de leitura Proença”	96
3.3.1 – Capas	96
3.3.2 – Folha de rosto e 4ª. capa	109
3.3.3 – Prefácio e ilustrações	110
3.3.4 – Lições	111
3.3.5 – Vocabulário e exercícios	116
3.3.6 – “Exposições gramaticais”	117
Capítulo 4 – “Série de leitura Proença” e o ensino da leitura pelo método analítico	121
4.1 – Os exemplares analisados	122
4.2 – As explicações do autor	124
4.3 – As ilustrações e as lições	132
Capítulo 5 – “Série de leitura Proença” e a história da alfabetização no Brasil	147
5.1 – Principais características educacionais do “segundo e terceiro momentos cruciais” na história da alfabetização no Brasil	148
5.2 – “Série de leitura Proença” e o “segundo e o terceiro momentos cruciais” na história da alfabetização no Brasil	156
Considerações finais	161
Referências	164
Bibliografia de apoio teórico	176
Apêndice – Bibliografia de e sobre Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa	179
Anexos	202
Foto de A. F. Proença	203
Documento de identidade de A. F. Proença	204
Carteirinha de sócio de A. F. Proença ao Centro do Professorado Paulista (CPP)	205
Atestado de óbito de A. F. Proença	206
Capa do livro <i>Antonio Firmino de Proença: 1980, 1º. centenário de nascimento</i>	207
Foto da lápide de A. F. Proença	208
Foto da fachada da E.E. “Prof. Antonio Firmino de Proença”	209

APRESENTAÇÃO

Nesta dissertação, apresento resultados de pesquisa de mestrado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da UNESP – Universidade Estadual Paulista campus de Marília e vinculada ao Gphellb — Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”¹, e ao Projeto Integrado de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (Piphellb), ambos coordenados pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti.

Os resultados da pesquisa aqui apresentados se referem à análise da configuração textual dos livros que integram a “Série de leitura Proença”, escritos pelo professor paulista Antonio Firmino de Proença (1880-1946). Os livros dessa série são: *Cartilha Proença, Leitura do principiante, 1º. livro de leitura; 2º. livro de leitura; 3º. livro de leitura; e 4º. livro de leitura*.

Para essa análise, venho desenvolvendo pesquisa documental e bibliográfica desde o ingresso no mestrado e em continuidade à pesquisa de iniciação científica, iniciada em 2007. Para tanto, consultei acervos físicos de instituições localizadas nas cidades paulistas de Marília-SP, Araraquara-SP, Campinas-SP, São Paulo-SP e na cidade do Rio de Janeiro-RJ, além de base de dados disponíveis *on-line* e catálogos digitais disponíveis na *Internet*.

É importante destacar que, após três anos de desenvolvimento de pesquisa documental e bibliográfica constatei significativas mudanças no que se refere à importância que se atribui ao estudo da vida e obra desse professor, para o que penso ter modestamente contribuído, expandindo indicações contidas em Mortatti (2000a).

Quando iniciei a pesquisa, em 2007, não havia nenhum trabalho resultante de pesquisa acadêmico-científica que tratasse exclusivamente da vida, atuação profissional e produção estrita de A. F. Proença. Localizei, naquele momento, apenas, dois textos resultantes desse tipo de pesquisa, contendo menções a esse professor e sua produção didática ou citações de textos seus: o livro *O livro na educação* (1974), de Samuel Pfromm Neto, Carlos Dib e Nelson Rosamilha (1974), no qual se apresentam informações sobre a cartilha e os livros de leitura de A. F. Proença; e o livro *Os sentidos da alfabetização* (2000a), de Maria do Rosário Longo Mortatti, no qual se encontram informações sobre A. F. Proença e breve análise de aspectos da configuração textual de *Cartilha Proença*.

Foi justamente com base nesses dois textos, em especial no segundo deles, que escolhi o tema de minha pesquisa de iniciação científica, da qual resultou o primeiro trabalho específico e detalhado sobre A. F. Proença, o qual me propiciou contribuir, mesmo que de

¹ Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq; certificado pela UNESP – Universidade Estadual Paulista. Informações disponíveis em: <<http://www.marilia.unesp.br/gphellb>>.

forma modesta, para destacar a importância da atuação desse professor paulista, no âmbito de um importante momento da história do ensino da leitura e da escrita no Brasil e, ao mesmo, tempo, contribuir para a produção da história desse ensino.

Concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa documental e bibliográfica cujos resultados apresento nesta dissertação, entre 2008 e o primeiro semestre de 2009, cursei cinco disciplinas, para integralização dos créditos do mestrado, as quais contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa e para minha formação como pesquisadora. São elas: “História do ensino da leitura e escrita no Brasil” e “Metodologia da pesquisa científica: análise da configuração textual”, ministradas pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti (FFC-Unesp-Marília); “História da Escola no Brasil”, ministrada pela Dr^a. Ana Clara Bertolotto Nery (FFC-Unesp-Marília); “História da Educação e História Cultural: perspectivas de pesquisa”, ministrada pela Prof^a. Dr^a. Rosa Fátima de Souza (FCL-Unesp-Araraquara); “Didática da língua materna: princípios e metodologia”, ministrada pela Dr^a. Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto (FFC-Unesp-Marília); e “Ética e educação”, ministrada pelo Dr. Alonso Bezerra de Carvalho (FFC-Unesp-Marília).

Além da integralização dos créditos nas disciplinas mencionadas, apresentei resultados parciais da pesquisa em quatro eventos científicos nacionais e dois internacionais: III Seminário Internacional: Escola e Cultura, promovido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade e realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em agosto de 2008; V Congresso Brasileiro de História da Educação, promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação e realizado em Aracaju-Sergipe, em novembro de 2008; II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, promovido pelo Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil e realizado na cidade do Rio de Janeiro, em maio de 2009; 17º. Congresso de Leitura do Brasil, promovido pela Associação de Leitura do Brasil e realizado na cidade de Campinas-São Paulo, em julho de 2009; 32ª. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), promovida pela Anped e realizada na cidade de Caxambu-Minas Gerais, em outubro de 2009; e IX Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana (CIEHLA), promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e realizado na cidade do Rio de Janeiro, em novembro de 2009. Destaco que na 32ª. Reunião anual da ANPEd, em co-autoria com a Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti, a Dr^a. Rosane Michelle de Castro e as doutorandas

Thabatha Aline Trevisan e Bárbara Cortella Pereira, apresentei o minicurso² intitulado *O método de análise da configuração textual*: fundamentos e possibilidades de aplicação, no Grupo de Trabalho “História da Educação”.

Escrevi, também, um artigo que integrará uma coletânea sobre o professor A. F. Proença, organizada por Márcia de Paula Gregorio Razzini e cuja publicação está prevista para junho de 2010, ano em que será comemorado o 130º. aniversário de nascimento do professor A. F. Proença.

Particpei também de sessões de orientação individuais e coletivas, com periodicidade semanal, e de atividades promovidas pelo Gphellb – Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”, como seminários de pesquisa, Cafés Histórico-culturais³; e grupos de estudo, as quais contribuíram, decisivamente, para o encaminhamento da pesquisa e das atividades correlatas.

Além das atividades mencionadas, as considerações da Profª. Drª. Circe Maria Fernandes Bittencourt e da Drª. Lázara Nanci de Barros Amâncio, decorrentes de suas arguições no Exame Geral de Qualificação de Mestrado, ocorrido em agosto de 2009, foram muito importantes para minha tomada de decisão em relação aos encaminhamentos feitos, cujos resultados encontram-se nesta dissertação.

Em vista do exposto organizei esta dissertação de mestrado da seguinte forma: na Introdução, apresento aspectos de minha formação e atuação profissional que me motivaram a desenvolver pesquisa histórica sobre o tema “alfabetização”, assim como apresento o *corpus* documental privilegiado, o problema, a hipótese, os objetivos e os pressupostos teórico-metodológicos norteadores da pesquisa; no Capítulo 1, apresento pesquisas históricas de brasileiros sobre ensino da leitura e da escrita e sobre livro didático; no Capítulo 2, apresento aspectos da vida, da atuação profissional e da bibliografia *de* e *sobre* A. F. Proença; no Capítulo 3, apresento a “Série de leitura Proença”, escolhida como *corpus* documental privilegiado de pesquisa; no Capítulo 4, apresento a proposta de “concretização” do método analítico pelo professor A. F. Proença, nos livros que integram a série de leitura de sua autoria; e no Capítulo 5, apresento outros aspectos do momento histórico de publicação e circulação dos livros que integram a “Série de leitura Proença”, período considerado por

² A ortografia que utilizei neste 2º. relatório científico (final) está de acordo com o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor, no Brasil, a partir de janeiro de 2009.

³ Os Cafés Histórico-Culturais são palestras, conferências e encontros organizados pelos integrantes do Gphellb, nos quais são abordados assuntos relacionados às cinco linhas de pesquisa desse grupo de pesquisa.

Mortatti (2000a) como o “segundo e terceiro momentos cruciais” na história da alfabetização no Brasil.

Após esses cinco capítulos, apresento relação de referências de textos citados e de bibliografia consultada; seguidas de um apêndice intitulado *Bibliografia de e sobre Antonio Firmino de Proença*: um instrumento de pesquisa (GAZOLI, 2009a), contendo referências de textos *de* e textos *sobre* o autor da “Série de leitura Proença” e, em anexo, apresento foto de A. F. Proença, fotos de seu documento de identidade, fotos de sua carteirinha de sócio do Centro do Professorado Paulista (CPP), foto de seu atestado de óbito, foto da capa de um livreto elaborado para a comemoração (*in memoriam*) do 1º. centenário de seu nascimento, foto de sua lápide e foto da fachada da escola estadual da qual é patrono (E.E. “Prof. Antonio Firmino de Proença”, localizada no bairro da Mooca, na cidade de São Paulo-SP).

INTRODUÇÃO

Apresento, nesta dissertação, resultados de pesquisa desenvolvida entre março de 2008 e dezembro de 2009, cujo interesse se originou de questionamentos que vinha fazendo (ainda que de forma não-sistemática) sobre o tema “alfabetização”, desde a época em que cursava o Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (Cefam) em Lins-SP, e também por meio das reflexões que realizei durante o curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – campus de Marília, mais precisamente nas aulas das disciplinas: “Metodologia do Ensino Fundamental (séries iniciais): Alfabetização”; e “Metodologia do Ensino Fundamental (séries iniciais): Língua Portuguesa”.

Concomitantemente ao curso de graduação iniciei, em 2006, minha carreira profissional como professora efetiva da Secretaria Municipal de Educação de Marília-SP, oportunidade em que pude observar atividades de professoras alfabetizadoras e dialogar com elas sobre suas concepções e práticas de alfabetização.

Compreendendo que o tema “alfabetização” é bastante complexo, optei por pedir exoneração de meu cargo de professor para me dedicar exclusivamente à pesquisa acadêmico-científica sobre o tema.

Ingressei, então, no início de 2007, como bolsista de iniciação científica⁴ no Gphellb — Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil”⁵, que decorre do Programa de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (Pphellb), ambos coordenados pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti. Desse grupo e desse programa de pesquisa, em funcionamento desde 1994, resultou o Projeto Integrado de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (Piphellb), em funcionamento desde 1995, também coordenado pela professora acima mencionada.

O Gphellb, o Pphellb e o Piphellb estão organizados em torno de tema geral, método de investigação e objetivo geral que são comuns a todas as pesquisas de seus integrantes. O tema geral — ensino de língua e literatura no Brasil — se subdivide em cinco linhas de pesquisa, a saber: “Formação de professores”; “Alfabetização”; “Ensino de língua portuguesa”; “Ensino de literatura”; e “Literatura infantil e juvenil”. O método de investigação está centrado em abordagem histórica, com análise da configuração textual de fontes documentais. O objetivo geral, por sua vez, consiste em:

[...] contribuir tanto para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, que auxilie na busca de soluções para os

⁴ Bolsa Pibic/CNPq/Unesp - março a novembro de 2007.

⁵ Cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq; certificado pela UNESP. Informações disponíveis em: <<http://www.marilia.unesp.br/gphellb>>.

problemas desse ensino, no presente, quanto para a formação de pesquisadores capazes de desenvolver pesquisas históricas que permitam avanços em relação aos campos de conhecimento envolvidos. (MORTATTI, 2003, p. 3)

Como membro do Gphellb, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti, escolhi desenvolver pesquisa vinculada às linhas “Alfabetização” e “Ensino de língua portuguesa” e li, inicialmente, *Os sentidos da alfabetização* (MORTATTI, 2000a). Por meio das reflexões que essa leitura me proporcionou, a partir das informações e sugestões de minha orientadora, escolhi abordar a bibliografia *de e sobre* o professor paulista A. F. Proença (1880-1946) e iniciei etapa preliminar de pesquisa, passando a elaborar um instrumento de pesquisa por meio da utilização de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências de textos escritos por A. F. Proença e de textos escritos por outros autores com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus.

A análise dessas referências e a leitura de bibliografia especializada me possibilitaram elaborar projeto de pesquisa com o objetivo de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, por meio da análise da configuração textual de *Cartilha Proença* (1926), escrita pelo professor A. F. Proença. Do desenvolvimento desse projeto, resultou o Trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado *O método analítico para o ensino da leitura em Cartilha Proença (1926), de Antonio Firmino de Proença* (GAZOLI, 2007a), que foi aprovado com nota 10 e teve sua publicação recomendada pelos membros da banca examinadora⁶. Em apêndice a esse TCC, encontra-se o instrumento de pesquisa intitulado *Bibliografia de e sobre Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa* (GAZOLI, 2007b).

No início de 2008, ingressei no mestrado⁷ junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, FFC-Unesp-Marília, também sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti, e dei continuidade à pesquisa desenvolvida em nível de iniciação científica.

Em março desse ano, encaminhei projeto de pesquisa de mestrado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp)⁸, no qual propus a análise da

⁶ Foram membros da banca examinadora desse TCC: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti (orientadora); Dr^a. Márcia de Paula Gregório Razzini (Cefiel - Unicamp); e Dr^a. Estela Natalina Mantovani Bertoletti (UEMS - Paranaíba).

⁷ Bolsa Capes - março a agosto de 2008.

⁸ Bolsa Fapesp - setembro de 2008 a fevereiro de 2010.

configuração textual de dois livros que integram a “Série de leitura Proença”⁹: *Leitura do principiante* (1926) e *1º. livro de leitura* (1926). A opção por esses livros deveu-se: ao fato de se apresentarem como continuidade à proposta para o ensino da leitura contida em *Cartilha Proença*, que analisei em nível de IC; à importância que tiveram no momento histórico em que foram escritos e editados assim como durante as décadas seguintes, em que continuaram a ser publicados, com número considerável de edições, e utilizados em escolas do estado de São Paulo; e ao destaque de A. F. Proença como diretor de escola normal, Inspetor Geral do Ensino no estado de São Paulo e colaborador em revistas pedagógicas, como a revista *Educação* (editada pela Diretoria Geral da Instrução Pública de São Paulo e pela Sociedade de Educação) e a *Revista do Professor* (editada pelo Centro do Professorado Paulista).

A pesquisa documental desenvolvida, todavia, possibilitou-me localizar referências e exemplares de outros livros de A. F. Proença, o que, por sua vez, possibilitou-me ampliar o instrumento de pesquisa, o que resultou em versão atualizada, até dezembro de 2009 (GAZOLI, 2009a) (Anexo). Dentre as referências e exemplares de livros localizados e reunidos nessa versão atualizada do instrumento de pesquisa, destaco os que integram a “Série de leitura Proença”, publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (SP) e integrada pelos seguintes títulos: *Cartilha Proença* (1926); *Leitura do principiante* (1926); *1º. livro de leitura* (1926); *2º. livro de leitura* (1927); *3º. livro de leitura* (1928); e *4º. livro de leitura* (1928)¹⁰.

Por compreender a importância da pesquisa histórica sobre o ensino da leitura e escrita optei, em 2008, pela continuidade da pesquisa de iniciação científica — concluída em 2007 da qual resultou o trabalho de conclusão de curso intitulado *O método analítico para o ensino da leitura em Cartilha Proença, (1926), de Antonio Firmino de Proença* (GAZOLI, 2007a) — enfocando a proposta para o ensino da leitura apresentada pelo professor paulista A. F. Proença, nos livros didáticos que integram a “Série de leitura Proença”, de sua autoria que tiveram sucessivas edições entre 1926 e 1956, de acordo com informações localizadas até o momento da redação final desta dissertação, e com 1ª. edição, no âmbito do “segundo e terceiro momentos cruciais” na história do ensino da leitura e da escrita no Brasil, propostos por Mortatti (2000a).

⁹ Nesta dissertação, utilizo a denominação “Série de leitura Proença” apesar de a editora apresentá-la, segundo informações localizadas até o momento da redação final desta dissertação, apenas no verso da folha de rosto da 84ª. edição de *Cartilha Proença* (1955). A opção pela denominação de “série de leitura” é aqui utilizada por analogia a outras séries de leitura publicadas entre as décadas finais do século XIX e iniciais do século XX. Por esse motivo, daqui em diante, nesta dissertação, apresento a denominação “Série de leitura Proença” entre aspas.

¹⁰ O título do *3º. livro de leitura* foi modificado, em 1948, para *4º. livro de leitura*. Tratarei desse aspecto em detalhes no Capítulo 4, desta dissertação.

Os livros que integram a série de leitura em questão eram destinados aos alunos do curso primário, tendo tido sucessivas edições durante as três décadas que foram publicados.

Cartilha Proença é explicitamente destinada aos alunos do 1º. ano do curso primário e teve sua 1ª. edição publicada em 1926 e a última, a 84ª. edição, em 1955. *Leitura do principiante*, também destinado explicitamente aos alunos do 1º. ano do curso primário teve sua 1ª. edição publicada, também em 1926 e a última, a 87ª. edição, em 1956. Esses dois livros contêm a proposta de A. F. Proença para o ensino inicial da leitura, pelo método analítico.

Os outros livros que integram a “Série de leitura Proença” apresentam proposta para o ensino da leitura e de outros conteúdos do programa escolar para alunos das classes adiantadas do curso primário (2º. ao 4º. ano escolar): *1º. livro de leitura* também é explicitamente destinado aos alunos do 2º. ano do curso primário e teve sua 1ª. edição publicada, também em 1926 e a última, a 48ª., em 1948; *2º. livro de leitura* é explicitamente destinado aos alunos do 3º. ano do curso primário e teve sua 1ª. edição publicada, em 1927 e a última, a 50ª., em 1950; *3º. livro de leitura* é explicitamente destinado aos alunos do 4º. ano do curso primário e teve sua 1ª. edição publicada, em 1928 e a última, a 35ª., em 1950; e *4º. livro de leitura* é explicitamente destinado aos alunos do 4º. ano do curso primário e teve sua 1ª. edição publicada, em 1948 e a última, em 1951¹¹.

A “Série de leitura Proença” foi constituída, até 1948, pelos livros intitulados: *Cartilha Proença*, *Leitura do principiante*, *1º. livro de leitura*, *2º. livro de leitura* e *3º. livro de leitura*. Houve, no decorrer da década de 1940, muitas alterações nos conteúdos e nos aspectos gráficos dos livros da série de leitura em questão, tendo sido, após 1948, modificado o título desses livros: o título do *1º. livro de leitura* é modificado para *2º. livro de leitura*; o título do *2º. livro de leitura* é modificado para *3º. livro de leitura*; e o título do *3º. livro de leitura* é modificado para *4º. livro de leitura*¹².

Após 1948, portanto, o título do *1º. livro de leitura* deixou de constar na “Série de leitura Proença”, passando essa a ser constituída pelos livros intitulados: *Cartilha Proença*, *Leitura do principiante*, *2º. livro de leitura*, *3º. livro de leitura* e *4º. livro de leitura*.

¹¹ Como informei, o título do *3º. livro de leitura* foi modificado, em 1948, para *4º. livro de leitura*, por isso a data da 1ª. edição desse livro destoa da data dos demais livros da “Série de leitura Proença”.

¹² Agradeço às valiosas contribuições da Drª. Márcia de Paula Gregório Razzini quando da elaboração da coletânea que organizou sobre o professor A. F. Proença — para a qual elaborei um capítulo —, que me auxiliaram a compreender aspectos referentes à reorganização da “Série de leitura Proença” (ocorrida em 1948). Essa pesquisadora realizou estágio junto à Editora Melhoramentos (SP), em 1987, período em que organizou os arquivos dessa editora e que manuseou vários exemplares dos livros da série em questão.

Pelos motivos que apresentei, embora tenha localizado seis títulos de livros que integram a série de leitura em questão, essa série foi constituída, ao longo de sua trajetória editorial, sempre por cinco livros. Para não causar confusões, todavia, apresento a data da 1ª. e da última edições de 4º. *livro de leitura*, respectivamente, 1948 e 1951, período em que o 3º. *livro de leitura* foi publicado com o título 4º. *livro de leitura*.

Analisei várias edições dos livros didáticos que integram a “Série de leitura Proença” com o objetivo de constatar alterações entre elas. As edições analisadas são:

- *Cartilha Proença*, 1ª. edição (1926), 39ª. edição ([19--]a) e 84ª. edição (1955);
- *Leitura do principiante*, 59ª. edição (1943a) e 87ª. edição (1956);
- 1º. *livro de leitura*, “5ª. a 10ª.” edição (1928), 35ª. edição ([19--]b), 45ª. edição (1940) e 47ª. edição (1947a);
- 2º. *livro de leitura*, 1ª. edição (1927), 16ª. edição ([19--]c), 30ª. edição (1942), 31ª. edição (1945) e 33ª. edição (1947b);
- 3º. *livro de leitura*, 15ª. edição ([19--]d), 17ª. edição (1941), 20ª. edição (1946) e 35ª. edição (1950a); e
- 4º. *livro de leitura*, 21ª. edição (1948a).

Não foi possível obter cópia completa da 31ª. e da 33ª. edições de 2º. *livro de leitura* e da 17ª. e da 20ª. edições de 3º. *livro de leitura*. Obtive cópia apenas da capa, folha de rosto, prefácio e sumário dessas edições, todavia, ainda assim optei por utilizar essas edições, porque, por meio das informações que nelas localizei, pude observar algumas mudanças entre as edições desses livros.

O *corpus* documental privilegiado de pesquisa ficou, portanto, composto pelos livros que integram a “Série de leitura Proença”, para cuja análise utilizo também as diferentes edições que localizei de um mesmo título.

Tendo escolhido o *corpus* de pesquisa, formulei o seguinte problema de investigação: qual é a proposta de A. F. Proença para o ensino da leitura no curso primário, em continuidade à proposta para a alfabetização apresentada pelo autor em *Cartilha Proença*?

A partir desse problema, formulei as seguintes questões norteadoras da pesquisa: quem foi A. F. Proença, qual sua formação e atuação profissional? Com qual propósito foram escritos os livros que integram a “Série de leitura Proença”? A quem se destinavam esses livros? Como e o que se propunha nesses livros, em relação ao método analítico para o ensino da leitura? Em que contexto histórico foram escritos e publicados? Com quais outros livros de

leitura e com que outras séries de leitura dialogam? Qual a repercussão desses livros no ensino da leitura no Brasil?

A hipótese que conduziu a pesquisa foi que, nos livros de leitura da “Série de leitura Proença”, seu autor buscou dar continuidade à proposta de “concretização”¹³ do método analítico para o ensino inicial da leitura, apresentada em *Cartilha Proença*, utilizando o recurso da “série de leitura”, que se tornou prática comum no “segundo e no terceiro momentos cruciais” na história do ensino da leitura e da escrita no Brasil. Nesses momentos históricos buscava-se implementar políticas de expansão da escola pública e se expandia também o mercado editorial de livros didáticos, para o qual foi significativa a contribuição da Companhia Melhoramentos de São Paulo.

Concomitantemente à formulação da hipótese, defini como objetivos da pesquisa os seguintes:

- contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil;
- contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e escrita no Brasil;
- ampliar instrumento de pesquisa contendo a bibliografia *de e sobre* A. F. Proença;
- analisar a configuração textual dos livros que integram a “Série de leitura Proença”; e
- contribuir para o desenvolvimento de pesquisas correlatas.

Após a escolha do *corpus* privilegiado de pesquisa, da formulação do problema de investigação, da formulação da hipótese e da definição dos objetivos, passei a definir os conceitos operativos utilizados no desenvolvimento da pesquisa, os quais se referem a: “alfabetização”, “cartilha de alfabetização”, “métodos de alfabetização”, “séries de leitura”, “livro de leitura”, “livro didático”, “Escola Nova”, “pesquisa histórica”, “documento” e “configuração textual”. Passo, então, a explicitar esses conceitos, de acordo com sua utilização nesta dissertação.

De acordo com Venezky, o conceito de *lectoescrita*¹⁴ se refere à:

[...] capacidade mínima de ler e escrever em uma determinada língua, assim como também é uma direção para o pensamento ou um modo de pensar o uso da leitura e escrita no dia-a-dia. A *lectoescrita* difere do simples ler e escrever porque pressupõe um entendimento do uso apropriado dessas

¹³ O termo “concretização” está sendo utilizado, nesta dissertação, como proposto por Mortatti (2000a), o qual explicarei no Capítulo 1, desta dissertação.

¹⁴ Segundo Mortatti (2004), Beatriz Viégas-Faria, tradutora do dicionário de Harris e Hodges (1999), optou por traduzir o termo inglês “*literacy*” por “*lectoescrita*”; todavia, nesta dissertação, optei por utilizar o termo “alfabetização”.

capacidades dentro de uma sociedade que está fundamentada no texto escrito. (VENEZKY apud HARRIS; HODGES, 1999, p. 153)

Devido às muitas possibilidades de definição e conceituação do termo “alfabetização”, optei por utilizá-lo, no sentido que lhe atribui Mortatti (2000a, p. 17): o “[...] ensino da língua escrita na fase inicial de escolarização de crianças”.

Em relação à “cartilha de alfabetização”, Harris e Hodges a definem como:

1. um livro para iniciantes usado no ensino da leitura; mais especificamente, o primeiro livro didático formal de um programa de leitura basal, geralmente precedido de um livro de preparação e de uma ou mais pré-cartilhas. (HARRIS; HODGES, 1999, p. 51)

Mortatti (2000b) amplia a definição de “cartilha de alfabetização” proposta por Harris e Hodges, definindo-a como um livro didático utilizado inicialmente para o ensino da leitura e, principalmente a partir do início do século XX, no Brasil, para o ensino simultâneo da leitura e escrita.

Quanto aos “métodos de alfabetização”, Grisi os classifica em três tipos, assim caracterizados:

Método sintético – Considerado historicamente como o primeiro – é o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de complexidade crescente do material gráfico, a partir dos “elementos” alfabéticos. [...] **Método analítico** – É o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de decomposição progressiva do material, a partir portanto de “todos” gráficos, isto é, sentenças ou palavras. [...] **Método misto ou analítico-sintético** – [...] tende a reunir as simpatias gerais. Teoricamente, duas são as suas modalidades: a primeira consiste no ensino prévio das letras ou sílabas¹⁵, seguido imediatamente de suas combinações em palavras e sentenças; a segunda, na apresentação de frases e vocábulos que são imediatamente decompostos em sílabas e letras. (GRISI, 1946, p. 3-4, grifos do autor)

Ainda quanto aos “métodos de alfabetização”, Braslavsky (1971) classifica-os apenas em “métodos de marcha sintética” e “métodos de marcha analítica”.

Os métodos sintéticos são classificados, segundo Braslavsky (1971) em: a) alfabético, da letra, literal ou grafemático, cujo ensino “[...] parte dos sinais simples, letras ou grafemas” (BRASLAVSKY, 1971, p. 44); b) fonético, cujo ensino “[...] parte dos sons simples, ou fonemas. Às vezes parte do som mais complexo da sílaba” (BRASLAVSKY, 1971, p. 44, grifo da autora); c) métodos silábicos, cujo ensino parte das sílabas “[...] que depois se combinam em palavras e frases.” (BRASLAVSKY, 1971, p. 55). Segundo Braslavsky, os

¹⁵ Por se tratar de pesquisa histórica, nesta e nas demais citações e títulos de livros mantivei a ortografia de época.

métodos sintéticos “*Não levam em conta o significado no ponto de partida, e não chegam necessariamente a êle.*” (BRASLAVSKY, 1971, p. 45, grifos da autora)

Ainda segundo Braslavsky, os métodos analíticos são classificados em: a) global analítico, cujo ensino “[...] *parte de sinais escritos complexos* que podem ser a palavra, a frase ou o parágrafo. O mestre dirige a análise.” (BRASLAVSKY, 1971, p. 44-45, grifos da autora); b) global, cujo ensino “[...] *parte da palavra, a frase ou o parágrafo.* O professor deve saber dirigir a análise. Em qualquer caso, a criança deve chegar espontaneamente a êle.” (BRASLAVSKY, 1971, p. 44-45, grifos da autora).

Para Braslavsky (1971, p. 44), os métodos de alfabetização sintéticos e analíticos se assemelham quanto a “[...] fazer compreender à criança que existe certa correspondência entre os sinais da língua escrita e os sons da língua falada [...]”. Eles se diferenciam, todavia, porque, “[...] um desses métodos começa pelo estudo dos sinais ou pelo[s] [...] sons elementares; e o outro, pelo contrário, busca obter o mesmo resultado, colocando de repente a criança em face da língua escrita.” (BRASLAVSKY, 1971, p. 44).

Mortatti (2006) compartilha da definição apresentada por Grisi (1946) e Braslavsky (1971), assim definindo os métodos sintéticos utilizados no Brasil, desde o século XIX: “[...] métodos de marcha sintética (da ‘parte’ para o ‘todo’): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas.” (MORTATTI, 2006, p. 5).

Quanto aos métodos analíticos utilizados no Brasil, desde o século XIX, Mortatti (2004) os define como:

[...] maneira de se iniciar o ensino da leitura com unidades completas de linguagem, para posterior divisão em partes ou elementos menores; no *método da palavração* inicia-se esse ensino com palavras, que depois são divididas em sílabas e letras; no *método da sentencição* inicia-se com sentenças inteiras, que são divididas em palavras, e estas, em sílabas e letras; no *método das histórias* (ou de *contos* ou da *historieta*) inicia-se com histórias completas para depois se orientar a atenção para as sentenças, palavras, sílabas, letras; no *método global*, enfatiza-se inicialmente o imediato reconhecimento de palavras ou sentenças inteiras, e, ocasionalmente, pode ser identificado com os métodos da palavração, da sentencição ou das historietas. (MORTATTI, 2004, p. 123, grifos da autora).

Em relação à definição de “livro didático”, utilizo a apresentada por Bittencourt (2008), que o caracteriza como:

[...] uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencente aos interesses do mercado, mas é, também, um depositário dos diversos

conteúdos educacionais, suporte privilegiado para recuperar os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais por uma sociedade em determinada época. (BITTENCOURT, 2008, p. 14).

Ainda em relação a “livro didático”, Choppin (2004) destaca que uma das dificuldades de seu estudo:

[...] relaciona-se à própria definição do objeto, o que se traduz muito bem na diversidade do vocabulário e na instabilidade dos usos lexicais. Na maioria das línguas, o “livro didático” é designado de inúmeras maneiras, e nem sempre é possível explicitar as características específicas que podem estar relacionadas a cada uma das denominações, tanto mais que as palavras quase sempre sobrevivem àquilo que elas designam por um determinado tempo. (CHOPPIN, 2004, p. 549)

Ainda segundo Choppin (2009), essas dificuldades resultam em:

[...] uma série de termos, o mais freqüentemente retirado da minuta dos títulos, que remete à matéria em que a obra é conhecida. Alguns fazem referência a sua organização interna, especialmente se referem a um conjunto de textos [...]; outros designam sua função sintética [...] ou seu papel diretivo [...]; outros ainda evocam o método de aprendizagem que trabalham [...], o mais comum é caracterizar positivamente no título das obras (*fácil, rápido, completo, novo*, etc.) a alternância de questões e de respostas [...], ou a exposição organizada, do simples ao complexo que é mais freqüente [...]. (CHOPPIN, 2009, p. 15-16)

Apesar da dificuldade que Choppin (2009) apresenta, para os objetivos desta dissertação, utilizo a expressão “livro didático”, para me referir aos livros utilizados por alunos em situações de ensino e de aprendizagem, principalmente escolar, sendo que nele se encontra a matéria a ser ensinada e o método a ser seguido para esse ensino (MORTATTI, 2000a).

Nesse sentido, cartilha é um livro didático “[...] na qual se encontram o método a ser seguido e a matéria a ser ensinada, de acordo com certo programa oficial estabelecido previamente.” (MORTATTI, 2000b, p. 42). E “livro de leitura” caracteriza-se também como um livro didático que contém “textos” escritos, acompanhados ou não de exercícios, para utilização por alunos e professores, com o objetivo de desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem da leitura, em séries/anos escolares que sucedem a etapa inicial do ensino da leitura e escrita.

Tratando do livro didático, Batista (1999), considera-o:

[...] um livro efêmero, que se desatualiza com muita velocidade. Raramente é relido; pouco se retorna a ele para buscar dados ou informações e, por isso, poucas vezes é conservado nas prateleiras de bibliotecas pessoais ou de instituições: com pequena autonomia em relação ao contexto da sala de aula

e à sucessão de graus, ciclos, bimestres e unidades escolares, sua utilização está indissoluvelmente ligada aos intervalos de tempo escolar e à ocupação dos papéis de professor e aluno. Voltado para o mercado escolar, destina-se a um público em geral infantil; é produzido em grandes tiragens, em encadernações, na maior parte das vezes, de pouca qualidade, deteriora-se rapidamente e boa parte de sua circulação se realiza fora do espaço das grandes livrarias e bibliotecas. (BATISTA, 1999, p. 529).

Quanto à definição de “série de leitura” utilizo, a apresentada por Oliveira e Souza (2000, p. 27), que o definem como séries de livros didáticos compostas por “[...] três, quatro e até cinco livros (primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto livros de leitura), nos quais estão distribuídos todos os conhecimentos a serem ensinados desde o primeiro até o último ano da escola primária”. Ainda segundo Oliveira e Souza (2000, p. 27), cada um dos livros de leitura para o ensino primário “[...] equivale a um ano letivo. Os conteúdos estão divididos por lições ou títulos. As lições são apresentadas com grafias variadas nas formas e nos tamanhos e, geralmente, possuem gravuras”.

Em relação à expressão “Escola Nova”, utilizo a apresentada por M. B. Lourenço Filho. Para esse professor é nos anos finais do século XIX que “novas” idéias educacionais de uma escola diferente da existente no período imperial brasileiro, passam a ser disseminadas, originando-se a expressão “Escola Nova”, para designar esse movimento de renovação educacional.

Em vários países, muitos educadores então passaram a considerar novos problemas, intentando resolvê-los com a aplicação de recentes descobertas relativas ao desenvolvimento das crianças. Outros experimentaram variar os procedimentos de ensino, ou logo transformar as normas tradicionais da organização escolar, com isso ensaiando uma *escola nova*, no sentido de escola diferente das que existissem.

Esse singelo nome foi por alguns adotado para caracterização do trabalho dos estabelecimentos que dirigiam e, logo também, por agremiações criadas para permuta de informações e propagação de ideais comuns de reforma. Mais tarde, passou a qualificar reuniões nacionais e internacionais, bem como a figurar no título de revistas e séries de publicações consagradas ao assunto. Dessa forma, a expressão adquiriu mais amplo sentido, ligado ao de um novo tratamento dos problemas da educação, em geral. (LOURENÇO FILHO, [19--], p. 15, grifo do autor)¹⁶

Esse movimento de renovação educacional conhecido como “Escola nova” foi amplamente pesquisado e devido às várias concepções, nesta dissertação, estou compreendendo essa expressão como a define M. B. Lourenço Filho.

¹⁶ A 1ª. edição de *Introdução ao estudo da escola nova* foi publicada em 1930, pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada) (SP); a citação que utilizo, porém, foi extraída de um exemplar da 7ª. edição, sem data, publicada pela mesma editora.

Quanto à “pesquisa histórica”, entendo-a, como propõe Mortatti, ou seja, como:

[...] um tipo de pesquisa científica, cuja especificidade consiste, do ponto de vista teórico-metodológico, na abordagem histórica – no tempo – do fenômeno educativo em suas diferentes facetas. Para tanto, demanda a recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação. (MORTATTI, 1999, p. 73)

Segundo Boto (1994, p. 24), “[...] o trabalho historiográfico situa-se na confluência entre o tempo do objeto investigado e o tempo do sujeito investigador”, e este “[...] interage com hipóteses em modelos sempre indiciários e conjecturais.” (BOTO, 1994, p. 30).

Para Chartier (1990, p. 131), o trabalho histórico “[...] deve ter em vista o reconhecimento de paradigmas de leitura válidos para uma comunidade de leitores, num momento e num lugar determinados [...]”.

Todo trabalho historiográfico, é realizado a partir de documentos, utilizo, portanto, o termo documento, nesta dissertação, como o definiu Le Goff:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

[...]

O documento não é inóculo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhes o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro — voluntária ou involuntariamente — determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 2003, p. 535-538)

Para Chartier (1990), a relação entre o pesquisador e os documentos escolhidos como fontes de pesquisa é complexa e demanda compreensão de que os conteúdos dos documentos não são “a verdade”, mas sim, representações sociais elaboradas por sujeitos de uma época determinada. Dessa forma:

[...] embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas

menosprezados, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Em decorrência da compreensão de que os documentos não expressam “a verdade”, abordo-os a partir de todos os aspectos constitutivos de seu sentido, ou seja, compreendo-os como “configuração textual”. A expressão “configuração textual” foi formulada por Mortatti (2000a), que a define como:

[...] conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (MORTATTI, 2000a, p.31)

Para o desenvolvimento desta dissertação, coerentemente com a abordagem histórica proposta, utilizei procedimentos de: localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação e análise de fontes documentais; e de leitura de bibliografia especializada, em especial com abordagem histórica, sobre alfabetização, métodos de alfabetização e livro de leitura.

Os livros didáticos escolhidos como *corpus* são aqui considerados fontes documentais privilegiadas, às quais apliquei o método de análise da configuração textual. Essa análise incidiu sobre os aspectos constitutivos do sentido desses livros didáticos, a saber: formação, atuação profissional e bibliografia de A. F. Proença; lugar social ocupado por esse professor, ao longo de sua atuação profissional; razões e opções desse professor em relação à elaboração de sua série de leitura; forma e conteúdo expressos nos livros didáticos que integram a “Série de leitura Proença”; público a que esses livros se destinam; e momento histórico de publicação e circulação desses livros.

Os demais textos de A. F. Proença e os textos escritos por outros autores com menções a esse professor, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus também auxiliaram na compreensão do problema de investigação.

A forma que escolhi de apresentar os documentos que integram o *corpus* documental privilegiado de pesquisa foi manter a ortografia de época tanto nos títulos dos documentos quanto nas citações que apresento, para marcar o discurso dos sujeitos de época sem que esses sejam confundidos com meu discurso, uma vez que, como afirma Mortatti:

[...] o imprescindível esforço de síntese pode, por vezes, obscurecer o caráter mediador das fontes documentais para a compreensão, explicitação e interpretação do que foi o fazer e seu sentido em cada momento, utilizei-me, de maneira intensiva, do recurso às citações. Propiciando *também*, aos sujeitos de época o direito à voz, esse procedimento permite ao leitor melhor observar, na polifonia de versões, a tensão entre imposições e apropriações, especialmente no nível das concretizações [...]. (MORTATTI, 2000a, p. 32-33, grifo da autora)

Apesar desse esforço, considero que minha relação com os documentos apresentados nesta dissertação não é “neutra” e que as escolhas feitas em relação a apresentação desses documentos partem de formas específicas de pensar, sentir, querer e agir, pois, como destaca Le Goff (2003):

A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraindo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. (LE GOFF, 2003, p. 537-538).

Destaco que, por compreender que “Antes de toda explicação, antes de toda interpretação compreensiva, deve ser o objeto reconhecido em sua singularidade [...]” (STAROBINSKI, 1976, p. 133), esta dissertação tem tom marcadamente descritivo. A interpretação/crítica do texto, por sua vez:

[...] não é a representação fiel de uma obra, a sua reduplicação num espelho mais ou menos límpido. Toda crítica completa, depois de haver sabido reconhecer a alteridade do ser ou do objeto para os quais se volta, sabe desenvolver a seu propósito uma reflexão autônoma e encontra, para exprimi-la, uma linguagem que marca, com vigor, a sua diferença. Por estreitas que sejam ou que tenham sido, num momento central da pesquisa, a simpatia e a identificação, a crítica não repete a obra da maneira como essa está enunciada. (STAROBINSKI, 1976, p. 137).

Capítulo 1

**Pesquisas históricas de brasileiros
sobre ensino da leitura e da escrita e sobre livro didático**

Pesquisas acadêmicas, como as desenvolvidas por Soares e Maciel (2000), Mortatti (2003) e Oriani (2009), indicam que as pesquisas históricas sobre alfabetização são ainda escassas no Brasil, comparativamente às desenvolvidas em relação às práticas desse ensino. A pesquisa de Mortatti (2003), posteriormente ampliada por Oriani (2009), todavia, indica que, as pesquisas históricas sobre alfabetização, no Brasil, intensificaram-se principalmente nos anos finais do século XX e iniciais do século XXI.

A necessidade de pesquisas históricas sobre o tema era já apontada por Pfromm Neto, Rosamilha e Dib (1974), tendo sido reiterada por: Soares e Maciel (2000); Mortatti (2003); e Oriani (2009).

Em *O livro na educação*, Pfromm Neto, Rosamilha e Dib (1974) propunham-se a iniciar a construção do conhecimento sobre a literatura didática no Brasil, fornecendo um importante conjunto de informações e perspectivas de análise sobre o tema. No capítulo 12 desse livro, são apresentados os livros destinados ao ensino da leitura e da gramática, no Brasil, tais como, cartilhas, livros de leitura, séries graduadas de português e de gramática, utilizados por professores e alunos desde o século XV, até a década de 1920. Os autores concluem serem poucas e confusas, até 1974, as informações disponíveis a respeito da origem e do desenvolvimento da literatura didática no Brasil, em especial livros didáticos destinados ao ensino da leitura e escrita, incluindo as cartilhas de alfabetização.

Mais de duas décadas depois, em *Alfabetização*, Soares e Maciel (2000) apresentam resultados de pesquisa do tipo “estado do conhecimento”, abrangendo a produção científica de brasileiros sobre alfabetização, no período de 1961 a 1989, e constataam que, na década de 1980, intensificam-se, por vários motivos, as pesquisas sobre alfabetização no Brasil, tendo-se gerado uma multiplicidade de enfoques. No período abrangido pelo desenvolvimento da pesquisa, entretanto, as autoras localizaram apenas uma dissertação de mestrado em que a alfabetização é abordada historicamente. Trata-se de *Alfabetização: propostas e problemas para uma análise do seu discurso* (DIETZSCH, 1979), cujo objetivo é propor uma análise das oito cartilhas mais utilizadas em São Paulo, no período compreendido entre 1930 e 1970³⁰. A autora da dissertação conclui que a “análise interpretativa” das cartilhas revela um discurso impessoal caracterizado, principalmente, pelo uso da “não-pessoa”, e a correlação “desubjetividade” estabelecida entre o “eu” e o “tu” que estrutura enunciados interpretativos. A autora ainda constata que, no Brasil, as mudanças ocorridas nas cartilhas ao longo do tempo

³⁰ As cartilhas analisadas são: *Cartilha da Infância*, de Thomaz Galhardo; *Nova cartilha analítico-sintética e Cartilha ensino rápido da leitura*, de Mariano de Oliveira; *Cartilha do povo: para ensinar a ler rapidamente*, de M. B. Lourenço Filho; *Cartilha Sodré*, de Benedicta S. Sodré; *Caminho suave*, de Branca Alves de Lima; *Onde está o patinho?*, de Cecília B. dos Reis; e *No reino da alegria*, de Doracy de P. F. de Almeida.

são significativas no que se refere aos aspectos gráficos, sendo pouco significativas em relação ao seu conteúdo didático.

No documento *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano*³¹, de Mortatti (2003), encontram-se constatações, no que se refere às pesquisas sobre alfabetização, semelhantes às de Soares e Maciel (2000). Nesse documento, encontram-se reunidas 2.025 referências de textos produzidos por brasileiros, até 2002, relativamente às cinco linhas de pesquisa do Gphellb e do Piphellb. Desse total, 560 — o maior número — se refere à linha Alfabetização, assim distribuídos: 103, referências de livros; 25, de capítulos de livros; 167, de artigos em periódicos; 7, de números de periódicos; 138, de dissertações e teses; 34, de publicações institucionais; 78, de cartilhas; e 8, de obras de referência. Como Soares e Maciel (2000), Mortatti (2003) conclui que, apesar das pesquisas sobre alfabetização estarem se intensificando no Brasil, ainda eram poucas, até 2003, as pesquisas com abordagem histórica sobre alfabetização.

As conclusões de Oriani (2009) são semelhantes às apresentadas por Soares e Maciel (2000) e Mortatti (2003), mas abrangem a produção acadêmica publicada ou publicizada até 2007. Por meio de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências de textos acadêmico-científicos em que se aborda historicamente a alfabetização, Oriani (2009) tem como objetivo:

[...] subsidiar tanto o trabalho de pesquisadores interessados, quanto à elaboração de projetos de pesquisa sobre história da alfabetização no Brasil, por meio da elaboração de um instrumento de pesquisa sobre a produção acadêmica em que se aborda historicamente a alfabetização, concluída, entre 1979 e 2007³², em instituições brasileiras de ensino e pesquisa e divulgada sob a forma de livros, capítulos em livros ou em coletâneas, artigos em periódicos e textos disponíveis na Internet e/ou sob a forma de trabalhos acadêmicos. (ORIANI, 2009, p. 4-5)

Após intensa pesquisa a acervos físicos, a bancos de teses, a bancos de dados de bibliotecas universitárias disponíveis *on-line* e a *sites* de grupos de pesquisa, Oriani conclui que:

- observa-se certo aumento na quantidade de textos com abordagem histórica da alfabetização, produzidos a partir de 1997;

³¹ Esse documento resulta das atividades do Projeto Integrado de Pesquisa “Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano”, desenvolvido sob a coordenação de Maria do Rosário Longo Mortatti, entre 1999 e 2003, tendo obtido apoio e auxílio CNPq e auxílio FAPESP.

³² Como explica Oriani: “A delimitação cronológica tem: como marco inicial o ano de 1989, em que foi concluída a dissertação de mestrado de Mary Julia Dietzch, a única pesquisa histórica sobre alfabetização produzida até 1989, conforme afirma Soares (1989) e Soares; Maciel (2000); e, como marco final, a data mais recente de conclusão de trabalhos acadêmicos localizados até o momento, os quais se encontram vinculados ao Grupo de Pesquisa ‘História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil’.” (ORIANI, 2009, p. 8)

- principalmente a partir de 2000, observa-se um aumento acentuado na produção acadêmica sobre o tema, com predomínio de textos publicizados, ou seja, impressos e disponíveis em formato encadernado em espiral ou em capa dura, ou digitalizados e disponíveis na Internet, como, por exemplo, dissertações e teses, as quais se encontram em *sites* de programas de pós-graduação e de bibliotecas ou em banco de teses *on-line*;
- é na região Sudeste do país que se situam predominantemente tanto as instituições nas quais as pesquisas foram desenvolvidas quanto as editoras ou instituições responsáveis pela publicação dos livros e de periódicos;
- alguns grupos ou núcleos de pesquisas mais atuantes no desenvolvimento de pesquisas com abordagem histórica sobre alfabetização estão sediados em instituições da região Sudeste, com destaque para: o Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (GPHELLB), sediado na Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília; e o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), órgão complementar da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais;
- há também na região Sul do país um número significativo de pesquisas, grupos e núcleos de pesquisa, editoras e instituições responsáveis por publicação de periódicos;
- pesquisas que, atualmente, podem ser consideradas como abordagem histórica sobre alfabetização e que foram concluídas antes da defesa da tese de livre-docência de Magnani (1997) e/ou de sua publicação em livro (MORTATTI, 2000) não eram propostas sistematicamente como “históricas” pelos seus autores, aspecto que se altera nas pesquisas desse tipo e sobre esse tema divulgadas após 1997 e, principalmente, a partir de 2000. (ORIANI, 2009, p. 14-15)

Oriani (2009) destaca, ainda, dois aspectos decorrentes da análise das referências que reuniu:

- apesar do aumento do número de pesquisas com abordagem histórica na produção acadêmica no Brasil, tendência que se verifica especialmente nos últimos anos, essas pesquisas ainda são escassas; e
- a publicação do livro de Mortatti (2000) — por uma editora universitária de grande reconhecimento no mercado editorial brasileiro — propiciou maior divulgação da abordagem histórica utilizada pela autora, cujo caráter inaugural, apontado por Soares (2000), contribuiu, principalmente, para suscitar e oferecer possibilidades investigativas aos que se interessaram pela abordagem histórica da alfabetização; suas influências podem ser sentidas, principalmente, na formação de novos pesquisadores interessados na temática, utilizando para isso, uma “nova” abordagem na produção acadêmica sobre alfabetização desenvolvida e veiculada, no Brasil, daquele momento em diante. (ORIANI, 2009, p. 15).

Em decorrência do aumento de pesquisas com abordagem histórica, às quais se refere Oriani (2009), localizei e passo a apresentar resultados de algumas pesquisas históricas sobre ensino da leitura e escrita no Brasil e sobre livro didático, as quais considero que dialogam mais diretamente com a pesquisa que desenvolvi, uma vez que, um dos objetivos de pesquisa foi compreender um momento importante da história desse ensino no Brasil, por meio de uma série de livros didáticos.

Dentre algumas dessas pesquisas, destaco: Mortatti (2000a; 2000b; 2004; 2007; 2008a; 2008b); Bertoletti (2006); Amâncio (2008); Ribeiro (2001); Bernardes (2003); Sobral (2007); Santos (2008); Messenberg (2008); e Pereira (2009)³³; Frade e Maciel (2006); Trindade (2000); Frade (2008); Campelo e Maciel (2008); Bittencourt (2008); Boto (2004); e Oliveira (2004).

No livro *Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994*, Mortatti (2000a)³⁴ apresenta resultados de pesquisa histórica sobre ensino de leitura e da escrita no Brasil, mais precisamente no estado de São Paulo, no período de 1876 a 1994. A pesquisadora classificou o material documental recuperado e reunido em três categorias.

Em relação ao conteúdo, finalidade e forma de veiculação desses documentos, têm-se:

- a) tematizações – contidas especialmente em artigos, conferências, relatos de experiência, memórias, livros teóricos e de divulgação, teses acadêmicas, prefácios e instruções de cartilhas e livros de leitura;
- b) normatizações – contidas em legislação de ensino (leis, decretos, regulamentos, portarias, programas e similares); e
- c) concretizações – contidas em cartilhas e livros de leitura, “guias do professor”, memória, relatos de experiências e material produzido por professores e alunos no decorrer das atividades didático-pedagógicas. (MORTATTI, 2000a, p. 29)

Ao delimitar o momento histórico em estudo, a pesquisadora não teve como objetivo demarcar rigidamente o início e o final de cada um dos momentos históricos, mas, apenas “situá-los no tempo, considerando as características internas do objeto de estudo”. Dessa forma, elegeu quatro momentos que considerou cruciais na história da alfabetização no estado de São Paulo, no período mencionado, enfocando a questão dos métodos de alfabetização e considerando o que denominou de “tematizações, normatizações e concretizações” em relação a esse ensino:

- *Primeiro momento* – A “metodização do ensino da leitura” (1876 – 1890): caracterizado pelos ideais defendidos por Antonio da Silva Jardim, então professor de Português da Escola Normal da Capital do estado de São Paulo. Segundo esse positivista militante, o melhor método para o ensino da leitura era o contido na *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura* (1876), escrita pelo poeta português João de Deus. O “método João de Deus” baseava-se na

³³ As pesquisas das quais resultaram os textos de Bertoletti (2006), Amâncio (2008), Ribeiro (2001), Bernardes (2003), Sobral (2007), Santos (2008), Messenberg (2008) e Pereira (2009) foram desenvolvidas no âmbito do Gphellb e do Pihellb, sob orientação da Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti e mediante utilização de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais.

³⁴ Esse livro resulta da tese de livre-docência da autora (MAGNANI, 1997).

palavração e se opunha aos métodos sintéticos até então utilizados para o ensino da leitura: soletração e silabação (métodos sintéticos).

- *Segundo momento* – A “institucionalização do método analítico” (1890 – meados dos anos 1920): caracterizado pela discussão em torno do método analítico em oposição aos “tradicionais” métodos sintéticos para o ensino da leitura. As discussões nesse momento histórico envolviam também disputas entre os “modernos” e “mais modernos” defensores do método analítico, ou seja, discutiam-se os diferentes modos de processar esse método: a palavração, a silabação ou a “historieta”³⁵;
- *Terceiro momento* – A “alfabetização sob medida” (meados dos anos 1920 - final dos anos 1970): os métodos mistos (analítico-sintético ou vice-versa), considerados mais rápidos e eficientes. Esse momento é caracterizado principalmente pela “relativização” da importância do método de ensino da leitura, decorrente da disseminação das idéias de M. B. Lourenço Filho, no livro *Testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita* (1934), em que defende que a aprendizagem da leitura e escrita depende da maturidade das crianças, e que, portanto, seria necessário mensurar tal maturidade por meio dos testes por ele propostos.
- *Quarto momento* – Alfabetização: “construtivismo e desmetodização” (início dos anos 1980 – 1994): disputa entre os:

[...] partidários da “revolução conceitual” proposta pela pesquisadora argentina Emilia Ferreiro, de que resulta o chamado *construtivismo*, e entre os defensores – velados e muitas vezes silenciosos, mas persistentes e atuantes – dos *tradicionais métodos* (sobretudo o misto) das *tradicionais cartilhas* e do *tradicional diagnóstico do nível de maturidade com fins de classificação dos alfabetizandos*. (MORTATTI, 2000a, p.26-27, grifos da autora).

Mortatti (2000a) conclui que:

[...] visando à ruptura com seu passado, determinados sujeitos produziram, em cada momento histórico, determinados sentidos que consideravam modernos e fundadores do novo em relação ao ensino da leitura e escrita. Entretanto, no momento seguinte, esses sentidos acabaram por ser paradoxalmente configurados, pelos pósteros imediatos, como um conjunto de semelhanças indicadoras da continuidade do antigo, devendo ser combatido como tradicional e substituído por um novo sentido para o moderno. (MORTATTI, 2000a, p. 23)

³⁵ O termo “historieta” está sendo utilizado nesta dissertação como sendo “[...] um conjunto de sentenças, enunciadas pelos alunos a partir do estímulo visual gerado pela observação e fixadas pela memória, que mantém nexos lógico-gramaticais entre si [...]” (MORTATTI, 2000a, p. 124). Tratarei desse assunto no Capítulos 5, desta dissertação.

No artigo intitulado “Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular”, Mortatti (2000b) problematiza a relação entre as cartilhas de alfabetização e a cultura escolar, na história da alfabetização no Brasil. A autora afirma que, a partir da última década do século XIX, iniciou-se no país o processo de escolarização das práticas de leitura e escrita e destaca os métodos de alfabetização, que ora se basearam em processos de marcha sintética (soletração, fônico e silabação), ora se basearam nos processos de marcha analítica (palavração e sentencição). Afirma, ainda, que, a partir do final do século XIX, as cartilhas se tornaram um instrumento indispensável de “concretização” dos métodos mencionados, assim como se configuraram como instrumento de alfabetização. A autora conclui questionando a respeito de ser, ou não, a cartilha um “mal necessário” assim como questiona quais seriam as outras concepções, práticas, conteúdos, finalidades de alfabetização e formas de acesso ao mundo letrado, que romperiam com o “pacto secular” do uso de cartilha.

No livro *Educação e letramento*, Mortatti (2004) apresenta importantes considerações sobre a relação entre “educação e letramento”. No capítulo 2 e no capítulo 3 desse livro, em especial, a pesquisadora apresenta os diferentes sentidos que as palavras “analfabeto”, “analfabetismo”, “alfabetização”, “alfabetizar”, “alfabetizado”, “alfabetismo”, “letramento”, “letrado” e “iletrado” tiveram desde o período colonial até os anos iniciais do século XXI. E considera que:

Tais sentidos resultaram de diferentes concepções, usos e finalidades (das antigas às modernas e contemporâneas) da leitura e da escrita — e os determinaram —, em estreita relação com as mudanças ocorridas nos processos de educação (escolar), nas relações entre cultura oral e cultura escrita e no contexto político, social e cultural do país. (MORTATTI, 2004, p. 118)

No artigo intitulado “Letrar é preciso, alfabetizar não basta...mais?”, Mortatti (2007) tem por objetivo dar continuidade às questões apresentadas em *Os sentidos da alfabetização* (MORTATTI, 2000a) e em *Educação e letramento* (MORTATTI, 2004), em especial discute “[...] como o termo ‘letramento’ dialoga com as características deste quarto momento crucial na história da alfabetização no Brasil [...]” (MORTATTI, 2007, p. 156-157). A pesquisadora considera que, talvez, a maior contribuição da introdução do “termo/conceito ‘letramento’ no Brasil”, seja a reflexão sobre antigas perguntas: “O que é ensinar? A quem compete esse ensino? Onde deve/pode ser realizado? A quem se destina? Ensinar a ler e escrever o quê? Como? Por quê? Para quê?” (MORTATTI, 2007, p. 167).

No artigo intitulado “A ‘querela dos métodos’ de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate”, Mortatti (2008a) tem como objetivo contribuir para o

debate sobre os métodos de alfabetização no Brasil — com destaque para os ocorridos neste “quarto momento crucial” — por meio da análise da configuração textual do livro *Alfabetização: método fônico* (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2003). Baseando-se em resultados de pesquisa documental, a pesquisadora conclui que:

[...] o método fônico hoje reapresentado como novo e principalmente os argumentos em sua defesa já mostraram ser ineficazes há mais de um século, no Brasil. Por isso, a atual discussão sobre métodos de alfabetização, provocada pela apresentação da proposta dos autores do livro em questão, vem gerando conclusões equivocadas, com muitos outros prejuízos para o aprendizado de nossas crianças e para a sociedade brasileira. Principalmente porque não se pode aceitar que, de modo isolado e com objetivos salvacionistas, um método possa resolver os problemas da alfabetização, nem que devamos ressuscitar um ou outro deles. (MORTATTI, 2008a, p. 110)

No artigo/ensaio intitulado “Notas para uma história da formação do alfabetizador no Brasil”, Mortatti (2008b) tem como objetivo contribuir para a compreensão da história da formação dos professores no Brasil por meio da apresentação dos diferentes sentidos que a alfabetização teve desde o final do século XIX até os dias atuais. Dentre as importantes considerações feitas pela pesquisadora, destaco aquelas que dizem respeito, mais diretamente, ao significado e função atribuídos às cartilhas de alfabetização no “segundo e terceiro momentos cruciais” na história da alfabetização no Brasil.

[...] dadas as constantes dificuldades dos professores em aprender (se convencer) e aplicar adequadamente as novas (para cada momento histórico) propostas para o ensino inicial da leitura e escrita, para a configuração desse modelo se forma aperfeiçoando e consolidando certos *recursos-pedagógicos*, em especial as cartilhas de alfabetização — um tipo de livro didático em que se encontra concretizado determinado método de alfabetização, assim como o conteúdo a ser ensinado e os passos ordenados para esse fim — e, a partir sobretudo da década de 1930, os manuais de ensino destinados aos cursos de formação de professores, ou seja, um tipo de livro didático em que se busca divulgar, de forma didática e condensada, os saberes (conteúdos e métodos) necessários ao professor primário, que deve também ensinar a ler escrever. Mais que um instrumento de concretização de determinado método ou de divulgação de determinados saberes didático-pedagógicos, as cartilhas e os manuais de ensino se tornaram substitutivo do trabalho de professores e alunos e um imprescindível recurso a garantir a execução eficiente e eficaz, por parte dos professores, das propostas oficiais em cada momento histórico [...] (MORTATTI, 2008b, p. 474-475, grifo da autora)

No livro *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do Povo e da cartilha Upa, cavalinho!*,³⁶ Bertoletti (2006) tem por objetivo compreender e explicar aspectos de um passado recente da história da alfabetização no Brasil.

Por meio da análise da configuração textual de *Cartilha do povo* e *Upa, cavalinho!*, ambas de M. B. Lourenço Filho³⁷, Bertoletti (2006) conclui que essas duas cartilhas representam a “concretização” do projeto de alfabetização idealizado por seu autor, no que tange à aprendizagem da leitura e da escrita, ao mesmo tempo em que são representativas de sua produção didática.

No livro intitulado *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso (1910-1930)*³⁸, Amâncio (2008) tem, dentre outros, o objetivo de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua no Brasil e para o desenvolvimento de pesquisas históricas em alfabetização, mais especificamente no estado de Mato Grosso. Essa pesquisadora afirma, por meio de intensa pesquisa documental e bibliográfica desenvolvida, que:

[...] nos últimos dez anos, pesquisas baseadas na abordagem histórica em educação passaram a ter um maior impulso em Mato Grosso, graças à criação de pós-graduação em Educação pela UFMT. No entanto, são raras as pesquisas que tratam direta ou indiretamente do tema *alfabetização* nesse estado. (AMÂNCIO, 2008, p. 15, grifo da autora)

A pesquisa desenvolvida por Amâncio permitiu que ela afirmasse que, no estado do Mato Grosso, no período pesquisado (década iniciais do século XX)

[...] parecia pacífica a “convivência”, por exemplo, de cartilhas fundamentadas no método analítico, como a *Cartilha Analytica* (1910), de Arnaldo Barreto e as cartilhas respaldadas nos “antigos” métodos sintéticos, como é o caso de *Cartilha da infância* (provavelmente de 1880), de Tomaz Galhardo; ou ainda, de cartilhas que se fundamentavam em princípios inovadores para a época de sua publicação, como a *Cartilha nacional* (de 1880, provavelmente), de Hilário Ribeiro, que defendia o ensino simultâneo

³⁶ Esse livro resulta da dissertação de mestrado defendida por Bertoletti, em 1997, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-UNESP-Marília, sob orientação de Maria do Rosário Longo Mortatti e vinculadamente ao Gphellb e ao Piphellb.

³⁷ O professor Manoel Bergström Lourenço Filho nasceu em Porto Ferreira, em 1897, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1970. Foi diplomado professor pela Escola Normal de Pirassununga, em 1914 e pela Escola Normal da Capital do estado de São Paulo, em 1917 (MONARCHA; LOURENÇO FILHO, 2001). Dentre as inúmeras atividades realizadas por esse professor destaca sua atuação como editor da Companhia Melhoramentos de São Paulo (SP), na qual atuou como organizador, após 1927, da coleção Biblioteca de Educação, a qual o livro *Como se ensina Geographia*, de A. F. Proença, integra. É autor da Série de leitura Graduada Pedrinho integrada por cinco livros de leitura e uma cartilha, a saber: *Pedrinho*, primeiro livro (1953); *Pedrinho e seus amigos*, segundo livro (1954); *Aventuras de Pedrinho*, terceiro livro (1955); *Leituras de Pedrinho e Maria Clara*, quarto livro (1956); *Pedrinho e o mundo*, quinto livro (segundo Bertoletti esse livro “[...] parece não ter sido publicado, embora o autor e a Editora o citem constantemente na propaganda e descrição da Série.”; e cartilha *Upa, cavalinho!* (1957) (BERTOLETTI, 2006, p. 74).

³⁸ Esse livro resulta da tese de doutorado também defendida por Amâncio (2000), junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti e vinculadamente ao Gphellb e ao Piphellb.

da leitura e da escrita e teve enorme repercussão em Mato Grosso, sendo mencionada em relações de material escolar por mais de três décadas seguidas no século XX. (AMÂNCIO, 2008, p. 188)

No TCC intitulado *Um estudo sobre A leitura analytica* (1896), de João Köpke, Ribeiro (2001) tem por objetivo contribuir para compreensão da história da alfabetização no Brasil, assim como compreender os princípios do modo de processar o método analítico para o ensino da leitura, proposto pelo bacharel em direito João Köpke³⁹, que, apesar de não ter-se diplomado professor, foi autor de livros didáticos e vários textos nos quais “tematiza” o ensino da leitura, dentre eles a conferência intitulada *A leitura analytica* (1896).

Por meio da análise da configuração textual da conferência *A leitura analytica*, Ribeiro (2001) conclui que o pensamento desse professor, a respeito do ensino da leitura e da escrita, fundamentava-se em princípios sobre o modo de processar o método analítico, os quais incidiam sobre a necessidade de considerar o discurso como unidade de sentido no processo inicial da leitura e da escrita, tendo esse professor influenciado, significativamente, professores de sua época e de épocas posteriores.

No TCC intitulado *Um estudo sobre Cartilha analytica*, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925), Bernardes (2003) tem por objetivo contribuir para a compreensão da história da alfabetização no Brasil, destacando o pensamento do professor paulista Arnaldo de Oliveira Barreto⁴⁰ a respeito do método analítico para o ensino da leitura.

Por meio da análise da configuração textual de *Cartilha analytica*, Bernardes (2003) conclui que Arnaldo Barreto exerceu grande influência em relação aos demais professores de sua época, assim como em épocas posteriores, no que se refere ao ensino inicial da leitura e da escrita.

No TCC intitulado *Um estudo sobre Nova cartilha analytico-synthetica* (1916), de Mariano de Oliveira, Sobral (2007) tem por objetivo contribuir para compreensão da história

³⁹ O bacharel em Direito João Köpke nasceu em Petrópolis-RJ, em 1875, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1926. Apesar de não ter sido diplomado professor, Köpke atuou intensamente no magistério, principalmente após 1878, tendo escrito, dentre outros: *Cartilha n.º 1* (1916) e *Cartilha n.º 2* (1916) (RIBEIRO, 2001).

⁴⁰ O professor paulista Arnaldo de Oliveira Barreto nasceu em 1869, em Campinas-SP, e faleceu na cidade de São Paulo, em 1925. Foi diplomado professor pela Escola Normal da Capital do estado de São Paulo, em 1891. Em colaboração com o professor paulista Romão Puiggari (1865-1904), Arnaldo Barreto escreveu e teve publicada, pela Livraria Francisco Alves (RJ), a Série de leitura Puiggari-Barreto integrada por *Primeiro livro de leitura* ([189-]), *Segundo livro de leitura* ([189-]), *Terceiro livro de leitura* ([190-]) e *Quarto livro de leitura* ([190-]). Arnaldo Barreto escreveu também, dentre outros livros, *Cartilha das mães*, publicada em meados da década de 1890, e *Cartilha analytica* (1909), também pela Livraria Francisco Alves (RJ). Em parceria com os professores Mariano de Oliveira e Ramon Roca Dordal, Arnaldo de Oliveira Barreto teve publicado o documento oficial *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico* — Modelos de lições, que foi expedido pela Diretoria Geral da Instrução Pública paulista, presumivelmente em 1914 (MELO, 1954, p. 83-84).

da alfabetização no Brasil, por meio da análise da configuração textual da cartilha *Nova cartilha analytico-synthetica*, escrita pelo professor paulista Mariano de Oliveira⁴¹.

Por meio da análise da configuração textual de *Nova cartilha analytico-synthetica*, Sobral (2007) conclui que a forma de processuar o método analítico por Mariano de Oliveira na cartilha em questão gerou algumas polêmicas, dentre elas as decorrentes da crítica feita por João Köpke, mas que isso não impediu que essa cartilha tivesse destaque no momento histórico de publicação.

No TCC intitulado *Um estudo sobre Cartilha da infância (188?)*, de Thomaz Galhardo, Santos (2008) tem por objetivo contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e da escrita no Brasil por meio da análise da configuração textual de *Cartilha da infância* (1939), do professor paulista Thomaz Galhardo⁴².

Por meio da análise da configuração textual de *Cartilha da infância*, Santos (2008) conclui que essa cartilha foi escrita de acordo com os princípios do método sintético para o ensino da leitura, baseado na silabação. Esse método foi considerado, pelo autor dessa cartilha, o mais adequado ao ensino inicial da leitura no momento histórico de publicação, tendo influenciado gerações de professores e alunos por mais de oito décadas.

No TCC intitulado *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935)*, de Renato Sêneca Fleury, Messenberg (2008) tem por objetivo contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e da escrita no Brasil por meio da análise da configuração textual da cartilha *Na roça*, do professor paulista Renato Sêneca Fleury⁴³.

⁴¹ O professor Mariano de Oliveira nasceu em Piracicaba-SP, em 1869 (até o momento da redação final desta dissertação, não localizei a data e o local de falecimento desse professor). Foi diplomado professor pela Escola Normal da Capital do estado São Paulo, em 1888, e exerceu cargos no magistério público paulista, dentre eles o de diretor da Escola Normal de São Carlos, entre 1917 e 1927 (alternando na direção dessa escola, nesse período, com o professor A. F. Proença). Sua produção didática é composta por três cartilhas e cinco livros de leitura, que integram a Série de leitura Oliveira-Dordal, que escreveu em parceria com o professor Ramom Roca Dordal. Como informei, em parceria com outros professores e inspetores escolares Mariano de Oliveira escreveu e teve publicado dois documentos oficiais: *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (DIRECTORIA..., 1911) e *Instrucções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico* (DIRECTORIA..., 1915).

⁴² O professor Thomaz Galhardo nasceu em Ubatuba-SP, em 1855, e faleceu na cidade de São Paulo, em 1904. Foi diplomado professor pela Escola Normal da Capital do estado de São Paulo, em 1874. A produção didática desse professor é composta, dentre outros, por *Cartilha da infância* (1880?), *Monografia da letra A* (1895), *Segundo livro de leitura* (1905) e *Terceiro livro de leitura* (1902), todos publicados pela Livraria Francisco Alves (RJ) (SANTOS, 2008).

⁴³ O professor Renato Sêneca Fleury nasceu em Sorocaba, em 1895, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1980 (MESSENBURG, 2008, p. 22; 24). Foi diplomado professor pela Escola Normal da Capital do estado de São Paulo, em 1912 e exerceu vários cargos no magistério público paulista dentre eles o de professor em escolas isoladas em Piracicaba, em 1913 (MELO, 1954, p. 226-227), ano em que A. F. Proença atuou como professor da Escola Normal Primária e da Escola Complementar dessa cidade.

Por meio da análise da configuração textual de *Na roça*, Messenberg (2008) conclui que o método misto (ou analítico-sintético) de alfabetização, proposto pelo autor foi debatido e consentido pelos professores da época de sua publicação com o objetivo de responder urgências sociais e políticas do Brasil.

Na dissertação de mestrado intitulada *Theodoro de Moraes (1877-1956)*: um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico no Brasil, Pereira (2009) tem como objetivos contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e contribuir para a compreensão de importantes momentos da história da alfabetização no Brasil, para tanto elegeu como *corpus* documental privilegiado de pesquisa sete textos escritos pelo professor paulista Theodoro Jeronymo Rodrigues de Moraes⁴⁴, a saber: um artigo intitulado *A leitura analytica* (1909); um documento oficial intitulado *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (1911), escrito em parceria com os professores e inspetores escolares Miguel Carneiro, J. Pinto e Silva e Mariano de Oliveira; e cinco livros didáticos, *Meu livro* primeiras leituras de accôrdo com o methodo analytico (1909), *Meu livro*: segundas leituras de accôrdo com o methodo analytico (1910?), *Sei ler*: leituras intermediárias (1928), *Sei ler*: 1º. livro de leitura (1928) e *Sei lêr*: 2º. livro de leitura (1930).

Por meio da análise da configuração textual dos textos escolhidos como *corpus* privilegiado de pesquisa, Pereira (2009) conclui que:

[...] a atuação do professor Theodoro de Moraes e sua produção escrita, no que se refere ao ensino da leitura pelo método analítico, foi pioneira no plano da sistematização, normatização e concretizações desse método, que tiveram uma perenidade ao longo do seu momento histórico, como nas décadas posteriores, talvez porque Theodoro de Moraes tenha sido um homem afinado com as urgências sociais, políticas, culturais e educacionais de seu tempo, muito mais preocupado em propor um ensino da leitura que remediasse as taxas de analfabetismo no país, mediante o ensino da leitura a crianças, adolescentes e adultos, do que em participação das acirradas disputas que ocorriam em sua época em torno do melhor método para esse ensino e em propor trabalhos originais [...]. (PEREIRA, 2009, p. 168-169).

O livro *História da alfabetização: produção e circulação de livros* (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX), organizado por Frade e Maciel (2006), tem por objetivo compreender a história

⁴⁴ O professor Theodoro de Moraes nasceu na cidade de São Paulo, em 1877, e faleceu nessa mesma cidade, em 1956. Foi diplomado professor pela Escola Normal da Capital do estado de São Paulo, em 1906. Dentre as atividades desenvolvidas por esse professor, destaco: sua atuação como professor na Escola Normal Secundária de São Carlos, entre 1912 e 1914, período que coincide com a atuação de A. F. Proença na mesma escola (1913-1919); e como inspetor geral de ensino no estado de São Paulo, em 1930, período que A. F. Proença também exerce a mesma função nesse estado (1928-1930) (PEREIRA, 2009).

da alfabetização nos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Mato Grosso, particularmente no período compreendido entre 1834 e 1996. O livro é dividido em quatro partes: na primeira, Izabel Frade e Francisca Maciel (2006, p. 35-112) apresentam as pesquisas desenvolvidas sobre a história da alfabetização no estado de Minas Gerais; na segunda, Eliane Peres apresenta a análise de materiais didáticos, diários de classes e cadernos de alunos que circularam em Pelotas-RS; na terceira, Lázara Nanci de Barros Amâncio e Cancionila Janzkovski Cardoso analisam documentos oficiais que circularam no Mato Grosso; finalmente, na quarta parte, é apresentado um repertório geral de cartilhas e outros livros com indicação dos acervos nos quais foram localizados. Para o desenvolvimento das pesquisas, cujos resultados são apresentados nesse livro, as pesquisadoras utilizaram como procedimento de pesquisa análise de fontes documentais, buscando “concretizações”, por meio de construção de categorias comparativas e de organização de dados temáticos, assim como um repertório de livros didáticos nacionais organizado por meio de levantamento de exemplares de cartilhas e de título de cartilhas citados em fontes documentais e em textos acadêmicos. Dentre os textos acadêmicos aos quais as autoras dos artigos recorreram para a elaboração do repertório apresentado no livro em questão, estão a tese de livre-docência defendida por Magnani, em 1997, e a tese de doutorado defendida por Amâncio, em 2000⁴⁵.

No texto intitulado “A adoção da *Cartilha maternal* na instrução pública gaúcha”, Trindade (2000) tem como objetivo:

[...] visibilizar como se deu a instalação da primeira república no Rio Grande do Sul, isto é: como os discursos do governo republicano gaúcho podem ser significados através da palavra escrita nas páginas dos relatórios, valorizando por quase todo esse período uma cartilha portuguesa como um dos instrumentos necessários à instalação e reconhecimento desse tipo de governo de Estado. (TRINDADE, 2000, p. 1).

Por meio da análise de relatórios da Instrução Pública do Rio Grande do Sul, publicados entre 1890 e 1930, e de *Cartilha maternal*, do poeta português João de Deus, a pesquisadora conclui que os dirigentes de ensino buscaram, por meio da adoção dessa cartilha, unidade de ensino e que, nos relatórios do ensino, “[...] o envolvimento com um projeto pedagógico para a instrução gaúcha fica evidente em diversas vozes e em alguns momentos da narrativa, visibilizando a ligação do discurso com o desejo e o poder.” (TRINDADE, 2000, p. 9).

⁴⁵ Como informei anteriormente, neste capítulo, essa pesquisa foi desenvolvida sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário L. Mortatti e no âmbito do Gphellb.

No texto intitulado “Livros de leitura de Abílio César Borges: ideários pedagógicos, produção e circulação”, Frade (2008) tem como objetivo “mapear” a produção didática de Abílio Cesar Borges⁴⁶, focalizando *Primeiro livro de leitura para uso da infância brasileira composto pelo Dr. Abílio César Borges* e *Segundo livro de leitura*.

A pesquisadora afirma, por meio dos resultados da pesquisa bibliográfica desenvolvida, que as lições apresentadas em *Primeiro livro de leitura* tentam estabelecer relação entre a vida cotidiana dos alunos e seus deveres escolares.

De forma significativa os textos para o desenvolvimento da leitura parecem mostrar as crianças que, se elas não se dedicarem às tarefas escolares ficarão “presas” em castigos escolares, sem poder brincar e por isso “é bem bom se saber a leção”.

Em contrapartida, o *Segundo Livro de Leitura* parece diferente, pois embora os textos sejam divididos por títulos, não há menção aos conteúdos previstos, nem a um tipo de divisão de tempo e de graduação entre os textos. Os conteúdos podem ser apenas depreendidos dos temas dos textos. (FRADE, 2008, p. 9)

Frade (2008) afirma, ainda, que os livros de Abílio César Borges se destacaram no cenário educacional até a década de 1880, período em que outros livros para o ensino da leitura, como os de Felisberto de Carvalho e Thomaz Galhardo, começaram a ser publicados.

Abílio mostrou ser um pedagogo que tomou a criança como destinatário de seus livros, tentou aproximar-se de sua linguagem e universo, mesmo que imaginado. Circulou por escolas, por cargos oficiais do Império, usando várias estratégias para divulgar suas obras: seja se tornando um pedagogo de renome com participação em congresso e exposições internacionais, seja utilizando modos de disseminação de seus livros que foram alvo de críticas. (FRADE, 2008, p. 13)

No texto intitulado “História da alfabetização mineira: um olhar sobre a circulação de cartilhas de alfabetização em Minas Gerais no período de 1930 a 1945”, Campelo e Maciel (2008) têm como objetivo apresentar “[...] algumas reflexões acerca do processo de circulação das cartilhas [mineiras] de alfabetização no período de 1930 a 1945.” (CAMPELO; MACIEL, 2008, p. 1).

As autoras apresentam uma lista de títulos de cartilhas que circularam em Minas Gerais no período delimitado para o desenvolvimento da pesquisa dentre elas, estão: *Brincar de ler* e *Vamos ler?*: cartilha analítico-sintética, de Renato Sêneca Fleury; *Cartilha da infância*, de Thomaz Galhardo; *Cartilha do povo*, de M. B. Lourenço Filho; *Cartilha ensino*

⁴⁶ O médico e professor Abílio César Borges, conhecido também como Barão de Macaúbas, nasceu em Vila de Minas do Rio de Contas-BA, em 1894, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1891. Esse professor, dentre outras atividades, foi Diretor Geral da Instrução Pública do estado da Bahia, entre 1856 e 1857 (GONDRA, 1999).

rápido da leitura e Nova cartilha analítica, de Mariano de Oliveira; e *Cartilha Proença*, de A. F. Proença. (CAMPELO; MACIEL, 2008, p. 3-4). Segundo Campelo e Maciel:

Ao serem divulgadas nacionalmente, essas cartilhas representavam, naquele contexto, o material didático ideal para a utilização na fase inicial do processo de ensino da leitura e da escrita. A escolha desses títulos, em detrimento de outros, sugere que, naquele momento, esses seriam os mais adequados à finalidade do poder público. Essa finalidade nem sempre era explícita, o que justifica a necessidade de levar em consideração as dimensões implícitas existentes no livro enquanto objeto de disseminação de um saber legitimado, nessa situação, pelo governo.

[...]

Assim além dos conhecimentos científicos, eram visíveis os conteúdos de cunho ideológico. A valorização do patriotismo e a desaprovação de regimes políticos diferentes ao instituído no país se faziam presentes nas páginas das obras didáticas, de maneira explícita ou implícita. (CAMPELO; MACIEL, 2008, p. 4)

No livro intitulado *Livro escolar e saber histórico (1810-1910)*⁴⁷, Bittencourt (2008) tem como objetivo abordar o livro didático no processo de constituição do ensino escolar, no Brasil, entre 1810 e 1910.

A proposta é pensar o livro didático de forma ampla, acompanhando os movimentos que vão da sua concepção à sua utilização em sala de aula. É uma reflexão sobre o papel do livro didático na construção do saber escolar que, por sua natureza, deve necessariamente ser considerado em um conjunto mais geral no qual aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos se articulam, conferindo-lhe dimensões específicas. (BITTENCOURT, 2008, p. 13)

Embora o interesse de Bittencourt (2008) seja, especificamente, a disciplina História, no livro em questão essa pesquisadora apresenta reflexões sobre a “gênese” do livro didático e sobre sua importância como fonte de pesquisa histórica, especialmente, na área da educação.

No artigo intitulado “Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático”, Boto (2004) tem como objetivo identificar o lugar social ocupado pela cartilha de alfabetização assim como compreender o entrecruzamento do livro didático e das práticas da escola primária, especialmente a produção didática de Francisco Júlio Caldas Aulete⁴⁸, intelectual português de meados do século XIX, com destaque para *Cartilha nacional*, desse autor. Para Boto (2004), o estudo de *Cartilha nacional* remete a aspectos sócio-históricos, apresentando um “rascunho nítido de um projeto de país”, já que

⁴⁷ Esse livro resulta da tese de doutorado da autora (BITTENCOURT, 1993).

⁴⁸ O professor português Francisco Júlio Caldas Aulete nasceu em 1823, em Lisboa, e faleceu em 1878, também em Lisboa, tendo sido autor, dentre outros livros, do dicionário *Caldas Aulete* que circulou além de Portugal, também no Brasil (BOTO, 2004, p. 496).

aspectos relacionados à civilidade, civismo e civilização norteavam o ensino na escola primária portuguesa.

Na dissertação de mestrado intitulada *As séries graduadas de leitura na escola primária paulista (1890-1910)*, Oliveira (2004) tem como objetivo contribuir para a história do livro didático no Brasil, para tanto escolheu como *corpus* documental privilegiado de pesquisa os livros de duas séries de leitura utilizadas nas escolas primárias no final do século XIX e início do século XX: Série de leitura Felisberto de Carvalho; e Série de leitura Puiggari-Barreto.

Oliveira (2004, p. 142) considera que a Série de leitura de Felisberto de Carvalho segue modelo enciclopédico de ensino “[...] na qual se concebia que a escola deveria ensinar um pouco de tudo.”, a Série de leitura Puiggari-Barreto, entretanto, segue o modelo formativo de ensino, porque apresenta “[...] lições de cunho moral e patriótico.”

As duas séries graduadas de leitura retratam diferentes aspectos da instituição escolar que, somados, abrangem boa parte da cultura escolar.

Uma aborda os conteúdos e propõe o direcionamento do fazer do professor e do aluno. Ela ontribui para a constituição de uma cultura escolar a partir das práticas que impõem, por intermédio das prescrições e dos exercícios apresentados. Tais exercícios foram incorporados como práticas escolares que permaneceram como parte constituinte desse universo.

A outra série aborda o universo escolar a partir de seus rituais. Esses ritos passaram a demarcar rotinas, estabelecer o tempo e a dinâmica escolar, tornando-se a outra face da cultura escolar. (OLIVEIRA, 2004, p. 143).

Os resultados de pesquisa apresentados neste capítulo não tiveram o objetivo de apresentar um “estado do conhecimento” sobre a história do ensino da leitura e da escrita no Brasil, mas como informei, o objetivo foi apresentar pesquisas que dialogam mais diretamente com a pesquisa que desenvolvi, seja porque abordam a produção escrita de autores que estabeleceram, de alguma maneira, relação com A. F. Proença, seja porque abordam a temática da pesquisa que desenvolvi (história do ensino da leitura e da escrita no Brasil).

CAPÍTULO 2

**Aspectos da vida, da atuação profissional e da bibliografia *de e sobre*
Antonio Firmino de Proença**

2.1 Dados biográficos e atuação profissional

Figura 1 – Foto de A. F. Proença



“Sentados da esquerda para a direita: Antônio Firmino de Proença, Fernando de Azevedo, Noemy da S. Rudolpher, Antônio de Almeida Jr. e Plínio Negrão. 1936”. (EVANGELISTA, 2002, folha de rosto)

Fonte: Evangelista (2002).

Filho de Francisco de Proença e de Francisca Amelia de Proença, A. F. Proença nasceu na cidade paulista de Sorocaba, em 26 de julho de 1880. Viveu nessa cidade até 1990, onde trabalhou como:

[...] auxiliar da casa comercial de Madureira & Barros, estabelecidos com os negócios de arreios por atacado em um prédio [...] na rua Souza Pereira esquina da rua Dr. Alvaro Soares [...].

[...]

Antonio Firmino, como era conhecido na intimidade, desde muito moço já tinha um gênio muito retraído, sendo difícil notar-se-lhe um leve sorriso nos lábios e assim sempre se conservou apesar de sua extrema bondade e delicadeza no trato com as pessoas de sua amizade que eram, aliás, em grande número. (A.I.⁶⁸, 1949, p. 23).

⁶⁸ Abaixo do título do artigo, encontram-se as iniciais “I. Al.”; entretanto, não foi possível localizar, até o momento da redação final desta dissertação, qual nome próprio elas indicam.

Entre os anos de 1896 e 1990, A. F. Proença foi membro do Grêmio Literário “13 de Março”, em Sorocaba, e do Centro Sorocabano de Letras, no qual foi o primeiro a ocupar a cadeira cujo patrono era “Júlio Ribeiro”⁶⁹ (A.I., 1949, p. 23).

Casou-se⁷⁰ com Isaura Ciriaco de Arruda Proença, com quem tem quatro filhos: Alaor de Proença, Aristofanes de Proença, Cleofanes de Proença e Fátima de Proença Nogueira da Silva.

O início das atividades de A. F. Proença como professor deve-se, segundo o autor do artigo “Um vulto sorocabano”, ao fato de que, sendo ele “[...] moço estudioso, concentrado e muito dado aos estudos, não tinha pendor para a carreira comercial, e foi por isso que ao fechar-se a casa em que era auxiliar, rumou para São Paulo para conseguir sua matrícula na Escola Normal da Praça da República.” (A.I., 1949, p. 23). É provável, entretanto, que, sendo A. F. Proença de uma família urbana e que dispunha, possivelmente, de algum recurso financeiro, ele tenha se interessado pelo magistério como forma de ascender socialmente e ocupar lugar de destaque na sociedade paulista.

A. F. Proença ingressou, portanto, como aluno do magistério primário na Escola Normal da Capital do estado São Paulo, em 1901, tendo-se formado em 1904, ano em que se formaram 67 alunos nessa escola, sendo 16 do sexo masculino e 51 do sexo feminino (RODRIGUES, 1930, p. 41). Foi nessa escola que esse professor teve seus primeiros contatos com os pressupostos do método analítico, tendo sido na Escola Modelo, anexa à Escola Normal da capital do estado de São Paulo, que ele observou, praticou e experimentou o ensino baseado nos princípios da então “pedagogia moderna”, sobretudo, os que se referiam ao ensino da leitura pelo método analítico.

Por sua atuação nessa escola normal, foi considerado por seus amigos “[...] excelente aluno e brilhante autodidata [...]” (A.I., 1949, p. 3), tendo sido, por isso, apresentado pelo diretor da Escola Normal da Capital, José Benevides⁷¹ ao Presidente do Estado de São Paulo, cargo ocupado no período por Domingos de Moraes, que lhe fez muitos elogios por seu desempenho como aluno normalista (A.I., 1949, p. 3). Essa atitude de Benevides, possivelmente, facilitou as relações que A. F. Proença estabeleceu com autoridades educacionais que ocupavam cargos diretivos no magistério, sobretudo, paulista.

⁶⁹ Júlio César Ribeiro Vaughan nasceu em Sabará – MG, em 1845 e faleceu em Santos – SP, em 1890. O seu livro mais conhecido é o intitulado *A carne* (OTTO, 1955, p. 145).

⁷⁰ Até o momento da redação final desta dissertação, não foi possível localizar a data em que A. F. Proença e Isaura Arruda se casaram.

⁷¹ O paulistano José Estácio Correia de Sá e Benevides nasceu em 1858 e faleceu em 1914. Formou-se bacharel em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1879. Entre outras atividades foi professor e diretor da Escola Normal da Capital, do estado de São Paulo. (MELO, 1954, p. 94). Destaco que não localizei, até o momento da redação final desta dissertação, o período em que José Benevides atuou nessa escola.

Os cargos assumidos por A. F. Proença, após se diplomar professor, restringiram-se às escolas normais do estado de São Paulo, diferindo, assim, da atuação de outros professores paulistas que atuaram nos demais estados brasileiros, dentre outros, como professor, diretor de escolas normais primárias e secundárias e diretor geral do ensino, no que ficou conhecido como “missões de professores paulistas”, como destaque no Capítulo 5, desta dissertação. Não localizei, até o momento da redação final desta dissertação, informações que possibilitem compreender os motivos de A. F. Proença ter restringido sua atuação ao estado de São Paulo.

Após formar-se professor, A. F. Proença iniciou, em 1905, suas atividades profissionais como professor da Escola Complementar de Guaratinguetá⁷² e, posteriormente, da Escola Complementar de Piracicaba⁷³ (APONTAMENTOS..., 1914, p. não paginado). D’Ávila (1946) descreve a década de 1910, ou seja, período em que A. F. Proença iniciou suas atividades no magistério público paulista, ressaltando o prestígio dos professores das escolas complementares.

De 58 era o número de grupos escolares no Estado [de São Paulo], com 39.110 alunos. Cinco eram as escolas-môdelo, seis as complementares, com 1351 matriculados. Possuía ainda, além de sua tradicional Escola Normal, dois ginásios, duas escolas superiores – A Faculdade de Direito e a Escola Politécnica, Escola Livre de Farmácia, além de ensino agrícola, duas revistas de ensino, inúmeras bibliotecas, etc.

Além dessas realizações materiais citadas, agitava-se o magistério paulista na ânsia de incontido entusiasmo. Ensaivavam-se novos métodos, realizavam-se experiências docentes, escreviam-se artigos de polêmica e de exposição doutrinária, organizavam-se palestras pedagógicas.

Foi nesse tempo que Firmino Proença iniciou a sua carreira de mestre e peregrino como tantos outros pelas escolas isoladas do Estado.

Perfeito auto-didata, apaixonado pelo saber, dotado de rara envergadura de entusiasmo e observador da natureza, buscou logo campo mais amplo de trabalho. Por êsse tempo a oficina mais cobiçada de nossos mestres era a escola complementar, a que só se chegava após árduas lutas. Escola tipicamente enciclopédica, copiosa de matérias, exigia de quem nela lecionasse predicados excepcionais de saber e de didática. Cabia aos mestres dessas escolas dominar larga soma de conhecimentos, que iam dos atinentes ao vernáculo aos específicos da história, da cosmografia, economia, matemática, francês, história natural e outros. (D’ÁVILA, 1946, p. 147)

Em 1913, A. F. Proença assumiu o cargo de professor da “13ª Cadeira” — “Métodos e processos de ensino, crítica pedagógica e exercícios de ensino” —, na Escola Normal Secundária de São Carlos⁷⁴, na cidade paulista de mesmo nome (OZELIN, 2006, p. 27).

⁷² A Escola Complementar de Guaratinguetá foi instalada em 1903 (TANURI, 1979, p. 105).

⁷³ A Escola Complementar de Piracicaba foi instalada em 1897 (TANURI, 1979, p. 105) e, a partir de 1911, passou a ser denominada Escola Normal Primária de Piracicaba (TANURI, 1979, p. 126).

⁷⁴ A Escola Normal Secundária de São Carlos foi instalada em 1911 (TANURI, 1979, p. 127).

Assumiu, no mesmo ano, a função de diretor interino dessa escola, em virtude da licença do diretor efetivo, professor Juvenal Penteado⁷⁵.

A. F. Proença lecionou, na Escola Normal Secundária de São Carlos com os professores: Theodoro de Moraes, professor da “9ª. Cadeira Geografia e Astronomia”; Juvenal Penteado, professor da “3ª. Cadeira – Francês e Inglês”; João Lourenço Rodrigues⁷⁶, professor da “5ª. Cadeira – Aritmética e Álgebra”; João Augusto de Toledo⁷⁷ e Carlos da Silveira⁷⁸, ambos professor da “11ª. Cadeira – Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica” (OZELIN, 2006).

Destaco que A. F. Proença, Theodoro de Moraes e Juvenal Penteado estudaram juntos na Escola Normal da Capital do Estado de São Paulo, entre 1903 e 1904. Theodoro de Moraes e Penteado ingressaram nessa escola em 1903, ano em que A. F. Proença cursava o 3º. ano do ensino normal, nessa mesma escola.

Entre 1916 e 1917, A. F. Proença voltou a assumir a direção da Escola Normal de São Carlos (D’ÁVILA, 1946, p.41); entre 1917 e 1919, voltou, provavelmente, a lecionar como professor da “13ª. Cadeira”; e, entre 1922 e 1927, voltou a dirigir essa escola (D’ÁVILA, 1946, p.41).

A. F. Proença atuou também como professor e diretor na Escola Normal Primária de Pirassununga⁷⁹, em Pirassununga-SP (APONTAMENTOS..., 1914, p. não paginado), tendo lecionado e dirigido também o Ginásio do Estado de São Paulo⁸⁰, na cidade de Campinas-SP (ESTRADA, 1929, p. 310)⁸¹.

⁷⁵ Juvenal Penteado ([18--]-1919) diplomou-se professor pela Escola Normal da Capital, do estado de São Paulo e, dentre outras atividades, foi diretor da Escola Normal Secundária de São Carlos. Em 1919, ano em que esse professor faleceu, A. F. Proença teve publicado um artigo na *Revista da Escola Normal de São Carlos* no qual o homenageia. Até o momento da redação final desta dissertação, não localizei outras informações sobre Juvenal Penteado, como data e local de nascimento e escolas nas quais atuou.

⁷⁶ João Lourenço Rodrigues diplomou-se, em 1890, pela Escola Normal da Capital, do estado de São Paulo.

⁷⁷ João Augusto de Toledo (1879-1941) diplomou-se professor pela Escola Complementar de Itapetininga, em 1900 e foi professor em diversas escolas do estado de São Paulo. Em 1925, é nomeado inspetor geral de ensino e, em 1930, assistente técnico do Ensino Normal em São Paulo. Em 1932, passa a ocupar o cargo de diretor geral do Ensino, no estado de São Paulo tendo atuado, posteriormente, como professor assistente na Escola Norma da Praça da República (MELO, 1954, p. 637), voltando, assim, a atuar juntamente com o professor A. F. Proença, com quem já tinha trabalhado na Escola Normal Secundária de São Carlos (OZELIN, 2006, p. 82-83).

⁷⁸ Carlos da Silveira diplomou-se professor, em 1903, pela Escola Normal da Praça da República. Dentre os cargos que exerceu destaque: secretário da Escola Normal Secundária de São Carlos (1912), inspetor da Escola Normal Livre do Colégio Santa Inês (1928), redator-chefe da revista *Educação* (1930), professor de Psicologia e Pedagogia do Curso Normal do Instituto Pedagógico (1930), catedrático de História da Civilização do Instituto de Educação de São Paulo (1933) e membro da Sociedade de Educação de São Paulo, tendo exercido, também, o cargo de vice-presidente (1924) (MELO, 1954, p. 596).

⁷⁹ A Escola Normal Primária de Pirassununga foi instalada em 1911 (TANURI, 1979, p. 127).

⁸⁰ O Ginásio do Estado de Campinas, segundo instalado no estado de São Paulo, foi criado em 1896. O primeiro ginásio foi o da cidade de São Paulo, inaugurado em 1894 (TANURI, 1979, p. 77).

⁸¹ Não localizei, até o momento da redação final desta dissertação, a data em que A. F. Proença atuou como professor e diretor da Escola Normal Primária de Pirassununga e do Ginásio do Estado de São Paulo.

Esse professor assumiu o cargo de Inspetor Geral do Ensino no estado de São Paulo, em 1928, durante a licença do professor Benedicto Maria Tolosa⁸², tendo sido efetivado em 1929, quando Tolosa se aposentou (NOMEAÇÕES, 1929, p. 339). A. F. Proença, entretanto, atuou como inspetor geral do ensino somente entre 1928 e 1930, provavelmente porque a “[...] revolução ocorrida em outubro de 1930 ocasionou a troca de todos os cargos públicos considerados de confiança.” (NERY, 2009, p. 81).

Concomitantemente à sua atuação como professor e diretor de escolas normais, A. F. Proença foi membro de duas importantes associações de professores do estado de São Paulo: a Sociedade de Educação⁸³, entre, pelo menos, 1927 e 1931, tendo integrado, a comissão “Ensino primário”, com Branca Canto e Mello⁸⁴, Hortência Pereira Barreto⁸⁵, José de Azevedo Antunes, Renato Jardim⁸⁶ e Zuleika de Barros Pereira; e o Centro do Professorado Paulista (CPP), em 7 de março de 1930, tendo sido o sétimo sócio dessa associação.

Apesar de importante para a compreensão das relações estabelecidas por A. F. Proença, ao longo de sua atuação profissional, não localizei, até o momento da redação final desta dissertação, outras informações sobre sua atuação como integrante da Sociedade de Educação e do Centro do Professorado Paulista. Localizei, entretanto, informações de que A. F. Proença mantinha contato direto com alguns professores que também eram integrantes da Sociedade de Educação. Renato Jardim, em carta a Fernando de Azevedo, por exemplo, afirma, em relação à Reforma do Ensino, ocorrida no estado de São Paulo, em 1927⁸⁷, que: “Estamos confabulando sobre o assunto Amadeu (Mendes), (Sampaio) Doria, Lourencinho

⁸² Diplomado, em 1891, pela Escola Normal da Capital, do estado de São Paulo, Benedicto Maria Tolosa foi redator efetivo das Comissões de Redação da *Revista de Ensino*, entre 1908 até, pelo menos, 1912 e exerceu vários cargos no magistério público paulista. É autor de *Cartilha de alfabetização* [1923]. (MORTATTI, 2000a, p. 107).

⁸³ “O ciclo de vida da Sociedade de Educação envolve dois períodos, o que ocorreu em função da cessação das atividades da entidade em um tempo intermediário. Dessa forma, classificamos a primeira fase no período que vai de 23 de novembro de 1922, quando ocorre a reunião inaugural, a 20 de novembro de 1924, quando ocorre a última reunião documentada dessa primeira fase. A segunda fase corresponde ao período de 27 de agosto de 1927, quando ocorre a primeira sessão após a reunião de reorganização e vai até, provavelmente, meados de 1931.” (NERY, 2009, p. 29).

⁸⁴ Até o momento da redação final desta dissertação, localizei, sobre Branca de Castro do Canto Melo, apenas as informações de que nasceu na cidade de São Paulo e foi professora de História Geral, no Instituto de Educação “Caetano de Campos”, provavelmente, nos anos iniciais da década de 1930.

⁸⁵ Até o momento da redação final desta dissertação, não localizei informações sobre Hortência Pereira Barreto, José de Azevedo Antunes e Zuleika de Barros Pereira.

⁸⁶ Juntamente com M. B. Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, Renato Jardim fundou, em 1922, a Sociedade de Educação. Entre 1922 e 1924 foi diretor da Escola Normal da Capital, do estado de São Paulo, “[...] quando se afasta para assumir o então recém-criado Tribunal de Contas de São Paulo, tornando-se, depois, Diretor Geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro e ministro de Estado.” (MORTATTI, 2000a, p. 183).

⁸⁷ Essa reforma foi realizada pelo diretor geral da Instrução Pública Amadeu Mendes, por meio da promulgação da Lei 2.296, de 31 de dezembro de 1927 (NERY, 2009, p. 124).

(Filho), João Toledo, (A. Firmino) Proença, Cyberlino (de Freitas) e eu.” (JARDIM, 1927, não paginado apud NERY, 2009, p. 124).

Nos anos iniciais da década de 1930⁸⁸, A. F. Proença assumiu a direção da Escola Normal da Praça da República, na capital do estado de São Paulo, tendo sido o 18º. diretor a assumir essa função nessa escola. Em 1931, esse professor assumiu a direção do Instituto Pedagógico “Caetano de Campos”⁸⁹, situado na capital do estado de São Paulo (D’ÁVILLA, 1946, p. 107), função que exerceu até 1933, quando passou a “Professor-Chefe da 5ª. Seção” – “Prática de Ensino” –, da Escola de Professores do Instituto de Educação⁹⁰, também situado na capital do estado de São Paulo, e também diretor da Escola Primária, desse instituto (EVANGELISTA, 2002, p. 111; 113). Os professores assistentes da “Seção Prática de Ensino”, em 1933, eram: Lucila L. de V. Camargo⁹¹, Antonio d’Ávila⁹², João Alfredo dos Santos, João Augusto de Toledo⁹³ e Zuleika de Barros Ferreira (EVANGELISTA, 2002, p. 120).

Ainda em 1933, ano em que A. F. Proença foi professor da “5ª. Seção” do Instituto Pedagógico “Caetano de Campos”, essa seção foi subdividida em duas subseções – “Prática de ensino” e “Matérias do ensino” –, o que fez com que duas novas cadeiras fossem criadas: “7ª. Cadeira” – “Metodologia do Ensino Secundário”; e “8ª. Cadeira” – “Metodologia do Ensino Primário”⁹⁴, sendo esse professor o responsável por ambas (EVANGELISTA, 2002, p. 104; 163).

⁸⁸ Até o momento da redação final desta dissertação, não localizei a data precisa que A. F. Proença passou a atuar como diretor da Escola Normal da Praça da República.

⁸⁹ “A escola Normal da Praça da República, localizada na capital, foi transformada no primeiro IE [Instituto de Educação] paulista e, pelo Decreto n. 6.019, de 10 de agosto de 1933, foi determinado que passasse a se denominar IE ‘Caetano de Campos’ [...]” (LABEGALINI, 2005, p. 55).

⁹⁰ O Instituto Pedagógico “Caetano de Campos” passou a ser denominado “Instituto de Educação”, em 21 de fevereiro de 1933. Esse Instituto era constituído, nesse período, pelas seguintes escolas e anexos: Escola de Professores; Escola Secundária; Escola Primária; Jardim da Infância; e Biblioteca. O ensino, na escola de Professores, era distribuído em cinco seções: Educação; Biologia aplicada à educação; Psicologia aplicada à educação; Sociologia aplicada à educação; e Prática de ensino. (Decreto nº. 5.846, de 21 de fevereiro de 1933). A respeito dos institutos de educação do estado de São Paulo, ver, especialmente, Labegalini (2005).

⁹¹ Até o momento da redação final desta dissertação, não localizei informações sobre os professores Lucila L. de V. Camargo e João Alfredo dos Santos.

⁹² Antônio d’Ávila nasceu na cidade de Jaú-SP, em 13 de agosto de 1903, e faleceu em 26 de julho de 1989 na cidade de São Paulo. Foi historiador, pedagogo e tradutor, exerceu vários cargos públicos no magistério paulista e escreveu vários livros sobre educação e práticas escolares (MELO, 1954, p.182). No primeiro capítulo de sua dissertação, Trevisan (2007) apresenta dados sobre a vida e a atuação profissional desse professor.

⁹³ João Augusto de Toledo nasceu em Tietê, em 12 de março de 1879, e faleceu dia 21 de dezembro de 1941, na cidade de São Paulo. Diplomado pela Escola Complementar de Itapetininga, em 1990, Toledo foi professor em diversas escolas do estado de São Paulo, dentre elas na Escola Normal de São Carlos — cadeira de Psicologia Experimental, Pedagogia e Educação Cívica —, entre os anos de 1913 e 1921. Em 1925, é nomeado inspetor geral de ensino e, em 1930, assistente técnico do Ensino Normal em São Paulo. Em 1932, passa a ocupar o cargo de diretor geral do Ensino, no estado de São Paulo (MELO, 1954, p. 637).

⁹⁴ O General Waldomiro Castilho de Lima, interventor geral do estado de São Paulo, em 1933, determinou por meio do artigo 637 do *Código de Educação do Estado de São Paulo*, referente à 5ª. Seção da Escola de

No ano seguinte, 1934, ano em que A. F. Proença era Professor-Chefe da “5ª. Seção” e diretor da Escola Primária do Instituto de Educação, esse instituto foi incorporado à recém criada Universidade de São Paulo⁹⁵ e os professores da Escola de Professores desse Instituto foram incorporados a essa universidade, mas A. F. Proença continuou a responder pela direção da “Seção Prática de Ensino”, tendo, como assistentes, Reynaldo Kuntz Busch⁹⁶ e Zuleika de Barros Ferreira (EVANGELISTA, 2002, p. 103; 122). Em 1935, embora Catedrático da “8ª. Cadeira”, A. F. Proença continuou a ocupar os cargos de “Professor-Chefe da 5ª. Seção” e Diretor da Escola Primária do Instituto de Educação, na cidade de São Paulo (EVANGELISTA, 2002, p. 122).

No ano seguinte, 1936, por indicação de Fernando de Azevedo, então diretor do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (USP), A. F. Proença se afastou do cargo de Catedrático da “8ª. Cadeira” e de diretor da Escola Primária do Instituto de Educação e assumiu a direção da Escola Secundária no mesmo Instituto (EVANGELISTA, 2002, p. 113).

Em 1938, com o fechamento do Instituto de Educação pelo Interventor Federal do Estado de São Paulo, Adhemar de Barros⁹⁷, A. F. Proença assumiu, a direção da Escola Normal Modelo da Capital⁹⁸, na cidade de São Paulo (EVANGELISTA, 2002, p. 171).

Após 35 anos de atuação profissional, em 1939, A. F. Proença se aposentou, mas continuou atuando no magistério paulista: nos anos iniciais da década de 1940, ajudou a fundar o Ginásio “Caetano de Campos”, onde foi professor e diretor (MELO, 1954, p. 500).

Após um período atuando como diretor desse ginásio, A. F. Proença voltou à cidade de Sorocaba, com problemas de saúde, tendo retornado, em meados da década de 1940, para a cidade de São Paulo, onde faleceu no dia 4 de abril de 1946, vítima de hipertensão arterial e edema pulmonar (A.I., 1949, p. 29).

Professores do Instituto de Educação, de São Paulo: “A quinta secção se divide em duas subsecções; – a de prática de ensino e a de matérias de ensino. § 1º. – A subsecção prática de ensino visará o treino profissional dos alunos, levando-os à observação, experimentação e participação do ensino, e dará também os cursos de administração escolar. § 2º. – A subsecção de matérias de ensino incluirá todos os cursos das matérias que o professor terá de ensinar, já no curso primário, já no curso secundário [...]” (SÃO PAULO, 1933)

⁹⁵ A Universidade de São Paulo (USP), criada em 1934, era constituída por dez instituições oficiais: Faculdade de Direito; Faculdade de Medicina; Faculdade de Farmácia e Odontologia; Escola Politécnica; Instituto de Educação; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; Instituto de Ciências Econômicas e Comerciais; Escola de Medicina Veterinária; Escola Superior de Agricultura; e Escola de Belas Artes (Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934). (SÃO PAULO, 1934).

⁹⁶ O médico, professor e historiador Reynaldo Kuntz Busch nasceu na cidade de Limeira-SP, em 1898, e faleceu na cidade de São Paulo, em 1974 (PORTAL..., 2009, não paginado).

⁹⁷ O piracicabano Ademar Pereira de Barros (1901-1969) exerceu vários cargos públicos, dentre eles: prefeito da cidade de São Paulo, entre 1957 e 1961, interventor federal no estado de São Paulo, entre 1938 e 1941; e duas vezes governador do estado de São Paulo, entre 1947 e 1951 e entre 1963 e 1966. (BELOCH; ABREU, 1984, p. 334).

⁹⁸ A Escola Normal Modelo da Capital passou a denominar-se Escola “Caetano de Campos”, em 1939 (Decreto nº. 10.776, de 12 de dezembro de 1939).

Muitos professores e representantes de escola compareceram ao velório e sepultamento do corpo de A. F. Proença, dentre os quais destaco: professor Oscar Rodrigues de Freitas, representando o diretor do Departamento de Educação do Estado de São Paulo; professora Maria Medeiros, representando a diretora da escola “Caetano de Campos”; professor Milton Lourenço de Oliveira, diretor do Departamento de Ensino Primário do Distrito Federal; professor Onofre Arruda Penteado; e professor Alfredo Gomes (NECROLOGIA, 1946, p. ?).

Em respeito à memória de A. F. Proença, a diretora da escola “Caetano de Campos”⁹⁹, no dia de seu sepultamento, suspendeu as aulas nessa escola e designou uma comissão de professores para representar a instituição (ANTONIO..., 1946, p. 6).

Após sua morte, A. F. Proença recebeu várias homenagens: contemporâneos escreveram textos em jornais de notícias e revistas; ruas nas cidades de São Paulo e Sorocaba receberam seu nome; e foi eleito patrono de uma escola estadual, na cidade de São Paulo¹⁰⁰.

2.2 Bibliografia de Antonio Firmino de Proença¹⁰¹

Concomitantemente à sua atuação profissional, A. F. Proença escreveu vários artigos em revistas pedagógicas de destaque no momento histórico no qual atuou assim como vários livros didáticos. Os textos que compõem a bibliografia de A. F. Proença foram citados em textos escritos por seus contemporâneos e por pesquisadores décadas após sua morte.

No instrumento de pesquisa (GAZOLI, 2009a) (Apêndice) mencionado na Introdução desta dissertação, encontra-se um total de 177 referências, sendo 109 de textos escritos por A. F. Proença e 68 de textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus.

Ordenei essas referências em duas seções, a saber: Bibliografia de A. F. Proença (109 referências); e Bibliografia sobre A. F. Proença, sua produção escrita e atuação profissional (68 referências).

A primeira seção “Bibliografia de Antonio Firmino de Proença” foi dividida em sete subseções, de acordo com o tipo de texto. Os títulos das subseções e a correspondente quantidade de referências são os seguintes: artigos em periódicos: 31; livros sobre educação:

⁹⁹ Até o momento da redação final desta dissertação, não localizei o nome da diretora da Escola “Caetano de Campos”, em 1946.

¹⁰⁰ A denominação atual dessa escola é: Escola Estadual “Professor Antonio Firmino de Proença”.

¹⁰¹ As informações sobre a bibliografia de e bibliografia sobre Proença foram extraídas de: Gazoli (2009a).

2; cartilha de alfabetização: 17; livros de leitura: 52; livro de Geografia: 3; plano de aula: 1; e outros¹⁰²: 3.

A fim de propiciar uma visão de conjunto e uma síntese de suas publicações, apresento, no Quadro 1, os tipos de textos escritos por esse professor, distribuídos por ano de publicação, entre 1913 e 1959, contando-se as diferentes edições de um mesmo título, no caso de livros e cartilha de alfabetização.

¹⁰² Essa subseção foi assim denominada porque é composta por referências de texto não didático, diferentemente das outras subseções que são compostas unicamente por referências de textos didáticos.

Quadro 1 – Bibliografia de A. F. Proença, por tipo de texto e ano de publicação, entre 1913 e 1959.

Tipo de texto Ano de publicação	Artigos em periódicos	Livros sobre educação	Cartilha de alfabetização	Livros de leitura	Livro de geografia	Plano de aula	Outros	Total por ano
1913	1	-	-	-	-	-	-	1
1916	2	-	-	-	-	-	-	2
1917	1	-	-	-	-	-	-	1
1918	1	-	-	-	-	-	-	1
1919	2	-	-	-	-	-	-	2
1920	3	-	-	-	-	-	-	3
1921	1	-	-	-	-	-	-	1
1922	2	-	-	-	-	-	-	2
1923	1	-	-	-	-	-	-	1
1926	-	-	1	2	-	-	-	3
1927	-	-	-	1	-	-	-	1
1928	3	-	1	5	1	-	-	10
1929	6	-	1	4	-	-	-	11
1930	4	1	-	-	1	-	-	6
1931	-	-	-	1	-	-	-	1
1932	-	-	-	-	1	-	-	1
1933	-	-	-	3	-	-	-	3
1934	4	-	-	2	-	-	-	6
1935	-	-	-	2	-	-	-	2
1938	-	1	-	-	-	-	-	1
1939	-	-	1	-	-	-	1	2
1940	-	-	-	1	-	-	1	2
1941	-	-	-	1	-	-	-	1
1942	-	-	1	1	-	-	-	2
1943	-	-	1	1	-	-	1	3
1944	-	-	1	-	-	-	-	1
1945	-	-	1	3	-	-	-	4
1946	-	-	1	4	-	-	-	5
1947	-	-	1	3	-	-	-	4
1948	-	-	2	4	-	-	-	6
1949	-	-	-	2	-	-	-	2
1950	-	-	1	2	-	-	-	3
1951	-	-	-	2	-	-	-	2
1952	-	-	-	1	-	-	-	1
1953	-	-	1	-	-	-	-	1
1954	-	-	1	2	-	-	-	3
1955	-	-	1	-	-	-	-	1
1956	-	-	-	1	-	-	-	1
1959	-	-	-	-	-	1	-	1
Total por tipo de texto	31	2	16	49	3	1	3	-
TOTAL GERAL								104

Fonte: Gazoli (2009a)¹⁰³

No Quadro 1, a quantidade de publicações por ano se refere aos anos de edições que pude identificar, até o momento da redação final desta dissertação. No período compreendido entre 1913 e 1956, portanto 46 anos, observa-se que A. F. Proença não teve textos publicados

¹⁰³ Para elaboração dos quadros cuja fonte é “Gazoli (2009a)” consultei vários acervos e sites da internet. Para informações detalhadas, conferir Gazoli (2009a).

em apenas oito anos, ou seja, em: 1914, 1915, 1924, 1925, 1936, 1937, 1957 e 1958. Como se pode observar pelo exposto no Quadro 1, esse professor teve textos republicados após sua morte (1946), como é o caso da cartilha de alfabetização, dos livros de leitura e do plano de aula.

Observa-se que o maior número de publicações de A. F. Proença se concentra nos anos de 1928 e 1929 (11 referências por ano), período em que atuou como inspetor geral do ensino. Os dados contidos no Quadro 1 permitem ainda considerar que o maior número de publicações de A. F. Proença concentra-se em “livros de leitura”, isso pode ser facilmente compreendido, uma vez que na categoria “livros de leitura” são contadas as diversas edições dos cinco livros desse tipo escrito por esse professor.

Ao longo de sua atuação profissional, A. F. Proença escreveu vários livros didáticos que foram publicados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), atualmente Editora Melhoramentos (SP), alguns deles com circulação em outros estados brasileiros, como os de Ceará, Minas Gerais, Pernambuco e Santa Catarina, além de São Paulo, tendo contribuído para a formação de muitas gerações de brasileiros.

Sua produção didática é composta por uma cartilha, *Cartilha Proença* (1926), e cinco livros de leitura: *Leitura do principiante* (1926); *1º. livro de leitura* (1926); *2º. livro de leitura* (1927); *3º. livro de leitura* (1928); e *4º. livro de leitura* (1928). Esses seis livros, como informei, integram a “Série de leitura Proença”.

A. F. Proença escreveu ainda um livro sobre geografia, intitulado *Como se ensina geographia* (1928), que integra a Coleção Biblioteca de Educação¹⁰⁴, organizada por M. B. Lourenço Filho, em 1927, também editado pela citada editora¹⁰⁵.

Dois livros de sua autoria foram publicados por outras editoras: *Escreva certo!* (1939?), pela Atena Editora, cujo prefaciador é Dácio Pires Corrêa¹⁰⁶; e *Palestras pedagógicas* (1930)¹⁰⁷, pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo.

Com o objetivo de evidenciar o período em que esse professor mais teve textos publicados apresento, no Quadro 2, o ano da 1ª. edição de cada um dos livros de sua autoria.

¹⁰⁴ A Coleção Biblioteca de Educação foi organizada por M. B. Lourenço Filho para a Editora Melhoramentos e foi publicada entre 1927 e 1970, totalizando 37 títulos. Sobre essa coleção ver, dentre outros, Carvalho e Toledo (2004).

¹⁰⁵ Não me deterei nos métodos e pressupostos apresentados por A. F. Proença em seu livro *Como se ensina geographia*, porque poderia me desviar de meu objetivo de pesquisa. Para maiores informações sobre esse livro, ver, especialmente: Santos (2005).

¹⁰⁶ Dácio Pires Corrêa nasceu em Tietê-SP, em 26 de outubro de 1895, e exerceu vários cargos no magistério nacional, dentre eles o de diretor geral da Instrução Pública do estado de São Paulo (MELO, 1954, p. 161).

¹⁰⁷ Para maiores detalhes sobre esse livro, ver, especialmente: Gazoli (2008a).

Quadro 2 – Ano da 1ª. edição dos livros de Antonio Firmino de Proença.

Ano de public. da 1ª. edição	Cartilha Proença	Leitura do principiante	1º. livro de leitura	2º. livro de leitura	3º. livro de leitura	Como se ensina geographia	Palestras pedagógicas	Escreva certo!
1926	X	X	X	-	-	-	-	-
1927	-	-	-	X	-	-	-	-
1928	-	-	-	-	X	X	-	-
1930	-	-	-	-	-	-	X	-
1939?	-	-	-	-	-	-	-	X

Fonte: Gazoli (2009a)

Como se pode observar pelos dados apresentados no Quadro 2, o ano em que A. F. Proença mais teve textos publicados em livro foi 1926, três livros. Nesse ano, A. F. Proença ocupou o cargo de diretor da Escola Normal de São Carlos, como informei. A maioria dos livros desse professor, ou seja, sete entre oito livros, foi publicada entre os anos de 1926 e 1930; no intervalo de apenas quatro anos, portanto, A. F. Proença publicou praticamente todos os livros de sua autoria.

Os artigos de A. F. Proença foram publicados em quatro revistas pedagógicas, assim distribuídos: 12, na *Revista da Escola Normal de São Carlos*¹⁰⁸; 2, na revista *Excelsior!*¹⁰⁹; 13, na revista *Educação*¹¹⁰; e 4, na *Revista do Professor*¹¹¹. Nesses artigos, o autor aborda

¹⁰⁸ A *Revista da Escola Normal de São Carlos* foi publicada entre 1916 e 1923 por iniciativa de professores da Escola Normal de São Carlos, poucos anos após a inauguração dessa instituição, em 1911. Nessa revista foram publicados somente artigos inéditos escritos por professores e diretores de escolas normais (OZELIN, 2006, p. 6). Os treze fascículos dessa revista são compostos por artigos escritos por 27 colaboradores (OZELIN, 2006, p. 49), dentre eles A. F. Proença que, concomitantemente às atividades desenvolvidas como professor e diretor na Escola Normal de São Carlos, escreveu doze artigos para essa revista, sendo que quatro desses doze artigos integram a seção intitulada “Ensino primário”.

¹⁰⁹ A revista *Excelsior!* foi uma iniciativa do Grêmio Normalista “Vinte e dois de Março”, da Escola Normal de São Carlos, desde a criação dessa escola, em 1911, até 1916. A circulação dessa revista era ampla e sua distribuição gratuita “[...] para todos os alunos da Escola Normal de São Carlos — todos sócios do grêmio normalista — [...] não há informações sobre vendas ou assinaturas para pessoas externas a essa instituição. [...] além de circular em toda a Escola Normal de São Carlos e da sociedade local, alcançava outras cidades do estado de São Paulo e até mesmo fora dele.” (SILVA, 2007, p. 30).

¹¹⁰ A *Revista Educação* foi fundada em 1927 pela fusão de duas outras revistas pedagógicas: a *Revista da Sociedade de Educação*, fundada em São Paulo, em 1922, por M. B. Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Renato Jardim; e a *Revista Escolar*, fundada também em São Paulo, em 1925, e dirigida pelo professor João Pinto da Silva, de responsabilidade da Diretoria Geral da Instrução Pública (MORTATTI, 2000a, p. 180-181). A *Revista Educação*, portanto, era, nos anos iniciais de sua publicação, de responsabilidade tanto da Sociedade Brasileira de Educação quanto da Diretoria Geral da Instrução Pública. “Dessa fusão, resulta vitorioso o grupo de dissidentes, ‘modernistas estremados, que transformaram a revista em um órgão de cultura bastante elevado, o que desagradou o professorado primário’ e gerou oposição à revista, determinando uma fase de baixas tiragens. Editada por Irmãos Ferraz, com periodicidade mensal e ‘Comissão de Redação’ compostas, até 1930, por: Dr. Amadeu Mendes, Dr. Roldão de Barros, Prof. João Toledo, Dr. Carlos da Silveira, Prof. M. B. Lourenço Filho, Prof. Pinto e Silva, Dr. A. Sampaio Dória e Dr. Mário S. Lima [...]” (MORTATTI, 2000a, p. 181). Catani (1994) divide o “ciclo de vida” da *Revista Educação* em quatro fases assim caracterizadas: “1. Outubro de 1927 a Agosto de 1930: período em que a revista tem a responsabilidade dupla da Diretoria Geral da Instrução e da Sociedade de Educação. 2. Outubro de 1930 a Julho de 1931: corresponde à ‘2ª Fase da *Revista Educação*’, tal como aparece escrito, o periódico é editado como com o nome de *Escola Nova*. 3. Agosto de 1931 a Dezembro

temas como: metodologia do ensino de geografia, metodologia do ensino de matemática, metodologia do ensino de ciências e metodologia do ensino de língua portuguesa; e homenagem póstuma.

No Quadro 3, apresento o ano de publicação, a quantidade de artigos e títulos das revistas pedagógicas nas quais foram publicados esses artigos.

Quadro 3 – Ano de publicação, quantidade de artigos e revistas pedagógicas nas quais foram publicados artigos de A. F. Proença, entre 1913 e 1934

Ano de publicação	Título das revistas pedagógicas				Total por ano
	<i>Excelsior!</i>	<i>Revista da Escola Normal de São Carlos</i>	<i>Revista educação</i>	<i>Revista do professor</i>	
1913	1	-	-	-	1
1916	1	1	-	-	2
1917	-	1	-	-	1
1918	-	1	-	-	1
1919	-	2	-	-	2
1920	-	3	-	-	3
1921	-	1	-	-	1
1922	-	2	-	-	2
1923	-	1	-	-	1
1928	-	-	3	-	3
1929	-	-	6	-	6
1930	-	-	4	-	4
1934	-	-	-	4	4
Total por revista	2	12	13	4	-
Total geral					31

Fonte: Gazoli (2009a)

Pelos dados apresentados no Quadro 3, pode-se observar que, entre 1905 e 1912, ou seja, nos anos iniciais da atuação de A. F. Proença no magistério público paulista, esse professor não teve publicado nenhum artigo em revistas pedagógicas, fato que se repetiu nos anos finais de sua carreira, entre 1935 e 1946. Entre 1913 e 1934, entretanto, foi o período em

de 1947: período marcado por atrasos e dificuldades, a publicação ressurgiu com o nome original Educação e sem a participação da Sociedade de Educação. De dezembro de 1947 a março de 1951 dá-se a interrupção das edições. 4. Março de 1951 a Dezembro de 1952: a publicação ressurgiu, para novamente ser interrompida até 1961, quando dois últimos números marcam um esforço de retomar o empreendimento (CATANI, 1994, p. 122, grifos da autora). Para Mortatti (2000a, p. 182) as diferentes orientações às quais a *Revista Educação* é submetida “[...] resultam em diferentes revistas, cujo traço comum advém do fato de se apresentarem como ‘órgão’ da Diretoria (Geral) do Ensino do Estado de São Paulo ou do Departamento de Educação.”

¹¹¹ Em 1934 é publicado o primeiro número da *Revista do Professor*, órgão do Centro do Professorado Paulista (CPP), fundado em 1930, por Sud Mennucci, também fundador da revista. Esse professor “Contou com grande apoio e incentivo das autoridades governamentais, notadamente do Dr. Amadeu Mendes, Diretor Geral do Ensino do Estado de São Paulo, no ano de 1930.” (SANTOS, 2001, p. 30), para a fundação dessa revista.

que teve publicado todos seus artigos, sendo que, em apenas um ano, 1929, publicou seis artigos, todos na *Revista Educação*, enquanto nos demais anos a quantidade variou entre um e quatro artigos.

Destaco que esse professor manteve certa regularidade em relação às revistas pedagógicas nas quais veiculou seus artigos e nos locais em que atuou. Observa-se que primeiramente ele teve artigos publicados nas revistas que circularam principalmente na Escola Normal de São Carlos — *Excelsior!* e *Revista da Escola Normal de São Carlos*. Certo tempo depois passou a ter artigos publicados na *Revista Educação*. Na *Revista do professor* teve somente um artigo que foi publicado em quatro partes.

Em seus artigos veiculados na *Revista Educação*, A. F. Proença apresenta vários planos de aula — “sugestões didáticas” — sobre conteúdos dos programas escolares primários. Nos artigos publicados na revista *Excelsior!* e na *Revista da Escola Normal de São Carlos*, além de planos de aula, apresenta considerações sobre “lições indutivas, dedutivas e intuitivas” e defende o aprendizado pelo método ativo e direto.

Ao descrever a lição intuitiva aplicável a todas as matérias do conhecimento e cujo fim a ser alcançado é a “Formação de um conceito individual ou formação de um conceito geral, porem de natureza psychologica”, A. F. Proença apresenta três fases para seu desenvolvimento:

- 1ª phase – Apresentação do objecto ou do assumpto. Resultado: uma synthese vaga;
- 2ª phase – Analyse do objecto ou do assumpto. Estabelecimento das relações entre os elementos do objecto ou do assumpto. Resultado: o objecto ou assumpto fica decomposto em suas partes.
- 3ª phase – Reconstituição do todo pela união dos elementos em que foi decomposto. Resultado: uma synthese definida do objecto ou do assumpto. (PROENÇA, 1922, p. 73)

A “lição indutiva”, que, segundo A. F. Proença, pode ser aplicada a quase todas as matérias escolares, menos história, tem como objetivo “Formação de um conceito lógico”, e são cinco suas fases de aplicação.

- 1ª phase – Preparação mental para assimilação (apercepção).
- 2ª phase – Apresentação dos objectos ou dos assumptos (phase de intuição).
- 3ª phase – Comparação, dando em resultado a abstracção dos caracteres diferentes e a synthese dos caracteres comuns.
- 4ª phase – Generalização, produzindo uma definição ou o enunciado de uma lei, regra ou principio.
- 5ª fase – Aplicação da noção geral a casos particulares (phase da depuração). (PROENÇA, 1922, p. 73-74)

Para a “lição dedutiva”, cujo objetivo é “Antecipar um conhecimento, mediante inferencias de principios geraes ou explicar factos particulares sobre a base de principios geraes”, e cuja applicabilidade se dá em todas as matérias do conhecimento das classes adiantadas, A. F. Proença apresenta quatro fases de desenvolvimento.

- 1ª phase – Os dados, isto é, as questões que se apresentam.
- 2ª phase – Os principios a que se subordinam as questões apresentadas.
- 3ª phase – A interferencia ou conclusão.
- 4ª phase – A verificação. (PROENÇA, 1922, p. 74)

Após considerar que “Dentro destas normas, que são racionais, têm o professor ampla liberdade para applicar processos e formas de ensino” e que “Está claro que os tres typos de lição se destinam ao aprendizado directo, ao exercicio da intelligencia por parte dos alumnos”, A. F. Proença conclui o artigo com a seguinte constatação:

Nem todo o professor será capaz de desenvolver as lições conforme os planos expostos. Dahi a frequente substituição do aprendizado activo, directo, pelo ensino directo, dogmatico. Este é mais facil e produz apparentlymente o mesmo resultado que aquelle. Que ha de ser mais facil do que ir o professor ao quadro negro e fazer demonstrações para a classe ouvir? ou ensinar o que é conjunção, definindo-a em termos do compendio? ou fornecer uma serie de informações em geographia ou sciencias naturaes em vez de factos, imagens, verdadeiras experiências? (PROENÇA, 1922, p. 74)

Os artigos escritos por A. F. Proença publicados em revistas pedagógicas concentram-se entre 1913 e 1934, sendo que nesse período de 21 anos esse professor não teve artigos publicados somente nove anos: 1914, 1915, 1924, 1925, 1926, 1927, 1931, 1932 e 1933. Destaco que tanto entre 1905 e 1912, ou seja, nos anos iniciais de sua atuação como professor quanto entre 1935 e 1946, anos finais de sua atuação profissional, não localizei artigos de sua autoria. Em 1929 publicou seis artigos, enquanto nos demais anos a quantidade variou entre um e quatro artigos. Nesse ano A. F. Proença atuava como Inspetor Geral do Ensino, como informei, o que, talvez, explique a facilidade que teve para divulgar suas idéias, considerando-se as possíveis relações que estabeleceu com pessoas influentes desse período e a própria influência que ele, ocupando esse cargo, exercia sobre seus contemporâneos. Entre 1924 e 1927, provavelmente A. F. Proença não escreveu artigos, porque se dedicava à elaboração de seus livros didáticos, que começaram a ser publicados em 1926 (*Cartilha Proença, Leitura do principiante e 1º. livro de leitura*), 1927 (*2º. livro de leitura*) e 1928 (*3º. livro de leitura*).

O único livro sobre educação que A. F. Proença escreveu, intitulado *Palestras pedagogicas*, foi publicado duas vezes: em 1930 — ano em que A. F. Proença ocupava o cargo de diretor da Escola Normal da Praça da República; e em 1938, ano em que passa a

responder pela direção da Escola Normal Modelo, na cidade São Paulo. Considerando que esse livro foi publicado pela Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo, é possível presumir que a proximidade de seu autor com tal órgão público pode, como no caso dos artigos publicados, ter facilitado a publicação e reedição desse livro.

A cartilha escrita por A. F. Proença foi publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), com 1ª. edição em 1926 e, a 84ª., em 1955. No prefácio dessa cartilha, o autor afirma que ela está dividida em três partes.

As 52 referências dos livros de leitura que localizei referem-se aos seguintes livros: *Leitura do principiante, 1º. livro de leitura, 2º. livro de leitura, 3º. livro de leitura e 4º. livro de leitura. Cartilha Proença*, embora também componha a “Série de leitura Proença”, teve suas referências reunidas por mim, em seção específica, por ter características e finalidades distintas das dos livros de leitura.

Como se ensina geographia teve sua 1ª. edição publicada em 1928 e a última provavelmente em 1932, sempre pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (SP) e variando entre 104 e 105 páginas não ilustradas. É M. B. Lourenço Filho quem prefacia o livro em questão, afirmando entre outras coisas, que:

[...] as obras dessa coleção se distribuem, assim, por dois grupos: um em que se explanam as bases científicas da educação, outro em que se desenvolvem as normas actuaes de sua applicação.

[...]

Neste último grupo, cabem as monographias de methodologia didactica, de que este volume, da lavra do proecto Professor Antonio F. Proença, é um modelo, no genero. (LOURENÇO FILHO in PROENÇA, 1930, p. 5)

Escreva certo!, como informei, é um dos dois livros escritos por A. F. Proença que não foi publicado pela Editora Melhoramentos (SP), mas pela Atena Editora (SP), em 1939. Esse livro é composto por 70 páginas não ilustradas e prefaciado por Dácio Pires Corrêa, tendo sido editado, pelo menos três vezes. Na 3ª. edição desse livro, publicada em 1943, A. F. Proença apresenta, nas 75 páginas que integram o livro, as regras ortográficas estabelecidas pela Reforma Ortográfica assinada em janeiro de 1943. No prefácio do livro, Correia afirma:

Não conhecemos outro trabalho que, como este [...] explique a questão de um modo tão claro e tão completo, tão minucioso e, ao mesmo tempo, tão conciso, tão sóbrio, tão de acôrdo com as determinações da lei, sem a preocupação detestável de sustentar opiniões pessoais acerca de um problema que só a Academia e o Gôverno têm sufficiente autoridade para solucionar, e no qual só os interêsses da coletividade devem prevalecer. (CORREIA in PROENÇA, 1943b, p.6)

Destaco que, na capa desse livro, o nome do professor A. F. Proença, para indicação da autoria, é substituído pela expressão “Por um professor”; todavia, por meio de informações apresentadas por Melo (1954), é possível afirmar que esse livro é de autoria de A. F. Proença.

No livro *Palestras pedagógicas*¹¹², publicado em 1930, encontram-se versões escritas de duas palestras proferidas pelo professor A. F. Proença, na condição de Inspetor Geral do Ensino Secundário do Estado de São Paulo¹¹³. Essa publicação contém 34 páginas, foi editada pelo Departamento de Publicidade da Diretoria Geral da Instrução Pública do Estado de São Paulo e organizada pelo Dr. Amadeu Mendes, que ocupava, na ocasião, o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública desse estado.

Não localizei, até o momento da redação da versão final desta dissertação, informações que indiquem os motivos que moveram o professor A. F. Proença a escrever seus vários artigos em revistas pedagógicas e seus vários livros didáticos. Considero, entretanto, que o objetivo desse professor tenha sido o de auxiliar o trabalho do professor primário em sala de aula, uma vez que, em seus artigos são apresentados, quase que exclusivamente planos de aulas. É provável que a atuação de A. F. Proença como professor das matérias “Metodologia e a prática de ensino” o tenham auxiliado na elaboração de seus artigos e livros didáticos. Ainda que não tenha sido um defensor enfático do método analítico, seus textos apresentam propostas de “concretização” desse método para as diversas matérias do curso primário, inclusive para o ensino da leitura.

2.3 Bibliografia sobre A. F. Proença

Ainda no instrumento de pesquisa mencionado na Introdução desta dissertação, encontra-se um total de 68 referências de textos *sobre* A. F. Proença, assim distribuídos: capítulos de livro: 2; texto acadêmico: 1; textos em anais de eventos: 6; artigo em periódico: 1; textos de homenagem póstuma: 5; e textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus: 53. As 53 referências que integram a última subseção são distribuídas em quatro outras subseções, tendo obtido a seguinte quantidade em cada uma delas: menções e/ou citações em livros: 12; menções e/ou citações em artigos em periódicos: 15; menções e/ou citações em jornais de notícias: 3; e menções e/ou citações em textos acadêmicos: 23.

¹¹² *Palestras pedagógicas* é também o título do livro do psicólogo e filósofo norte-americano Willian James (1842-1910), traduzido para a Língua Portuguesa, em 1917, pelo professor Theodoro de Moraes (1877-1956).

¹¹³ Até o momento da redação final desta dissertação, não foi possível precisar a data em que cada uma das palestras foi proferida.

A fim de propiciar uma visão de conjunto e uma síntese das publicações *sobre* A. F. Proença, apresento, no Quadro 4, os tipos de textos escritos *sobre* esse professor, distribuídos por ano de publicação, entre 1917 e 2009, cujas respectivas datas foi possível localizar.

Quadro 4 – Bibliografia sobre A. F. Proença, por tipo de texto e ano de publicação, entre 1917 e 2009.

Tipo de texto Ano de publicação	Capítulos de livro	Texto acadêmico	Textos em anais de eventos	Artigo em periódico	Homenagem póstuma	Textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus				Total por ano
						em livro	em artigo em periódico	Em jornais de notícias	Em textos acadêmicos	
1917	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
1928	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
1929	-	-	-	-	-	-	5	-	-	5
1930	-	-	-	-	-	1	4	-	-	5
1932	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
1934	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
1939	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
1946	-	-	-	-	3	-	-	2	-	5
1949	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
1954	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
1959	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
1968	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
1974	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
1976	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
1980	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
1990	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
1994	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
1997	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
1999	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
2000	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
2001	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
2002	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
2003	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
2004	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
2005	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3
2006	-	-	-	-	-	-	-	-	8	8
2007	-	1	1	1	-	1	-	-	2	6
2008	-	-	4	-	-	-	-	-	2	6
2009	2	-	1	-	-	-	-	-	3	6
Total por tipo de texto	2	1	6	1	5	12	15	2	23	-
Total Geral										67

Fonte: Gazoli (2009a)

Como se pode observar por meio das informações apresentadas no Quadro 4, não localizei, com data de publicação até 2007, textos que tratam especificamente da bibliografia de A. F. Proença, em especial seus livros didáticos. A partir de 2007, entretanto, localizei um texto acadêmico, um artigo em periódico e seis textos em anais de eventos em que se apresentam resultados da análise da configuração textual de livros didáticos escrito por esse professor; esses textos resultam de minhas pesquisas de IC e de mestrado.

Textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus, entretanto, foram publicados desde 1917 até 2009, com intervalos consideráveis de publicação entre: 1918 e 1927; 1940 e 1945; 1960 e 1967; e 1981 e 1989. A partir do ano de 1990, iniciam-se publicações regulares de textos com menções a A.

F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus, com intervalos de publicação que variam entre um e três anos, sendo que, a partir do ano de 2000, essas publicações ocorrem em todos os anos.

Os textos publicados entre 1917 e 1968 com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus têm características marcadamente distintas dos publicados após esse período. O conteúdo dos textos publicados entre 1917 e 1968 varia entre: a divulgação dos livros didáticos escritos por A. F. Proença, com destaque para a eficiência do método analítico neles “concretizados”; e entre homenagens póstumas a esse professor. Entre os anos de 1974 e 2009, entretanto, os textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus apresentam, geralmente, um dos textos que integram a produção didática de A. F. Proença juntamente com outros livros didáticos publicados no mesmo período, ou em período imediatamente anterior, com o objetivo de compreender o momento histórico no qual esses livros foram publicados.

Os textos *sobre* A. F. Proença são publicados, exclusivamente, por esta pesquisadora a partir de 2007, quando iniciou pesquisa enfocando a análise da configuração textual dos livros que integram a produção didática desse professor, em especial dos livros que integram a “Série de leitura Proença”.

2.3.1 Capítulos de livro *sobre* A. F. Proença

Está previsto, para junho de 2010, a publicação de uma coletânea de textos sobre A. F. Proença, organizada pela Dr^a. Márcia de Paula Gregório Razzini. Essa coletânea será integrada, dentre outros¹¹⁴, pelo capítulo escrito por Gazoli (2010) e pelo capítulo escrito por Mortatti (2010).

No capítulo intitulado “Bibliografia de e sobre A. F. Proença: um instrumento de pesquisa”, Gazoli (2010) tem como objetivo “[...] dar a conhecer o que escreveu A. F. Proença e o que escreveram sobre ele [...]” (GAZOLI, 2010). Nesse capítulo, Gazoli apresenta resultados de pesquisa de mestrado, desenvolvida por meio da utilização dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências de textos nos quais são apresentadas menções ao professor paulista A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citação de textos seus.

No capítulo de livro intitulado “Antonio Proença, escritor didático, na história da alfabetização no Brasil”, Mortatti (2010) situa a atuação profissional de A. F. Proença na

¹¹⁴ Até o momento da redação final desta dissertação, não tive acesso aos demais artigos dessa coletânea, por isso não os cito.

história da alfabetização no Brasil. Essa pesquisadora, por meio de pesquisa documental e bibliográfica, conclui, dentre outros aspectos, que

[...] é sempre bom lembrar o que o professor Antonio Firmino de Proença, como os de sua geração intelectual, nos ensina: esse passado acusado de “tradicional” e origem dos males do presente não é tão homogêneo, nem tão antigo, quanto o vão conhecimento histórico de alguns possa supor. (MORTATTI, 2010).

2.3.2 Texto acadêmico sobre A. F. Proença

Como informei, localizei apenas um texto acadêmico que trata especificamente de um livro didático de A. F. Proença, a saber: *Cartilha Proença*. Trata-se do TCC intitulado *O método analítico para o ensino da leitura em Cartilha Proença (1926), de Antonio Firmino de Proença* (GAZOLI, 2007a), concluído em dezembro de 2007.

Nesse TCC Gazoli (2007a)¹¹⁵ tem como objetivos:

[...] contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil que auxilie na busca de soluções para os problemas desse ensino, no presente; contribuir para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização no Brasil; elaborar um instrumento de pesquisa contendo a produção de e sobre Antonio Firmino de Proença; analisar a configuração textual de *Cartilha Proença* (1926), de Antonio Firmino de Proença; e contribuir para o desenvolvimento de pesquisas correlatas. (GAZOLI, 2007a, p. 16)

Por meio da análise da configuração textual de *Cartilha Proença* Gazoli (2007a) conclui que essa cartilha foi elaborada segundo os pressupostos do método analítico para o ensino da leitura apresentados principalmente em dois documentos oficiais: *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (DIRECTORIA..., 1911) e *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico – modelos de lições* (DIRECTORIA..., 1915).

2.3.3 Textos sobre A. F. Proença, em anais de eventos

Como informei, localizei seis textos em anais de eventos que abordam exclusivamente a bibliografia de e sobre A. F. Proença; trata-se dos textos nos quais Gazoli apresenta resultados parciais de pesquisa de IC e mestrado. Nesses textos, são apresentadas: análise preliminar da configuração textual de *Cartilha Proença*¹¹⁶, *Palestras pedagógicas*, *Leitura do principiante*, e *1º. livro de leitura*; e bibliografia de e sobre A. F. Proença.

¹¹⁵ Como informei esse TCC foi desenvolvido no âmbito do Gphellb, sob orientação da Prfª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti.

¹¹⁶ Resultados parciais da configuração textual de *Cartilha Proença* foram apresentados também no 16º. Congresso de Leitura do Brasil, promovido pela Associação de Leitura do Brasil. Dessa apresentação resultou o texto intitulado “Um estudo sobre *Cartilha Proença* (1926), de Antonio Firmino de Proença” (GAZOLI, 2007d).

O texto intitulado “O método analítico para o ensino da leitura em *Cartilha Proença* (1926), de Antonio Firmino de Proença” (GAZOLI, 2007c) foi apresentado no Simpósio Internacional Livro didático: educação e história, promovido pela Faculdade de Educação da USP. Nesse texto, Gazoli (2007b) tem como objetivo contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e escrita no Brasil, para tanto focaliza a proposta para esse ensino apresentada em *Cartilha Proença*, de A. F. Proença. Por meio da análise da configuração textual desse livro, Gazoli (2007b) conclui que A. F. Proença, na cartilha em questão, não defende explicitamente:

[...] o método analítico em detrimento do sintético, características das cartilhas inseridas no “segundo momento” da alfabetização proposto por Mortatti (2000). Todavia, o autor de *Cartilha Proença*, não deixa de afirmar que a cartilha obedece “[...] aos princípios do *methodo analytico*”, deixando evidente sua preocupação em enfatizar qual método considera mais eficiente. Entretanto, também “relativiza” essa afirmação, concluindo que a cartilha em análise obedece antes ao método analítico-sintético. (GAZOLI, 2007c, p. 9).

O texto intitulado “Um estudo sobre *Palestras pedagógicas* (1930), de Antonio Firmino de Proença” (GAZOLI, 2008a) foi apresentado no II Seminário Internacional Escola e Cultura, promovido pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, da Pontifícia Universidade Católica (PUC), de São Paulo. Nesse texto, Gazoli (2008a) tem como objetivo compreender um importante momento da história da alfabetização no Brasil, para tanto, focaliza as discussões apresentadas pelo professor paulista A. F. Proença (1880-1946) em *Palestras pedagógicas* (1930). Por meio da análise da configuração textual desse livro, Gazoli (2008a) conclui que:

As considerações de Proença (1930) no que se refere à defesa de cientificidade da educação considerando o método intuitivo e analítico como meios para alcançá-la, a defesa da “autonomia didática” do professor expressa pela possibilidade de esses professores elaborarem seus programas, que, por sua vez, não deveriam ser rígidos mas adaptáveis às necessidades dos alunos, a defesa da mudança em relação ao papel do professor e do aluno e a crítica ao verbalismo do professor, todas essas são considerações que não destoam do que as autoridades educacionais prescreviam no momento histórico de publicação de *Palestras pedagógicas*, cujo conteúdo está em sintonia com os ideais educacionais defendidos por seus contemporâneos. (GAZOLI, 2008a, p. 11)

O texto intitulado “Bibliografia de e sobre Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa” (GAZOLI, 2008b) foi apresentado no V Congresso Brasileiro de História da Educação promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação. Nesse texto, Gazoli (2008b) tem como objetivo contribuir para a produção de uma história do ensino

de língua e literatura no Brasil, para tanto, focaliza a bibliografia *de e sobre* A. F. Proença, com base no documento intitulado *Bibliografia de e sobre Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa* (GAZOLI, 2008c). Por meio da análise, Gazoli (2008c) conclui que:

O instrumento de pesquisa elaborado contendo mais de uma centena de referências de textos *de e sobre* o professor paulista Antonio Firmino de Proença [...] apresenta resultados consideráveis sobre a atuação profissional desse professor para a história da educação do Brasil.

Por meio da pesquisa desenvolvida é possível afirmar que os instrumentos de pesquisa apresentam-se como importantes subsídios para a pesquisa história, particularmente em educação, uma vez que possibilitam ao pesquisador organizar informações relevantes obtidas por meio de pesquisa documental e bibliográfica, além de serem fontes de consulta para o pesquisador que o elaborou. O instrumento de pesquisa elaborado pode também ser utilizado por outros pesquisadores que desenvolvem pesquisas correlatas. (GAZOLI, 2008b, p. 10)

O texto intitulado “O método analítico para o ensino da leitura em *Leitura do principiante* (1926) e *1º. livro de leitura* (1926), de Antonio Firmino de Proença” foi (GAZOLI, 2008d) foi apresentado no Seminário de pesquisa, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília. Nesse texto, Gazoli (2008d) tem como objetivo apresentar o projeto de pesquisa que elaborou para desenvolvimento em nível de mestrado.

O texto intitulado “*1º. livro de leitura* (1926), de Antonio Proença, e a disseminação do método analítico para o ensino da leitura no Brasil” (GAZOLI, 2009b) foi apresentando no Seminário Brasileiro Livro e História Editorial, promovido pelo Núcleo de Pesquisa sobre Livro e História Editorial no Brasil. Nesse texto, Gazoli (2009b) tem como objetivo contribuir para a compreensão de um importante momento da história do ensino da leitura e escrita e suas relações com a história do livro didático no Brasil, para tanto, focaliza a proposta para o ensino da leitura pelo método analítico apresentada em *1º. livro de leitura*, de A. F. Proença. Por meio da análise da configuração textual preliminar desse livro, Gazoli (2009b) conclui que:

[...] o método analítico nele proposto está em sintonia com as orientações da época e que apresenta características do “2º. momento” da história da alfabetização, proposto por Mortatti (2000).

Certamente devido a essa sintonia e à repercussão que teve em sua época, esse livro influenciou gerações de alunos e professores brasileiros, já que foi utilizado não somente no estado de São Paulo, mas também em outros estados brasileiros, desde a década de 1926 até pelo menos a década de 1948, ano da 48ª. edição. (GAZOLI, 2009b, p. 10-11).

2.3.4 Textos de homenagem póstuma a A. F. Proença¹¹⁷

Localizei seis referências de textos que contêm o que considero homenagem póstuma a A. F. Proença. Trata-se de artigos publicados em jornais de notícias e revistas pedagógicas e de verbete em dicionário. Localizei também livreto contendo a programação das atividades organizadas em comemoração ao centenário de nascimento de A. F. Proença (1980), realizadas nas cidades paulistas de Sorocaba e São Paulo.

Após a morte de A. F. Proença (1946), como informei, vários jornais de notícias e revistas pedagógicas publicaram artigos noticiando seu falecimento, com destaque especial para os professores e representantes de cargos públicos do magistério paulista, e de outros estados, que compareceram em seu funeral.

Foi publicado, na *Revista Educação*, seção “História da Educação no Brasil”¹¹⁸, um artigo no qual Antonio d’Ávila¹¹⁹ apresentou informações sobre a vida e a bibliografia de A. F. Proença, afirmando que: “Estranho parece que espírito assim, voltado para a ciência, versado em matemática e saber de história natural tenha vencido galhardamente no campo da literatura didática.” (D’ÁVILA, 1946a, p. 149). E completa:

Já por êsse aspecto seria êle contado no rol de nossos melhores didatas, mas foi mais ainda. Avesso a citações, e a frases feitas, o que nos legou no terreno da orientação do ensino foi contribuição original e própria, que nasce do estudo e da experiência. (D’ÁVILA, 1946a, p. 149)

Apresentando considerações a respeito da personalidade de A. F. Proença e da maneira ponderada com que analisava experiências didáticas, uma vez que teve a oportunidade de conviver com esse professor por muitos anos em ambiente de trabalho, d’Ávila afirma que:

[...] surpreendeu-se nosso espírito com o saber dêsse professor tímido e modesto, de poucas palavras, alheio a encenações, mas profundo no conhecimento, que sabia pensar e sabia orientar espíritos. Companheiro que lhe fui por largos anos de trabalho, teve sempre a surpresa de vê-lo ao par de quantos se fazia em didática e de encontrá-lo sempre moderado em experiências docentes, de que cortava exageros e perigos. (D’ÁVILA, 1946a, p.149)

Esse professor, ainda, teceu elogios à bibliografia de A. F. Proença, afirmando que:

¹¹⁷ Tanto neste quanto nos tópicos a seguir descreverei apenas os textos que pude manusear, dentre aqueles cuja referência se encontram no Quadro 1 e no Quadro 4.

¹¹⁸ A seção “Historia da Educação no Brasil”, da *Revista Educação*, tinha como objetivo “[...] cultuar nosso passado pedagógico, pela recordação de seus grandes educadores e efemérides notáveis, esta revista manterá aberta a presente Secção, em que publicará, sistematicamente, biografias de educadores brasileiros, informes a respeito de instituições educativas e outros dados referentes ao magno problema. Secção de indiscutível utilidade para o professorado e para quantos se ocupam com assuntos ligados à vida cultural do Brasil, aceitará, com prazer, a colaboração daqueles que lhe quiserem informes e biografias. Assim, ficará assegurado um trabalho urgente e meritório, o estudo dos fatos e dos homens de nosso ensino.” (D’ÁVILA, p. 1946, p. 146)

¹¹⁹ O conteúdo desse artigo foi resumido e publicado na *Poliantéia comemorativa do 1º. centenário do Ensino Normal de São Paulo* (D’ÁVILA, 1946b, p. 107-108).

[...] foi autor de diversos livros para crianças dos mais lidos. Isso mesmo celebrava delicado sueto de “O Diário de São Paulo”, dois dias após a morte do mestre, dizendo: “Onde, porém, o seu espírito mais se revelou em plena atividade eficiente foi na feitura de livros de literatura, de feição antológica e acrescido de explicações, rápidas, vasadas em linguagem simples e incisiva. Quem como pai ou como professor primário haja lutado com as dificuldades de encontrar um bom livro didático, afim de ministrar os primeiros conhecimentos aos meninos, não poderá negar que, embora relativamente, necessitados de refundição, os livros do professor Proença são os que mais revelaram, entre nós, na simplicidade do mestre, a compreensão precisa do elemento a que se destina sua obra”.

Realmente. O mestre estava inteiro nos seus livros, em que um exame atento vai descobrir exata e ingênua inteligência da infância com seus interesses e predileções. Pontilhados de graça insinuante, traem a todo o momento o professor empenhado em abrir o mundo das coisas ao espírito das crianças, sugerindo-lhe observações, propondo-lhe enigmas pitorescos, espicançando-lhe o desejo de conhecer os pequenos mistérios de seu ambiente. (D’ÁVILA, 1946a, p.149)

Ainda segundo d’Ávila, A. F. Proença objetivava que o ensino científico fosse iniciado desde o início da escolarização, por isso “[...] a preocupação com que andava planejando estudos, orientando aulas de ciências, espalhando terrários, pelas salas de aula, para que as vissem diretamente coisas da vida animal.” (D’ÁVILA, 1946a, p.148)

Os livros de leitura escritos por A. F. Proença eram, segundo d’Ávila “[...] desejados pelas crianças, [...] [porque] revelam o enamorado da ciência, mostrando aos pequenos as maravilhas da natureza e os encantos da observação.” (D’ÁVILA, 1946a, p.148). E para acentuar a preocupação de atividades práticas necessárias à aprendizagem dos alunos, d’Ávila afirma que A. F. Proença:

No ensino da geografia, em que tem orientação original e moderna, fixou [...] rumos didáticos de alto valor, absolutamente contrário à aprendizagem do ‘ouvir dizer’, da lição do livro, da informação do mestre. O que pregou e praticou com entusiasmo foi a visão direta das coisas e dos fenômenos, o estudo prático das ocorrências geográficas, o conhecimento esclarecido do Brasil. (D’ÁVILA, 1946a, p.148)

Também segundo d’Ávila (1946a, p. 149), os livros escritos por A. F. Proença foram prontamente aceitos pelas crianças devido à linguagem fácil e acessível, o que se deve principalmente à capacidade de compreensão do universo infantil demonstrada pelo autor, por meio de opções temáticas de interesse desse público. Para o ensino de geografia e ciências, A. F. Proença defendia a observação como estratégia didática mais eficiente para o aprendizado dos alunos.

No jornal *Correio Paulistano*, foi publicado, dois dias após a morte de A. F. Proença — 6 de abril de 1946 — um artigo intitulado “Um grande educador: Proença”, escrito por

Alfredo Gomes¹²⁰. Nesse artigo, Gomes elogia a atuação profissional de A. F. Proença destacando que ela:

[...] assinalou-se pela preocupação de renovação de métodos, processos e material de ensino. Proença era um lutador intemerato e amigo do processo pedagógico, por isso, não raro, defronteou-se com numerosas dificuldades e até mesmo hostilidades. Mas só os que lutam, os que realizam são combatidos. Seus próprios adversários jamais subestimaram as esplendidas qualidades que lhe exortaram o caráter e lhe davam força para a luta em prol de um ensino renovado e eficiente correto, visceralmente integro, Proença jamais cedeu quando se punha em jogo seu pudor e sua probidade de educador, cem por cento educador. Eis o que explica o possuir o extinto que ora o professorado paulista chora sinceramente, numerosos admiradores e amigos nascidos dentre seus antigos discípulos e dentre os que lhe conheciam a alma nobre e as magníficas obras que serão através do tempo monumentos indestrutíveis de sua capacidade criadora e de seus dotes de inteligência. (GOMES, 1946, p. 4)

Dentre os muitos elogios à atuação profissional de A. F. Proença, feitas por Gomes, destaco a que atribui àquele professor:

[...] a introdução no ensino público paulista de métodos e processos pedagógicos, hoje recomendados e, mais do que isso, plenamente vencedores. Basta folhear as “*Palestras Pedagógicas*”, proferidas quando o pranteado morto era inspetor geral do Ensino de São Paulo, para se avaliar a excepcional intuição e profunda visão acerca dos problemas de ensino e de educação.

[...]

Bateu-se decididamente o insigne educador pela adoção de uma nova forma de ensino [...] combateu a velha escola, cujo ideal “era encher de ‘conhecimentos’ a cabeça dos alunos”, a didática que recomendava “disser muito, para os alunos ouvirem muito, escreverem muito e poderem reproduzir muito”, transformando o professor em nada mais do “que um intermediário entre o livro e o aluno”, ou seja, fazia do professor o consultor da “fonte única da sabedoria” (o livro) em que ele hauria exaustivamente a ciência, com tremendo esforço de memória para depois “comunica-la ao auditorio através de sua palestra inflamada e dogmatizadora”. Esse regime do poitacismo, da árida prelação, do discurso didático, das infalíveis postilas, da leitura do compendio, da lição marcada para ser decorada em casa e devolvida em aula, do comodo ditado disforme muito conveniente e de algum agrado de certos professores amigos da “ciência do caderno”, foi vivamente atacado pelo prof. Proença em numerosas oportunidades que assim definia o papel da escola atual: “O que a escola procura presentemente é formar homens que saibam com inteligência julgar com acerto, raciocinar com segurança”. Estas palavras houvessem sido proferidas em algum país que não o nosso já estariam sendo citadas entre nós com especial destaque... Muito poderia dizer do grande extinto que pontificou durante longos e preciosos anos no magisterio paulista e se tornou um dos seus mais notáveis vultos porque muito ele fez e legou à posteridade. Sua atividade foi além das

¹²⁰ Alfredo Gomes nasceu na cidade de São Paulo, em 23 de março de 1913, e atuou como professor em diversas escolas do estado de São Paulo, dentre elas a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, e de Didática Especial, na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica (de São Paulo). Foi colaborador de vários jornais paulistas e autor de uma vasta bibliografia. (MELO, 1954, p. 256-257).

magníficas aulas dadas nas escolas normais e no Instituto de Educação. Como escritor o estilo do prof. Proença é vivo, exuberante e castiço. (GOMES, 1946, p. 4)

Outras homenagens foram prestadas a A. F. Proença, dentre elas a citada no artigo publicado no jornal sorocabano *Cruzeiro do Sul*: “Os paulistas reconhecendo o mérito invulgar dêsse grande educador sorocabano, fundando, há pouco tempo, na capital, um ginásio deram ao mesmo a denominação de ‘Ginásio Antonio Firmino de Proença’.” (A.I., 1949, p. 23). Ainda nesse artigo, seu autor afirma que:

Antonio Firmino, como era conhecido na intimidade, desde muito moço já tinha um gênio muito retraído, sendo difícil notar-se-lhe um leve sorriso nos lábios e assim sempre se conservou apesar de sua extrema bondade e delicadeza no trato com as pessoas de sua amizade que eram, aliás, em grande número. (A. I., 1949, p. 3)

Em comemoração ao primeiro centenário do ensino normal em São Paulo e objetivando homenagear todos os professores em exercício, aposentados ou falecidos, foram organizadas, no ano de 1946, em várias escolas normais, ginásios, colégios e grupos escolares, diversas atividades: “1 – visita aos túmulos dos mestres; 2 – confecção de álbuns com dados biográficos e fotografias de cada professor; 3 – publicação, nos jornais locais, da biografia e atuação no magistério, dos homenageados; 4 – sessão solene, em cada estabelecimento de ensino.” (POLIANTÉIA..., 1946, p. 136). O túmulo de A. F. Proença também foi visitado e flores foram depositadas sobre ele “[...] como preito de gratidão e saudade.” (POLIANTÉIA..., 1946, p. 136).

Em 1980, ano do primeiro centenário de nascimento de A. F. Proença, foi organizada, nas cidades de Sorocaba e São Paulo, uma homenagem a esse professor, com a seguinte programação:

11 de junho – Reunião/almoço da Academia Paulistana de História e Ordem Nacional dos Bandeirantes Máster
– Mensagem da profª Helena B. R. Penna

– 12h00min
– Terraço Itália

24 de junho – Missa por intenção do saudoso professor

– 09h00min
– Catedral da Sé

– Inauguração do Museu Escolar “Professor Antonio Firmino de Proença” com exposição das obras publicadas pelo homenageado

- 20h00min
- E.E.P.S.G. “Prof. Antonio Firmino de Proença”
- Sessão Solene:
 - “Vida e obra do prof. Antonio Firmino de Proença” pelo conferencista Prof. Dr. Tito Livio Ferreira (Presidente da Academia Paulistana de História) apresentado pelo prof. Afonso Celso
- Mensagem do prof. Hélio Silveira em nome da Congregação da Escola
- Douglas Tufano em nome dos ex-alunos da escola
- José Alexandre Ramalho Barros em nome dos alunos da escola
- Apresentação do coral da escola
- 20h30m
- Salão Nobre da E.E.P.S.G. “Prof. Antonio Firmino de Proença”

26 de junho – Visita de alunos da E.E.P.S.G. “Prof. Antonio Firmino de Proença” aos pontos histórico-culturais de Sorocaba (SP)

- 14h00min
- Museu Histórico Sorocabano (início)
- Mensagem do Prof. Dr. Tito Livio Ferreira (Presidente da Academia Paulistana de História) aos alunos visitantes
- 20h00min
- Biblioteca Municipal de Sorocaba (PENNA, 1980, p. 3-4, grifos da autora)

2.3.5 Textos, publicados entre 1928 e 1954, com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus

Observei que existe diferença considerável entre os conteúdos dos textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus publicados entre 1928 e 1954 e os publicados entre 1974 e 2009.

Os textos publicados entre 1928 e 1932, ou seja, contemporaneamente à atuação profissional de A. F. Proença no magistério público paulista, apresentam considerações sobre o método analítico proposto por esse professor em seus livros didáticos, em especial nos que integram a “Série de leitura Proença” e no livro *Como se ensina geographia*.

A característica dos textos que mencionam A. F. Proença ou citam textos seus, publicados entre 1974 e 2009, entretanto, é outra; esses textos apresentam, de um ponto de vista histórico, os livros desse professor.

Dentre os textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus publicados entre 1928 e 1932, localizei 12¹²¹ artigos na *Revista Educação*, escritos por vários professores.

O livro *Como se ensina geographia* foi conteúdo de um desses artigos, publicado na seção “Através dos livros”, da mencionada revista e assinado por Sud Mennucci¹²². Nesse artigo, entre outras considerações, Mennucci afirma que:

O volume de hoje, “Como se ensina geographia”, do sr. Antonio Firmino de Proença [...] aborda um dos tantos capitulos da ignorancia do professorado na sua pesada faina de transmissão de conhecimento.

[...]

Traz como lemma aquelle preceito que faz fé em qualquer methodo de regime educativo: “O individuo aprende como a humanidade aprendeu. O estudo integral de qualquer sciencia tem de ser a recapitulação abreviada da evolução da mesma sciencia”.

Já sustentei o mesmo principio, annos atrás, quando me batia pela entrada do methodo analytico-synthetico no ensino do vernáculo — methodo que chamei de Sampaio Doria e que me parece o melhor existente para toda a especie de ensino. Folgo de o ver defendido por quem, meu antigo mestre em Piracicaba, ao tempo de minha iniciação profissional, tem larga parte na formação de meu espirito e de meus modos de ver. E folgo mais quem partindo dos inspectores geraes, João Toledo, Ferraz de Campos, A. Firmino Proença, as mais altas altoridades do ensino, os impulsos modificadores que acabarão pondo por terra esse vetustissimo tabu dos regimes educativos de compreensão mental. (MENNUCCI, 1928, p. 59-60)

Após criticar o ensino memorialista de geografia que, segundo ele, resulta na falta de interesse dos alunos por essa matéria escolar, Mennucci elogia as considerações feitas por A. F. Proença, no livro *Como se ensina geographia*, porque esse livro, para o autor do artigo em questão:

[...] oppõe-se a esse detestável systema que criou contra ella a ogeriza dos estudantes, systema, aliás que vem soffrendo uma guerra implacável. E sem inculcar-se trabalho original, representa uma syntese feliz do que de melhor se faz e se pode fazer nas aulas e alça-se a guia não apenas necessária, mas mesmo indispensavel, aos professores iniciantes e áquelles outros a quem uma pessima orientação tirou, na escola, a vontade de saber geographia e o prazer de conhecer esta pequenina bola em que moramos tão poucos anos.

[...]

¹²¹ A seguir apresentarei oito artigos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus, publicados na *Revista Educação*. Os outros quatro artigos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus referem-se a: listas de livros de alfabetização ou de ensino de leitura corrente, aprovados pelo Departamento de Educação do Estado de São Paulo: 2 menções; nomeação de A. F. Proença para o cargo de Inspetor Geral do Ensino, em São Paulo: 1 menção; e lista de colaboradores da *Revista Educação*, em 1934: 1 menção.

¹²² Sud Mennucci nasceu em Piracicaba, em 1892, “Afora suas atividades na administração do sistema de ensino paulista e como jornalista e escritor, Sud Mennucci destacou-se no comando do Centro do Professorado Paulista (CPP), criado em 1930 [...]. Além de ter participado da fundação do Centro, Mennucci presidiu a entidade entre 1933 e 1948, ano de sua morte.” (VICENTINI; LUGLI in FÁVERO; BRITTO, 1999, p. 466).

O livro do professor Proença serve assim a repor em evidencia o caso do ensino de geographia e como está escripto em estilo claro, limpido, conciso, expondo o assumpto com uma simplicidade e uma habilidade digna de um professor, acompanhado até de planos de lições, vae, sem duvida alguma, reconciliar muito mestre escola com essa disciplina e grandear-lhe adeptos naquelles mesmos que a detrahiam.

Penso que o A. não pôde aspirar a melhor nem a maior recompensa. (MENNUCCI, 1928, p. 60-61)

Ainda na *Revista Educação*, na seção “Bibliographia Pedagogica”, localizei outro artigo que menciona o livro *Como se ensina geographia*, escrito por Alduino Estrada¹²³, então encarregado da seção de Publicidade, da Diretoria Geral da Instrução Publica. Nesse artigo, após breve apresentação dos cargos ocupados por A. F. Proença no magistério público paulista, Estrada (1929, p. 310) apresenta a “Bibliographia” desse professor, com destaque para os livros da “Série de leitura Proença”, sobre os quais afirma: “Satisfazendo aos fins immediatos da leitura, esta serie — pela sua organização cuidada, inteireza das composições, unidade de plano — serve como auxiliar para a aquisição de conhecimentos em todos os ramos da instrucção primaria.”

Estrada destaca o livro *Como se ensina geographia*, por meio da apresentação da “Analyse Bio-bibliographica” desse livro, o qual considera:

[...] um trabalho primaz, em estylo de lei, enquadrando com modestia culta a experiencia e a erudição de um dos excellentes calores do nosso magistério. Das qualidades exemplares do texto não é dado distinguir nem eleger o que mais nos apraza, se a elegante clareza do expôr, se o methodo ou a orientação do estudo, livre de abstracções inúteis, escoimado de nomenclaturas pesadas, se a felicidade ma modelagem dos contornos e no revestimento solido da base.

No gênero “*Como se ensina geographia*”, é um trabalho padrão, porque — nunca é demais afirmar — no ensino dessa disciplina basica andamos ainda, salvo o esforço de Delgado de Carvalho e dois ou tres mais, nas mesmas condições de 1882, referidas por Ruy Barbosa no seu celebre e já classico *Parecer e Projecto de reforma do ensino primario*.

Aos que se dedicam á pesada faina de transmitir conhecimentos e que vêm luctando dentro desse “detestável systema que criou para o ensino da geographia a ogerisa dos estudantes”, esta contribuição é dum valôr e dum aprazimento incalculaveis, aprazimento e valor que reclamam uma exegese bem mais vasta e erudita, onde se possa salientar a concepção segura do A., a positiva utilidade da obra, a ordenação dos conhecimentos, as suas relações e, em destaque, a boa e nova orientação didactica que é imprimida ao ensino dessa disciplina, livrando-a de toda uma serie de compressões mentaes, que transformam a materia num arido catecismo de mnemotechnica. (ESTRADA, 1929, p. 311)

¹²³ Alduino Duque Estrada “Nasceu em Batatais. Diretor da Secretaria de Educação do Departamento de Educação do Departamento de Educação [...]. Poeta e Educacionista.” (MELO, 1954, p. 202).

Sud Mennucci e Renato Jardim citaram A. F. Proença algumas vezes nos artigos que publicaram sob o título “A escola paulista”¹²⁴. Mennucci (1929, p. 272) defende, em um desses artigos, que os professores são responsáveis por divulgarem o método analítico para o ensino de todas as disciplinas escolares e afirma que os professores devem divulgar “[...] a methodologia que o professor Ferraz de Campos anda a prègar para o ensino de arithmetica; a do professor João Augusto de Toledo para o ensino de historia pátria; a do professor Firmino de Proença para o de geographia [...]”.

Ao dissertar a favor do método analítico para o ensino da leitura, Jardim afirma que:

A cartilha mesma ora preferida para o supprimento ás escolas [...], a cartilha agora a melhor, a de Firmino Proença diz no seu prefácio “Como se vê, o desenvolvimento do ensino por esta cartilha obedece aos principios do ‘methodo analytico’.” É verdade que a isso accrescenta o autor: “ou antes, do ‘methodo analytico’synthetic’ porque a analyse e a synthese se apresentam sempre integralizando o processo mental”. Isso, porém, é pessoal do autor, corrigenda delle. Possível é [...] que a denominação se mude, mercê do actual prestigio da cartilha Proença, que vai tendo a sua época. (JARDIM, 1930a, p. 101)

Referindo-se às afirmações feitas por Jardim, Mennucci considera que:

A unica methodologia que lhe pareceu razoavel, foi a do professor Antonio Firmino de Proença sobre geographia ... porque este professor levantou “uma severa critica ao como de regra se faz o ensino da materia na nossa escola”. O commentario é perfeitamente innoxio. Se eu houvesse dito que essa methodologia já estava definitivamente implantada nas escolas paulistas, a observação teria seu cabimento. Mas eu recommendara apenas que se divulgasse e o sr. Renato Jardim confessa-o paragraphos acima do commentario. (MENNUCCI, 1930a, p. 389)

Em resposta às acusações de Mennucci, Jardim defende-se, afirmando:

Porque dissemos que o livro de Firmino de Proença “Como se ensina geographia” encerra a boa doutrina, mas que nelle mesmo se accusa ser má a orientação no ensino da materia nas nossas escolas, nosso illustre contendor escreve: “A unica methodologia que lhe pareceu razoavel, foi a do professor Antonio Firmino de Proença sobre geographia ... *Porque* este professor levantou “uma severa critica ao como de regra se faz o ensino da materia na nossa escola”.

Eis ahi. Mas esse repetido trabalho é de todo perdido. A escola paulista sabe que somos amigos della — e já agora isso tem que ir até o fim — mas se o deixar ella de saber, não nos mudará isso em coisa alguma. Quanto ao mais, conhecemos, e as nossas idéias, mais que o nosso prezado oppositor, o illustre titular da Secretatia do Interior e o illustre diretor da Instrucção Publica, e têm elles a generosidade de acceitar-nos por amigo assim tal como somos. (JARDIM, 1930b, p. 384, grifo do autor)

¹²⁴ Esses artigos foram publicados originalmente no jornal *O Estado de São Paulo* e, posteriormente, republicados na *Revista Educação* e em livro intitulado *A escola paulista: polêmica com o Sr. Renato Jardim* (MENNUCCI, 1930). Sobre essa “polêmica” ver, dentre outros, Mortatti (2000a).

Encerrando a polêmica envolvendo a proposta do professor A. F. Proença para a metodologia do ensino de geografia, Mennucci rebate acidamente as considerações feitas por Jardim afirmando que:

Quanto á geographia nada mais ha que registrar, desde que o sr. Renato Jardim affirma que eu o “delatei” porque me vali de palavras suas a respeito da methodologia da materia preconizada pelo professor Antonio Firmino de Proença, meu antigo mestre na Escola Normal de Piracicaba. Não cheguei a entender o que é que eu delatei ou denunciiei. Deve ser coisa transcendental porque escapa á minha pobre analyse de medíocre. A não ser que elle quizesse dizer que eu o delatei ao governo como funcçionario de Estado que não reza pela cartilha da administração publica... (MENNUCCI, 1930b, p. 297)

Localizei, ainda na *Revista Educação*, um artigo de Alvaro Soares¹²⁵ que cita a cartilha escrita por A. F. Proença. Nesse artigo, após longa exposição em favor do método analítico para o ensino da leitura, Soares afirma que:

Têm-se ouvido amargas referencias ao methodo analytico com relação á sua morosidade, mas, parece que o embaraço não reside nelle, porém, apenas na sua applicação.

Logo que appareceu a Cartilha Proença, que de todas salientou-se visivelmente, já se notava em determinados meios essa morosidade. Muitos professores podem provar com as proprias experiencias essa desvantagem do moderno methodo, mas não sabem elles apontar a razão disso, limitando-se simplesmente a deprecia-lo. (SOARES, 1932, p. 133)

Para Soares (1932), entretanto, as críticas feitas pelos professores primários em relação à “morosidade” do ensino da leitura pelo método analítico não tem fundamento teórico porque, segundo ele, a correta aplicação do método resulta positivamente. Para ilustrar suas considerações, Soares apresenta uma experiência pessoal:

Examinando uma escola de bairro, no fim do anno passado, perguntei á sua professora como conseguia ella vencer as difficuldades das cartilhas analyticas.

Respondeu-me ella que, durante dois ou tres mezes, effectuava leitura no quadro negro, onde analysava as sentenças até a syllaba. Uma vez bem apreendida a funcção desta e dadas algumas lições com letras de forma, passava á leitura no livro. Mas o livro, então, era uma Cartilha Synthetica, de Thomaz Galhardo, na qual ella apenas prosseguia com a syllabação. Segundo me disse, até a disposição da leitura ella alterava nesse livro, pois dava as lições de baixo para cima: Em primeiro logar as suas sentenças mal coordenadas, visando exclusivamente a fórma, depois os vocabulos para, em seguida, tocar nos seus elementos — as syllabas.

Também disse-me ella que não tolerava desse livro senão dez ou doze lições, no maximo.

¹²⁵ Até o momento da redação final desta dissertação, não localizei informações sobre Alvaro Soares.

Só depois desse preparo, e após novas lições no quadro, é que iniciava ella, com bons resultados, a leitura da Cartilha Proença, por exemplo. Eis ahi um caminho excelente que obedece á ordem exacta do methodo, e talvez, perfeitamente, a ordem psychologica de aquisição de conhecimentos pela criança. (SOARES, 1932, p. 136)

Luís Correia de Melo¹²⁶, autor do *Dicionário dos educadores paulistas* (1954), incluiu, nesse livro, um verbete sobre A. F. Proença, no qual apresenta breves considerações sobre a atuação profissional desse professor, além de relacionar o título de seus livros e destacar sua colaboração como autor de artigos publicados em diversas revistas pedagógicas.

2.3.6 Textos, publicados entre 1974 e 2009, com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus

Como informei, os textos que mencionam A. F. Proença ou citam textos seus, publicados entre 1974 e 2009, apresentam, de um ponto de vista histórico, os livros desse professor diferindo, portanto, dos textos publicados entre 1928 e 1932.

Dentre os textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus publicados entre 1974 e 2009, localizei 31 referências de textos publicados em livros e textos acadêmicos. Neste tópico, entretanto, apresento, em ordem cronológica de publicação, apenas os que pude manusear ou que apresentam contribuições significativas para os objetivos desta dissertação.

O texto de Pfromm Neto, Dib e Rosamilha (1974) foi o primeiro em que é citada a produção escrita de A. F. Proença em perspectiva histórica. No capítulo 12 d'O livro *na educação*, os autores explicam os motivos e objetivos do capítulo:

[...] no presente capítulo, sobre antigos livros usados na aprendizagem do idioma pátrio, não se vai além, muitas vezes, de um simples registro dos nomes de uma obra e seu autor. Aprofundar a análise do passado da literatura escolar, determinar-lhe as coordenadas, precisar melhor seu espírito e sua influência, é tarefa que não cabe nestas páginas. O propósito aqui, é simplesmente o de começar a desfazer o desconhecimento que cerca esse passado, fornecendo ao leitor e ao futuro estudioso um primeiro conjunto de informações e perspectivas. Limitamo-nos, portanto, aos livros destinados à aprendizagem da leitura e da gramática: cartilhas, livros de leitura, séries graduadas de português e gramática que os mestres, as crianças das escolas primárias e os estudantes secundários do passado conheceram e usaram. (PFROMM NETO; DIB; ROSAMILHA, 1974, p. 154)

Ao apresentarem algumas cartilhas que, segundo eles, introduziram no Brasil o método analítico para o ensino da leitura, Pfromm Neto, Dib e Rosamilha afirmam:

¹²⁶ O jornalista Luís Correia de Melo nasceu em 1888, na cidade de Tietê-SP, e exerceu vários cargos em muitos jornais renomados, dentre eles *O Estado de São Paulo* e *A Gazeta*.

De 1910 a 1930, várias cartilhas surgiram, algumas delas com aspecto gráfico sensivelmente melhor do que o dos livros do século passado [XIX], e baseadas nos métodos analíticos da sentencição ou palavração. A primeira foi a cartilha de Theodoro de Moraes, *Meu livro (Método Analítico)*. A essa juntaram-se a *Cartilha infantil*, de Carlos A. Gomes Cardim, a *Nova Cartilha Analítica-Sintética*, de Mariano de Oliveira, a *Cartilha Moderna*, de Ramon Roca Dordal, a *Cartilha (Leituras infantis)*, de Francisco Furtado Mendes Vianna, a *Cartilha das Mães*, de Arnaldo de Oliveira Barreto e outras. Em 1916, o célebre educador João Köpke apresentou suas duas cartilhas pelo método analítico. Posteriormente apareceram a *Cartilha* (1920), de Altina Rodrigues de Freitas, com algumas gravuras em cores, e a *Cartilha de alfabetização*, de Benedito M. Tolosa (1926), ambas pelo método de sentencição; a *Cartilha Proença*, de Antonio Firmino de Proença, ilustrada com esmero e com numerosas gravuras coloridas; a *Cartilha Analítica* (método de palavração), de Arnaldo de Oliveira Barreto; e *Minha Cartilha*, de Olga Borelli. (PFROMM NETO; DIB; ROSAMILHA, 1974, P. 162)

Em seguida, elogiam novamente o “esmero” das ilustrações presentes em *Cartilha Proença* e afirmam:

As transformações por que passou a cartilha brasileira, dos tempos do Império aos nossos dias, refletem, por um lado, mudanças nos padrões gráficos do livro brasileiro em geral e, por outro lado, mudanças nas concepções metodológicas sobre o ensino inicial da leitura. Nem todas as cartilhas publicadas nas últimas décadas são exemplos de renovação e progresso. Quando confrontadas com cartilhas do passado — por exemplo, com algumas belas cartilhas encadernadas e delicadamente ilustradas da Companhia Melhoramentos, na década de 30 [1930], como a *Cartilha Proença* e a *Cartilha das Crenças* —, certas cartilhas atuais dão até a impressão de retrocesso, tanto na forma como no conteúdo. (PFROMM NETO; DIB; ROSAMILHA, 1974, p. 166)

Ao dissertar sobre a literatura educacional brasileira, Nagle (1976) cita a coleção de livros, organizada por M. B. Lourenço Filho, para a Editora Melhoramentos (SP), denominada *Biblioteca de Educação*. Em nota de fim de documento relaciona os títulos dos livros que integram essa coleção, dentre os quais *Como se ensina geographia*, de A. F. Proença.

Em comemoração ao, que Donato (1990) considera, centenário da Editora Melhoramentos (SP) é publicado um livro com a história dessa editora. Nesse livro, ao comentar a polêmica em relação à disputa entre os métodos analíticos e sintéticos, nos anos iniciais do século XX, Donato destaca:

Por essa época, nas escolas passavam a ter frequência total os livros e o material didático criado pelos Weiszflog. Tratavam de português, matemática, ciências físicas e naturais, geografia e história, porém o mérito maior da Seção Escolar terá sido o de dar guarida e amplitude à discussão que empolgara o meio educacional: método sintético? método analítico? No

ápice da polemica, os nomes mais em evidência na mesma figuram no catalogo weiszfloguiano: Arnaldo de Oliveira Barreto, Mariano de Oliveira, Erasmo Braga, *Antonio F. Proença*, Lourenço Filho. (DONATO, 1990, p. 55, grifo meu)

Em sua tese para obtenção do título de Livre Docente em Didática, Catani (1994) afirma que os sete ensaios que integram essa tese:

[...] pretendem demarcar duas diretrizes analíticas que se integram no trabalho docente e de pesquisa. Uma, a que investiga no domínio da didática a produção e circulação das práticas e representações de ensino colocando-se a serviço da investigação de formas mais férteis de ensinar a didática e de articular projetos de formação de professores. Outra diretriz é a do exame de práticas e representações e seus processos de produção e divulgação de momentos históricos determinados e tendo como veículo principalmente objetos da imprensa periódica educacional: as revistas de ensino. (CATANI, 1994, p. 6)

Coerentemente com o objetivo exposto, Catani (1994) apresenta o “ciclo de vida” e as características de produção dessa revista, dividindo-a em quatro fases com características distintas. Ao apresentar o que denomina “primeira fase” da *Revista Educação*, Catani afirma:

Dentre as características da produção da *Revista*, nessa fase, pode-se indicar a predominância das discussões sobre princípios e fundamentos teóricos da prática escolar. Discutem-se as finalidade da educação, o papel da escola, a universalidade e o ensino de disciplinas específicas, conforme se pode notar pelo exame do conteúdo dos artigos desses números da *Revista*. Também é possível verificar que figuram entre os principais colaboradores, nesse momento Sampaio Dória, Lourenço Filho, Noemy Silveira, Sud Mennucci, *Firmino de Proença*, Renato Jardim e Almeida Jr., além de outros. (CATANI, 1994, p. 123, grifo meu),

Nery (1999) elege a *Revista Educação* como *corpus* privilegiado de pesquisa, da qual resulta sua tese de doutorado. No anexo 2 dessa tese, Nery (1999, p. 355-356) relaciona os títulos dos artigos publicados nessa revista, dentre os quais 12 textos de autoria de A. F. Proença.

Em *Os sentidos da alfabetização*, Mortatti, como informei, aborda:

[...] o problema da alfabetização, explorando os sentidos que lhe foram sendo atribuídos em decorrência das tematizações, normatizações e concretizações produzidas na província/Estado de São Paulo, entre 1876 e 1994, relativamente à “questão dos métodos” de ensino da leitura e escrita na fase inicial da escolarização de crianças. (MORTATTI, 2000a, p.18)

No capítulo 2 desse livro, ao apresentar as cartilhas analíticas publicadas nas décadas iniciais do século XX que, segundo Mortatti (2000a, p. 89), contribuíram “[...] para a

fundação de uma tradição relativa a esse material didático.”, a pesquisadora apresenta, brevemente, *Cartilha Proença* e seu autor.¹²⁷

Outro texto que localizei no qual é citado o professor A. F. Proença é o escrito por Evangelista intitulado *A formação universitária do professor*: o Instituto de Educação da Universidade de São Paulo (1934-1938). Nesse texto, que resulta da tese para a obtenção do título de doutor, Evangelista investiga “A primeira experiência de formação do professor em nível universitário, no Brasil, [que] ocorreu entre 1934 e 1938 no Instituto de Educação da Universidade de São Paulo, permitida legalmente pelo Estatuto das Universidades Brasileiras, Decreto nº 19.851, de 11.04.1931.” (EVANGELISTA, 2002, p. 22). A atuação profissional de A. F. Proença, nesse instituto, é diversas vezes mencionada por Evangelista, e, dentre elas, em nota de rodapé de página, a pesquisadora destaca que:

Proença formou-se pela Escola Normal de S. Paulo em 1904. Foi professor na Escola Normal de São Carlos, na cadeira de Metodologia e Prática de Ensino. Em 1938 transferiu-se para a capital, assumindo a Inspeção Geral da Instrução. Após 1931, foi diretor do Instituto Pedagógico; em 1936, Diretor da Escola Secundária do IEUSP; em 1938 foi Diretor da Escola Normal Modelo. (EVANGELISTA, 2002, p. 120)

Na tese de doutorado intitulada *A formação de professores alfabetizadores nos institutos de educação do estado de São Paulo (1933 a 1975)*¹²⁸, Labegalini objetiva abordar:

[...] a formação de professores alfabetizadores nos institutos de educação do estado de São Paulo, enfocando os processos de criação desses institutos de educação, a partir da “Reforma Fernando de Azevedo”, sintetizada no *Código de Educação do estado de São Paulo*, de 1933 e de sua expansão pelo interior e pelo litoral do estado, ao longo das décadas de 1950 e 1960. (LABEGALINI, 2005, p. 8)

Ao mencionar o programa de ensino para o ano de 1933, para a “5ª Seção – Prática de Ensino”, do Instituto de Educação “Caetano de Campos”, Labegalini informa: o “[...] professor-chefe nessa época era Antonio Firmino de Proença [...]” (LABEGALINI, 2005, p. 91).

Santos (2005) analisou, em nível de mestrado, os livros *Metodologia do ensino geográfico* (1925), de Delgado de Carvalho, *Como se ensina geographia* (1928), de A. F. Proença e *Didática* (1930), de João Toledo. Na dissertação de mestrado intitulada *A Escola*

¹²⁷ Os sentidos da alfabetização, como afirmo na Introdução desta dissertação, é a “matriz” da pesquisa que desenvolvi tanto em nível de iniciação científica quanto a que desenvolvi em nível de mestrado, por conter uma proposta de projeto de pesquisa.

¹²⁸ A pesquisa da qual resultou o mencionado texto foi desenvolvida no âmbito do Gphellb e orientada pela Profª. Drª. Maria do Rosário Longo Mortatti. Foram membros da banca avaliadora dessa tese, além da mencionada orientadora, os professores: Paolo Nosella; Marcus Vinícius da Cunha; Helena Faria de Barros; e Leonor Maria Tanuri.

Nova e as prescrições destinadas ao ensino da disciplina de geografia da escola primária em São Paulo no início do século XX, Santos objetiva analisar “[...] as prescrições feitas no começo do século XX, em São Paulo, para o ensino da disciplina de geografia para o curso primário.” (SANTOS, 2005, p. v). Dentre as várias considerações sobre o texto de A. F. Proença, Santos afirma que:

Devido a grande circulação que o texto de Proença teve na época, sua análise é indispensável. Nota-se que, após sua publicação, recorrer a *Como se ensina geografia* se tornou obrigatório ao abordar o assunto no meio educacional. Proença, diferentemente de Delgado de Carvalho, via a escola primária como terminal, ou seja, no seu entender, o final do ensino primário seria o fim da escolarização da maioria da população. Por isso sua obra tinha como destinatário o professor primário e as teorias, os planos de lições e os exemplos eram destinados àqueles que os aplicariam no ensino na escola primária. (SANTOS, 2005, p. 29).

Nascimento ([2006?]), em “Memórias da escola no sertão do São Francisco: a Escola Nova e as contradições de um país plural (1910-1950)”, tem como objetivo:

[...] mostrar que as representações e imagens da escola que podem ser coletadas na memória das pessoas não são apenas positivas. Há representações que supervalorizam a instituição escolar e outras que estabelecem a atividade escolar como um período muito difícil da vida. (NASCIMENTO, [2006?], p. 1).

Nascimento ([2006?]) cita o professor A. F. Proença apenas uma vez, para informar que era ele o diretor do Instituto de Educação de São Paulo, em 1931.

No TCC de Pedagogia intitulado *Revista da Escola Normal de São Carlos (1916-1923)*: a formação do professor, Ozelin tem como objetivo “[...] analisar o tema formação de professores tendo como base um periódico educacional intitulado *Revista da Escola Normal de São Carlo* publicado de 1916 a 1923 pela antiga Escola Normal de São Carlos.” (OZELIN, 2006, p. 5). Nesse TCC, Ozelin (2006) menciona A. F. Proença ao apresentar: a cronologia dos diretores da Escola Normal de São Carlos, no período estudado; a relação e quantidade de artigos publicados na *Revista da Escola Normal de São Carlos*, por cada um dos professores dessa escola; e breve biografia, em apêndice ao TCC, de alguns colaboradores da revista pesquisada.

Em sua tese para obtenção do título de Livre Docente em Didática, intitulada *Alicerces da pátria: escola primária e cultura escolar no estado de São Paulo (1890-1976)*, Souza tem como objetivo “[...] compreender o aparecimento, a transformação e o desaparecimento de instituições escolares que designaram um nível de ensino — as escolas primárias —, responsabilizaram-se pela educação de várias gerações e que possuíam uma forte identidade

institucional.” (SOUZA, 2006, p. 4). Souza menciona A. F. Proença ao afirmar: “Nos anos 20, a geografia física predominante até então passa a ser duramente criticada por educadores como Delgado de Carvalho, João Toledo e *Firmino Proença* influenciados pelo movimento da Escola Nova.” (SOUZA, 2006, p. 87, grifo meu)

Em *O professor ideal em Excelsior! (1911-1916)*: a revista dos alunos da Escola Normal de São Carlos¹²⁹, Silva tem como objetivo “[...] compreender o modo pelo qual esse periódico pretendeu se firmar como divulgador de um ideal de formação de professores, o momento e as experiências vividas no âmbito das transformações educacionais ocorridas nos anos de sua produção.” (SILVA, 2007, p. 7). Silva cita A. F. Proença ao afirmar:

O diretor interino da Escola Normal de São Carlos, Antonio Firmino de Proença, é o primeiro e único diretor a escrever para a revista. Em seu artigo “No domínio da technica. Lições inductivas (Primeiro Modelo para o curso secundario e 2º modelo para o curso primario)” trata da lição indutiva elaborada pelos discípulos de Herbart. (SILVA, 2007, p. 71)

O último texto que localizei que cita A. F. Proença foi a dissertação de mestrado (em educação) intitulada *Theodoro de Moraes (1877-1956)*: um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico no Brasil, de Pereira (2009). Nessa dissertação de mestrado Pereira afirma que:

A *Cartilha Proença*, de Antonio Firmino de Proença (1926), foi elaborada de acordo com os documentos oficiais que normatizaram esse método [analítico] no Estado de São Paulo; portanto, de certa forma dialoga com a cartilha de Moraes, signatário de um desses documentos. No prefácio dessa cartilha, Proença informa que não teve pretensão de originalidade e cita os trabalhos dos professores Theodoro de Moraes, Mariano de Oliveira, Arnaldo de Oliveira Barreto, Benedicto Tolosa, Gomes Cardim e Francisco Vianna. (PEREIRA, 2009, p. 168)

Por meio das informações apresentadas neste capítulo, afirmo que, embora tenha localizado quantidade considerável de textos que mencionam e/ou citam aspectos da vida, da atuação profissional e/ou da produção escrita de A. F. Proença, apenas as pesquisas desenvolvidas por Gazoli, em nível de IC e mestrado, abordam especificamente a produção escrita desse professor, em especial os livros que integram a série de leitura de sua autoria.

¹²⁹ Esse livro resulta de pesquisa de iniciação científica desenvolvida por Silva, em 2006, que resultou no trabalho de conclusão de curso de Pedagogia com mesmo título. (SILVA, 2006).

CAPÍTULO 3

Apresentação da “Série de leitura Proença”

3.1 A editora da “Série de leitura Proença”¹⁹³

Segundo Donato (1990, p. 14), a Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada) resultou da associação, ocorrida em 1920, entre duas empresas distintas: a Companhia Melhoramentos de São Paulo, fundada em 1877, por Antônio Proost Rodovalho, cuja atividade era empreitar obras públicas, tendo sido constituída como fábrica de papel, em 1890; e a Weiszflog Irmãos – Estabelecimento Gráfico fundada em 1906 e cujos proprietários eram os irmãos alemães Otto e Alfried Weiszflog¹⁹⁴.

Para Razzini (2007), a informação apresentada por Donato (1990) em relação à constituição da Companhia Melhoramentos de São Paulo pode ser questionada por meio das informações contidas nos documentos, por ela localizados, no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

[...] a localização, no Arquivo do Estado [de São Paulo], da pasta da Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1889 e 1890, põe em dúvida as afirmações de Hernâni Donato quanto à origem da Editora Melhoramentos, quando declara que esta não teve nada a ver com uma outra Companhia Melhoramentos de S. Paulo, fundada em 1889, cujo diretor presidente foi o dr. Joaquim José Vieira de Carvalho. Resta saber por que os documentos de fundação desta empresa estão arquivados junto com os documentos de alteração de capital, de 1920, que leva o nome dos irmãos Weiszflog, obviamente, não descartando a hipótese de que os documentos de 1889 e os de 1920 tenham sido erroneamente juntados pelos funcionários do Arquivo do Estado devido à coincidência de nome. A probabilidade desta Companhia Melhoramentos de S. Paulo, de 1889, ter dado origem à editora Melhoramentos torna-se provável por constar em seus estatutos que o prazo de duração da companhia é de 30 anos, não podendo a sociedade ser dissolvida antes deste prazo. Coincidentemente, após cumprido este prazo, dá-se a alteração com a incorporação da empresa dos irmãos Weiszflog. Por outro lado, as afirmações de Donato estão bem comprovadas e indicam seu acesso a documentos de cartório e da Junta Comercial do estado, o que reforça a possibilidade de engano no arquivamento. (RAZZINI, 2007, p. 4-5)

Segundo informações contidas no livro *Momentos do livro no Brasil* (1998, p. 75), após anos publicando livros didáticos e outros materiais escolares e sofrendo constantemente com a escassez e os altos custos do papel, a Weiszflog Irmãos – Estabelecimento Gráfico, que

¹⁹³ Informações mais detalhadas sobre a história da Editora Melhoramentos encontram-se em: Gazoli (2007a).

¹⁹⁴ O alemão Otto Weiszflog mudou-se para o Brasil em 1894 e passou a trabalhar no “[...] ramo de papelaria, encadernação, livros em branco, importação de papel” (DONATO, 1990, p. 25) na exportadora e importadora Hermann Stolz & CO, de propriedade do também alemão Bühnaeds. Seu irmão Alfried chegou ao Brasil em 1896 e começou a trabalhar como atendente na agência do Banco Brasileiro para a Alemanha. Os irmãos Otto e Alfried se tornaram sócios de Bühnaeds em 1899; devido a problemas de saúde, este último deixou a sociedade em 1906, e os irmãos Weiszflog passaram a donos da nova Weiszflog Irmãos – Estabelecimento Gráfico (DONATO, 1990, p. 30). Dois anos antes, portanto em 1904, Otto e Alfried Weiszflog trouxeram ao Brasil seu irmão Walther, que iniciava no setor de tipografia, há pouco implantado pelos sócios em sua empresa (MOMENTOS..., 1998, p. 74).

em 1920 produzia 144 mil exemplares de livros, passou a adquirir ações da Companhia Melhoramentos de São Paulo, uma empresa que ocupava lugar de destaque como fabricante de papel. A partir de uma assembléia geral realizada pela em dezembro de 1920, os proprietários da Companhia Melhoramentos de São Paulo e da Weiszflog Irmãos – Estabelecimento Gráfico, decidiram fundir essas duas empresas.

Aconteceu a Assembléia Geral de 4 de dezembro de 1920, convocada para fundir as empresas. A Melhoramentos deveria incorporar a Weiszflog. Na ata, a visão que presidia o ato: “Como o estabelecimento gráfico Weiszflog Irmãos tem todo completo um perfeito aparelhamento para produzir grande variedade de produtos com enorme freguesia e representantes espalhados por todo o Brasil, a Diretoria acha que, saindo do mercado Weiszflog Irmãos, pela venda de todo o seu aparelhamento, a nossa Companhia pode, sem receio de falta de consumo, desenvolver sua atividade numa grande produção. Para vender mais barato, é preciso produzir grandes quantidades e para não guardar enormes estoques parte de sua saída será assegurada pela indústria que anexaremos de pautaço, encadernação, livros em branco, edições, fabricação de envelopes e baralhos, zincografia, litografia, enfim, todas as produções de Weiszflog Irmãos.”

Incorporação feita. No último dia do mês de 1920 estava registrada a Companhia Melhoramentos de São Paulo – Weiszflog Irmãos Incorporada. (DONATO, 1990, p.58).

A união dessas duas empresas possibilitou intensificar a publicação de materiais didáticos, como cartilhas e livros de leitura destinados a alunos da escola primária, escritos por vários professores, tais como: Arnaldo de Oliveira Barreto, Mariano de Oliveira, Erasmo Braga, M. B. Lourenço Filho e A. F. Proença.

Em 1926, após a morte de Arnaldo de Oliveira Barreto, então revisor de livros de literatura infantil da Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), o professor M. B. Lourenço Filho foi convidado, por essa editora, a desempenhar uma importante atividade: revisar os textos da Coleção Biblioteca Infantil¹⁹⁵. A Companhia Melhoramentos de São Paulo fez questão de manter M. B. Lourenço Filho, por muitos anos, no cargo de consultor, tendo ele, a partir de 1927, organizado também a Biblioteca de Educação para essa editora (HALLEWELL, 2005, p.335), coleção na qual está inserido o livro *Como se ensina geografia*, de A. F. Proença, e cujo prefaciador é o próprio organizador da coleção, como informei.

¹⁹⁵ A Coleção Biblioteca Infantil foi editada de 1915 a 1958. O primeiro livro dessa coleção é *O patinho feio*, adaptado por Arnaldo Barreto, do livro original de Hans Christian Andersen. Donato informa que a Companhia Melhoramentos de São Paulo, por meio dessa coleção: “Propôs-se a divulgar clássicos sem estar circunscrita ao âmbito escolar.” (DONATO, 1990, p. 51). A respeito da atuação de M. B. Lourenço Filho como editor de livros de literatura infantil dessa editora, ver, especialmente: Menin (1999), trata-se de tese de doutorado resultante de pesquisa desenvolvida no âmbito da linha “Literatura Infantil” do Gphellb e desenvolvida sob orientação de Maria do Rosário Longo Mortatti.

A razão social da Companhia Melhoramentos de São Paulo – Weiszflog Irmãos Incorporada foi modificada, em 1938, para Edições Melhoramentos. Segundo Donato (1990, p.96), “Ao longo dos anos a frase ‘livro editado pela Melhoramentos’ depurou em ‘edições da Melhoramentos’ e por fim concretizou-se em ‘Edições Melhoramentos’.” (DONATO, 1990, p. 96).

Em 1941, a razão social da companhia de papel da editora também foi modificada. Como informa Donato:

Em meio às restrições e suspeições do período pré-guerra, a Companhia retirou da sua denominação o Weiszflog Incorporada. A alguns pareceu estratégia ante o complicar-se da situação internacional.

Mas não. A mudança obedeceu ao decreto Lei 2.627, de 20 de setembro de 1940. Ele determinou que as sociedades empresariais declinariam no próprio nome o seu objetivo social.

Na primeira Assembléia Geral Ordinária, a 21 de fevereiro de 1941, a empresa acomodou-se àquela determinação. Ficou na ata: “A partir desse momento o nome da Companhia passa a ser o seguinte: ‘Companhia Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel’.” (DONATO, 1990, p. 101).

A Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), desde a fundação, editou material didático e, como afirma Razzini,:

[...] os maiores *bestsellers* didáticos, segundo o número de exemplares produzidos, são as cartilhas de alfabetização e os livros de leitura graduada, sobretudo aqueles destinados aos anos iniciais do curso primário, tendência que confirma as hipóteses levantadas na pesquisa sobre a expansão da escola pública primária no estado de São Paulo. (RAZZINI, 2004, p. 7)

A cartilha com maior tiragem publicada por essa editora foi *Cartilha do povo*, de M. B. Lourenço Filho, cuja 1ª. edição data de 1928, e a *Nova cartilha ensino rápido de leitura*, de Mariano de Oliveira, cuja 1ª. edição data de 1917 (RAZZINI, 2004, p. 7). O material didático que mais teve sucesso foi a coleção de cadernos de caligrafia de Francisco Viana¹⁹⁶, lançada a partir de 1909 e constantemente reeditada até 1999 [...]” (RAZZINI, 2004, p. 7).

Ainda de acordo com os dados apresentados por Razzini (2004, p. 9), em 1926, ano de publicação da 1ª.

edição de *Cartilha Proença*, de *Leitura do principiante* e de *1º. livro de leitura*, foram publicados 34 novos

livros por essa editora, sendo nove deles destinados ao ensino primário. Destaco que, de nove livros

¹⁹⁶ Até o momento da redação da versão final desta dissertação, localizei poucas informações sobre Francisco Furtado Mendes Vianna, sendo possível que eu afirme apenas que esse professor nasceu, presumivelmente, em 1875, e faleceu em 1935 e que foi diplomado professor pela Escola Normal da Capital do estado de São Paulo, em 1895, e exerceu vários cargos na instrução pública paulista. Ao longo de sua atuação profissional, esse professor escreveu livros didáticos, dentre eles *Cartilha: leituras infantis*, presumivelmente em 1912, pela Francisco Alves (RJ) (MORTATTI; PEREIRA; GAZOLI, ORIANI; MESSEMBERG, 2009, p. 6).

destinados ao ensino primário, publicados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), em 1926, três são de autoria de A. F. Proença (RAZZINI, 2004, p. 7).

Apesar da considerável quantidade de livros de A. F. Proença, publicados em 1926, a maior venda dessa década, por essa editora, foi a cartilha *Ensino rápido da leitura (Nova cartilha)*, do professor Mariano de Oliveira, que alcançou o total de 6.000.000 exemplares em 2.228 edições (MOMENTOS..., 1998, p. 74).

Apesar disso, os livros da “Série de leitura Proença” tiveram quantidades consideráveis de tiragem (cerca de 10.000 exemplares) chegando a alcançar, pelo menos, a quantia de: 420.000 exemplares, *Cartilha Proença*; 375.000 exemplares, *Leitura do principiante*; 255.000, *1º. livro de leitura*; 285.000, *2º. livro de leitura*; e 200.000, *3º. livro de leitura*. Os mais de 1.500.000 exemplares dessa série circularam por várias escolas, tanto paulistas quanto de outros estados brasileiros¹⁹⁷.

3.2 Aspectos gerais dos livros da “Série de leitura Proença”

As 1^{as}. edições dos livros que integram a “Série de leitura Proença” foram publicadas entre 1926 e 1928 e tiveram sucessivas edições até 1956, quando, provavelmente, deixaram de ser publicados. Os livros dessa série de leitura circularam em vários estados brasileiros, dentre eles os de Ceará, Minas Gerais, Pernambuco e Santa Catarina, além de São Paulo, tendo contribuído para a formação de muitas gerações de brasileiros. O período que cada um dos livros da série de leitura foi publicado, com respectiva quantidade de edições, encontram-se no Quadro 5.

¹⁹⁷ Localizei informações sobre a tiragem dos livros da “Série de leitura Proença” nos livros dessa série nos quais são apresentadas as seguintes informações: “420º. milheiro” (PROENÇA, 1955); “375º. milheiro” (PROENÇA, 1949); “255º. milheiro” (PROENÇA, 1948b); “285º. milheiro” (PROENÇA, 1950b); e “200º. milheiro” (PROENÇA, 1950a).

Quadro 5 – Período de publicação e quantidade de edições dos livros da “Série de leitura Proença”.

Título do livro	Quantidade de edições	Período de publicação
<i>Cartilha Proença</i>	84	de 1926 a 1955
<i>Leitura do principiante</i>	87	de 1926 a 1956
<i>1º livro de leitura</i>	48	de 1926 a 1948
<i>2º. livro de leitura</i>	50	de 1927 a 1950
<i>3º. livro de leitura</i>	35	de 1928 a 1950
<i>4º. livro de leitura</i>	2	de 1948 a 1951

Fonte: Gazoli (2009a).

Leitura do principiante e *Cartilha Proença* são os dois livros da “Série de leitura Proença” com maior quantidade de edições, respectivamente, 87 e 84 edições, conforme informações apresentadas no Quadro 5.

A diminuição na quantidade de alunos do 1º. para os anos subsequentes do curso primário pode auxiliar na compreensão dos motivos de *Cartilha Proença* e *Leitura do principiante* terem tido maior número de edições que os demais da série de leitura em análise. Como afirma M. B. Lourenço Filho, no prefácio do livro *O que dizem os números sobre o ensino primário* (1937), de Teixeira de Freitas:

A queda de matrícula, do primário para os demais anos escolares, apresenta-se como alarmante. Do primeiro para o segundo, reduz-se a menos de metade. Do primeiro para o terceiro, reduz-se a um quinto... A taxa geral de reprovação traz-nos o mesmo sobressalto. Apenas 35% dos alunos freqüentes logram aprovação do 1º. para o 2º. ano; menos de 50%, do 2º. para o 3º., ou do 3º. Para o 4º... (LOURENÇO FILHO in FREITAS, 1937, p. 7).

Apesar dos demais livros da série de leitura em análise terem tido menor quantidade de edições, comparativamente à *Cartilha Proença* e *Leitura do principiante*, a quantidade de edições que tiveram é considerável, se levarmos em conta a estatística lamentável apresentada por M. B. Lourenço Filho.

Ao longo do período em que os livros da “Série de leitura Proença” foram publicados, houve interrupção na trajetória editorial apenas de *1º. livro de leitura* que não teve novas edições entre 1940 (45ª. edição) e 1946 (46ª. edição). A média de edições dos livros dessa série de leitura, exceto *4º. livro de leitura*, é semelhante, a saber: *Cartilha Proença* e *Leitura do principiante* tiveram média de três edições, por ano; e *1º. livro de leitura*, *2º. livro de leitura* e *3º. livro de leitura* tiveram média de duas edições, por ano.

Em 1948, há uma reorganização da “Série de leitura Proença”: 1º. *livro de leitura* não foi mais publicado; o título de 2º. *livro de leitura* foi modificado para 3º. *livro de leitura*; e o título de 3º. *livro de leitura* foi modificado para 4º. *livro de leitura*. Após 1948, portanto, a “Série de leitura Proença” passou a ser integrada por: *Cartilha Proença, Leitura do principiante, 2º. livro de leitura, 3º. livro de leitura e 4º. livro de leitura*.

Por esse motivo, 4º. *livro de leitura* teve apenas duas edições, não coincidindo, portanto, com a média de edições dos demais livros da série de leitura.

A fim de propiciar visão de conjunto, apresento, no Quadro 6, o número das edições dos livros da série de leitura em análise que pude localizar, até o momento da redação da versão final desta dissertação, com respectivo ano de publicação. Destaco que nos casos em que não pude precisar a data da edição do livro acrescentei colchetes e ponto de interrogação para indicar tal imprecisão.

Quadro 6 – Ano de publicação das edições dos livros da “Série de leitura Proença”

Nº. da edição	Ano da publicação					
	<i>Cartilha Proença</i>	<i>Leitura do principiante</i>	<i>1º. livro de leitura</i>	<i>2º. livro de leitura</i>	<i>3º. livro de leitura</i>	<i>4º. livro de leitura</i>
1ª.	1926	-	1926	1927	1928	-
“1ª. e 2ª.” ¹⁹⁸	-	1926	-	-	-	-
“2ª. e 3ª.”	-	-	-	-	[1928?]	-
“3ª. a 6ª.”	-	-	-	[1929?]	-	-
“5ª. a 8ª.”	-	[1928?]	-	-	-	-
9ª.	-	-	-	-	[1929?]	-
“5ª. a 10ª.”	[1928?]	-	1928	-	-	-
“11ª. a 15ª.”	[1929?]	-	-	-	-	-
12ª.	-	[1929?]	-	-	-	-
15ª.	-	-	-	-	-	-
16ª.	-	-	-	[1933?]	-	-
17ª.	-	-	-	-	1941	-
19ª.	-	-	-	-	1945	-
20ª.	-	[1931?]	-	-	1946	-
21ª.	-	-	-	-	-	1948
22ª.	-	[1933?]	-	[1935?]	-	1951
26ª.	-	[1934?]	-	-	-	-
28ª.	-	-	-	-	-	-
30ª.	-	-	-	1942	-	-
31ª.	-	-	-	1945	-	-
32ª.	-	[1934?]	-	1946	-	-
33ª.	-	-	-	1947	-	-
34ª.	-	-	-	-	1948	-
35ª.	-	-	[1934?]	-	1950	-
39ª.	-	-	-	-	-	-
40ª.	-	-	-	-	-	-
45ª.	-	-	1940	-	-	-
46ª.	-	-	1946	-	-	-
47ª.	-	-	1947	-	-	-
48ª.	-	-	1948	-	-	-
49ª.	-	-	-	1949	-	-
50ª.	-	-	-	1950	-	-
53ª.	1939	-	-	-	-	-
55ª.	1942	-	-	-	-	-
57ª.	1943	-	-	-	-	-
59ª.	1944	1943	-	-	-	-
61ª.	1945	-	-	-	-	-
63ª.	1946	1945	-	-	-	-
65ª.	1948	1946	-	-	-	-
66ª.	1948	-	-	-	-	-
67ª.	-	1947	-	-	-	-
70ª.	-	1948	-	-	-	-
71ª.	1948	-	-	-	-	-
75ª.	1950	1949	-	-	-	-
77ª.	1953	-	-	-	-	-
79ª.	1954	1951	-	-	-	-
81ª.	-	1954	-	-	-	-
83ª.	-	1954	-	-	-	-
84ª.	1955	-	-	-	-	-
87ª.	-	1956	-	-	-	-

Fonte: Gazoli (2009a).

¹⁹⁸ As informações “1ª. e 2ª.”, “2ª. e 3ª.”, “3ª. a 6ª.”, “5ª.. a 10ª..”, “5ª. a 10ª.” e “11ª. a 15ª.” edições foram localizadas nas capas dos exemplares dos livros da “Série de leitura Proença” e transcritas nesta dissertação.

Por meio da análise dos dados apresentados no Quadro 6, afirmo que os livros da “Série de leitura Proença” tiveram quantidade considerável de edições em breves intervalos de tempo, a saber: entre 1948 e 1949, *Leitura do principiante* teve cinco edições (70^a. a 75^a. edições); entre 1928 e, provavelmente, 1934, 1^o. *livro de leitura* teve 25 edições (“5^a. a 10^a.” a 35^a. edições); entre, provavelmente, 1933 e, provavelmente, 1935, 2^o. *livro de leitura* teve seis edições (16^a. a 22^a. edição) e, entre 1947 e 1949, 16 edições (33^a. a 49^a. edição); e, entre 1946 e 1948, 3^o. *livro de leitura* teve 14 edições (20^a. a 34^a. edição). Pelos motivos já expostos, não pude constatar quantidades elevadas de edições de 4^o. *livro de leitura*. É provável que a quantia considerável de edições entre 1947 e 1949 decorra do interesse da editora em publicar novas edições dos livros da “Série de leitura Proença” em decorrência da morte de seu autor, ocorrida em 1946.

Apresento, no Quadro 7, o número de edição com respectiva quantidade de páginas dos livros da série de leitura em análise, que pude localizar, até o momento da redação da versão final desta dissertação.

Quadro 7 - Quantidade de páginas dos livros da “Série de leitura Proença”

Nº. da edição	Quantidade de páginas					
	<i>Cartilha Proença</i>	<i>Leitura do principiante</i>	<i>1º. livro de leitura</i>	<i>2º. livro de leitura</i>	<i>3º. livro de leitura</i>	<i>4º. livro de leitura</i>
1ª.	105	-	-	198	236	-
“1ª. e 2ª.” ¹⁹⁹	-	-	-	-	-	-
“2ª. e 3ª.”	-	-	-	-	236	-
“3ª. a 6ª.”	-	-	-	198	-	-
“5ª. a 8ª.”	-	111	-	-	-	-
9ª.	-	-	-	-	236	-
“5ª. a 10ª.”	107	-	160	-	-	-
“11ª. a 15ª.”	107	-	-	-	-	-
12ª.	-	111	-	-	-	-
15ª.	-	-	-	-	236	-
16ª.	-	-	-	198	-	-
17ª.	-	-	-	-	229	-
19ª.	-	-	-	-	229	-
20ª.	-	111	-	-	228	-
21ª.	-	-	-	-	-	229
22ª.	-	111	-	198	-	229
26ª.	-	111	-	-	-	-
28ª.	-	111	-	-	-	-
30ª.	-	-	-	194	-	-
31ª.	-	-	-	181	-	-
32ª.	-	111	-	181	-	-
33ª.	-	-	-	176	-	-
35ª.	-	-	160	-	175	-
39ª.	107	-	-	-	-	-
40ª.	111	111	-	-	-	-
45ª.	-	-	176	-	-	-
46ª.	-	-	157	-	-	-
47ª.	-	-	157	-	-	-
48ª.	-	-	156	-	-	-
49ª.	-	-	-	156	-	-
50ª.	-	-	-	156	-	-
53ª.	107	-	-	-	-	-
55ª.	107	-	-	-	-	-
57ª.	107	-	-	-	-	-
59ª.	106	110	-	-	-	-
61ª.	106	-	-	-	-	-
63ª.	106	110	-	-	-	-
65ª.	106	109	-	-	-	-
66ª.	106	-	-	-	-	-
70ª.	-	108	-	-	-	-
71ª.	-	-	-	-	-	-
75ª.	106	112	-	-	-	-
77ª.	-	-	-	-	-	-
79ª.	96	112	-	-	-	-
83ª.	-	-	-	-	-	-
84ª.	88	-	-	-	-	-
87ª.	-	112	-	-	-	-

Fonte: Gazoli (2009a)

¹⁹⁹ As informações “1ª. e 2ª.”, “2ª. e 3ª.”, “3ª. a 6ª.”, “5ª.. a 10ª.”, “5ª. a 10ª.” e “11ª. a 15ª.” edições foram localizadas nas capas dos exemplares dos livros da “Série de leitura Proença” e transcritas nesta dissertação.

Por meio da análise dos dados apresentados no Quadro 7, é possível constatar alterações consideráveis quanto ao número de páginas dos livros da “Série de leitura Proença” (exceto de 4º. livro de leitura).

Nas diferentes edições localizadas, o número de páginas de *Cartilha Proença* variou entre 88 (84ª. edição) e 107 (1ª. edição), ou seja, constata-se diminuição considerável de 17 páginas entre a 1ª. e a última edição localizada dessa cartilha.

Nas diferentes edições localizadas, o número de páginas de *Leitura do principiante* variou entre 109 (65ª. edição) e 112 (entre a 75ª. e, provavelmente, 87ª. edições), ou seja, constata-se diminuição de apenas quatro páginas entre as edições localizadas desse livro.

Nas diferentes edições localizadas, o número de páginas de 1º. livro de leitura variou entre 176 (45ª. edição) e 156 (48ª. edição), ou seja, constata-se diminuição de 20 páginas entre as edições localizadas desse livro (destaco que, entre a “5ª. a 10ª.” até, pelo menos, a 35ª. edições, o 1º. livro de leitura era composto por 160 páginas; entretanto, na 45ª. edição, o número de páginas é reduzido para 176, sofrendo nova queda na quantidade de páginas nas edições seguintes — 46ª. a 48ª. edição).

Nas diferentes edições localizadas, o número de páginas de 2º. livro de leitura variou entre 156 (49ª. e 50ª. edições) e 198 (1ª. a 22ª. edição), ou seja, constata-se diminuição de 42 páginas entre as edições localizadas desse livro (destaco que entre a 1ª. até, pelo menos, a 22ª. edição o livro de leitura era composto por 198 páginas, na 30ª. edição, entretanto, o número de páginas diminui para 194, sofrendo novas quedas na quantidade de páginas nas edições seguintes, até passar a ser composto por 156 página — 49ª. e 50ª. edições).

Nas diferentes edições localizadas, o número de páginas de 3º. livro de leitura variou entre 175 (35ª. edição) e 236 (1ª. até, pelo menos 15ª. edição), ou seja, constata-se diminuição de 61 páginas entre as edições localizadas desse livro (destaco que entre a 1ª. até, pelo menos, a 15ª. edição o livro de leitura era composto por 236 páginas, entre a 17ª. e a 19ª. edições, entretanto, o número de páginas diminui para 229, sofrendo novas quedas na quantidade de páginas nas edições seguintes, até passar a ser composto por 175 páginas — 35ª. edição). Não foi possível localizar, até o momento, o número exato da edição em que essas mudanças ocorreram, porque não localizei informações sobre todas as edições.

As variações em relação ao número de páginas dos livros da série de leitura em análise, ocorridas até 1940, devem-se, ou a pequenas modificações ocorridas nesses livros, como supressão e acréscimo de lições, ou a quantidade de páginas ocupadas pelo índice. Após 1948, entretanto, a modificação em relação ao número de páginas dos livros da série de leitura em análise ocorreu devido ao acréscimo de “exposições gramaticais” (breve explicação,

geralmente ao final da lição, de um conteúdo da morfologia ou da sintaxe da língua portuguesa) e do acréscimo de exercícios (frases imperativas ou interrogativas a serem executadas ou respondidas pelos alunos), ao final de algumas lições; e síntese dos conteúdos das lições, comparativamente aos das primeiras edições.

Além da variação na quantidade de páginas, os livros da série de leitura em análise sofreram, ao longo de sua trajetória editorial, modificação quanto à qualidade das ilustrações. É possível observar nas edições dos livros da “Série de leitura Proença”, publicadas até meados da década de 1940, quantidade considerável de ilustrações coloridas. Nas últimas edições localizadas, entretanto, a quantidade de ilustrações coloridas diminuiu consideravelmente, chegando a ser totalmente suprimida em *Cartilha Proença*.

Outra característica das ilustrações das primeiras edições dos livros dessa série de leitura, é que elas eram feitas com traços simples, mas, ao longo das edições, esses traços ficam cada vez mais elaborados, sendo que os objetos, animais e pessoas passam a ser representados de perfil e em perspectiva, sendo introduzidas, inclusive, fotografias de máquinas e de paisagens.

Apesar da importância das ilustrações nos livros didáticos, principalmente no período histórico em que circulou a “Série de leitura Proença”, há indicação do nome do ilustrador apenas em algumas edições de apenas um livro da série de leitura, *Leitura do principiante*. Trata-se de Oswaldo Storni, importante ilustrador da Companhia Melhoramentos de São Paulo.

Sabe-se que, no período em que a “Série de leitura Proença” foi publicada, não era habitual (embora não fosse incomum, quando se tratava de ilustrador conhecido) que as editoras explicitassem nos livros o nome do ilustrador, especialmente em se tratando de livros didáticos, mas, chama a atenção o fato de ser indicado, apenas em *Leitura do principiante*, a autoria das ilustrações.

Também não localizei, até o momento da redação da versão final desta dissertação, informações que possibilitem compreender a participação de A. F. Proença na escolha das ilustrações dos livros da série de leitura de sua autoria.

Após o falecimento de A. F. Proença, ocorrido em 1946, os livros da série de leitura (exceto 1º livro de leitura) continuaram a ser editados, ao menos por mais dez anos, totalizando novas edições, até 1956, quando, provavelmente, a série de leitura deixa de ser publicada. Apesar de a editora ter mantido os livros dessa série de leitura em circulação, após o falecimento de seu autor, sua organização foi modificada, consideravelmente, após 1948, como informei.

Os exemplares das primeiras edições dos livros dessa série de leitura são impressos em papel resistente e levemente brilhante e são encadernados em capa dura. Os últimos exemplares, todavia, são impressos em papel levemente frágil, áspero e fosco, semelhante ao papel jornal, e são encadernados em capa flexível. É provável que tais modificações tenham ocorrido em decorrência da busca pelo barateamento dos livros dessa série de leitura, uma vez que,:

Era necessário que o livro didático fosse acessível a alunos e professores em preço e possibilidade de aquisição nos vários recantos do País. Aperfeiçoaram, por exemplo, técnicas de capas do tipo brochado e, geralmente as editoras adotaram o padrão in-8º introduzido pela Garnier, cujo tamanho possibilitava a venda por preços mais acessíveis. Assim, uma obra erudita era normalmente encadernada e seu preço variava entre 5\$000 a 10\$000 réis, enquanto os livros didáticos eram cartonados, em papel de pior qualidade, possibilitando preços entre \$500 a 2\$000 réis. (BITTENCOURT, 2008, p. 86).

3.3 As diferentes edições dos livros da “Série de leitura Proença”

A pesquisa desenvolvida cujos resultados apresento nesta dissertação demandou a localização de diversas edições dos livros didáticos que integram a “Série de leitura Proença”. Constatei que, ao longo dos 30 anos em que os livros da “Série de leitura Proença” foram publicados, esses livros sofreram muitas modificações além das já destacadas, sendo algumas delas decorrentes da reformulação da série de leitura, após 1948, como informei. Tais modificações referem-se, basicamente: às ilustrações e às informações presentes nas capas; às informações da folha de rosto; à supressão do prefácio em algumas edições; à inclusão e à supressão de lições; ao acréscimo ou à supressão de ilustrações coloridas; à modificação quanto à acentuação de palavras; ao acréscimo de vocabulário e exercícios; e ao acréscimo de “exposições gramaticais”.²⁰⁰

3.3.1 Capas

Ao longo do período em que os livros da “Série de leitura Proença” foram editados as ilustrações das capas foram modificadas consideravelmente, sendo *Cartilha Proença* a que teve mais ilustrações de capas diferentes, pelo menos três, enquanto os demais livros tiveram duas ilustrações de capas distintas. As ilustrações da capa de todos os livros dessa série de

²⁰⁰ Por ter localizado, até o momento da redação da versão final desta dissertação, apenas duas edições de 4º. livro de leitura as quais não se diferenciam, não apresentarei neste tópico modificações em relação a esse livro de leitura.

leitura sofreram modificações antes mesmo de 1948, portanto, antes da reorganização da série de leitura, como se constata por meio da observação das figuras a seguir.

Figura 2 – Capa da 1ª. edição de *Cartilha Proença*



Capa da 1ª. edição de 1926

Fonte: Acervo do Centro do Professorado Paulista

Figura 3 – Capa da 66ª. edição de *Cartilha Proença*



Capa da 66ª. edição de 1948

Fonte: Acervo do Centro do Professorado Paulista

Figura 4 – Capa da 79ª. edição de *Cartilha Proença*



Capa da 79ª. edição de 1954

Fonte: Acervo do Centro de Referência em Educação “Mário Covas”

Tanto a ilustração da capa da 1ª. edição quanto da 66ª. edição de *Cartilha Proença* não apresentam temáticas infantis, enquanto a ilustração da capa da 79ª. edição²⁰¹ parece mais próxima dessa temática. A ilustração da capa da 79ª. edição difere ainda das demais, por

²⁰¹ Para evitar repetições não apresento cópia da capa de edições que são iguais. Destaco que a ilustração da capa da 39ª. edição de *Cartilha Proença* é igual à ilustração da capa da 1ª. edição dessa cartilha e a ilustração da capa da 79ª. edição dessa cartilha é igual a ilustração da capa da 84ª. edição.

apresentar a informação “Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura – Registro nº. 938”.

A capa da 87ª. edição de *Leitura do principiante* também apresenta a informação de que o livro teve seu uso autorizado no Estado de São Paulo, alterando-se apenas o número do registro de “938” para “870”. Outras modificações são constatadas nas capas desse livro, como se pode observar nas Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Capa da 59ª. edição de *Leitura do principiante*



Capa da 59ª. edição de 1943

Fonte: Centro de Referência em Educação “Mário Covas”

Figura 6 – Capa da 87ª. edição de *Leitura do principiante*



Capa da 87ª. edição de 1956

Fonte: Centro do Banco de Dados LIVRES

Como ocorreu com as ilustrações da capa de *Cartilha Proença*, as ilustrações da capa de *Leitura do principiante* também foram modificadas, ao longo da trajetória editorial desse livro. A ilustração da capa das últimas edições localizadas desses dois livros apresentam temática mais infantil do que as das últimas edições dos demais livros da série de leitura. Apresento, nas Figuras 7 a 13, capas de diferentes edições de 1º. livro de leitura, 2º. livro de leitura, 3º. livro de leitura²⁰² e 4º. livro de leitura.

²⁰² Para evitar repetições desnecessárias, não apresento capa de edições que são iguais. Destaco que: a ilustração da capa da 47ª. edição de 1º. livro de leitura é igual à ilustração da capa da 45ª. edição desse livro; a ilustração

Figura 7 – Capa da 35ª. edição de 1º. livro de leitura

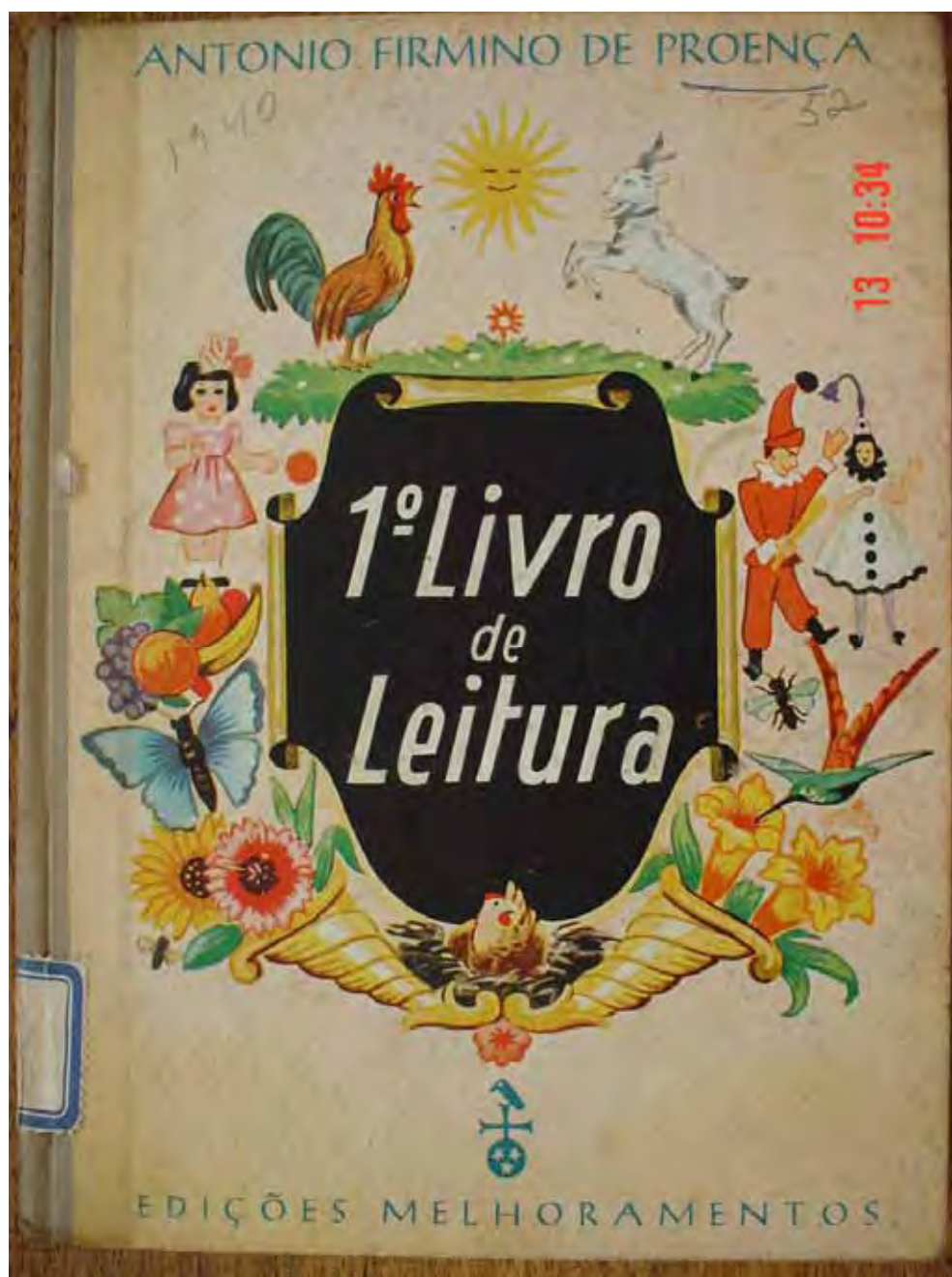


Capa da 35ª. edição de [19--]

Fonte: Centro de Referência em Educação “Mário Covas”

das capas da 30ª. e da 33ª. edições de 2º. *livro de leitura* são iguais à ilustração da capa da 31ª.edição desse livro; e a ilustração da capa da 20ª. edição de 3º. *livro de leitura* é igual à ilustração da capa da 17ª. edição desse livro.

Figura 8 – Capa da 45ª. edição de 1º. livro de leitura



Capa da 45ª. edição de 1940

Fonte: Centro de Referência em Educação "Mário Covas"

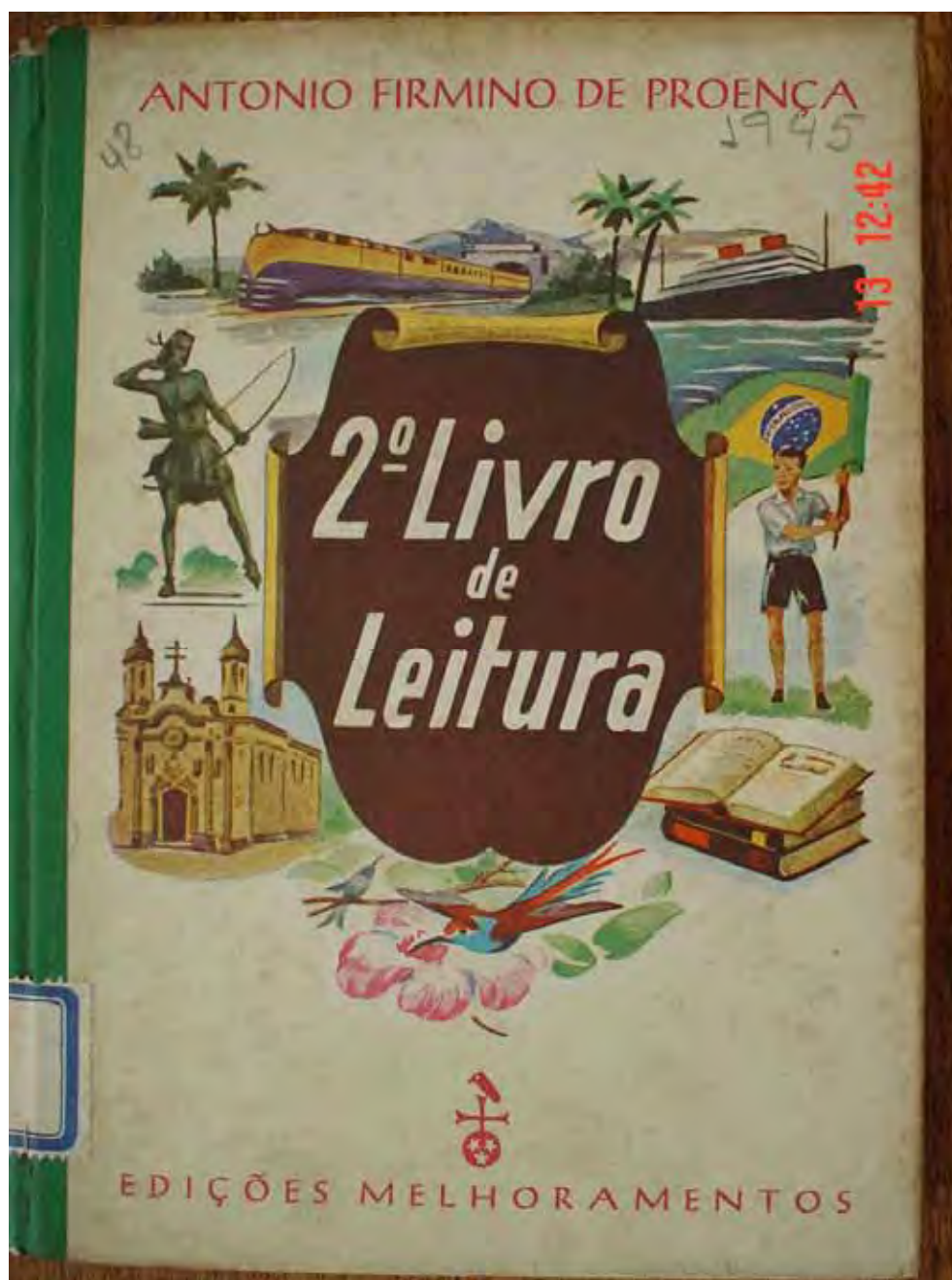
Figura 9 – Capa da 1ª. edição de 2º. livro de leitura



Capa da 1ª. edição de 1927

Fonte: Centro de Referência em Educação “Mário Covas”

Figura 10 – Capa da 31ª. edição de 2º. livro de leitura



Capa da 31ª. edição de 1945

Fonte: Centro de Referência em Educação “Mário Covas”

Figura 11 – Capa da 15ª. edição de 3º. livro de leitura



Capa da 15ª. edição de [19--]d
Fonte: Biblioteca Infanto-Juvenil "Monteiro Lobato"

Figura 12 – Capa da 17ª. edição de 3º. livro de leitura



Capa da 17ª. edição de 1941

Fonte: Biblioteca Infanto-Juvenil "Monteiro Lobato"

Figura 13 – Capa da 21ª. edição de 4º. livro de leitura



Capa da 21ª. edição de 1948

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional

Por meio da observação das figuras apresentadas, é possível constatar que, com exceção de *Cartilha Proença*, as primeiras edições dos livros que integram a “Série de leitura Proença” apresentam, na ilustração das capas, temática pouco infantil, enquanto as últimas edições apresentam capas mais coloridas.

3.3.2 Folha de rosto e 4ª. capa

As informações apresentadas na folha de rosto dos livros da “Série de leitura Proença”, além de informarem o leitor sobre o livro, caracterizam-se como propaganda tanto do livro quanto da editora que o publicou. Com pequenas modificações quanto à disposição das informações, a folha de rosto de todos os livros dessa série de leitura apresenta o nome do autor, seguido do título do livro, da destinação, do número da edição (em alguns casos, do ano de publicação, do logotipo e da razão social da editora) e, em algumas edições de *Leitura do principiante*, a indicação de autoria das ilustrações.

Em algumas edições, encontram-se, ainda, outras importantes informações que:

- ou indicam propriedade dos direitos editoriais da Companhia Melhoramentos de São Paulo (“Todos os direitos reservados pela Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel. Caixa Postal, 120B — São Paulo; número da caixa postal dessa editora - 120 B”);
- ou servem como propaganda das “novas” conquista da editora, tais como fabricar o papel utilizado na impressão dos livros (*slogan* da editora — “Do pinheiro ao livro, uma realização Melhoramentos”; “Impresso nas oficinas gráficas da Comp. Melhoramentos de São Paulo em papel fabricado pela mesma Companhia em Cayeiras”);
- ou divulgam a novidade de encomendar livros por meio de pedidos telegráficos (“Nos pedidos telegráficos basta citar o nº. [...]”);
- ou servem como propaganda direta do livro (“Adotada em todos os estados do Brasil”; “Obra aprovada e adoptada pela Directoria da Instrucção Publica dos estados de São Paulo e Pernambuco”);
- ou, ainda, propaganda de professores que ocupavam, paralelamente, lugar de destaque no magistério paulista e cargo na editora (“Secção Editora – Direção Prof. M. B. Lourenço Filho”).

As novidades decorrentes do desenvolvimento tecnológico referentes à editoração são destacadas pela editora, a fim de legitimar seu esforço em modernizar a publicação e distribuição de livros, em especial os didáticos.

Nas 4^{as}. capas dos livros da série de leitura em análise, são apresentados títulos de outros livros também publicados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo e os livros da “Série de leitura Proença”.

3.3.3 Prefácio e ilustrações

Os prefácios dos livros da série de leitura em análise sofreram consideráveis modificações ao longo de sua trajetória editorial, mantendo-se, entretanto, a indicação “O autor”, ao final do texto, para identificação de autoria. Nos prefácios dos livros da série de leitura em análise, o interlocutor de A. F. Proença é o professor primário, ou seja, aquele que utilizará o livro como material didático para o ensino da leitura.

O conteúdo do prefácio da 30^a, 31^a. e 33^a. edições de 2^o. *livro de leitura*, todavia, é, comparativamente ao prefácio da 1^a. edição, completamente diferente. Na 1^a. edição, o prefácio ocupa duas páginas e na 30^a., 31^a. e 33^a. edições, apenas uma página. Em decorrência das modificações realizadas no livro de leitura, foi necessário que o prefácio, assinado pelo autor, fosse modificado.

Nesta nova edição sai o 2^o. livro inteiramente remodelado. Várias lições foram substituídas, outras foram refeitas e quase todas sofreram retoques mais ou menos sensíveis para melhoria do sentido. Além disso acrescentamos a cada lição ligeira exposição gramatical e, ao final da obra, juntámos um vocabulário referente aos termos menos conhecidos que se encontram em cada uma das lições. Com isto julgámos ter deixado o livro em condições de satisfazer plenamente as atuais exigências didáticas da escola brasileira.

Escusado será dizer que a remodelação não se limitou à matéria propriamente dita. Também na sua parte material sofreu o livro mudanças profundas, graças ao esforço da benemérita editora — a Companhia Melhoramentos de São Paulo. Não foi somente a vestidura exterior que se transformou. No interior do livro houve os mesmos cuidados pedagógicos e estéticos: sofreu novo arranjo a matéria e novas ilustrações vieram embelezar e esclarecer os textos.

Em um ponto apenas o livro não mudou. Foi na orientação geral de sua feitura. Agora, como nas edições anteriores, o nosso livro é um livro de estudo e não um simples auxiliar da alfabetização. O aluno de 3^o ano, a quem é destinado o livro, é um aluno que já sabe ler. Não é justo, nem econômico, que se lhe ponha nas mãos um livro de leitura puramente formal. Daí a nossa preocupação com a linguagem e os assuntos. Quanto à linguagem, procurámos, dentro da simplicidade que requer uma obra didática, fornecer ao aluno variedade de vocabulário e de construção habilitando-o dêsse modo para o entendimento dos livros em geral. No tocante aos assuntos evitámos a puerilidade e a pieguice, que, a nosso ver, aviltam o educando que já vai entrando na adolescência.

À inteligência do nosso professorado confiamos esta nova edição do 2^o livro, e estamos certos de que êle reconhecerá o nosso esforço em prol do ensino. (PROENÇA, 1942, p. III)

O conteúdo do prefácio de 3^o. *livro de leitura* também foi modificado ao longo da trajetória editorial desse livro. Na 15^a., 17^a. e 20^a. edições, o prefácio ocupa duas páginas, já na 35^a. edição apenas uma página. A 15^a. e 17^a. edições apresentam prefácios iguais; já o

prefácio da 20ª. edição difere do das anteriores pela supressão das duas últimas frases e pelo acréscimo das explicações:

Para satisfazer às exigências do programa sai a presente edição acrescida das noções gramaticais indispensáveis à análise lógica ou, melhor, sintáctica. Nesta parte procurámos ser o mais simples possível. Mesmo assim, há dificuldades que sòmente podem vencer a inteligência e a boa vontade do professor. (PROENÇA, 1946, p. 4)

O prefácio da 35ª. edição de 3º. *livro de leitura*, por sua vez, é o mesmo apresentado na 30ª. edição de 2º. *livro de leitura*. Destaco que na 35ª. edição de 3º. *livro de leitura*, a destinação é modificada para alunos do 3º. ano escolar, e não mais 4º. ano escolar, como era indicado até, pelo menos, a 20ª. edição.

3.3.4 Lições

Em decorrência das modificações da “Série de leitura Proença”, após 1948, houve modificação nas lições apresentadas em cada um dos livros dessa série de leitura.

Foi suprimida, da 39ª. edição de *Cartilha Proença*, comparativamente à 1ª. edição, apenas a lição que versa sobre o ensino da letra “k”²⁰³ e foram acrescentadas três novas lições que versam sobre o ensino dos dígrafos “lh” e “nh”. Na 84ª. edição, entretanto, houve outras modificações: foram suprimidas nove lições que versam sobre o ensino das letras do alfabeto e foram acrescentadas seis lições que versam sobre o ensino dos dígrafos “lh” e “nh” e sobre as letras do alfabeto.

Dos livros da série de leitura em análise, *Leitura do principiante* foi o que menos sofreu modificação, tendo sido suprimida da 87ª. edição, comparativamente à 59ª. edição, apenas a lição intitulada “Malcriado”, na qual é narrada a história de duas crianças (Diva e seu irmão Pedrinho), que ao acompanharem a mãe à casa de uma amiga (Dona Luciana) são enganados pelo filho da amiga de sua mãe, que embrulha um caco de telha e lhes entrega dizendo tratar-se de uma bala. Bastante entristecida, Diva informa: “Eu não quis brincar mais. Não gosto de crianças malcriadas.” (PROENÇA, 1943a, p. 89).

1º. *livro de leitura* sofreu modificações ao longo de sua trajetória editorial. Algumas lições foram suprimidas, outras acrescentadas, como apresento no Quadro 8.²⁰⁴

²⁰³ Tal supressão deve-se, provavelmente, ao Acordo Ortográfico de 1931, que determinava: “São proscritas de todas as palavras portuguesas, ou aportuguesadas, as letras **k**, **w**, **y**, que serão substituídas do modo que se segue: [...] o **k**, por **qu** antes de **e** e **i** [...]” (BARROSO, [19--], p.51, grifos do autor).

²⁰⁴ Não apresento os títulos das lições suprimidas e acrescentadas, assim como os títulos de lições modificados na 47ª. edição, comparativamente à “5ª. a 10ª.” edição, porque são iguais aos da 45ª. edição.

Quadro 8 – Títulos dos textos das lições suprimidas, ou acrescentadas, ou modificadas, na 45ª. edição de 1º. livro de leitura, comparativamente à “5ª. a 10ª.” edição

Título dos textos das lições suprimidas	Título dos textos das lições acrescentadas	Modificação de título de texto	
		Título dos textos das lições da “5ª a 10ª” edição	Título dos textos das lições modificados na 45ª edição
“Com todos os ff e rr”	“Vicentinho”	“Uma visita”	“A mamangaba”
“Coisas feias”	“O esquecimento da professora”	“Cuitelo de rabo branco”	“O beijaflor”
“Gafanhoto verde”	“Na feira”	“Milagre?”	“Valente”
“Viva a Republica!”	“Natal”	—	—
“As phases da lua”	“Todos por um”	—	—
“Os tres anneis”	“O ratinho”	—	—

Fonte: Proença (1928; 1947a)

Os conteúdos das lições suprimidas da 45ª. e 47ª. edições de 1º. livro de leitura, comparativamente à “5ª. a 10ª.” edição, tratam de temas variados: ascensão social por meio do aprendizado escolar (lição “Com todos os ff e rr”); depreciação dos que não utilizam a língua portuguesa na sua forma culta (lição “Coisas feias”); as semelhanças e diferenças entre o gafanhoto e a “esperança” (lição “Gafanhoto verde”); manifestação de um cidadão em favor da República quando da visita do Imperador do Brasil (lição “Viva a República!”); as mudanças da lua em suas quatro fases (lição “As phases da lua”); e valor que os indivíduos dão à aparência e não à essência das pessoas (lição “Os tres anneis”).

Também os conteúdos das lições acrescentadas na 45ª. e 47ª. edições, comparativamente à “5ª. a 10ª.” edição de 1º. livro de leitura, abordam temas variados: bom desempenho de um aluno estrangeiro apesar das dificuldades decorrentes do aprendizado da língua portuguesa (lição “Vicentinho”); importância do reconhecimento da professora quando o aluno realiza uma atividade adequadamente (lição “O esquecimento da professora”); poema do romancista e poeta brasileiro Antonio Sales (1868-1940) sobre um presente de natal (lição “Natal”); importância da união para a transformação na vida das pessoas (lição “Todos por um”); e poema, traduzido por Romão Puiggari e cuja autoria não é identificada, sobre a gulodice de um ratinho (lição “O ratinho”).

Houve poucas modificações na 16ª. edição de 2º. livro de leitura, comparativamente à 1ª. edição, tendo sido suprimida apenas a lição “Brincadeira mathematica” e acrescentada a

lição “Lagartas de fogo”. Na 30ª. edição, entretanto, as mudanças são mais consideráveis, por isso apresento, no Quadro 9, o título das lições suprimidas e acrescentadas nessa edição²⁰⁵.

Quadro 9 – Título dos textos das lições suprimidas ou acrescentadas, na 30ª. edição de 2º. livro de leitura, comparativamente à 1ª. edição

Título dos textos das lições suprimidas	Título dos textos das lições acrescentadas
“O Registro Civil”	“Os primeiros brasileiros”
“O meu padrinho”	“O seu futuro”
“As perolas”	“O bom menino”
“Se eu soubesse ler”	“O Brasil”
“O ladão”	“Um quadro”
“24 de fevereiro”	“Os dois ratos”
“Ruy Barbosa quando criança”	“A lâ”
“21 de abril”	“Uma lenda”
“Negocio pouco serio”	“A noite”
“Brincadeira mathematica”	“Lagartas de fogo”
“O caso da nota”	“Bandeiras brasileiras”
“Os regimens”	“O asseio”
“7 de setembro”	“Cromo”
“O tem de ferro”	“O Padre-Nosso”
“O jumento e o porco”	“Ouro Preto”
“12 de outubro”	“O pequeno travêso”
“O ovo de Colombo”	“O Faísca”
“O fiasco”	“Os saltadores e o matuto”
“Santos Dumont”	—

Fonte: Proença (1927b; 1942)

Como se pode observar no Quadro 9, foram acrescentadas 18 lições à 30ª. edição de 2º. livro de leitura, comparativamente à 1ª. edição. Desse total mais de 61%, ou seja, 11 lições apresentam textos que não são de autoria de A. F. Proença. No Quadro 10, apresento autor, título e número das lições da 30ª. edição de 2º. livro de leitura, que apresentam textos que não são de autoria de A. F. Proença.

²⁰⁵ Destaco que: as lições “No tempo das patacas” e “As moedas” foram suprimidas na 33ª. edição, comparativamente à 30ª. edição, e por essa ser a única diferença entre essas edições, não apresento, no Quadro 9, a lista de título de lições suprimidas da 33ª. edição.

Quadro 10 – Autor, título do texto e número da lição, na 30ª. edição de 2º. livro de leitura

Autor	Título do texto da lição	Número da lição
Brant Horta	“O bom menino”	4
	“O asseio”	36
Júlia Lopes de Almeida	“O Brasil”	7
	“O Faísca”	56
B. Lopes	“Um quadro”	8
	“Cromo”	41
Afonso Celso	“Anhangá”	35
	“A madrasta”	65
Alexina Magalhães	“Os dois ratos”	15
Gonçalves Dias	“A mangueira”	16
José Oiticica	“A noite”	27
Buffon	“Os colibris”	44
Adelina A. Lopes Vieira	“O Padre-Nosso”	50
Não identificado	“Uma herança”	52
Abílio Barreto	“O monjolo”	53
Artur Azevedo	“O pequeno travesso”	55
Júlio Nogueira	“Os salteadores e o matuto”	58

Fonte: Proença (1942)

Das 66 lições que integram a 30ª. edição de 2º. livro de leitura, 26%, ou seja, 17 lições correspondem a textos que não são de autoria de A. F. Proença, sendo que: dez são poemas; duas são textos em prosa; três são narrativas; e duas são textos expositivos. Dessas lições: duas são de autoria do poeta e professor mineiro Francisco Eugenio Brant Horta (1876-1959); duas são de autoria da escritora fluminense Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934); duas são de autoria do poeta fluminense Bernardino da Costa Lopes (1859-1916); duas são de autoria do poeta e professor mineiro Alonso Celso de Assis Figueiredo Junior (1860-1938); uma de autoria da poetisa mineira Alexina Magalhães Pinto (1870-1921); uma de autoria do professor e poeta mineiro José Rodrigues Leite e Oiticica (1882-1957); uma de autoria da contista portuguesa Adelina Amélia Lopes Vieira (1850-[s/d]); uma de autoria do jornalista e escritor mineiro Abílio Velho Barreto (1883-1959); uma de autoria do poeta maranhense Artur Nabatino Gonçalves de Azevedo (1855-1908); uma de autoria do escritor português Julio Nogueira da Mota Barbosa (1883-1942); uma do poeta e teatrólogo maranhense Antonio de Gonçalves Dias (1823-1864); uma de autoria de Buffon, cujas informações, até o momento, não foi possível localizar; e uma de autoria não identificada.

Assim como ocorreu com 1º. livro de leitura e 2º. livro de leitura, foram consideráveis as modificações ocorridas em 3º. livro de leitura, por isso, apresento, no Quadro 10, o título das lições suprimidas e acrescentadas na 17ª. e 20ª. edições, comparativamente à 15ª. edição.

Quadro 11 – Título dos textos das lições suprimidas ou acrescentadas, na 17ª. e 20ª. edições de 3º. livro de leitura, comparativamente à 15ª. edição

17ª. edição		20ª. edição	
Título dos textos das lições suprimidas	Título dos textos das lições acrescentadas	Título dos textos das lições suprimidas	Título dos textos das lições acrescentadas
“As leis”	“O canto do sabiá”	“As leis”	“O canto do sabiá”
“Escola de outros tempos”	“Anchieta”	“Escola de outros tempos”	“Anchieta”
“A canção da cerejeira”	“12 de outubro”	“As estações”	“O óleo de rícino”
“Canção da avenca”	“As olarias”	“A canção da cerejeira”	“As olarias”
“O fumo”	“O óleo de rícino”	“Canção da avenca”	“Os primitivos habitantes da América”
“O primeiro cigarro”	“Os primitivos habitantes da América”	“O fumo”	“Doze de outubro”
“El-dorado”	“A cachoeira de Paulo Afonso”	“O primeiro cigarro”	“O império dos Incas”
“Bugrinho”	“O império dos Incas”	“El-dorado”	“A conquista”
“Partida da Monção”	“A conquista”	“Bugrinho”	“Sete de setembro”
“X.P.T.O. London”	“7 de setembro”	“Partida da Monção”	“O mate”
“Peccados contra a linguagem”	“O mate”	“X.P.T.O. London”	“O califa”
“O reino mineral”	A ostra e a sardinha”	“Peccados contra a linguagem”	“A ostra e a sardinha”
“Invento útil”	“Batalha naval do Riachuelo”	“O gato, o lagarto e o grillo”	“Batalha naval do Riachuelo”
“O rio Gravata”	“O califa”	“O reino mineral”	Higiene dos pés”
“Uma boa lição”	Higiene dos pés”	“Invento útil”	“Infância do General Osório”
“O gallo morreu!...”	“Infância do General Osório”	“O rio Gravata”	“Como o General Osório se fez militar”
“Um apólogo”	“Como o General Osório se fez militar”	“Uma boa lição”	“Antonio João”
“Homem sem consciencia”	“Antonio João”	“A gruta do Maquiné”	“Almirante Barroso”
“Lenda”	“Almirante Barroso”	“O gallo morreu!...”	“Santos Dumont”
“A ultima flor do Lacio”	“Santos Dumont”	“A luta pela vida”	“O pássaro, o relógio e o espelho”
“A língua portugueza”	“O pássaro, o relógio e o espelho”	“Na divisão dos hemisferios”	“A cachoeira de Paulo Afonso”
—	“A conquista dos sertões”	“Um apólogo”	—
—	—	“Homem sem consciencia”	—
—	—	“Lenda”	—
—	—	“A ultima flor do Lacio”	—
—	—	“A língua portugueza”	—
—	—	“A cigarra, a formiga e a abelha”	—

Fonte: Proença ([19--]d; 1941; 1946)

Por meio da análise dos exemplares da 15ª., 17ª., 20ª. e 35ª. edições de 3º. livro de leitura e das informações apresentadas no Quadro 11, é possível constatar que:

- houve acréscimo de 22 lições e supressão de 21 lições, na 17ª. edição, comparativamente à 15ª. edição;

- houve acréscimo de 21 lições e supressão de 27 lições, na 20^a. edição, comparativamente à 15^a. edição;
- e houve modificação de todas as lições da 35^a. edição, comparativamente à 15^a. edição, ou seja, as lições que integram a 35^a. edição de 3^o. *livro de leitura* são as lições que integram a 33^a. edição do 2^o. *livro de leitura*, isso significa que o título do 2^o. *livro de leitura* foi modificado para 3^o. *livro de leitura*. Pelos motivos já expostos não é possível identificar quais lições acrescentadas à 17^a. e 20^a. edições de 3^o. *livro de leitura* não são de autoria de A. F. Proença nem qual seu conteúdo.

Outra diferença constatada nas diversas edições dos livros da série de leitura em análise se refere à acentuação de palavras, que decorreu, presumivelmente, das reformas e acordos ortográficos²⁰⁶. A título de exemplo, cito o primeiro nome do autor da série de leitura, que passou, pelo menos, por três modificações: até, ao menos, meados de 1930, era grafado sem acento (“Antonio”), tendo, a partir de então, passado, a receber acento circunflexo, (“Antônio”); após 1946, passa a ser grafado com acento agudo (“António”).

3.3.5 Vocabulário e exercícios

A 45^a. e a 47^a. edições de 1^o. *livro de leitura* diferem das demais edições localizadas, devido ao acréscimo de exercícios ao final de cada lição e de vocabulário no final do livro de leitura. No Quadro 12, apresento os enunciados de exercícios apresentados na 45^a. e 47^a. edições de 1^o. *livro de leitura*.

²⁰⁶ Segundo Barroso ([19--], p. 69), ao assinarem o Acordo Ortográfico, em 1931, catedráticos da Academia Brasileira e da Academia de Lisboa determinaram que, segundo a norma culta da língua portuguesa, devia-se “Empregar os sinais diacríticos sempre que se fizer mistér para a boa fixação da pronuncia, ou para evitar confusões.”

Quadro 12 – Enunciados de exercícios em 1º. livro de leitura

Enunciados de exercícios	Quantidade
Dizer formas de saudação	1
Dizer exemplos de nomes próprios	5
Dizer exemplos de palavras no diminutivo	2
Reler a lição substituindo algumas palavras por seu sinônimo	9
Dizer exemplos de nomes compostos	1
Responder qual o antônimo das palavras dadas	5
Reproduzir oralmente a lição	9
Elaborar sentenças utilizando palavras dadas	6
Completar palavras das sentenças	5
Elaborar sentenças utilizando expressões dadas	1
Passar sentenças para o feminino e/ou masculino	4
Escrever em prosa o conteúdo do poema	2
Responder, por escrito, questões sobre a lição	1
Apresentar exemplos de palavras homófonas	1
Reproduzir o conteúdo do poema por meio de desenho	1
Total	53

Fonte: Proença (1947a)

3.3.6 “Exposições gramaticais”

Não constatei, nos exemplares localizados dos livros da “Série de leitura Proença”, com data de publicação até 1942, “exposições gramaticais”. Localizei, entretanto, nas edições de 2º. livro de leitura e 3º. livro de leitura, com data de publicação após 1942, tais “exposições gramaticais” que, no caso de 2º. Livro de leitura, foram acrescentadas a partir, provavelmente, da 30ª. edição. Essa edição também difere das que a antecederam por apresentar exercícios, também ao final da quase totalidade das lições, e “vocabulário”, com relação de algumas palavras da lição acompanhadas de seu significado, ao final do livro. No Quadro 13, apresento os temas das “exposições gramaticais” e os tipos de exercícios, com respectivas quantidades, apresentados na 30ª. edição de 2º. livro de leitura.

Quadro 13 – Temas das “exposições gramaticais” e enunciados de exercícios em 2º. livro de leitura

Temas das “exposições gramaticais”	Quantidade	Enunciados de exercícios	Quantidade
Período gramatical	1	Dizer o período da oração	1
Partes da oração	1	Escrever palavras ou frases no singular e/ou no plural	5
Substantivos	17	Identificar substantivos em orações	1
Adjetivos	21	Classificar substantivos	4
Pronomes	5	Escrever o coletivo de palavras	2
Análise sintática	2	Escrever a forma feminina e/ou masculina de palavras	10
Verbo	10	Escrever e/ ou ler palavras no plural	2
Sujeito e predicado	3	Escrever palavras no diminutivo e/ou aumentativo	3
Advérbio	1	Adjetivar palavras	2
Preposição	1	Escrever o superlativo	2
Conjunção	1	Escrever e/ou destacar artigos	2
Objeto direto	1	Destacar adjetivos	5
—	—	Ler e/ou escrever numerais ordinais	1
—	—	Responder questões sobre o conteúdo da lição	1
—	—	Representar, por meio de desenho, o conteúdo da lição	1
—	—	Compor diálogos	1
—	—	Identificar pronomes	2
—	—	Analisar substantivos, adjetivos e pronomes pessoais	2
—	—	Compor orações empregando pronomes	1
—	—	Substituir pronomes em orações	1
—	—	Classificar verbos quanto a sua forma	11
—	—	Identificar sujeito e predicado	3
—	—	Identificar advérbios	1
Total	64	Total	66

Fonte: Proença (1942)

Também foram acrescentados a algumas edições de 3º. livro de leitura “exposição gramatical”, exercícios e vocabulário. No Quadro 14, apresento os temas das “exposições gramaticais” e os enunciados de exercícios, com respectivas quantidades, apresentados na 35ª. edição de 3º. livro de leitura.

Quadro 14 – Temas das “exposições gramaticais” e enunciados de exercícios em 3º. livro de leitura

Temas das “exposições gramaticais”	Quantidade	Enunciados de exercícios	Quantidade
Período gramatical	1	Dizer o período da oração	1
Partes da oração	1	Escrever palavras ou frases no singular e/ou no plural	2
Substantivos	13	Identificar substantivos em orações	3
Diminutivo	2	Classificar substantivos	4
Aumentativo	1	Escrever o coletivo de palavras	1
Adjetivo	13	Escrever a forma feminina e/ou masculina de palavras	8
Superlativo	3	Escrever frases usando palavras ou expressões	5
Artigo	2	Ler palavras ou expressões	1
Numerais	1	Escrever palavras no diminutivo e/ou aumentativo	1
Pronomes	5	Adjetivar palavras	3
Análise sintática	2	Destacar adjetivos	3
Verbo	9	Escrever o grau dos adjetivos	4
Conjunção	2	Identificar artigos	2
Sujeito e predicado	3	Dizer numerais ordinais	1
Advérbio	1	Representar, por meio de desenho, o conteúdo da lição	1
Preposição	1	Responder questões sobre o conteúdo da lição	2
Objeto indireto	1	Compor diálogos	1
—	—	Identificar pronomes	2
—	—	Analisar substantivos, adjetivos e pronomes pessoais	2
—	—	Substituir palavras em orações	1
—	—	Dizer ações	1
—	—	Identificar sujeito e predicado	7
—	—	Identificar verbo	3
—	—	Classificar verbo segundo a conjugação	2
—	—	Identificar preposição	1
—	—	Identificar objeto indireto	1
Total	61	Total	63

Fonte: Proença (1950)

A reorganização da “Série de leitura Proença”, em 1948, incidiu, mais diretamente, sobre os livros destinados ao ensino da leitura nas classes adiantadas do curso primário (2º. ao 4º. ano escolar): *1º. livro de leitura*; *2º. livro de leitura*; *3º. livro de leitura*; e *4º. livro de leitura*. O acréscimo de vocabulário e de exercícios pode indicar uma mudança em relação ao “papel” desempenhado por professor e por aluno a partir de meados da década de 1920, comparativamente às décadas finais do século XIX e iniciais do século XX.

A intensificação do grau de dificuldades dos conteúdos apresentados em cada um dos livros dessa série de leitura caracteriza a proposta de “concretização” do método analítico para o ensino da leitura e dos demais conteúdos do curso primário proposto por A. F. Proença.

A publicação da última edição dos livros da “Série de leitura Proença” coincide com o momento em que a editora Melhoramentos, após perdas econômicas, deixa de publicar livros didáticos, mantendo em seu catálogo apenas alguns títulos de destaque, como: *Cartilha do povo*, de M. B. Lourenço Filho; e *Cartilha ensino rápido da leitura*, de Mariano de Oliveira (DONATO, 1990, p. 129).

CAPÍTULO 4

“Série de leitura Proença” e o ensino da leitura pelo método analítico

4.1 Os exemplares analisados

Dentre os exemplares localizados das diferentes edições dos livros que integram a “Série de leitura Proença” selecionei, para análise detalhada, o exemplar mais antigo, que pude localizar, de cada um dos livros, a saber: 1ª. edição de *Cartilha Proença* (1926), 59ª. edição de *Leitura do principiante* (1943a), “5ª. a 10ª.” edição de *1º. livro de leitura* (1928), 1ª. edição de *2º. livro de leitura* (1927), 15ª. edição de *3º. livro de leitura* ([19--]d) e 21ª. edição *4º. livro de leitura* (1948).²²¹

Todos os exemplares que localizei dos livros da série de leitura em análise medem 19 x 14 cm e são encadernados em capa dura, tendo sido impressos em papel resistente e levemente brilhante.

A capa de *Cartilha Proença* (1926) difere da capa dos demais livros da série de leitura por dois motivos principais: é a única em que, na capa, uma ilustração é apresentada e é a única na qual não é apresentada o nome do autor. Na capa dos demais livros da série de leitura na parte superior da capa, tem-se o nome do autor, seguido do título do livro, do número da edição (apenas em algumas edições), do logotipo da editora e sua razão social, sendo todas essas informações circundadas por bordas largas e grafadas na cor marrom (em *Leitura do principiante*), na cor vermelha (em *1º. livro de leitura*), na cor verde (em *2º. livro de leitura*) e na cor azul (em *3º. livro de leitura*).

Pelos motivos já expostos, a capa do exemplar localizado de *4º. livro de leitura* difere da capa dos demais livros da série de leitura em análise, sendo semelhante, à capa da 17ª. (1941) e da 20ª. (1946) edições de *3º. livro de leitura*. Na parte superior da capa, encontram-se o nome do autor seguido do título do livro — *4º. livro de leitura* — circundado por ilustrações coloridas representando pessoas, meios de transportes e insetos. Na parte inferior da capa, cujo fundo é branco, encontram-se o número da edição (“21ª. edição”), o logotipo e a razão social da editora — Edições Melhoramentos.

As informações da capa dos livros da série de leitura em análise se repetem na folha de rosto, tendo sido acrescentadas informações sobre o destinatário.

No verso da folha de rosto, encontram-se as seguintes informações: “Todos os direitos reservados pela Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel”; número da caixa postal dessa editora (120 B); indicação da cidade da editora, seguidas, em alguns casos, das informações “Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde. Registro nº. 1556”, “Nos

²²¹ Apresento, neste capítulo, a descrição apenas dos exemplares dessas edições, uma vez que, no Capítulo 3, já apresentei as modificações que ocorreram em outras edições dos livros da série de leitura em análise, ao longo de sua trajetória editorial.

pedidos telegráficos basta citar o nº. 206” e o *slogan* da editora — “Do pinheiro ao livro, uma realização Melhoramentos”.

Nas 4^{as}. capas dos exemplares em análise, encontram-se dados sobre a editora (o endereço e a caixa postal da matriz e da filial da editora no Rio de Janeiro), seguidos de uma relação de títulos de livros editados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo.

Na quarta capa de *Cartilha Proença* (1926), são apresentados títulos de livros do professor A. F. Proença e de outros professores paulistas (Mariano de Oliveira, Erasmo Braga²²², Octaviano de Mello²²³, G. A. Büchler e Renato Fleury), acompanhados dos respectivos preços, que variavam entre 1\$700 e 5\$000 réis. Os títulos dos livros de A. F. Proença presentes nessa lista são: *Cartilha Proença*: 2\$500; *Leitura do principiante*; *1º. livro de leitura*; *2º. livro de leitura*; e *3º. livro de leitura* — os quatro últimos são seguidos da indicação “no prelo”).

Na quarta capa de *Leitura do principiante* (1943a), são apresentados títulos de livros das séries “Cenas históricas” e “Cidades do mundo”, cada uma delas composta por seis livros, custando cada um deles Cr\$ 2,50 (primeira série) e Cr\$ 3,00 (segunda série); abaixo dessas informações, encontra-se a frase “Peça hoje mesmo nosso ‘Catálogo Infantil’!”, seguida do número telegráfico para solicitação e do “Preço dêste volume: Cr\$ 3,00”.

Na quarta capa de *1º. livro de leitura* (1928), são apresentados títulos de livros dos professores A. F. Proença, Octaviano de Mello, Alvaro Guerra²²⁴, Padre Antonio de Menezes e Ernani Joppert; os títulos são acompanhados dos respectivos preços, que variam entre 1\$500 e 4\$500 réis. Os preços dos livros do professor A. F. Proença são: *Cartilha Proença* 2\$500; *Leitura do principiante* 2\$500; *1º. livro de leitura* 3\$000; *2º. livro de leitura* e *3º. livro de leitura* — os dois últimos são seguidos da indicação “no prelo”.

Na quarta capa de *2º. livro de leitura* (1927), são apresentados títulos de livros dos professores A. F. Proença, Octaviano de Mello, Alvaro Guerra, Padre Antonio de Menezes e Ernani Joppert; os títulos são acompanhados dos respectivos preços, que variam entre 1\$500 e 3\$500 réis. Os preços dos livros do professor A. F. Proença são: *Cartilha Proença* 2\$500; *Leitura do principiante* 2\$500; *1º. livro de leitura* 3\$000; *2º. livro de leitura* 3\$500; e *3º. livro de leitura* — o último seguido da indicação “em preparação”.

²²² O professor Erasmo de Carvalho Braga nasceu em Rio Claro-SP, em 1877, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1932. Foi professor de Língua Inglesa no Ginásio de Campinas-SP e escreveu livros didáticos, dentre os quais os que integram a Série de leitura Braga: *Leitura I*; *Leitura II* e *Leitura III* (MELO, 1954, p. 102-103).

²²³ Até o momento da redação da versão final desta dissertação, não localizei informações sobre Octaviano de Mello e G. A. Büchler.

²²⁴ Até o momento da redação da versão final desta dissertação, não localizei informações sobre Alvaro Guerra, Padre Antonio de Menezes e Ernani Joppert.

Na quarta capa de 3º. *livro de leitura* ([19--]d), são apresentados títulos de livros dos professores A. F. Proença, Octaviano de Mello, Alvaro Guerra, Padre Antonio de Menezes e Ernani Joppert; os títulos são acompanhados dos respectivos preços, que variam entre 1\$500 e 4\$500 réis. Os preços dos livros do professor A. F. Proença são: *Cartilha Proença* 2\$500; *Leitura do principiante* 2\$500; 1º. *livro de leitura* 3\$000; 2º. *livro de leitura* 3\$500; e 3º. *livro de leitura* 4\$500.

Na penúltima folha de 2º. *livro de leitura* (1927), são localizadas informações sobre: três livros do professor Erasmo Braga (*Leitura I*, *Leitura II* e *Leitura III*); a série “Bibliotheca Infantil”, organizada pelo professor Arnaldo Barreto; e a série “Encanto e Verdade”, do professor Thales de Andrade²²⁵.

Nas últimas folhas de 2º. *livro de leitura* (1927) e de 3º. *livro de leitura* ([19--]d), localizam-se as seguintes informações:

Nosso paiz, o Brasil, de tudo pode produzir!
Este livro, escripto por autor brasileiro, illustrado e impresso no Brasil é feito tambem de papel brasileiro, fabricado pela Cia. Melhoramentos de S. Paulo.
O Brasil tanto mais produzirá, enriquecendo o seu povo, trazendo-lhe a abastança e a prosperidade, quanto mais cultos e preparados forem os seus homens de amanhã, — hoje meninos de escola. A criança que estuda trabalha pela riqueza futura da Patria. (PROENÇA, 1927, p. 200)

4.2 As explicações do autor

A. F. Proença assim como os demais autores de livros didáticos de sua geração dependia da aprovação oficial para que os livros de sua autoria fossem utilizados em sala de aula e dependia também da aceitação dos professores, que utilizariam esses livros. Como destaca Bittencourt:

O poder do professor na sala de aula, considerando-se que dele dependia a escolha do livro a ser lido pelos alunos e as formas como seria utilizado, obrigou os autores a travar um diálogo com seu interlocutor mais autorizado por intermédio de “introduções”, “prefácios” (prefação), “advertências” que, invariavelmente, iniciavam o livro didático. Tais discursos introdutórios, ao lado do próprio “conteúdo explícito” dos capítulos do livro escolar, indicaram as diferentes concepções dos autores sobre o conhecimento escolar e sobre as metodologias a serem utilizadas no processo de aprendizagem. (BITTENCOURT, 2008, p. 183)

²²⁵ O professor Thales Castanho de Andrade nasceu em Piracicaba-SP, em 1890 (MELO, 1954, p. 58), e faleceu na cidade de São Paulo, em 1977. Foi diplomado professor pela Escola Complementar de Piracicaba-SP ([19--]) e escreveu, dentre outros, os livros que integram a coleção *Leitura Escolar: Ler Brincando, Espelho, Alegria, Vida na Roça, Saudade, Campo e Cidade e Trabalho* (MELO, 1954, p. 58)

Os prefácios dos livros da série de leitura em análise, todos assinados por A. F. Proença, são fontes para compreensão da proposta desse professor para a “concretização” do método analítico para o ensino da leitura.

No prefácio de *Cartilha Proença* (1926), o autor apresenta “Um ligeiro exame [que] revelará o plano deste livrinho” (PROENÇA, 1926, p. III), ou seja, apresenta as partes constitutivas da cartilha e o que ele pretende que as crianças aprendam, ao utilizá-la. Assim, o autor informa que a cartilha é dividida em três partes principais: a 1ª. é composta de 22 lições; a 2ª., de 20 lições; e a 3ª., de 26 lições, totalizando 68 lições.

As 22 primeiras lições da cartilha são:

[...] pequeninas, com sentenças simples e naturais para as crianças. O vocabulário ahi se repete bastantemente para a necessária fixação das formas.

[...]

São ao todo 222 sentenças, com 1244 palavras, entre significativas e particulares, das quaes apenas umas 200 diferentes. (PROENÇA, 1926, p. III)

A. F. Proença apresenta, também, em *Cartilha Proença*, instruções sobre como o professor deve proceder para que o trabalho com a 1ª. parte da cartilha seja significativo e eficaz, afirmando que: “Si o trabalho preparatório for bem feito no quadro negro, a criança poderá ler sem dificuldade todas as sentenças que constituem esta 1ª. parte da cartilha.” O trabalho realizado até essa fase é “[...] intencionalmente synthetico. É a *phase da sentencição*. As sentenças por certo serão analysadas pela criança, porem essa analyse será espontanea, resultante da propria aquisição synthetica.” (PROENÇA, 1926, p. III, grifo do autor).

Na 2ª. parte da cartilha, “[...] entra a criança na phase propriamente analytica da leitura. O trabalho de composição será agora intencional e systematico.” (PROENÇA, 1926, p. III), trata-se da “fase da palavração”, que o autor recomenda que ocorra da seguinte forma: “[...] cada uma dessas lições será lida primeiramente no quadro negro, sendo o assumpto fornecido pela estampa do livro ou por objecto sempre de fácil apresentação.” (PROENÇA, 1926, p. III). Adverte, também, para o fato de que:

Os modelos de analyse e bem assim os de synthese que apresentamos, são meras suggestões. No quadro negro terá o professor occasião de variar o processo segundo as circunstancias e a inspiração de momento.

Segue-se a *phase da syllabação*, que abrange a quase totalidade da terceira parte. O conhecimento das syllabas, como elemento material do vocabulo, é indispensavel para a leitura de palavras novas. Poderíamos deixar que a criança fosse descobrindo as syllabas por si só, porem tal aprendizado accidental seria pouco economico. Dahi o havermol-as disposto em quadros, para um estudo systematico, segundo a consoante inicial. [...] não se trata de

exercícios de syllabação, *que seriam condemanaveis*, mas sim do conhecimento das syllabas. (PROENÇA, 1926, p. III, grifos do autor).

Ainda no prefácio da cartilha, o autor explicita o método de alfabetização utilizado:

[...] o desenvolvimento do ensino por esta cartilha obedece aos principios do methodo analytico, ou antes, do methodo analytico-synthetico, porque a analyse e a synthese se apresentam sempre integralizando o processo mental. (PROENÇA, 1926, p. III).

A. F. Proença apresenta, ainda no prefácio da cartilha, o tipo de leitor previsto: “Este livrinho foi composto para o alumno. É um livro de leitura, não um methodo para o professor. Ao professor não se podem impor processos nem traçar regras invariaveis.” E reafirma a autonomia do professor: “Dentro das normas estabelecidas nos programmas officiaes e obedecendo aos mesmos principios geraes do methodo, deve o professor ter plena liberdade de acção.” (PROENÇA, 1926, p. IV). A. F. Proença menciona, também, outros autores de cartilhas contemporâneos seus, demonstrando conhecimento de trabalhos realizados e elogiando-os:

Não tivemos a pretensão de fazer obra original. Depois dos bellissimos trabalhos de Theodoro de Moraes, Mariano de Oliveira, Arnaldo Barreto, Benedicto Tolosa, Gomes Cardim e Francisco Vianna, para só citar os mais conhecidos do professorado paulista, tentar originalidade neste domínio seria pretensão estulta. A obra não é original, mas temos certeza de que será util. (PROENÇA, 1926, p. IV)

No prefácio de *Leitura do principiante* (1943a), A. F. Proença explica que “Êste livrinho é assim como uma ponte lançada entre a *Cartilha* e o 1º. livro de leitura.” (PROENÇA, 1943a, p. III), estabelecendo, em seguida, as características de uma e de outro.

Obra destinada à transição de uma a outra fase do ensino, aqui se encontram naturalmente reunidos os caracteres dos dois livros aos quais se interpõe. Pela pequenez das lições, brevidade das sentenças e repetição propositada de certas formas gráficas e bem assim de todo o vocabulário, ela é ainda um pouco a mesma *Cartilha*; pela linguagem, construção das sentenças e seu arranjo em parágrafos e, sobretudo, pela natureza dos assuntos, o livrinho já toma a feição das obras destinadas à prática da leitura corrente e expressiva. O livrinho tem, pois, uma dupla finalidade e um duplo aspecto, e daí se deduz que o processo das lições tem de participar simultâneamente do ensino que vinha sendo feito pela *Cartilha* e do que há de ser feito pelo 1º Livro. (PROENÇA, 1943a, p. III).

Após breve explicação das características de *Leitura do principiante*, o autor expõe os cinco passos a que as lições do livro devem “obedecer”.

1º. Preparação – que tem por fim despertar o interêsse e, consequentemente, focalizar a atenção da classe. Sem êste trabalho preliminar a assimilação é impossível ou, pelo menos, imperfeita. No caso não se trata de <<contar por

outras palavras>> a história do livro, disparate muito generalizado entre os professores e de resultado inteiramente contraproducente. O que se deseja é preparar a base *aperceptiva*, isto é, despertar idéias já adquiridas para com elas se associarem as idéias novas. Uma ligeira palestra com a classe será a forma conveniente.

2º. Apresentação – que o professor fará lendo a lição toda, com a melhor expressão possível e fazendo ligeiras paradas nas divisões naturais do trecho. Nesta fase, e bem assim na anterior, é indispensável que os alunos conservem seus livros fechados. O resultado da *apresentação* será a formação de um todo ainda vago e indefinido.

3º. Análise – que será feita em colaboração com a classe, e tem por fim explicar o sentido de certos termos e interpretar algumas frases e períodos obscuros. À medida que for relendo o trecho, o professor irá dando as explicações necessárias.

4º. Síntese – Ligeiras perguntas de concentração, para o que o professor poderá valer-se das próprias ilustrações do livro. O resultado será uma concepção clara do todo.

5º. Aplicação – que deverá ser feita na aula seguinte: leitura pelos alunos e exercícios de linguagem (reprodução, sinóníma, etc.).

Como se verá, as lições deste livrinho foram organizadas tendo em vista o plano acima exposto. Cada uma delas é um todo completo, uma unidade, o que, aliás, também é o característico fundamental da obrinha inteira. (PROENÇA, 1943a, p. IV, grifos do autor).

Após essas minuciosas explicações sobre como o livro *Leitura do principiante* deve ser utilizado em sala de aula, A. F. Proença encerra o prefácio apresentando sua expectativa sobre o livro: “Espero que o livrinho será bem recebido pelas crianças do 1º. e do 2º. ano, para quem foi êle escrito.” (PROENÇA, 1943a, p. IV).

No prefácio de *1º. livro de leitura* (1928), A. F. Proença defende que os conteúdos escolares devem ter relação com a vida dos alunos. Por isso critica os livros de leitura cujo conteúdo é marcadamente escolar, sem relação com o que ele denomina “realidade” e “distante da mentalidade infantil”. A esse “gênero de literatura didática” A. F. Proença denomina “da pílula dourada”.

Tem-se dito que um livro de leitura pode ser apenas educativo ou apenas instrutivo ou possuir conjuntamente as duas qualidades. Nunca pude compreender bem o que isso significa. Livro que o aluno lê, o que quer dizer entende e sente é sempre um livro educativo, pouco importa o assunto que nele se desenvolva. Obra não assimilável não é educativa nem instrutiva — é um conjunto de páginas mortas, antes causa de empanturramento do que meio de desenvolvimento mental.

Escrevem-se, sobretudo, livros indigestos. Sob a alegação de que o aluno *precisa* adquirir uns tantos conhecimentos, tenta-se impingir-lhe através da leitura determinadas noções científicas, inteiramente em desacôrdo com a sua idade e, portanto, contrariando as suas predisposições naturais. Outras vezes a preocupação do autor se volta exclusivamente para a linguagem: o vocabulário, a frase, o estilo, eis o elemento capital do livro. E é, então, de ver-se o rebuscamento de termos, a torcedura das orações e a

desnaturalização da forma. Tudo é artificial e distante da mentalidade do pequenino leitos!

Alguns autores, levados pela boa intenção, mas desconhecendo a psicologia infantil, têm procurado suavizar a *aspereza* de certos assuntos, apresentando-os com disfarce, na esperança de que a assimilação se realizará “sem esforço, inconscientemente”. Chegaram assim a inventar um gênero de literatura didática, a que poderíamos chamar — *da pílula dourada*.

O gênero não é novo. Pelo contrário, a sua vulgaridade parece datar daquela “escola filantropista” do século 18º, que fazia as crianças engulirem o alfabeto. Também não possui originalidade, porque é a expressão natural e espontânea dessa tendência, a nós comum, de enganar o estômago, a mente e o coração nas horas da amargura. (PROENÇA, 1928, p. III, grifos do autor)

Com a finalidade de exemplificar o que denomina “da pílula dourada”, A. F. Proença apresenta criticamente uma situação.

Suponhamos um trecho assim: “Em uma bela manhã de outono saíram a passeio pelo campo o Sr. Costa com o seu filho Joãozinho. Na relva ainda húmida, pequeninas gotas de água cintilavam, irisadas pelo sol que se elevava majestoso no horizonte. Muito admirado, Joãozinho perguntou ao pai: — Então choveu esta noite, papai?”

Agora vem uma longa explicação do Sr. Costa a respeito do orvalho e sua formação. É isto que nós poderíamos chamar *literatura da pílula dourada*.

Ora, quer-nos parecer que a ciência não seja coisa assim tão amargosa, para exigir um encapotamento de açúcar. E se for realmente amarga, estejamos certos de que a criança lambe o açúcar e deitara fora a pílula. (PROENÇA, 1928, p. IV, grifo do autor)

Para A. F. Proença, os livros de leitura nos quais a “cultura do sentimento moral” é defendida não são eficientes por diferentes motivos.

Nestes quase sempre predomina pieguice excessiva ou então moralidade cujos princípios se derivam de uma ética inteiramente estranha à vida real. A teoria da *criança boazinha* não pode ser tão mentirosamente prègada, assim como é preciso cessar a doutrina da virtude sempre recompensada e do vício sempre punido.

Tais livros apresentam dois inconvenientes. Em primeiro lugar não agradam, porque a criança percebe que são lições de moral compostas propositadamente para ela; em segundo lugar preparam o indivíduo para uma vida que absolutamente não é aquela que ele tem que viver mais tarde.

Com respeito a assuntos cabe ainda uma observação. Alguns autores descem demais, infantilizam demais, tornam-se pueris. Ora, as crianças não gostam de que façam mau juízo a respeito delas. Como seres humanos, as crianças têm amor próprio, que é preciso respeitar. Neste ponto elas são muito ciosas dos seus direitos. (PROENÇA, 1928, p. IV, grifo do autor)

Ainda no prefácio de *1º livro de leitura* (1928), A. F. Proença apresenta as finalidades tanto da leitura quanto dos livros que têm como objetivo principal ensinar a ler.

Se os livros se destinassem à leitura puramente mecânica, se é que tal leitura existe, todos eles seriam muito bons, qualquer que fosse o assunto e a forma

de apresentação. O objetivo, entretanto, é muito outro. Eles se destinam, antes de tudo, à educação do indivíduo, isto é, à formação da sua inteligência e do seu sentimento moral, estético, científico e religioso.

Nessas condições o livro de leitura tem de ser essencialmente educativo. Ora a leitura educativa é aquela que o aluno compreende e sente; é aquela que produz nele modificações duradouras; é aquela, enfim, que êle faz com interesse. (PROENÇA, 1928, p. IV).

A. F. Proença apresenta, no prefácio de 1º. *livro de leitura* (1928), três explicações sobre as opções feitas quanto à elaboração desse livro, as quais se referem: à linguagem utilizada; à reduzida quantidade de “poemas”; e à não apresentação das “lições de coisas” ²²⁶.

Para justificar tais opções, A. F. Proença explicita:

Quanto à linguagem, é aproximadamente a da criança, a que o livro se destina, naturalmente isenta de certos dizeres peculiares ao meio em que ela vive, e acrescida de novos vocábulos e novos modos de expressão.

Reduzimos a muito pouco o que se refere a poesias. A experiência nos tem mostrado que, em geral, não é um gênero do agrado das crianças. Além disso poucas poesias se encontram com caráter didático. Ou são elevadas demais ou são por demais infantis. Por um e outro preferimos deixá-las de lado.

Também deixamos de lado as chamadas “lições de coisas” ou noções de ciências, porque sempre entendemos que tais assuntos devem constituir objeto de lições concretas, intuitivas, dadas de viva voz. Se alguma vez elas aparecem aqui, não o fazemos com o intuito de trazer ensinamentos, mas tão somente, como pretexto para narrativas, cujo fim principal é moral ou estético.

Julgamos necessária uma última explicação. Muito de propósito alguns trechos são longos. É para que as crianças não se viciem com as doses homeopáticas. Demais, é preciso que o professor deixe alguma coisa para o aluno ler em casa. (PROENÇA, 1928, p. V)

A. F. Proença finaliza o prefácio de 1º. *livro de leitura* (1928), apresentando o público ao qual se destina e o desejo do autor quanto à avaliação que esse público fará do livro.

Procuramos fazer um livrinho educativo, fora dos moldes comuns. As crianças que digam se fomos ou não bem sucedidos. A elas se destina o livrinho, portanto elas devem ser o juiz.

Não há muito tempo, perguntamos a um menino o que achava do seu livro de leitura, aliás um dos melhores de que dispõe a nossa literatura didática.

— É um *pau*! respondeu de pronto, empregando o qualitativo da gíria infantil.

Que o presente livrinho não seja *pau* para as crianças das nossas escolas, é o desejo do autor. (PROENÇA, 1928, p. V, grifo do autor).

²²⁶ As “lições de coisa” decorrem do método intuitivo que consiste “[...] no ensino baseado na intuição, envolvendo o estudo das coisas e dos fenômenos do ambiente e da vida dos alunos.” (MORTATTI, 2004, p. 123).

No prefácio de 2º. *livro de leitura* (1927), A. F. Proença apresenta concepções a respeito das lições de leitura e seus objetivos, assim como a respeito do que é interpretar um texto.

A lição de leitura tem um objectivo immediato, um só: a interpretação do texto. Interpretar não é reproduzir. A reprodução pode ser um bom exercicio de linguagem, mas não será nunca uma prova do entendimento do assumpto. Crianças ha que reproduzem facilmente uma passagem ou mesmo um capitulo inteiro, com linguagem propria, sem haverem entendido nada. [...] Mas, alem da interpretação do texto, tem outros objectivos a lição de leitura: o augmento do vocabulario, o aperfeiçoamento da linguagem falada, a cultura do sentimento esthetico, o desenvolvimento do gosto pela leitura. Êstes fins, comtudo, são secundarios e não podem, por isso mesmo, usurpar os direitos do objectivo primeiro e fundamental, que é a interpretação. (PROENÇA, 1927, p. III).

Ainda no prefácio de 2º. *livro de leitura* (1927), A. F. Proença orienta os professores sobre as dificuldades que os textos devem apresentar aos alunos, para que ocorra aprendizagem eficiente.

Uma questão que o professor nunca pode perder de vista é esta: o trecho a ser lido ha de estar um pouco acima da compreensão da classe. Se estiver muito acima, a assimilação se torna impossivel e, consequentemente, o trabalho será perdido; se estiver muito abaixo della, então haverá perda de tempo, porque não concorrerá para o progresso dos alumnos. Mas, entendamos: as dificuldades devem ser do assumpto, não da linguagem, porque esta se subordina áquelle. Se o assumpto é da experiencia do alumno, seja qual for o vocabulario e o torneio da phrase, sempre podemos conseguir entendimento claro. (PROENÇA, 1927, p. III).

Segundo A. F. Proença, “Foram estas as idéas que dirigiram o autor na composição do presente livro, que se destina ao 3º. anno das escolas primarias.” (PROENÇA, 1927, p. III). A. F. Proença finaliza o prefácio, apresentando os assuntos e a organização do livro de leitura.

Os assumptos são variados — narrativas, exposições, descrições, poema e prosa, e dispostos na ordem crescente de difficuldade. O autor não se limitou a composições originais, e fê-lo de proposito para que os alumnos se habituem com variedade de estylo.

Quer na gradação e natureza dos assumptos, quer no tamanho das lições, quer na unidade dos trechos, está este livro de accordo com a moderna orientação do ensino da leitura e, sobretudo, de accordo com o interesse das crianças, o que, aliás, tem sido em toda esta serie de livros a preocupação maxima do autor. (PROENÇA, 1927, p. IV).

No prefácio de 3º. *livro de leitura* ([19--]d)²²⁷, A. F. Proença apresenta considerações sobre os livros didáticos, em especial os livros de leitura, no período histórico ao qual é

²²⁷ Pelos motivos já expostos as explicações apresentadas por A. F. Proença no prefácio da 21ª. edição de 4º. *livro de leitura* (1948) são as mesmas apresentadas na 15ª. edição do 3º. *livro de leitura* ([19--]d).

contemporâneo. As constatações do autor referem-se à utilização do livro de leitura como único livro escolar e as dificuldades que isso causa ao autor de livros didáticos, aos professores e, principalmente, o comprometimento que acarretam à aprendizagem dos alunos.

Em geral os alumnos do curso primario só têm um livro. É o de leitura. Para as classes adiantadas não basta. Porque, se é verdade que o aprendizado deve ser activo, apelando o professor constantemente para a intuição, não é menos verdade que um livrinho especial de cada disciplina facilitaria a qualquer momento a recordação das noções aprendidas, e ao mesmo tempo habituaria o alumno ao trabalho de synthese, indispensavel em qualquer ramo de conhecimento.

Hoje em dia, com excepção do livro de leitura, não se cogita de outros para os alumnos do curso primario. Por que razão? Simplesmente porque ainda não se compoz a primeira obrinha realmente adaptavel ás necessidades do ensino moderno. (PROENÇA, [19--]d, p. III).

Ainda no prefácio de 3º. *livro de leitura* ([19--]d), A. F. Proença afirma que “em outros tempos” embora os livros didáticos tivessem outras características, também não eram eficientes.

Livros com pretensões de servir ao ensino preliminar houve-os em outros tempos. Uns, entretanto, falhavam por serem meramente resumos das obras escriptas para gente grande. De um livro grosso fazia-se um fino, e prompto. Quasi todos, porém, peccavam pelo methodo, que na maioria dos casos era o catechético ou de perguntas e respostas. Foram todos condemnados, no que andaram muito bem aquelles que têm responsabilidade pela educação da nossa infancia.

Outros livrinhos deviam ter vindo em lugar das obras relegadas — de historia patria, de geographia, de anatomina e physiologia, de historia natural, de arithmetica — escriptos simplesmente para auxiliar o aprendizado oral, intuitivo, activo, que nenhum livro por melhor que seja poderá jamais substituir.

Taes livrinhos, entretanto, não vieram e estão fazendo falta. E tanto é verdade que muitos professores de classes adiantadas, agindo com a melhor das intenções e procurando satisfazer uma necessidade imperiosa, costumam burlar a vigilancia das autoridades escolares dando aos seus alumnos pequenas apostillas ou pontos ditados, o que é sempre dez vezes peor do que o bom uso de um mau livro. (PROENÇA, [19--]d, p. III).

Para A. F. Proença, a não-adoção de outros livros didáticos na escola primária, nos anos finais da década de 1920, decorria:

[...] de economia monetaria. Realmente, numa escola para gente pobre, onde a frequencia é obrigatoria, as exigencias pelo lado pecuniario têm de ser reduzidas ao minimo. E o minimo é o que se está exigindo actualmente. (PROENÇA, [19--]d, p. IV).

Por essas razões, A. F. Proença compreende que os livros de leitura, inclusive os que ele escreveu, não se caracterizam como “livro de literatura”.

Nestas condições o livro de leitura, que deveria ser exclusivamente um livro de literatura, tem de apresentar-se com requisitos taes que não só satisfaça

aos fins immediatos da leitura, mas seja tambem um auxiliar para a aquisição de conhecimentos em todos os ramos da instrucção primaria. Então ha de o livro de leitura ser uma especie de encyclopedia primaria? Perfeitamente, porém com feição propria. Como obra de instrucção ha de conter assumptos de historia patria, de geographia, de hygiene, etc. pelo lado educativo não pode deixar de ser obra literaria. Na impossibilidade, porém, de abranger em estilo didactico todas as questões do programma e ao mesmo tempo adequadas composições literarias, quer do proprio autor, quer dos bons escriptores nacionaes ou mesmo estrangeiros, o livro de leitura tem de limitar-se a questões muito geraes no dominio dos conhecimentos e a um certo numero de composições originaes ou excerptas, no que diz respeito á parte propriamente literaria.

Foi o que procuramos realizar na presente obrinha. Os trechos com feição propriamente instructiva são syntheses muito largas. Fizemol-os assim de proposito, deixando ao professor o encargo de analysar os assumptos, desenvolvemol-os e completal-os. No que toca á parte literaria, o aspecto predominante é a inteireza das composições. Cada trecho é um todo completo — uma unidade de methodo. (PROENÇA, [19--]d, p. IV).

A. F. Proença destaca, ainda, a importância que as questões morais e cívicas tiveram nas lições que integram o livro de leitura que escreveu e prefaciou.

Excusado será dizer que fomos do maior escrupulo possivel no attender ao aspecto moral e civico dos assumptos aquei contidos. Procuramos evitar a pieguice, de que quasi sempre resulta o ridiculo, apresentamos ao pequenino leitor sómente aquelles exemplos que possam contribuir para a formação do caracter dos futuros cidadãos.

Finalmente, pensamos ter feito um livro brasileiro, isto é, um livro que não procura despertar a admiração pelo estrangeiro á custa do sentimento nacional. (PROENÇA, [19--]d, p. IV)

4.3 As ilustrações e as lições

As ilustrações dos livros da “Série de leitura Proença” são, ora coloridas (geralmente as maiores), ora em preto e branco. As ilustrações variam entre:

- representação de animais, pessoas, plantas, paisagens, objetos e cenas do cotidiano infantil;
- fotos de personalidades históricas;
- fotos de máquinas agrícolas e de fabricação de papel;
- reprodução de mapas políticos e marítimos.

As ilustrações que representam elementos menos comuns ao universo infantil, como, por exemplo, as máquinas, os mapas e a foto de pessoas conhecidas, são apresentadas em 2º. *livro de leitura* e 3º. *livro de leitura*, ou seja, cujo destinatário são os alunos mais velhos, aqueles que cursavam o 3º. e o 4º. ano escolar.

Tem-se, nas sentenças de *Cartilha Proença* (1926), por exemplo, a solicitação, por diversas vezes, ao aluno, para que observe a ilustração, a fim de, ora emitir sua opinião (se é bonita ou não), ora responda a uma pergunta.

Figura 14 – Página da 1ª. edição de *Cartilha Proença*



Fonte: Proença (1926, p. 1)

A relação entre ilustrações e conteúdos dos textos das lições é mais direta nos livros destinados aos alunos da 1ª. e 2ª. séries do curso primário. Há diminuição na quantidade de ilustrações nos livros destinados ao 3º. e 4º. anos primário, comparativamente aos destinados aos alunos do 1º. e 2º. anos primário.

O tamanho e a disposição das ilustrações também variam nos livros da série de leitura: as ilustrações no início das lições localizam-se na parte superior da página e são grandes, ocupando cerca de metade dela, nas páginas intermediárias ou finais das lições as ilustrações são menores, comparativamente às do início da lição, ocupando cerca de um quarto da página ou menor, e localizam-se na parte inferior da página ou entre sentenças da lição.

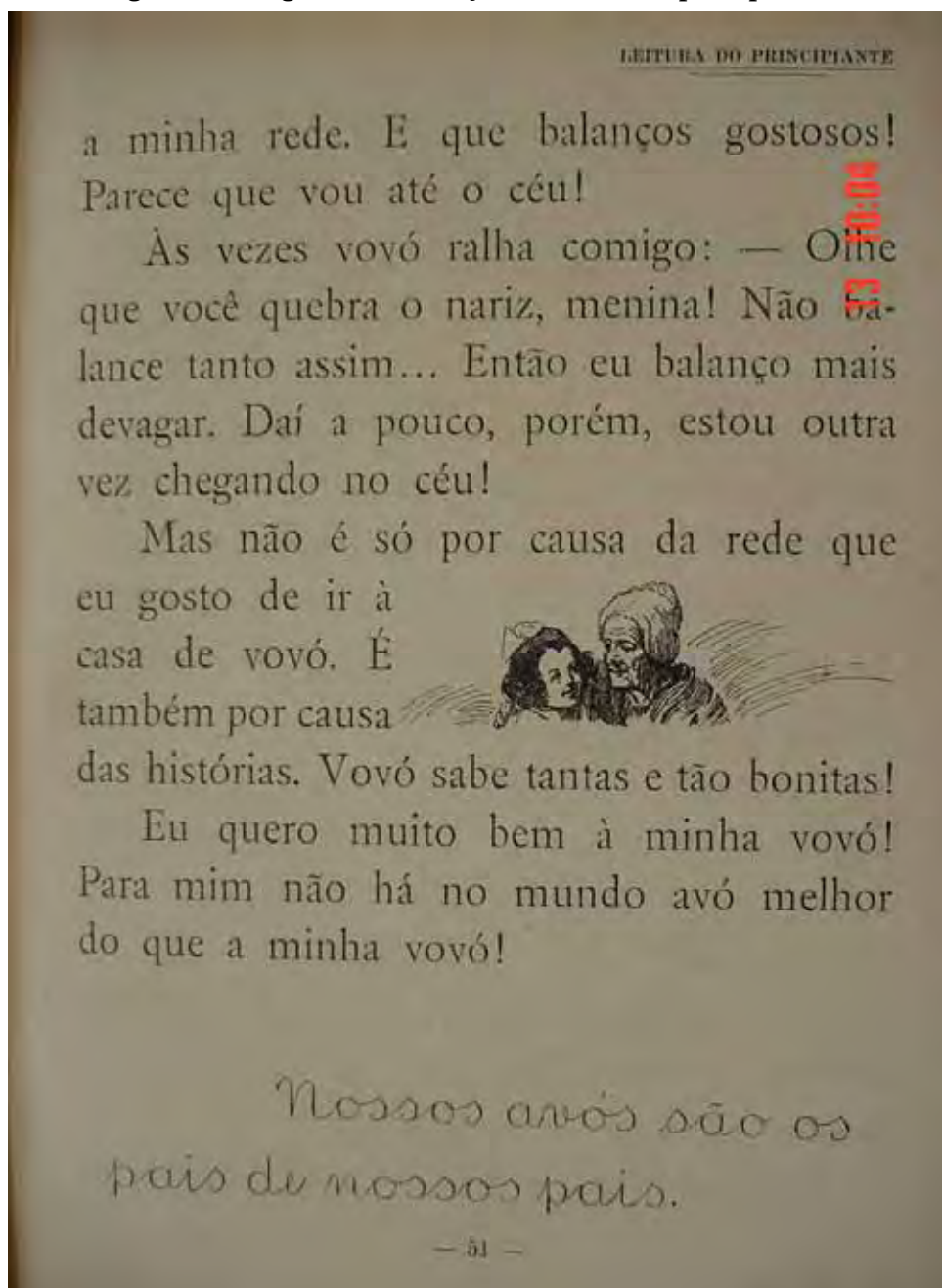
Como exemplo dessa variação em relação ao tamanho das ilustrações, apresento, na Figura 15 e na Figura 16, a reprodução de duas páginas de *Leitura do principiante* (1943a) em tamanho original.

Figura 15 – Página da 59ª. edição de *Leitura do principiante*



Fonte: Proença (1943a, p. 1)

Figura 16 – Página da 59ª. edição de *Leitura do principiante*



Fonte: Proença (1943a, p. 98)

Os conteúdos de alguns textos de *Cartilha Proença* (1926), *Leitura do principiante* (1943a), *1º. livro de leitura* (1928) e *2º. livro de leitura* (1927) são retomados em outro(s) texto(s) do mesmo livro. Os conteúdos dos textos da 3ª. lição (“Vovó de mentira”) de *1º. livro de leitura* (1928), por exemplo, é retomado na lição seguinte (“Uma boa idéia”). Na 3ª. lição, Rui — que é citado em vários textos das lições de *1º. livro de leitura* (1928) — se disfarça de

vovó para enganar sua irmã Zizi; na 4ª. lição, Rui, ainda vestido de vovó, é surpreendido por Lúcia e Clarinda, amigas de Zizi.

Rui ainda estava disfarçado em vovó, quando Lucia e Clarinda entraram na sala. As duas tinham vindo pé ante pé para fazerem surpresa a Zizi. [...] Mas Zizi as tinha visto pelo espelho e, por isso, não teve nenhuma surpresa. Quem ficou surpreendido foi Rui. Elle quiz esconder-se atraz do piano. [...] As meninas deram muita risada dos apuros de Rui. [...] Lucia achou esplendido o disfarce do Rui e logo teve uma idéa. A idéa era um baile carnavalesco, como baile de gente grande. (PROENÇA, 1928, p. 8-9)

Em 3º. *livro de leitura* ([19--]d) e 4º. *livro de leitura* (1948), embora os conteúdos dos textos de uma lição não sejam retomados em outra, os textos das lições são organizados em seqüência temática: no texto da 4ª. lição (“As estações”) de 3º. *livro de leitura* ([19--]d), por exemplo, abordam-se as quatro estações do ano e no texto da 5ª. lição (“A canção da cerejeira”) é apresentado um texto de Guerra Junqueira²²⁸, no qual também se abordam as estações do ano.

Os conteúdos dos textos das lições de *Cartilha Proença* (1926), *Leitura do principiante* (1943a), 1º. *livro de leitura* (1928) e 2º. *livro de leitura* (1927) trata, quase exclusivamente, de temáticas do cotidiano infantil como: brincadeiras, animais domésticos e visita à casa de amigos no campo e na cidade.

Diferentemente dos conteúdos dos textos de *Cartilha Proença* (1926), *Leitura do principiante* (1943a), 1º. *livro de leitura* (1928) e 2º. *livro de leitura* (1927), os conteúdos dos textos das lições de 3º. *livro de leitura* ([19--]d) não têm relação temática entre si.

Os conteúdos dos textos das lições dos livros da “Série de leitura Proença” não apresentam temática relacionada ao cotidiano escolar.

Há regularidade em relação à estrutura das lições que compõem a 1ª. parte de *Cartilha Proença* (1926): na parte superior da página, encontra-se uma ilustração, que ocupa quase meia página, seguida de um conjunto de sentenças, sem título, escritas em letra de fôrma maiúscula e minúscula, e de uma sentença em destaque escrita em letra cursiva também maiúscula e minúscula (tal sentença é composta por palavras apresentadas na lição).

Cada uma das lições da 2ª. parte da cartilha é composta por dois passos: 1º.) para ensinar cada letra do alfabeto apresentam-se palavras e ilustrações representativas de objetos e animais que têm sua grafia iniciada com a letra que se pretende ensinar e apresenta-se um conjunto de sentenças complementares entre si, com destaque na parte inferior da página para

²²⁸ O poeta português Abílio Manuel Guerra Junqueiro nasceu em Freixo de Espada à Cintra, em 1850, e faleceu em Lisboa, em 1923 (COIMBRA, 1926).

algumas palavras que se iniciam com a letra que se pretende ensinar apresentadas nas sentenças anteriores; 2º.) apresenta-se outro conjunto de sentenças, repetindo-se a seqüência descrita. Cada um desses passos compreende uma página da cartilha. Em algumas lições da 2ª. parte da cartilha, são destacadas sentenças, e não palavras, sendo que nessas lições a sentença em destaque é apresentada horizontal ou verticalmente na página.

Na 3ª. parte da cartilha, apresentam-se as consoantes do alfabeto. Há regularidade entre os conteúdos dessas lições, visto que o autor usou duas ou três páginas para cada consoante. Na 1ª. página da lição, são apresentadas quatro ou cinco ilustrações que representam a associação de cada uma das consoantes com as vogais e uma lista de palavras iniciadas com a letra que se está apresentando; na 2ª. página da lição, apresentam-se sentenças com várias palavras escritas com a letra em estudo e com a letra que será apresentada a seguir; e, em alguns casos, na 3ª. página conjunto de sentenças que estabelecem relação semântica entre si.

Em *Leitura do principiante*, 1º. livro de leitura, 2º. livro de leitura e 3º. livro de leitura é apresentada uma diversidade de tipos de textos. Nas lições desses livros de leitura, são apresentados textos literários em prosa e verso, textos narrativos e expositivos.

Em *Leitura do principiante* (1943a), é apresentada, já na 1ª. lição, Diva, que apresenta sua família: pai, mãe, avô, avó e seus quatro irmãos. Nas lições seguintes, Diva apresenta sua casa, as lojas próximas de sua casa, as peripécias de seus irmãos e de seus animais de estimação (um papagaio, um peru, o macaco Negrinho e o gato Peralta) e o trabalho de seu pai (que é farmacêutico e dono de uma farmácia conhecida por “Santa Catarina”).

Em 1º. livro de leitura (1928), são apresentadas questões do cotidiano infantil de Rui, Zizi e outras crianças, identificadas como suas amigas.

Em 2º. livro de leitura (1927), são apresentadas questões do cotidiano infantil de Francisco e seus amigos. Nos textos das lições finais do livro são abordadas temáticas variadas sobre conteúdos das matérias do curso primário.

Na 52ª. lição, de *Leitura do principiante*, é reproduzido o poema “Canção do Exílio”, do poeta A. Gonçalves Dias²²⁹. Os textos das lições 49 a 52, de *Leitura do principiante*, têm conteúdos marcadamente nacionalistas.

Em 1º. livro de leitura (1928), dois textos não são de autoria de A. F. Proença — “A leiteira e a bilha de leite”, de J. I. de Araújo²³⁰ e “Cromo”, do poeta fluminense Bernardino da Costa Lopes²³¹ (1859-1916).

²²⁹ O poeta Gonçalves Dias nasceu em Caxias-MA, em 1823, e faleceu em Guimarães-MA, em 1864. (RAYMUNDO, 1966).

Dos 67 textos das lições, de 2º. *livro de leitura* (1927), 12 não são de autoria de A. F. Proença. A fim de propiciar uma visão de conjunto apresento, no Quadro 15, o título dos textos de 2º. *livro de leitura* (1927) que não são de autoria desse professor.

Quadro 15 – Autor, título do texto e número da lição na 1ª. edição de 2º. livro de leitura

Autor	Título do texto	Número da lição
Não identificado ²³²	“Brincadeira mathematica”	28
	“Nidificação”	50
	“Uma herança”	53
Gonçalves Dias	“Canção do exílio”	49
	“A mangueira”	16
Afonso Celso	“Anhangá”	35
	“A madrasta”	66
Urbano Duarte	“Ruy Barbosa quando criança”	21
Baptista Cepellos	“O trem de ferro”	42
Buffon	“Os colibris”	45
Luiz Edmundo	“O jumento e o porco”	51
Abílio Barreto	“O monjóló”	54

Fonte: Proença (1927)

Como se pode observar, por meio das informações apresentadas no Quadro 15, pouco menos de 18% dos textos das lições de 2º. *livro de leitura* (1927) não são de autoria de A. F. Proença. Ainda por meio das informações apresentadas no Quadro 15, é possível constatar que esse professor optou por incluir em 2º. *livro de leitura* textos de personalidades renomadas. Como A. F. Proença explica no prefácio desse livro: “O autor não se limitou a composições originais, e fê-lo de proposito para que os alimnos se habituem com variedade de estylo.” (PROENÇA, 1927, p. IV).

Se compararmos os dados apresentados nos Quadros 15 com os dados apresentados no Quadro 10, constataremos que houve aumento de 8% de textos de outros autores, ou seja, foram acrescentados cinco textos de outros autores à 30ª. edição, comparativamente à 1ª. edição desse livro.

Em 3º. *livro de leitura* ([19--]d), dos 75 textos que integram esse livro, 30 não são de autoria de A. F. Proença. A fim de propiciar uma visão de conjunto, apresento no Quadro 16, o nome dos autores e o título das lições, apresentadas em 3º. *livro de leitura* ([19--]d).

²³⁰ Até o momento da redação da versão final desta dissertação, não foi possível localizar informações sobre J. I. de Araújo.

²³¹ O poeta Bernardino da Costa Lopes nasceu no Arraial da Boa Esperança (Rio Bonito-RJ), em 1859, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1916.

²³² Até o momento da redação da versão final desta dissertação, não localizei o autor dessas lições.

Quadro 16 – Autor, título do texto e número da lição, na 15ª. edição de 3º. livro de leitura

Autor	Título do texto	Número da lição
Não identificado ²³³	“O fumo”	10
	“A carnaúba”	50
Coelho Netto	“Escola de outros tempos”	3
	“A cobra e o gaturamo”	39
João do Norte	“A trayra e a isca”	16
	“O rio Gravata”	43
Dr. Castro Lopes	“X.P.T.O. London”	25
	“Um tiro de espingarda”	37
Olavo Bilac	“A lingua portuguesa”	72
	“Oração à bandeira”	75
Guerra Junqueiro	“A canção da cerejeira”	5
A. Corrêa d’Oliveira	“Canção da avenca”	7
Hermes Fontes	“O besouro”	13
Ricardo Gonçalves	“O rio”	19
José Bonifácio	“O tropeiro”	24
Afranio Peixoto	“Peccados contra a linguagem”	29
Thomaz Iriarte	“O lagarto, o fogo e o grillo”	30
M. Maeterlinck	“Os perfumes”	31
Affonso Arinos	“As sortes”	35
Augusto de Lima	“O reino mineral”	41
Garcia Redondo	“O gallo morreu!...”	47
Zalina Rolim	“Pomba ferida”	48
Joaquim Serra	“Rastro de sangue”	52
Emilio de Menezes	“O rio guerreiro”	54
Santa Rita Durão	“O abacaxi”	58
Olegario Marianno	“A cigarra e a formiga”	61
Machado de Assis	“Um apologo”	65
Eça de Queiroz	“Lenda”	70
Benedicto Octavio	“A cigarra, a formiga e a abelha”	73
Euclides da Cunha	“O valor de um symbolo”	74

Fonte: Proença ([19--]d)

Como se pode observar, por meio das informações apresentadas no Quadro 16, 40% dos textos que integram 3º. livro de leitura ([19--]d) não são de autoria de A. F. Proença. Assim como em 2º. livro de leitura, esse professor optou por incluir em 3º. livro de leitura textos de personalidades renomadas.

Em 4º. livro de leitura (1948), dos 75 textos que integram esse livro apenas 21 não são de autoria de A. F. Proença. No Quadro 17, apresento o nome dos autores e o título dos textos, apresentas em 4º. livro de leitura.

²³³ Até o momento da redação da versão final desta dissertação, não localizei o autor dos textos “O fumo” e “A carnaúba”.

Quadro 17 – Autor, título do texto e número da lição na 21ª. edição de 4º. livro de leitura

Autor	Título do texto	Número da lição
Catulo Cearense	“A ostra e a sardinha”	42
	“O pássaro, o relógio e o espelho”	69
Adelina Lopes Vieira	“O óleo de rícino”	6
Hermes Fontes	“O besouro”	14
João do Norte	“A traíra e a isca”	16
Ricardo Gonçalves	“O rio”	19
José Bonifácio	“O tropeiro”	24
Humberto de Campos	“O mate”	26
João Ribeiro	“O califa”	27
M. Maeterlinck	“Os perfumes”	32
Afonso Arinos	“As sortes”	36
Dr. Castro Lopes	“Um tiro de espingarda”	38
Coelho Neto	“A cobra e o gaturamo”	40
Afrânio Peixoto	“Higiene dos pés”	44
Zalina Rolim	“Pomba ferida”	47
Joaquim Serra	“Rastro de sangue”	50
Emílio de Meneses	“O rio guerreiro”	53
Santa Rita Durão	“O abacaxi”	56
Olegário Marianno	“A cigarra e a formiga”	58
Euclydes da Cunha	“O valor de um símbolo”	71
Olavo Bilac	“Oração à bandeira”	73

Fonte: Proença (1948a)

Como se pode observar no Quadro 17, 21 dos 75 textos apresentados em 4º. livro de leitura não são de autoria de A. F. Proença. Assim como em 2º. livro de leitura e 3º. livro de leitura, esse professor optou por incluir em 4º. livro de leitura textos de personalidades renomadas.

Os textos que integram as lições da cartilha são elaborados de forma tal que propiciem estabelecer um diálogo direto com o aluno, por meio de sentenças imperativas. Essa característica é mais evidente na 1ª. parte da cartilha, com sentenças tais como: “Veja este livro.”; “Vire a folha do seu livro.”; “Olhe a menina da figura!”.

Figura 17 – Página da 1ª. edição de *Cartilha Proença*



Fonte: Proença (1926, p. 4)

Ao final de cada uma das lições de *Leitura do principiante* (1943a), encontra-se, em letra cursiva, uma sentença que sintetiza o conteúdo do texto da lição. Nessas sentenças são sintetizados, principalmente, atitudes e conselhos considerados adequados, como se pode observar no Quadro 18.

Quadro 18 – Número e título do texto, quantidade de parágrafos, frase-síntese e número da(s) página(s) da lição de *Leitura do principiante*

Número e título do texto	Quantidade de parágrafos	Frase-síntese	Número da(s) página(s) da lição
1 - “Eu”	6	“Quem não ama o seu lar?”	1 e 2
2 - “Onde eu moro”	8	“Meu lar, meu doce lar!”	3
3 - “Todos de casa”	8	“Ah! Peralta, meu Peralta!”	4 e 5
4 - “Os letreiros”	4	“Eu quero saber tudo.”	6 e 7
5 - “Meu irmão”	4	“Mário é meu irmão.”	8 e 9
6 - “O tagarela”	8	“Há pessoas que falam como papagaios.”	10 e 11
7 - “Os parentes do papagaio”	10	“Uma família de tagarelas.”	12 e 13
8 - “O meu Peralta”	12	“O inimigo dos passarinhos.”	14 e 15
9 - “A farmácia de papai”	6	“Farmácia ‘Sta. Catarina’.”	16 e 17
10 - “A mina”	7	“Mário é e não é mineiro.”	18 e 19
11- “O peru”	6	“O peru é uma ave.”	20 e 21
12 - “O sabiá sábio”	7	“Queres ser sábio? Estuda!”	22 e 23
13 - “Ingrata!”	8	“Deves ter paciência.”	24 e 25
14 - “A vingança”	12	“Cada ave tem a sua voz.”	26 a 28
15 - “Estão esplêndidos!”	5	“Qual é o seu nome de batismo?”	29 e 30
16 - “O prato está vazio!”	9	“O gatinho preto estava perto do prato.”	31
17 - “Quem é o tolo?”	13	“O cão e o gato são animais domésticos.”	32 e 33
18 - “Foi negrinho!”	9	“Papagaio come milho. Periquito leva fama.”	34 e 35
19 - “Um projétil doce”	8	“O mico é inteligente.”	36 e 37
20 - “Que velhaco!”	8	“Que espertalhão!”	38 e 39
21- “O apelido”	14	“Há pessoas que tem apelidos.”	40 e 41
22 - “Benedito”	7	“As vozes dos animais.”	42 e 43
23 - “Pintinho”	10	“Os animais também sentem.”	44 e 45
24 - “a gota d’água”	5	“Netuno, deus do mar.”	46 e 47
25 - “O meu aniversário”	9	“Aniversario natalício.”	48 e 49
26 - “Vovó”	6	“Nossos avós são os pais de nossos pais.”	51 e 51
27 - “Um desastre”	8	“Um vaso de begônias.”	52 e 53
28 - “O desejo de Benedito”	12	“Maria era uma menina órfã.”	54 a 56
29 - “O meu sonho”	11	“Os sonhos mentem.”	57 e 58
30 - “O presente de Mário”	9	“Amor fraternal.”	59 a 61
31 - “Júlia”	12	“Devemos cumprir a nossa palavra.”	62 a 64
32 - “Meu anel”	4	“Temos cinco dedos em cada mão.”	65
33 - “Os meus chins”	8	“O mandarim manda lá na China.”	66 a 68
34 - “O papagaio”	—	“Verde e amarelo são as cores de nossa bandeira.”	69
35 - “Foi-se o Benedito!”	10	“Quem não sabe é ignorante.”	70 e 71
36 - “Vamos ao Circo!”	7	“Viva o circo!”	72 e 73
37 - “Por um tris!”	11	“Em tudo se mostra educação.”	74 e 75

Cont. Quadro 18 – Número e título do texto, quantidade de parágrafos, frase-síntese e número da(s) página(s) da lição de *Leitura do principiante*

Número e título do texto	Quantidade de parágrafos	Frase-síntese	Número da(s) página(s) da lição
38 - “O Hércules”	5	“Queres ser forte? Faze exercícios!”	76 a 78
39 - “O palhacinho”	11	“Um salto mortal.”	79 e 80
40 - “Azêdas como limão!”	17	“Laranja é o fruto da laranjeira.”	81 a 83
41 - “Que valentão!”	11	“O culpado foi Benedito.”	84 a 86
42 - “Malcriado!”	12	Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.”	87 a 89
43 - “S. João”	5	“24 de junho é o dia de S. João.”	90 e 91
44 - “Bolontra sumiu-se!”	10	“A casinha se sapé.”	92 e 93
45 - “O saci”	7	“O saci é um passarinho.”	94 e 95
46 - “O munjolo”	8	“Máquinas agrícolas.”	96 e 97
47 - “O espantalho”	10	“Devemos proteger as aves.”	98 e 99
48 - “Adeus!”	7	“Que nos lembra o dia 13 de maio?”	100 e 101
49 - “Rio de Janeiro”	6	“Ama com fé e orgulho a terra em que nascestes.”	102 e 103
50 - “7 de setembro”	6	“O ouvi-verde pendão da minha terra.”	104 e 105
51 - “A minha terra adorada”	7	“Criança! Não verás nenhum país como êste!”	106 e 107

Fonte: Proença (1943a)

Em 1º. livro de leitura (1928), apenas ao final de 15 lições encontra-se, em letra cursiva, uma sentença que sintetiza o conteúdo do texto da lição. Nessas sentenças afirmativas, interrogativas ou exclamativas, são sintetizados, semelhantemente a *Leitura do principiante* (1943a), atitudes e conselhos considerados, pelo autor da “Série de leitura Proença”, adequados aos alunos e conteúdo de outras matérias do curso primário, como se pode observar no Quadro 19.

Quadro 19 – Título do texto, quantidade de parágrafos, número de página e frase-síntese das lições de 1º. livro de leitura

Número e título do texto	Quantidade de parágrafos	Frase-síntese	Número da(s) página(s) da lição
1 – “Rui”	16	“Sejamos polidos para com todo o mundo.”	1 a 8
3 – “Vovó de mentira”	10	“Há animais que se disfarçam.”	6 e 7
7 – “A modista das bonecas”	6	“Vai ser um baile de luxo!”	14 e 15
9 – “Romeu e Julieta”	15	“As vovós são teimosas.”	19 a 21
10 – “O baile das bonecas”	7	“Fevereiro é o mês do carnaval.”	22 a 24
13 – “Minha mãe!”	12	“Mãe! Que nome há mais doce do que este?”	34 a 36
14 – “O baú das relíquias”	17	“Devemos querer bem aos bons animais.”	37 a 40
19 – “Inseto perigoso”	13	“Quasi todos os insetos são nocivos.”	50 a 52
25 – “Bem feito!”	20	“Há orgulho nobre e orgulho ridículo.”	66 a 69
26 – “O pequeno cearense”	7	“Todos amam a sua terra.”	70 e 71
34 – “O busto”	18	“A escultura é uma das belas artes.”	92 a 95
43 – “O ninho do pica-pau”	11	“O pica-pau é ave trepadora.”	124 a 126
44 – “As guabirobas”	25	“Fruta, de manhã é ouro, ao meio dia é prata, de noite mata.”	127 a 130
47 – “No reino dos ratos”	32	“O saber é feito de experiências.”	138 a 143
51 – “Inconveniência dos homófonos”	12	“Os homófonos têm o mesmo som.”	151 a 154

Fonte: Proença (1928)

Diferentemente de *Cartilha Proença* (1926), *Leitura do principiante* (1943a) e 1º. livro de leitura (1928), 2º. livro de leitura (1927), 3º. livro de leitura ([19--]d) e 4º. livro de leitura (1948) não apresentam ao final das lições sentença que sintetiza seu conteúdo.

4º. livro de leitura destaca-se dos demais livros da série de leitura por encontrarem-se, ao final da quase totalidade das lições, “exposição gramatical”, exercícios e vocabulário. Como apresentei no Capítulo 3, esses elementos foram incorporados aos livros da série de leitura em análise ao longo de sua trajetória editorial. No Quadro 20, apresento os temas das “exposições gramaticais” e os enunciados de exercícios, com respectivas quantidades, apresentados na 21ª. edição de 4º. livro de leitura.

Quadro 20 – Temas das “exposições gramaticais” e enunciados de exercícios em 4º. livro de leitura

Temas das “exposições gramaticais”	Quantidade	Enunciados de exercícios	Quantidade
Período gramatical	1	Identificar elementos da oração	3
Tipo de sentenças	1	Analisar sintaticamente sentenças dadas	16
Elementos da oração	2	Indicar sujeito e/ou predicado de orações	4
Classificação das cláusulas subordinadas	1	Identificar elementos do poema	1
Tipos de sujeito	3	Formas sentenças com palavras dadas	1
Ordem direta e inversa da oração	1	Classificar o complemento do verbo	1
Sujeito e/ou predicado	2	Alterar o sujeito de sentenças	1
Análise sintática	11	Escrever frases dadas na voz passiva	1
Expressões adjetivas	1	Conjugar verbo	2
Complemento do verbo	1	Cancelar adjuntos adverbiais ou atributivos de sentenças dadas	2
Adjunto adverbial	1	Separar períodos em orações	4
Tipos de sentenças	3	Classificar períodos de oração	56
Voz passiva e/ou voz ativa da oração	2	Completar sentenças	1
Advérbio	2	Classificar verbos dados	1
Verbo	4	-	-
Pronome	6	-	-
Preposição	1	-	-
Conjunção	1	-	-
Conectivos	1	-	-
Cláusula infinitiva	1	-	-
Total	46	Total	94

Fonte: Proença (1948a)

Em *Cartilha Proença* a “concretização” do método analítico fica mais evidente do que nos demais livros da série. A cartilha foi elaborada em três partes com características bem definidas: na 1ª., o autor apresenta lições compostas por sentenças completas, apresentando, portanto, o “todo”; na 2ª. parte, destaca uma das sentenças da lição para, em seguida, reorganizar as palavras nela presentes dando-lhes outros sentidos e iniciando, assim o passo de decomposição da palavra em “partes” menores; a decomposição em “partes” ainda menores – as letras – ocorre somente na 3ª. parte da cartilha, na qual são retomadas, também sentenças completas.

Pelo exposto, afirmo que nas três partes constitutivas de *Cartilha Proença* são apresentadas sentenças completas, mas, somente na 2ª. e 3ª. partes, a decomposição em “partes” menores – sentenças, palavras, sílabas e letras – são apresentadas.

Essa diferenciação entre a cartilha e o livro de leitura é decorrente dos objetivos que cada um deles apresenta: na cartilha a função é ensinar a ler; no livro de leitura, entretanto, a função é aperfeiçoar a leitura e transmitir outros conteúdos escolares.

CAPÍTULO 5

**“Série de leitura Proença”
e a história da alfabetização no Brasil**

5.1 Principais características educacionais do “segundo e terceiro momentos cruciais” na história da alfabetização no Brasil

Os livros da “Série de leitura Proença” foram escritos no final do momento histórico considerado, por Mortatti (2000a), como o “segundo momento crucial” na história da alfabetização no Brasil e circularam no momento seguinte, ou seja, no decorrer do “terceiro momento crucial” dessa história, cujas principais características apresento na Introdução, desta dissertação.

Nesse momento histórico a educação brasileira passou, como se sabe, por grandes transformações principalmente no final do século XIX, como decorrência da passagem do regime político do Brasil de Império à República. A busca pela cientificidade da educação, abordada desde a reforma da instrução pública paulista, ocorrida em 1890, é uma dessas transformações. Para Mortatti (2000a), essa reforma é emblemática, visto que:

[...] veio oficializar, institucionalizar e sistematizar um conjunto de aspirações educacionais amplamente divulgadas no final do Império brasileiro. Enfeixadas pela filosofia positivista, essas aspirações convergiam para a busca de cientificidade – e não mais o empirismo – na educação da criança e delineavam a hegemonia dos métodos intuitivos e analíticos para o ensino de todas as matérias escolares, especialmente a leitura.

A partir de então uma “nova bússola” deveria orientar a preparação não apenas teórica mas sobretudo prática de um novo professor sintonizado com os progressos da “pedagogia moderna”, o qual deveria deduzir da psicologia da infância e suas bases biológicas os modos de ensinar a criança. (MORTATTI, 2000a, p. 78-79).

Ainda segundo Mortatti (2000a), foi a partir dessa reforma que o método analítico, principalmente para o ensino da leitura, passou a ser sistematicamente defendido pelos professores formados pela Escola Normal da Capital, do estado de São Paulo. Esses professores se opunham àqueles que defendiam o método sintético denominando-os de “tradicional”.

O método analítico, defendido por esses professores, decorre dos pressupostos do método intuitivo, também conhecido como “lições de coisas” e “método objetivo” (VALDEMARIN, 2004, p. 39). No ensino por meio do método intuitivo, o professor apresenta aos alunos objetos ou ilustrações para o desenvolvimento das lições escolares. Foi nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX que esse método passou a ser:

[...] concebido por seus elaboradores como um poderoso instrumento pedagógico, capaz de modernizar o ensino e, principalmente formar estudantes mais adequados às transformações políticas e econômicas, em curso nas décadas finais do século XIX. (VALDEMARIN, 2004, p. 2).

Esses professores paulistas, formados pela Escola Normal da Capital, do estado de São Paulo, além de “tematizarem”, “normatizarem” e “concretizarem” o método analítico para o ensino da leitura, no estado de São Paulo, o divulgaram também em outros estados brasileiros, dando origem a expressão “missões de professores paulistas”²⁴⁷.

Para Mortatti (2000a), nesse “segundo momento crucial” na história da alfabetização no Brasil:

[...] a Escola Normal de São Paulo, vai-se configurando como condensação do modelo de sistema de ensino proposto para o Estado de São Paulo e pretensamente para o restante do país.

[...]

Ao longo das décadas de 1890 e 1900, outras escolas-modelos vão sendo instaladas na capital bem como no interior do Estado, acompanhando a expansão do ensino normal; e, por intermédio das “missões” de professores paulistas, esse modelo de ensino vai sendo divulgado em outros estados da nação. (MORTATTI, 2000a, p. 80-81).

Era nessa escola normal que os normalistas, futuros professores, aprendiam, por meio da observação, a ensinar leitura pelo método considerado mais adequado e eficiente, nesse momento histórico: o método analítico, baseado em moldes norte americanos (MORTATTI, 2000a, p. 82).

A observação é um ponto importante para aplicação do método analítico e foi amplamente difundida, tanto nas escolas primárias quanto nas escolas normais. Os alunos das escolas normais, por exemplo, deveriam aprender a ser professores, por meio da observação da atuação de professores já formados que atuavam em escolas modelos, anexas às escolas normais.

Na Escola Modelo (anexa à Escola Normal [...]) os futuros mestres aprendiam “como as crianças eram manejadas e instruídas”. Desse modo de aprender centrado na visibilidade e na imitabilidade das práticas pedagógicas esperava-se a propagação dos métodos de ensino e das práticas de organização da vida escolar. Procedimentos de vigilância e orientação acionados nos dispositivos de Inspeção Escolar produziam a uniformização necessária à institucionalização do sistema de ensino que a propagação do modelo pretendia assegurar. (CARVALHO, 2003, p. 225)

Ainda no âmbito do “segundo momento crucial” na história da alfabetização no Brasil, os professores formados por essa escola normal iniciaram um debate em relação a forma mais adequada de ensinar a ler por meio do método analítico, “[...] gerando, assim, uma acirrada disputa em torno do ensino inicial da leitura e escrita. [...]” (MORTATTI, 2008b, p. 93). Essa

²⁴⁷ Sobre a “missão de professores paulistas”, ver, dentre outros: Fleury (1946); Santos (1947); Mortatti (2000a); e Amâncio (2005).

disputa começa a se amenizar, quando o método analítico é indicado por Oscar Thompson, Diretor Geral da Instrução Pública do estado de São Paulo (1909-1910),:

[...] e passa a ser adotado em grupos escolares da capital e do interior do Estado, com o objetivo de uniformizar esse ensino e consolidar o modelo considerado cientificamente verdadeiro. Relacionados com esse processo de institucionalização, são expedidos por essa diretoria os seguintes documentos: *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (1911), assinado pelos inspetores escolares Miguel Carneiro, J. Pinto e Silva, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes; e *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico – modelos de lições* [1914], assinado por Mariano de Oliveira, Ramon Roca Dordal e Arnaldo de Oliveira Barreto. (MORTATTI, 2000a, p. 83).

Esses documentos orientavam os professores a ensinar a ler por meio do método analítico, cujo ponto de partida deveria ser a sentença. Segundo os autores de *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar*, por exemplo:

A leitura analytica partirá, pois, da sentença como expressão sensível do pensamento. *Sentenças curtas, feitas de preferencia pelo alumno, escritas no quadro negro*, SERÃO VISTAS E LIDAS COMO UM TODO. Depois que o alumno se familiarizar e dominar um certo numero de sentenças, lendo-as facilmente por terem ligação lógica, serão ellas decompostas em palavras e estas em phonemas e letras. Assim será o processo do ensino:-

1º *ver para entender*;

2º *entender para ver*;

3º *ler, por haver entendido*. (DIRECTORIA..., 1911, p.5, grifos dos autores)

Mortatti (2000a, p. 108), denomina essa polêmica envolvendo o método analítico de “disputas entre mais modernos e modernos” defensores desse método, que se caracteriza pelo embate teórico entre os professores paulistas Arnaldo Barreto, Gomes Cardim, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes e o fluminense João Köpke.

Esse tipo de disputa se trava a respeito do modo de processar o método analítico – a palavração, a sentencição ou a “historieta” – de acordo com a biopsicologia da criança e acaba por fundar uma nova tradição: o método analítico como “bússola da educação”. (MORTATTI, 2000a, p. 26).

Ainda segundo Mortatti (2000a, p. 118), as disputas entre os “mais modernos e modernos” defensores do método analítico é iniciada em 1916, quando Köpke,:

[...] torna público o desejo de fazer doação dos direitos autorais das cartilhas [de sua autoria] ao Estado de São Paulo.

[...]

Dada essa oferta, Oscar Thompson, então Diretor-Geral da Instrução Pública de São Paulo, designa os inspetores escolares Tolosa, Kuhlman e Camargo Couto para analisarem e emitirem parecer sobre a adoção da *Cartilha n.1* e da *Cartilha n. 2*. Com a conferência proferida por Köpke, em maio de 1916, e com a publicação desse Parecer no jornal *O estado de São Paulo*, na edição

de oito de outubro de 1916, inicia-se a grande polêmica sobre o método analítico, envolvendo os professores Barreto, Cardim e Oliveria, citados por Köpke na conferência (MORTATTI, 2000a, p. 118-119).

Por meio de entrevistas — realizadas por M. B. Lourenço Filho e publicadas no jornal *O comércio de São Paulo* — e cartas, os professores paulistas e o professor fluminense Köpke divergem quanto às formas de “processuação” do método analítico. Ainda segundo Mortatti (2000a), somente com a implementação, no estado de São Paulo, da “Reforma Sampaio Dória” (Lei 1750, de 1920), tais disputas começam a se amenizar, ainda que o método analítico tenha continuado a ser considerado o “mais eficiente”. Para essa pesquisadora, em 1920,

[...] problemas e urgências de outra ordem passam a ser priorizados e outros sujeitos começam a se destacar no cenário educacional, propondo outra forma de intervenção do Estado nas coisas da instrução e outros projetos, centrados em outras bases para o ensino da leitura e escrita. (MORTATTI, 2000a, p. 134)

Isso ocorreu, porque

Aceitando o método analítico como a “verdade científica” e “único correspondente às leis da percepção infantil”, Sampaio Dória, no entanto, critica sua obrigatoriedade, uma vez que professores mal preparados ou contrários a esse método contribuem para sua derrocada. Propõe, por isso, que o professor não seja obediente executor, mas que se lhe propicie o conhecimento da verdade científica do método analítico até que essa verdade possa triunfar, sem ser insensatamente imposta. (MORTATTI, 2000a, p. 131).

Não localizei documentos que comprovem a participação direta de A. F. Proença nessas disputas, pois esse professor não criticou explicitamente outros professores pelo contrário, elogiou as cartilhas por eles elaboradas. É o que faz, por exemplo, no prefácio de *Cartilha Proença*, ao mencionar o “belíssimo trabalho” dos professores Theodoro de Moraes, Mariano de Oliveira, Arnaldo Barreto, Benedicto Tolosa, Gomes Cardim e Francisco Vianna, quanto à elaboração de suas cartilhas.

Além da busca pela cientificidade da educação e da divulgação e defesa do método analítico, a criação dos grupos escolares²⁴⁸, em 1893, também decorreu da renovação educacional empreendida pelos dirigentes republicanos paulistas. Esses dirigentes:

²⁴⁸ Os grupos escolares foram instituições de ensino primárias, organizadas a partir da reunião, por proximidade, de classes de alunos e de escolas isoladas (SOUZA, 1998, p. 39). Como destaca Souza (1998, p. 47, grifos da autora), “Cada grupo escolar poderia comportar de 4 a 10 escolas isoladas e seria regido pela quantidade de professores referentes a agrupamentos de 40 alunos, contando também com adjuntos necessários a critério da diretoria. Os alunos seriam distribuídos em 4 classes, para cada sexo, correspondentes ao 1º., 2º., 3º. e 4º. anos do

[...] deram à educação um lugar de destaque, sendo o grupo escolar representante dessa política de valorização da escola pública; dessa forma, eles conferiam a um só tempo: visibilidade à ação política do Estado e propaganda do novo regime republicano. Criar um grupo escolar tinha um significado simbólico muito maior que a criação de uma escola isolada, cuja precariedade mais se assemelhava às condições das escolas públicas do passado imperial com o qual o novo regime queria romper. Em certo sentido, o grupo escolar, pela sua arquitetura, sua organização e suas finalidades aliava-se às grandes forças místicas que compunham o imaginário social naquele período, isto é, a crença no progresso, na ciência, e na civilização. Não podendo universalizar o ensino primário, optou-se por privilegiar as escolas urbanas com maior visibilidade política e social. (SOUZA, 1998, p. 91).

Os grupos escolares tiveram papel de destaque na expansão do ensino primário paulista. Como afirma Souza:

A disseminação desses estabelecimentos de ensino ocorreu progressivamente acompanhando o desenvolvimento urbano e atingindo crianças provenientes de vários setores sociais, especialmente das camadas populares. Em pouco tempo eles se tornaram o tipo predominante de escola primária sobrepujando a matrícula das escolas isoladas. A partir de 1908, o desdobramento de turnos nos grupos possibilitou a ampliação do número de vagas e, dessa maneira, a matrícula nas escolas graduadas suplantou a das escolas isoladas, tendência consolidada nas décadas seguintes. Entre 1908 e 1927, a matrícula nos grupos escolares aumentou 534% e nas escolas isoladas 90%. (SOUZA, 2006, p. 98).

Apesar de importantes para a difusão do ensino primário, o grupo escolar não foi o único tipo de escola em São Paulo, após a Proclamação da República brasileira. Por meio do Regulamento da Instrução Pública, de 27 de novembro de 1893:

O ensino primário, gratuito e leigo, passou a constar de dois cursos: o preliminar e o complementar. O primeiro era obrigatório dos sete aos quinze anos e facultativo até os dezoito anos. Mas, nas escolas mistas, as crianças do sexo masculino só eram admitidas até os dez anos.

Para que esse tipo de ensino fosse profundamente difundido, previa-se a criação de vários tipos de escolas. Assim, a escola chamada preliminar seria criada em todas as localidades onde houvesse de vinte a quarenta alunos matriculáveis. Se o número de alunos fosse inferior a oitenta haveria duas escolas, se fosse superior seriam criadas tantas escolas, quanto fossem necessárias, na proporção de quarenta alunos para cada escola. Nas localidades onde houvessem, apenas, vinte alunos matriculáveis, de ambos os sexos, seria criada uma escola mista. Nos lugares onde o número de crianças matriculáveis, de ambos os sexos, fosse inferior a vinte alunos, a juízo do Conselho Superior seria criada uma escola ambulante. Em todos os municípios, seria criada uma escola complementar para cada dez escolas preliminares existentes, dando-se preferência para as municipalidades que

curso preliminar. Para a direção, o governo nomearia um professor da mesma escola diplomado pela Escola Normal. Nos grupos escolares poderiam funcionar no mesmo edifício escolas do sexo masculino e do feminino, *‘havendo completa separação dos sexos’.*”

contribuíssem com prédios e terrenos apropriados às escolas. (REIS FILHO, 1981, p. 115).

Além dos grupos escolares e dos diferentes tipos de escolas implantadas no estado de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, as escolas isoladas foram também muito importantes na difusão da instrução primária paulista, embora:

Durante as primeiras décadas deste século [XX] elas sobreviveram à sombra dos grupos escolares nas cidades, nos bairros e no campo. Apesar de elas serem consideradas tão necessárias, os grupos escolares foram mais beneficiados, e nelas continuou predominando a carência de tudo: material escolar, livros, cadernos, salas apropriadas e salário para os professores. (SOUZA, 2006, p. 51).

Como afirma Souza (2006), o estado de São Paulo privilegiou, sobremaneira, os grupos escolares, em detrimento das escolas isoladas, sendo que, após a criação dos grupos escolares, a expansão foi considerável, embora insuficiente.

Apesar do esforço em ampliar o número de vagas nas escolas públicas paulistas por meio da ampliação dos grupos escolares, o objetivo dos republicanos de democratizar o ensino não foi atingido. Como destaca Souza, a estatística escolar de 1918, “[...] apontava a existência de 232.621 crianças, com idade entre sete e doze anos, freqüentando escolas públicas e particulares; e 247.543 crianças, em idade escolar, sem escola.” (SOUZA, 2009, p. 118).

Ao constatarem, por meio das estatísticas escolares, que o analfabetismo ainda era um problema e que objetivo dos republicanos de democratizar o ensino não havia sido alcançado, os professores que atuavam em cargos diretivos da educação, passaram a empreender reformas educacionais na tentativa de superar, entre outros, o problema do analfabetismo no país.

Assim, segundo Nagle (1976), no decorrer da década de 1920, os professores paulistas viveram em um clima de “entusiasmo pela educação” e “otimismo pedagógico”. Ainda para Nagle,:

O entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico, que tão bem caracterizam a década dos anos vinte [1920], começaram por ser, no decênio anterior, uma atitude que se desenvolveu nas correntes de idéias e movimentos político-sociais e que consistia em atribuir importância cada vez maior ao tema da instrução, nos seus diversos níveis e tipos. (NAGLE, 1976, p. 101).

O movimento por uma escola pautada em bases “novas” foi se intensificando nos debates educacionais, na década de 1920, tendo sido alteradas as concepções educacionais até

então vigentes. Esse movimento complexo de renovação educacional foi denominado, como apresento na Introdução desta dissertação, de “Escola Nova” ou “Escolanovismo”.

Para M. B. Lourenço Filho nesse período histórico:

O mundo encontra-se dividido ansiando [...] por uma integração mediante emprêgo de formas construtivas, com base em realizações pacíficas do trabalho, da cultura e das aplicações tecnológicas que possam melhorar a vida de cada um e todos os povos. (LOURENÇO FILHO, [19--], p. 29).

As transformações às quais se refere M. B. Lourenço Filho, dependiam da educação, uma vez que “[...] não está perdida a fé na educação. O que se faz necessário é rever os modelos teóricos e os recursos práticos para possível adequação aos graves problemas de mudança [...]” (LOURENÇO FILHO, [19--], p. 30)

As concepções políticas, sociais, filosóficas e educacionais que sustentaram esse movimento são sintetizadas no documento *Manifesto dos pioneiros da educação nova: a reconstrução educacional do Brasil – ao povo e ao governo* (1932), elaborado por Fernando de Azevedo e outros 25 signatários²⁴⁹.

Segundo Azevedo, os “novos” ideais da educação decorreram do desenvolvimento científico, que possibilitou lançar “[...] as bases das doutrinas da nova educação, ajustando á finalidade fundamental e aos ideaes que ella deve prosseguir os processos apropriados para realizal-os.” (AZEVEDO, 1932, p. 237). Ainda segundo esse professor,:

Nessa nova concepção de escola, que é uma reação as tendencias exclusivamente passivas intellectualistas e verbalistas da escola tradicional, a actividade que está na base de todos os seus trabalhos, é a actividade espontânea, alegre e fecunda, dirigida á satisfação das necessidades do proprio individuo. (AZEVEDO, 1932, p. 238).

Essa concepção de escola voltada para o interesse do indivíduo era ainda mais ampla, pois objetivava uma escola “socializadora”, que prepararia os futuros cidadãos para auxiliar no desenvolvimento do país por meio do trabalho²⁵⁰ (AZEVEDO, 1932).

²⁴⁹ Os demais signatários desse documento são: Afranio Peixoto (1876-1947), A. de Sampaio Doria (1883-1964), Anísio Teixeira (1900-1971), M. B. Lourenço Filho (1897-1970), Roquete Pinto (1884-1954), J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho (1892-1969), Raul Briquet (1887-1953), Mario Casassanta (1898-1963), C. Delgado de Carvalho (1884-1990), A. Ferreira de Almeida Jr (1892-1971), J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros (1884-1951), Noemy M. da Silveira (1902-1988), Hermes Lima (1902-1978), Attilio Vivacqua (1894-1961), Francisco Venancio Filho (1894-1994), Paulo Maranhão, Cecília Meirelles (1901-1964), Edgar Sussekind de Mendonça (1896-1958), Armanda Alvaro Alberto (1892-1974), Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme (1904-1997) e Raul Gomes.

²⁵⁰ Segundo Bittencourt (1990, p. 136), já desde o final da década de 1910, “O poder educacional paulista delineou para a história um estudo destinado a ‘mostrar a nossa capacidade para o trabalho’. [...] O brasileiro patriota deveria realizar-se pelo trabalho produtivo, dirigido para o fortalecimento do ‘bem comum’.”

A. F. Proença compartilhava do objetivo de criar no Brasil uma escola “socializadora” e promotora do desenvolvimento do país. Esse professor sintetizou, em uma de suas palestras esse objetivo, por meio da seguinte afirmação:

Hoje em dia a escola tem outros ideais. O homem vale mais pela quantidade de cousas que sabe do que pela maneira de por em pratica o seu saber. O que a escola procura presentemente é formar homens que saibam observar com intelligencia, julgar com acerto, reciocinar com segurança. O livro já não é a grande fonte, a fonte unica do saber. Ao lado d'elle, e com predominancia sobre elle, estão a natureza e a sociedade, com as quaes o homem tem de viver em contacto intelligente, interpretando-lhe os phenomenos e tirando das suas observações o maximo de proveito para si e para os seus semelhantes. Em resumo, o que é preciso é dar ao homem capacidades para aprender á custa propria resolver os problemas da vida.

[...]

É do proprio interesse da nação o novo rumo pedagógico. Não é possivel que continuemos meros aproveitadores do trabalho alheio. Também nós precisamos descobrir, inventar, produzir, quer no domínio da sciencia pura quer no terreno das applicações. E para tanto não nos falta capacidade. Os exemplos ahi estão patentes, abundantes, porem todos elles resultantes do esforço individual e não como consequencia da orientação do trabalho escolar. Entretanto a escola existe para fazer a nação progredir por si e não para a fazer caminhar nas aguas das civilizações estrangeiras. (PROENÇA, 1930, p. 27).

Para o professor M. B. Lourenço Filho, outro signatário do manifesto, “[...] à medida que os conhecimentos biologicos e psicológicos se aperfeiçoavam, percebia-se que todos os aspectos da formação humana não eram independentes de influencias da organização da vida social.” (LOURENÇO FILHO, [19--]). Em decorrência dessa concepção era necessário que, no processo de ensino e de aprendizagem, os professores considerassem “[...] as condições do ambiente, inclusive da vida social de cada localidade.” (LOURENÇO FILHO, [19--]).

É nesse momento histórico que ocorre a “[...] relativização da importância do método.” de ensino da leitura. Mortatti (2000a) considera que essa relativização tornou-se relativamente secundária após a divulgação das “novas e revolucionárias” bases psicológicas para a alfabetização apresentadas em *Testes ABC* (1934), de M. B. Lourenço Filho (MORTATTI, 2000a).

Mortatti (2000a, p. 145) afirma ainda que, apesar de as discussões em relação à defesa do método analítico terem deixado de ser centrais, nesse momento histórico, o método analítico ainda continuou a ser considerado o “melhor” e “mais científico” para o ensino da leitura.

5.2 “Série de leitura Proença” e o “segundo e o terceiro momentos cruciais” na história da alfabetização no Brasil

Como informei, no âmbito do que Mortatti (2000a) considera ser, o “segundo momento crucial” na história da alfabetização no Brasil, os professores formados pela Escola Normal da Capital, do Estado de São Paulo, passaram a “tematizar”, “normatizar” e “concretizar” o método analítico para o ensino da leitura.

Nesse “segundo momento crucial”, cresceu significativamente a demanda por livros didáticos escritos por brasileiros e para brasileiros (MORTATTI, 2000a, p. 85; RAZZINI, 2004, p. 5-6), porque a institucionalização do método analítico exigiu reformulação de cartilhas “tradicionais” (baseadas nos métodos sintéticos) e publicação de outras adequadas ao “novo” método analítico. Surgiu, assim, “[...] um tipo específico de escritor didático profissional: o professor normalista; e [...] uma especialidade editorial: a publicação de livros didáticos” (MORTATTI, 2000a, p. 86), em especial, de cartilhas de alfabetização e de livros de leitura, que se relacionavam diretamente com as disputas entre “mais modernos” e “modernos” defensores do método analítico.

As cartilhas e os livros de leitura escritos nesse “segundo momento crucial” são relativamente parecidas no que refere aos passos para aplicação do método analítico. Em *Cartilha Proença* podem-se observar muitos aspectos que a assemelha às demais cartilhas escritas nesse momento histórico. *Cartilha Proença* diferencia-se das demais, porém, por ser a única a conter no título o nome de seu autor. Os títulos das demais cartilhas desse momento destacam outros aspectos das cartilhas, como, por exemplo, o método de ensino nela proposto e o público previsto. A título de exemplo, cito: *Cartilha analytica* (1909?), de Arnaldo de Oliveira Barreto; *Nova cartilha analítico-sintética* (1916), de Mariano de Oliveira; *Meu livro* (1909), de Theodoro de Moraes; *Cartilha infantil* (1908), de Carlos Gomes Cardim; *Cartilha de alfabetização* (1923), de Benedicto Tolosa.

Quando da publicação da 1ª. edição de *Cartilha Proença, Leitura do principiante e 1º. livro de leitura*, A. F. Proença ocupava o cargo de diretor da Escola Normal de São Carlos, escola de destaque no cenário educacional paulista da época. Isso pode indicar que o cargo ocupado por esse professor lhe conferiu certo prestígio junto a seus contemporâneos e que seu nome intitulando sua única cartilha possa ter se caracterizado como resultado e garantia de reconhecimento em relação às demais cartilhas publicadas.

O título da “Série de leitura Proença”, todavia, não destoa do título das demais séries publicadas entre 1920 e 1930, que também receberam o nome de seus autores, por exemplo: “Série Braga”, de Erasmo Braga; e “Série Arthur Joviano”. Ou anteriormente a esse

momento, como, por exemplo: Série Thomaz Galhardo, Série Puiggari-Barreto²⁵¹, de Romão Puiggari e Arnaldo de Oliveira Barreto; Série Oliveira e Dordal, de Mariano de Oliveira e Ramon Roca Dordal.²⁵²

Os conteúdos dos livros que integram a “Série de leitura Proença”, em especial de *Cartilha Proença*, sugerem que o autor seguiu os passos propostos nos dois documentos oficiais, mencionados por Mortatti (2000a), para o ensino da leitura, publicados na década de 1910: *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar* (DIRECTORIA..., 1911) e *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico – modelos de lições* (DIRECTORIA..., 1915)²⁵³. Em ambos os documentos são apresentados passos que devem ser seguidos pelo professor para obter êxito no trabalho em sala de aula. As instruções de A. F. Proença, tanto nos prefácios dos livros analisados, quanto nos conteúdos e forma das lições neles apresentados, estão próximas das orientações desses documentos, indicando a sintonia de A. F. Proença com o clima desse “segundo momento crucial” na história da alfabetização no Brasil.

Em artigo publicado posteriormente à cartilha e aos livros de leitura, A. F. Proença (1929) apresenta passos para o ensino da leitura, no qual pode ser observada, assim como no prefácio dos livros analisados, a função central do professor para a “processuação” do método analítico para esse ensino.

1. Leitura silenciosa pela classe.
2. Leitura, em voz alta, de palavras apontadas pela professora [...].
3. Leitura expressiva por um ou mais alumnos.
4. Exercício de visualização;
 - a) do conjuncto;
 - b) das partes.

Por suas palavras e gestos, e por outros meios adequados formará a professora, em um espaço imaginario, o quadro completo, tal qual o autor o descreveu. As phrases, e bem assim os vocabulos, serão explicados de modo a evocarem imagens chromaticas, estereoscopicas, cinéticas e emotivas. Evitar a explicação por meio de definições e synonymia. O essencial é que o educando *veja e sinta* o que o autor *viu e sentiu*. (PROENÇA, 1929, p. 153-154, grifos do autor)

Como se pode observar, os três passos apresentados para o ensino da leitura pelo método analítico, nesse artigo, são semelhantes aos passos propostos na cartilha e no prefácio dos livros de leitura analisados, a saber: leitura do “todo” seguido da decomposição em partes

²⁵¹ Sobre a série Puiggari e Barreto, ver, especialmente: Oliveira (2004).

²⁵² Outras séries de livros de leitura ficaram muito conhecidas, tendo sido editadas muitas vezes. Dentre elas destaque: Série Rangel Pestana, de Köpke; e Série Leituras Infantis, de Francisco Vianna.

²⁵³ Sobre esses documentos ver, especialmente: Pereira (2009).

menores. Esses passos, por sua vez, são semelhantes aos propostos nos dois documentos oficiais expedidos na década de 1910, já mencionados.

Os conteúdos dos livros que integram a “Série de leitura Proença” são indicativos de uma concepção de escola “[...] responsável por introduzir conhecimentos básicos atinentes às ciências naturais, além da formação moral e cívica do cidadão.” (OLIVEIRA; SOUZA, 2000, p. 37), consoantes com os ideais da época em que foram publicados.

Essa sintonia de A. F. Proença com a institucionalização do método analítico para o ensino da leitura pode também ser constatada na estreita relação existente entre as ilustrações dos livros analisados e os conteúdos das lições, principalmente em *Cartilha Proença*. A ilustração era um importante aspecto para processuar o método analítico, porque, segundo os defensores desse método, a observação de objetos reais ou ilustrações que os representassem permitiam que a criança intuísse o que estava escrito, ainda que não soubesse ler. Como afirma Bittencourt:

Efetivamente, as imagens criavam uma maneira especial de leitura, sobretudo, na fase inicial de alfabetização, onde se mesclava com a oralidade. A presença de ilustrações favorecia, em princípio, o diálogo, suscitando comentários que deslizavam continuamente do escrito para o oral e do oral para o escrito. E, desde o início das publicações de livros para crianças, pode-se constatar que são ilustrados.

[...]

As ilustrações dos livros didáticos favoreciam, portanto, de acordo com as concepções de aprendizagem, uma forma de o aluno ter contato com situações mais concretas não apenas para crianças, mas também para os jovens. (BITTENCOURT, 2008, p. 197)

Isso fez com que o ilustrador se tornasse um profissional importante na elaboração de um livro didático, principalmente a partir desse momento histórico, pois ele é quem possibilitava, por meio de seus traços, aproximação mais direta entre o que estava escrito e sua representação por meio da imagem, facilitando a utilização do método analítico, por parte dos professores e dos alunos. Nesse sentido, merece destaque a figura de Oswaldo Storni, que ilustrou muitos livros da Editora Melhoramentos (SP).²⁵⁴

A. F. Proença, “[...] sintonizado com as orientações da época, adverte a respeito da liberdade de escolha do professor – condicionada às normas oficiais e aos princípios do método analítico – e de sua não pretensão de originalidade” (MORTATTI, 2000a, p.106) e,

²⁵⁴ Arroyo (1968, p. 224) apresenta uma lista de vários importantes ilustradores brasileiros, dentre eles Storni, e afirma em seguida: “Alguns desses nomes deram-nos trabalhos de alto valor artístico, capaz de se ombrear com os melhores dos ilustradores franceses e ingleses de livros para crianças.” Para informações detalhadas sobre a importância da ilustração nos livros infantis (dentre eles os didáticos) ver, dentre outros: Faria (1991); e Sandroni e Machado (1987).

embora o título de sua cartilha possa ser indicativo de certa atitude personalista, ele explicita a importância dos “trabalhos” dos professores Theodoro de Moraes, Mariano de Oliveira, Arnaldo Barreto, Benedicto Tolosa, Gomes Cardim e Francisco Vianna, o que é indicativo de que, apesar do número crescente de cartilhas publicadas no período, A. F. Proença tinha certa consciência do lugar que sua cartilha e seus livros de leitura poderiam ocupar e que, de fato, ocuparam no ensino da leitura nas escolas primárias brasileiras, já que foram publicados por três décadas e mesmo depois do falecimento do autor.

Os outros livros da “Série de leitura Proença” também foram escritos em sintonia com orientações da época. A característica que mais evidencia essa sintonia parece ser a inclusão de vocabulário e exercícios ao final das lições dos livros destinados às classes adiantadas. Esse acréscimo pode indicar, dentre outros aspectos, mudança em relação ao “papel” desempenhado por professor e por aluno a partir de meados da década de 1920, comparativamente às décadas finais do século XIX. Ainda de acordo com Bittencourt (2008), o livro didático e os exercícios nele apresentados tornaram-se importante, às vezes indispensável, meio de trabalho para o professor.

O livro didático era valioso para o professor porque nele estava depositado o conteúdo a ser transmitido aos alunos. Mas a importância do livro para a efetivação do trabalho do professor residia na metodologia do ensino que ele continha.

O livro didático possuía dois discursos que se integravam. Um texto no qual estava exposto, de maneira sistematizada e simplificada, o “conteúdo explícito” da disciplina e outro – o discurso pedagógico – constituído por questionários, resumos, exercícios variados que indicavam como o conhecimento deveria ser apreendido pelos alunos. Os compêndios, mais especificamente, representavam, na íntegra, o saber a ser ensinado e progressivamente foram acrescidos de baterias de exercícios para a fixação dos conteúdos da disciplina.

Os exercícios tornaram-se um complemento indispensável das obras didáticas e deles, muitas vezes, dependia seu sucesso. (BITTENCOURT, 2008, p. 193)

Se a forma de processar o método analítico nos livros da “Série de leitura Proença” não diferenciava, consideravelmente, das outras séries de leitura analíticas e livros de leitura que circulavam nas escolas primárias nos primeiros anos do século XX, considero, entretanto, que os livros de A. F. Proença ainda assim tenham conquistado posição de destaque no momento histórico de publicação e circulação por dois motivos: a grande demanda criada pela expansão da escola pública nesse momento; e a posição de destaque que A. F. Proença ocupava como Diretor da Escola Normal de São Carlos-SP e do Ginásio do Estado-SP no momento de publicação da 1ª. edição dos livros da série de sua autoria.

Pelo exposto, afirmo que os livros da “Série de leitura Proença” foram elaborados seguindo os princípios do método analítico, defendido pelos professores formados pela Escola Normal de São Paulo, nos anos iniciais do século XX e que a sintonia com o momento histórico e a condição de expoente do magistério paulista, de que gozava A. F. Proença, contribuem para compreender a influência dos livros didáticos desse professor, em especial dos analisados nesta dissertação.

Portanto, em “Série de leitura Proença” seu autor buscou dar continuidade à proposta de “concretização” do método analítico para o ensino inicial da leitura, apresentada em *Cartilha Proença*, utilizando o recurso da “série de leitura”, que se tornou prática comum no “segundo e o terceiro momentos cruciais” na história da alfabetização no Brasil. Nesse momento histórico buscava-se implementar políticas de expansão da escola pública e se expandia também o mercado editorial de livros didáticos, para o qual foi significativa a contribuição da Editora Melhoramentos (SP).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentei, nesta dissertação de mestrado, resultados de pesquisa histórica desenvolvida por meio dos procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de fontes documentais. Com o objetivo de contribuir para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização no Brasil analisei a configuração textual dos livros que integram a “Série de leitura Proença”, do professor paulista A. Firmino de Proença, a fim de compreender a proposta desse professor para o ensino da leitura pelo método analítico “concretizado” nos livros dessa série de leitura.

Para o desenvolvimento da pesquisa elaborei, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário L. Mortatti, um detalhado cronograma de atividades a serem realizadas, nos prazos estabelecidos para conclusão do mestrado.

Previ, nesse cronograma de atividades, que os créditos em disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação seriam cumpridos até agosto de 2009, o que de fato ocorreu.

A complementação da pesquisa documental e bibliográfica, foi realizada até setembro de 2009 porque, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, localizei²⁶³ informações referentes à reorganização da “Série de leitura Proença”, ocorrida em 1948, que divergiam de minhas interpretações.

Até o Exame Geral de Qualificação de Mestrado, compreendia que essa série de leitura era integrada por seis livros didáticos: *Cartilha Proença, Leitura do principiante, 1º. livro de leitura, 2º. livro de leitura, 3º. livro de leitura e 4º. livro de leitura*. Transcorrido o Exame Geral de Qualificação de Mestrado, entretanto, compreendi, por meio da análise de exemplares de outras edições dos livros dessa série, além dos até então localizados, que o título do *3º. livro de leitura* havia sido modificado, em 1948, para *4º. livro de leitura* e que, portanto, não era um outro livro. A dificuldade em compreender as alterações ocorridas na organização da “Série de leitura Proença” decorre da dificuldade em localizar livros didáticos, em especial cartilhas de alfabetização e livros de leitura.

Concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa documental e bibliográfica, previ, no cronograma de atividades, realizar a leitura das fontes documentais e da bibliografia especializada. Essa atividade, entretanto, se estendeu além do previsto em decorrência da quantidade considerável de documentos e bibliografia localizados e de minhas próprias limitações pessoais.

Ainda no cronograma de atividades, estava prevista a análise dos livros que integram a “Série de leitura Proença”, que também se estendeu além do previsto em decorrência das

²⁶³ Como informei, na Introdução desta dissertação, Dr^a. Márcia de Paula Gregório Razzini me auxiliou a compreender aspectos da reorganização, ocorrida em 1948, da “Série de leitura Proença”.

dificuldades que enfrentei para realizá-la. Uma dessas dificuldades foi me distanciar do que escrevi em meu TCC (GAZOLI, 2007) para avançar na compreensão do objetivo de pesquisa de mestrado. Essa dificuldade, infelizmente, não foi plenamente superada. Considero não ter sido possível avançar significativamente na compreensão do objeto de pesquisa, apesar das muitas sessões de orientações realizadas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa e das revisões de textos feitas por minha orientadora. Essa constatação, apesar de difícil, é necessária porque evidencia a dificuldade desta pesquisadora em formação em “concretizar” discursivamente reflexões realizadas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

Além das atividades acima apresentadas, previ ainda, no cronograma de atividades, que a redação do texto para Exame Geral de Qualificação de Mestrado ocorreria até maio de 2009, o que não ocorreu, em decorrência dos atrasos apresentados anteriormente, o que não impediu, entretanto, que esse exame fosse realizado em agosto de 2009. Também a elaboração da dissertação, ocorreu apenas entre outubro e dezembro de 2009, em decorrência dos atrasos mencionados.

O que afirmo até aqui evidencia que, o desenvolvimento de pesquisa científica, especialmente em perspectiva histórica, exige do pesquisador paciência para localizar documentos que contenham informações importantes para a compreensão do objeto de pesquisa, mas que, nem sempre, estão facilmente disponíveis.

Apesar das dificuldades apresentadas, considero que apresentei, nesta dissertação, aspectos que contribuem, ainda que modestamente, para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização no Brasil.

Uma dessas contribuições refere-se à ampliação do instrumento de pesquisa, realizado em nível de IC, contendo a bibliografia *de e sobre* A. F. Proença a fim de contribuir para pesquisas correlatas. A versão atualizada desse instrumento de pesquisa subsidiou outras pesquisas, como as desenvolvidas pelos colaboradores da coletânea sobre A. F. Proença, que já mencionei e que foi organizada por Márcia de Paula Gregório Razzini.

Considero que os resultados da análise da configuração textual dos livros que integram a “Série de leitura Proença”, apresentados nesta dissertação, ainda que modestamente, também contribuem para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização de nosso país.

Por meio dos resultados apresentados nesta dissertação, portanto, é possível afirmar que a hipótese de pesquisa foi confirmada, ou seja, que A. F. Proença deu continuidade, nos

livros de leitura de sua autoria, à proposta de “concretização” do método analítico para o ensino da leitura apresentada em *Cartilha Proença*.

REFERÊNCIAS

A. I. Um vulto sorocabano. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, p. 3, 29 mar. 1949. Também disponível em: <<http://www.exafirmino.com/Dariofotos.htm>>. Acesso em: 9 mai. 2007.

AMÂNCIO, Lazara Nanci de Barros. *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso 1910-1930*. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2008.

_____. Ensino de leitura na escola primária no Mato Grosso: contribuição para o estudo de aspectos de um discurso institucional no início do século XX. 2000. 2v. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000. (v.1, 264f.; v.2 Apenso, 155f.)

AMÂNCIO, Lazara Nanci de Barros; SILVA, Marijâne Silveira da. Ensino de leitura e circulação de cartilhas em Mato Grosso. In: Congresso de Leitura do Brasil, 15., 2005, Campinas: Graf. FÉ; ALB. p. 1-12.

ANTONIO Firmino de Proença. *O estado de São Paulo*, São Paulo, mai. 1946.

APONTAMENTOS sobre o pessoal da escola normal – complementar e modelo, do município de São Carlos. Manuscrito, 1914.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, Fernando de. [et al.]. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). In: GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 226-250.

BARROSO, Gustavo. *A ortografia oficial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilizações Brasileiras, [19--].

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999, p. 529-575.

BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984. v.1.

BERNARDES, Vanessa Cuba. *Um estudo sobre **Cartilha analítica**, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1969-1925)*. 2003. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do povo e da Upa, cavalinho!*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. 1993. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1993.

_____. *Pátria, civilização e trabalho: o ensino de história nas escolas paulistas (1917-1939)*. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BOTO, Carlota. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 30, n. 3, 493-511, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 11/04/07.

BRASLAVSKY, Berta P. de. *Problemas e métodos no ensino a leitura*. Tradução: Agostinho Minicucci; Prefácio: Lourenço Filho. [São Paulo]: Melhoramentos; Editora da USP, [1971].

CAMPELO, Kátia Gardênia Henrique da Rocha; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. História da alfabetização mineira: um olhar sobre a circulação de cartilhas de alfabetização em Minas Gerais no período de 1930 a 1945. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 7., 2008, Portugal. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://web.letas.up.pt/7clbheporto/trabalhos_final.aspx>. Acesso em: 21 mai. 2009.

CAPOVILLA, Fernando C.; CAPOVILLA, Alessandra G. S. *Alfabetização: método fônico*. Colaboradores: Fernanda Silveira e outros. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A coleção como estratégia de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. *Anais eletrônicos...* Curitiba: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/259.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2009.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a república*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CATANI, Denice Bárbara. *Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*. 1994. 166 f. Tese (Livre Docência em Didática) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHOPPIN, Alain. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *História da educação*, Pelotas, v. 13, n. 27, jan./abr. 2009. p. 9-75.

_____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, set./dez. 2004. p. 549-566.

COIMBRA, Leonardo. *Guerra Junqueiro*. Porto: Edições de A renascença portuguesa, 1926.

D'ÁVILA, Antonio. História da educação. *Educação*, v.34, n.48-49, p.146-150, jul./dez. 1946a.

_____. Antonio Firmino de Proença. In: POLIANTÉIA comemorativa do 1º. centenário do Ensino Normal de São Paulo. São Paulo: Gráfica Brésia, 1946b. p. 107-108.

DIETZSCH, Mary Julia Martins. *Alfabetização: propostas e problemas para uma análise do seu discurso*. 1979. 122p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, 1979.

DIRECTORIA Geral da Instrução Pública. *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar*. São Paulo: Siqueira, Nagel & Comp., 1911. (Pelos inspetores escolares Miguel Carneiro, J. Pinto e Silva, Mariano de Oliveira e Theodoro de Moraes).

_____. *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico - modelos de lições*. São Paulo: Typographia do Diario Official, 1915.

DONATO, Hernani. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

ESTRADA, Alduino. Proença (Antonio Firmino de). *Educação*, São Paulo, v.6, n.3, p. 310-312, mar. 1929. Bibliografia Pedagógica.

EVANGELISTA, Olinda. *A formação universitária do professor: o instituto de educação da Universidade de São Paulo (1934-1938)*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC/Editora da Cidade Futura, 2002.

FARIA, Maria Alice. *A ilustração no livro infantil brasileiro contemporâneo*. 1991. Digitado.

FLEURY, Renato Sêneca. Missões de professores paulistas. *Educação*, São Paulo, v.35, n.50 a 53, p.183-184, jan./dez. 1946.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Isabel Pereira (Org.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Livros de leitura de Abílio César Borges: ideário pedagógico, produção e circulação. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 7., 2008, Portugal. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://web.letas.up.pt/7clbheporto/trabalhos_final.aspx>. Acesso em: 21 mai. 2009.

GAZOLI, Monalisa Renata. Bibliografia de e sobre A. F. Proença: um instrumento de pesquisa. In: RAZZINI, Márcia de Paula Gregório (Org.). *Antonio Firmino de Proença* (título provisório). 2010. (no prelo).

_____. *Bibliografia de e sobre Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa*. Marília-SP, 2009a. (Digitado).

_____. *1º. livro de leitura* (1926), de Antonio Proença, e a disseminação do método analítico para o ensino da leitura no Brasil. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2., 2009b, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos....* Rio de Janeiro: Lihed – Núcleo de Pesquisa sobre livro e história editorial no Brasil, 2009b. p. 1-13. 1 CD-ROM

_____. Um estudo sobre *palestras pedagogicas* (1930), de Antonio Firmino de Proença. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: ESCOLA CULTURA, 5., 2008a, São Paulo. *Anais...* São Paulo: [s/l], 2008a. p. 1-12. 1 CD

_____. Bibliografia *de e sobre* Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: O ENSINO DE A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008b, Aracaju, SE. *Anais...* São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008b. p. 1-13.

_____. Bibliografia *de e sobre* Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa. Marília-SP, 2008c. (Digitado).

_____. O método analítico para o ensino da leitura em *Leitura do principiante* (1926) e *1º livro de leitura* (1926), de Antonio Firmino de Proença. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, 10., 2008d, Marília. *Cadernos de áreas*. Marília: Programa de Pós-Graduação em Educação – Unesp, campus de Marília, 2008d. p. 1-7.

_____. *O método analítico para o ensino da leitura em Cartilha Proença* (1926), de Antonio Firmino de Proença. 2007a. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007a.

_____. Bibliografia *de e sobre* Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa. Marília-SP, 2007b. (Digitado).

_____. O método analítico para o ensino da leitura em *Cartilha Proença* (1926), de Antonio Firmino de Proença. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LIVRO DIDÁTICO: EDUCAÇÃO E HISTÓRIA. *Anais...* São Paulo:[s/l], 2007c. p. 830-839. 1 CD-ROM.

_____. Um estudo sobre *Cartilha Proença* (1926), de Antonio Firmino de Proença. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007d, Campinas, SP. *Anais eletrônicos...* Campinas: [s/l], p. 1-8, 2007d. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16sem07ss03_05.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2008.

GOMES, Alfredo. Um grande educador: Proença. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 4, ano 92, n.27614, 6 abr. 1946.

GONDRA, José Gonçalves. Abílio Cesar Borges. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiros. *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MEC/INEP/COMPED, 1999. p. 29-38.

GRISI, Rafael. O ensino da leitura: o método e a cartilha. *Educação*, São Paulo, v.32, 36-90, 1946. (Separata da revista *Educação*)

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução: Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HARRIS, Theodore L.; HODGES, Richard E. *Dicionário de alfabetização: vocabulário de leitura e escrita*. Tradução: Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

JARDIM, Renato. A escola paulista - III. *Educação*, São Paulo, v.11, n.1, p. 99-102, abr. 1930a. Através de revistas e jornaes.

_____. A escola paulista- V. *Educação*, São Paulo, v.11, n.3, p. 384-387, jul. 1930b. Através de revistas e jornais.

LABEGALINI, Andréia Cristina Fregate Baraldi. *A formação de professores alfabetizadores nos institutos de educação do estado de São Paulo (1933 a 1975)*. 2005. 315 f. Tese (Doutor em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et. al.]. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LOURENÇO FILHO, Manuel B. *Introdução ao estudo da Escola Nova*. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--].

_____. *Testes ABC*: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1934.

_____. Prefácio. In: FREITAS, M. A. Teixeira. *O que dizem os números sobre o ensino primário*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), 1937.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Os sentidos da alfabetização*: a “questão dos métodos” e a constituição de um objeto de estudo (São Paulo – 1876/1994). 1997. 389 f. Tese (Livre-Docência em Metodologia do Ensino de 1º. Grau: Alfabetização) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1997.

MELO, Luis Correa. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmãos Andriolis, 1954.

MENIN, Ana Maria da Costa Santos. *O patinho feio, de H. C. Andersen*: o “abrasileiramento” de um conto para crianças. 1999. 280 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

MENNUCCI, Sud. A escola paulista - V. *Educação*, São Paulo, v.11, n.3, p. 387-390, jul. 1930a. Através de Revistas e Jornais.

_____. *A escola paulista*. São Paulo: COPAC, 1930b.

_____. A escola paulista. *Educação*, São Paulo, v.9, n.2, p. 270-273, nov. 1929.

_____. Como se ensina geografia – A. F. Proença. *Educação*, São Paulo, v.5, n.1, p. 58-61, out/dez. 1928.

MESSEMBERG, Cyntia. *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sênaca Fleury*. 2008. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

MOMENTOS do livro no Brasil. São Paulo: Ática, 1998.

MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy (Org.). *Por Lourenço Filho: uma biobibliografia*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário; PEREIRA, Bárbara C.; GAZOLI, Monalisa Renata; ORIANI, Angélica; MESSENERG, Cyntia G. Cartilhas de professores paulistas do início do século XX e a conformação de práticas de alfabetização no Brasil. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2., 2009, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos....* Rio de Janeiro: Lihed – Núcleo de Pesquisa sobre livro e história editorial no Brasil, 2009. p. 1-15. 1 CD-Rom. Também disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Monalisa_R_Gazoli.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2009.

MORTATTI, Maria do Rosário. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo 1876/1994. São Paulo: Editora Unesp, 2000a.

_____. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos CEDES*, São Paulo, ano19, n. 52, p. 41-54, nov. 2000b.

_____. Antonio Proença, escritor didático, na história da alfabetização no Brasil In: RAZZINI, Márcia de Paula Gregório (Org.). *Antonio Firmino de Proença* (título provisório) 2010. (no prelo).

_____. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. In: *Acolhendo a alfabetização em países de língua portuguesa* (ACOALFAPLP), v. III, p. 91-114, 2008a. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net/0005acoalfaplp/0005acoalfaplp_tx/3fundaeducalfab/302metodomortatti.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2008a.

_____. Notas para uma história da formação do alfabetizador no Brasil. In: *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 89, p. 467-476, 2008b.

_____. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?. In: SCHOLZE, Lia; RÖSING, Tania M. K. *Teoria e prática do letramento*. (Org.). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007. p. 155-168.

_____. História dos métodos de alfabetização no Brasil. *Portal Mec Seminário Alfabetização e Letramento em debate*, Brasília, v. 1, p. 1-16, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em: 16 out. 2007.

_____. *Educação e letramento*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

_____. *Ensino de língua e literatura no Brasil*: repertório documental republicano. Marília, 2003. (Digitado)

_____. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. *História da educação*. Pelotas, v. 6, p.69-77, out. 1999.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Memória da escola no sertão do São Francisco: a Escola Nova e as contradições de um país plural (1910-1950). *Net*, [S.L.], [2006?]. Disponível em: <http://jorge.carvalho.zip.net/arch2006-03-19_2006-03-25.html>. Acesso em: 22 jun. 2007.

NECROLOGIA. *Folha da manhã*, São Paulo, p.?, 6 abr. 1946.

NERY, Ana Clara Bortoleto. *A sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*. 1999. 377 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. *A sociedade de educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

NOMEAÇÕES, *Educação*, São Paulo, v.7, n.3, p. 339, jun. 1929.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio de; SOUZA, Rosa Fátima de. As faces do livro de leitura. *Cadernos Cedes*, São Paulo, ano 20, n.52, p. 26-40, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a03v2052.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2008.

_____. *As séries graduadas de leitura na Escola Primária Paulista (1890-1940)*. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade e Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

ORIANI, Angélica Pall. *Relatório científico final (julho a dezembro de 2008)*. Relatório científico (Fapesp). 25 f. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

OTTO, Maria Carpeax. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Brasília: MEC, 1955.

OZELIN, Jaqueline Rampeloti. *Revista da Escola Normal de São Carlos (1916-1923): a formação do professor*. 2006. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

PENNA, Helena [et.al]. *Antonio Firmino de Proença: 1980, 1º. centenário de nascimento*. São Paulo: Gráfica da Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, 1980.

PEREIRA, Bárbara Cortella. *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico*. 2009. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

PFROMM NETO, Samuel; DIB, Carlos Z.; ROSAMILHA, Nelson. Cartilhas, gramáticas, livros de texto. In: _____. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974. p. 153-204.

POLIANTEIA comemorativa do 1º. centenário do Ensino Normal de São Paulo. São Paulo: Gráfica Bréscia, 1946.

PORTAL virtual da cidade de Limeira. *Net*, Limeira, 2009. Disponível em: <<http://www.olimeirense.com.br/himprens.htm>>. Acesso em: 22 de jun. 2009.

PROENÇA, Antônio Firmino de. *Leitura do principiante: para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 87. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

- _____. *Cartilha Proença*. 84. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955.
- _____. *3º. livro de leitura*. 35. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1950a.
- _____. *2º. livro de leitura*. 50. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1950b.
- _____. *Leitura do principiante: para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 75. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1949.
- _____. *4º. livro de leitura, para o 4º. ano escolar*. 21. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1948a.
- _____. *1º. livro de leitura*. 48. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1948b.
- _____. *1º. livro de leitura*. 47. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1947a.
- _____. *2º. livro de leitura*. 33. ed. rev. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1947b.
- _____. *3º. livro de leitura para o 4º. ano escolar*. 20. ed. Refundida. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1946.
- _____. *2º. livro de leitura*. 31. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1945.
- _____. *Leitura do principiante: para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 59. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1943a.
- [PROENÇA, Antonio Firmino de]. *Escreva certo!* São Paulo: Atena Editora, 1943b.
- _____. *2º. livro de leitura*. 30. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1942.
- _____. *3º. livro de leitura para o 4º. ano escolar*. 17. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog irmãos incorporada), 1941.
- _____. *1º. livro de leitura*. 45. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos, 1940.
- _____. *Como se ensina geographia: metodologia*. ? ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog irmãos incorporada), 1930.
- _____. *Palestras pedagógicas*. São Paulo: Directoria Geral da Instrução Publica (Departamento de Publicidade), 1930.
- _____. *Linguagem nas classes adiantadas: composição*. *Educação*, São Paulo, v. 6, ano 2, p. 153-162, jan./fev. 1929.
- _____. *1º. livro de leitura*. 5. a 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1928.
- _____. *2º. livro de leitura*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), 1927.

_____. *Cartilha Proença*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), 1926.

_____. *Methodos de ensino elementar*. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 7, n. 12, p. 72-73, dez. 1922.

_____. Juvenal Penteado. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 3, n. 6, p. 3-11, jun. 1919.

_____. *Cartilha Proença*. 39. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), [19--]a.

_____. *1º. livro de leitura, para o 2º. ano escolar*. 35. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]b.

_____. *2º. livro de leitura*. 16. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]c.

_____. *3º. livro de leitura para o 4º. ano escolar*. 15. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog irmãos incorporada), [19--]d.

RAYMUNDO, Maria Antonieta. Prefácio. In: DIAS, Gonçalves. *Gonçalves Dias: antologia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

RAZZINI, Marcia de Paulo Gragório. A Livraria Francisco Alves e a expansão da escola pública em São Paulo. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2004, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/marciadepaulorazzini.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2007, às 15:28:10.

_____. Livro didático e expansão escolar em São Paulo (1889-1930). *Língua escrita*, Belo Horizonte, n. 1, p. 16-43, jan./abr. 2007.

REIS FILHO, Casemiro dos. *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez, 1981.

RIBEIRO, Neucinéia Rizzato. *Um estudo sobre “A leitura analítica” (1896), de João Köpke*. 2001. 66f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

RODRIGUES, João Lourenço. *Um retrospecto: alguns subsidios para a historia do ensino publico em São Paulo*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul (Org.). *A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1987.

SANTOS, Fátima Aparecida dos. *A Escola Nova e as prescrições destinadas ao ensino da disciplina de geografia da escola primária em São Paulo no início do século XX*. 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

SANTOS, Luana. *Um estudo sobre Cartilha da infância (188?), de Thomaz Galhardo*. 2008. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

SANTOS, Maria de Lourdes da Silva. *Revista do professor (1934-1939): contribuições para a formação do pensamento político-pedagógico do magistério primário do estado de São Paulo*. 2001. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2001.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº. 1.750, de 8 de dezembro de 1920. *Coleção das leis e decretos do estado de São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1940, p. 35-45. (Reforma a instrução pública do estado).

_____. Decreto nº. 5.884, de 21 de abril de 1933. *Coleção das leis e decretos do estado de São Paulo*, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, v.1, n.1, p. 278-454. (Código de Educação do Estado de São Paulo)

_____. Decreto nº. 6.283, de 25 de janeiro de 1934. *Coleção das leis e decretos do estado de São Paulo*, 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, v.1, n.1, p. 22-64. (Cria a USP)

_____. Decreto nº. 10.776, de 12 de dezembro de 1939. *Coleção das leis e decretos do estado de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, p. 284. (Dá a denominação de “Escola Caetano de Campos” à Escola Normal Modelo da Capital de São Paulo)

SILVA, Emerson Correia da. *O professor ideal em Excelsior! (1911-1916): a revista dos alunos da Escola Normal de São Carlos*. São Carlos, SP: Rima, 2007.

_____. *O professor ideal em Excelsior! (1911-1916): a revista dos alunos da Escola Normal de São Carlos*. 2006. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2006.

SOARES, Álvaro. Os primeiros ensinamentos de leitura e linguagem. *Educação*, São Paulo, v.10, n.10-11, p.131-140, out./nov. 1932.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca. *Alfabetização*. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000.

SOBRAL, Patrícia de Oliveira. *Um estudo sobre Nova cartilha analítico-synthética (1916), de Mariano de Oliveira*. 2007. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos e civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

_____. Lições da escola primária. In: SAVIANI, Dermeval, ALMEIDA, Jane; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Tereza. *O legado educacional do século XIX no Brasil*. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2006.

_____. *Alicerces da pátria: história da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976)*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976, p. 132-143.

TANURI, Leonor Maria. *O ensino normal no estado de São Paulo: 1890-1930*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 1979.

TREVISAN, Thabatha Aline. *A pedagogia por meio da Pedagogia: Teoria e prática (1954), de Antonio d'Ávila*. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

TRINDADE, Iole. A adoção da *Cartilha maternal* na instrução pública gaúcha. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 1., 2000, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/067_iole.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2010.

VALDEMARIN, Vera Teresa. *Estudando as lições de coisas: análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo*. Campinas: Autores Associados, 2004.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário S. Genta. Sud Mennucci. In: FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; BRITTO, Jader de Medeiro. *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; MEC/INEP/COMPED, 1999. p. 465-466.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO TEÓRICO

ALVES, Gilberto Luiz. Origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 617-635, mai./ago. 2005.

AZEVEDO, Fernando de. *A educação em S. Paulo: problemas e discussões*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

BENCOSTTA, Marcus Levy (Org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerário histórico*. São Paulo: Cortez, 2007.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, set./dez. 2004, p. 475-491.

BOTO, Carlota. O professor primário português como intelectual: “eu ensino, logo existo”. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 6., p. 281-319, 2006, Uberlândia. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/26CarlotaBoto.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

CHERVEL, Andre. Historia das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

FRAGO, Antonio Viñao. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista brasileira de história da educação*, n. 0, p. 62-82, set./dez. 1995.

GINZBURG, Carlos. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *História da educação brasileira*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. *Teoria e educação*, Porto Alegre, vol. 2, 1990, p. 65-103.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. A escola popular elementar. In: _____. *O aparecimento da escola moderna: uma história ilustrada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 157-233.

JULIÁ, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n.1, p. 9-44, jan./jun. 2001.

LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araujo Lima. *História e memória da Escola Nova*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LOURENÇO FILHO, Manuel B. *Testes ABC: para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita*. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1957?].

MENEZES, Maria Cristina (Org.). *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo 1876/1994. São Paulo: Editora Unesp, 2000a.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2.ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: _____ (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 15-38.

SANTOS, Lucíola Licínio. História das disciplinas escolares: perspectivas de análise. *Teoria & educação*, n. 2, p. 21-29, 1990.

SCHELBAUER, Analete Regina. O método intuitivo e lições de coisas no Brasil do século XIX. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). *História e memória da educação no Brasil: século XIX*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. (Vol.II). p.134-149.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Alicerces da pátria: escola primária e cultura escolar no estado de São Paulo (1890-1976)*. 2006. 367 f. Tese (Livre docência em História da Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. Por quê “Escola Nova”? *Boletim da Associação baiana de educação*, Salvador, n. 1, p. 2-30, 1930.

VIDAL, Diana G.; FARIA FILHO, Luciano M. de. *As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

Apêndice

Bibliografia *de e sobre* Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa

MONALISA RENATA GAZOLI

**BIBLIOGRAFIA *DE E SOBRE*
ANTONIO FIRMINO DE PROENÇA (1880-1946):
UM INSTRUMENTO DE PESQUISA**

**UNESP - Univ Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília
Programa de Pós-Graduação em Educação
Marília-SP
13 de dezembro de 2009**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1. BIBLIOGRAFIA DE A. F. PROENÇA	6
1.1 Artigos em periódicos	6
1.2 Livros sobre educação	7
1.3 Cartilha de alfabetização	8
1.4 Livros de leitura	9
1.5 Livro de Geografia	12
1.6 Plano de aula	12
1.7 Outros	12
2. BIBLIOGRAFIA SOBRE A. F. PROENÇA	14
2.1 Livro	14
2.2 Texto acadêmico	14
2.3 Textos em anais de eventos	14
2.4 Artigo em periódico	15
2.5 Textos de homenagem póstuma	15
2.6 Textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus	15
2.6.1 Livros	15
2.6.2 Artigos em periódicos	16
2.6.3 Jornais de notícias	17
2.6.4 Textos acadêmicos	17
Acervos físicos, base de dados disponíveis <i>on-line</i> e catálogos digitais disponíveis na <i>Internet</i>	20

Apresentação

Durante o desenvolvimento de pesquisa de iniciação científica (IC), realizada em 2007¹³⁴ (quando ainda cursava graduação em Pedagogia), iniciei a elaboração deste instrumento de pesquisa, resultante da utilização de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências¹³⁵ de textos *de* e *sobre* o professor paulista Antonio Firmino de Proença (1880-1946).

Ao ingressar no mestrado em educação vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências “Júlio de Mesquita Filho”, da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Marília, no ano de 2008¹³⁶, e tendo optado pela continuidade da pesquisa de iniciação científica, complementei este instrumento de pesquisa pautada nos mesmos procedimentos já descritos.

Para a elaboração das referências dos documentos localizados, recuperados e selecionados, utilizei a Norma Brasileira de Referências (NBR 6023), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT-2002). Foi necessário, porém, adequar essas normas às especificidades e aos objetivos da pesquisa histórica, nos seguintes casos: repetir em todas as referências o nome do autor A. F. Proença, que teve vários livros referenciados sucessivamente na mesma página (fiz essa opção para facilitar a organização e o remanejamento das referências, quando necessário¹³⁷).

Por se tratar de pesquisa histórica, mantive a ortografia de época nos títulos de textos referenciados neste instrumento de pesquisa. Nas referências em que não pude precisar o número da edição, utilizo um ponto de interrogação seguido da sigla “ed.”.

¹³⁴ Decorrente das atividades de iniciação científica (Bolsa Pibic/CNPq/Unesp), essa pesquisa foi desenvolvida sob orientação de Maria do Rosário Longo Mortatti e está vinculada às linhas “Alfabetização” e “Ensino de língua portuguesa” do Gphellb e do Projeto Integrado de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (Piphellb), ambos coordenados pela professora mencionada. O Gphellb (em funcionamento desde 1994) está cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq; certificado pela UNESP – Univ Estadual Paulista. Ele se subdividiu em cinco linhas de pesquisa: “Formação de professores”; “Alfabetização”; “Ensino de língua portuguesa”; “Ensino de literatura”; e “Literatura infantil e juvenil”. O método de investigação está centrado em abordagem de fundo histórico, com análise da configuração textual de fontes documentais. Dessa pesquisa resultou um trabalho de conclusão de curso intitulado *O método analítico para o ensino da leitura em Cartilha Proença (1926), de Antonio Firmino de Proença* (GAZOLI, 2007). Foram membros da comissão julgadora desse TCC as professoras Márcia Razzini e Estela Bertoletti.

¹³⁵ Na Norma Brasileira de Referência (NBR) – 6023 (2002), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), o termo “referência” é definido como: “Conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual.” (p. 2).

¹³⁶ Essa pesquisa está vinculada ao Gphellb e ao Piphellb e desenvolvida sob orientação de Maria do Rosário L. Mortatti, com Bolsa Capes (março a agosto de 2008) e Bolsa Fapesp (setembro de 2008 a fevereiro de 2010; Processo nº 2008/02068-3).

¹³⁷ Na NBR-6023 (2002), encontra-se a seguinte redação referente à indicação de nome de autor: “Eventualmente, o(s) nome(s) do(s) autor(es) de várias obras referenciadas sucessivamente, na mesma página, *pode(m)* ser substituído(s), nas referências seguintes à primeira, por um traço sublinear (equivalente a seis espaços) e ponto” (2002, p. 21) (grifo meu).

Destaco que conservei informações dos livros de A. F. Proença como foram localizados no catálogo digital da Fundação Biblioteca Nacional, ainda que com imprecisões. Um exemplo dessas imprecisões se refere a razão social da Editora Melhoramentos, que teve pelo menos três denominações diferentes: Companhia Melhoramentos de São Paulo, Editora Melhoramentos e Melhoramentos. No catálogo digital mencionado, porém, essas diferenças não foram consideradas.

Sobre informações localizadas no catálogo digital da Fundação Biblioteca Nacional, destaco, ainda, que esse apresenta algumas referências de livros de A. F. Proença com o local de publicação entre colchetes, indicando, segundo a Norma Brasileira de Referências (NBR 6023), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT-2002), imprecisão quanto ao dado apresentado; entretanto, a pesquisa que desenvolvi até o momento revela que A. F. Proença publicou seus livros pela Editora Melhoramentos, com exceção dos livros *Palestras pedagógicas*, publicado pela “Directoria Geral da Instrução Publica – Departamento de Publicidade” e *Escreva certo!*, pela Atena Editora. Assim sendo, optei por suprimir tais colchetes, quando esses indicavam imprecisão sobre o local de publicação.

Não localizei, com data de publicação até 2007, textos que tratam especificamente da bibliografia de A. F. Proença, em especial seus livros didáticos. A partir de 2007, entretanto, localizei um texto acadêmico, um artigo em periódico e seis textos em anais de eventos em que se apresentam resultados da análise da configuração textual de livros didáticos escrito por esse professor; esses textos resultam de minhas pesquisas de IC e de mestrado.

Até o momento, reuni o total de 177 referências, sendo 109 de textos escritos por A. F. Proença e 68 de textos escritos por outros autores que tratam de aspectos da vida e atuação profissional desse professor.

Ordenei essas referências em duas seções, a saber: Bibliografia de A. F. Proença (109 referências); e Bibliografia sobre A. F. Proença, produção escrita e atuação profissional (68 referências). No Quadro 1, apresento a quantidade de referências por seção.

Quadro 1: Quantidade de referências de textos de e sobre A. F. Proença, por seção.

Seção	Quantidade de referências por seção
1. Bibliografia de A. F. Proença	109
2. Bibliografia sobre A. F. Proença	68
TOTAL GERAL	177

A primeira seção “Bibliografia *de* A. F. Proença” foi dividida em sete subseções, de acordo com o tipo de texto. Os títulos das subseções e a correspondente quantidade de referências são os seguintes: artigos em periódicos: 31; livros sobre educação: 2; cartilha de alfabetização: 17; livros de leitura: 52; livro de Geografia: 3; plano de aula: 1; e outros¹³⁸: 3.

No Quadro 2, apresento a quantidade de referências de texto de A. F. Proença, ordenados por subseção.

Quadro 2: Quantidade de referências de textos *de* A. F. Proença, por subseção.

Subseção	Total por subseção
1.1 Artigos em periódicos	31
1.2 Livros sobre educação	2
1.3 Cartilha de alfabetização	17
1.4 Livros de leitura	52
1.5 Livro de Geografia	3
1.6 Plano de aula	1
1.7 Outros	3
Total da seção	109

A segunda seção foi dividida em seis subseções, também de acordo com o tipo de texto. Os títulos das subseções e a correspondente quantidade de referências são os seguintes: capítulos de livro: 2; texto acadêmico: 1; textos em anais de eventos: 6; artigo em periódico: 1; textos de homenagem póstuma: 5; e referências de textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus: 53. As 53 referências que integram a última subseção são distribuídas em quatro outras subseções, tendo obtido a seguinte quantidade em cada uma delas: menções e/ou citações em livros: 12; menções e/ou citações em artigos em periódicos: 15; menções e/ou citações em jornais de notícias: 3; e menções e/ou citações em textos acadêmicos: 23.

No Quadro 3, apresento a quantidade de referências de texto *sobre* A. F. Proença, ordenados por subseção.

¹³⁸ Essa subseção foi assim denominada porque é composta por referências de texto não didático, diferentemente das outras subseções que são compostas unicamente por referências de textos didáticos.

Quadro 3: Quantidade de referências de textos *sobre* A. F. Proença, por subseção.

Subseção	Total por subseção
2.1 Capítulos de livro	2
2.2 Texto acadêmico	1
2.3 Textos em anais de eventos	6
2.4 Artigo em periódico	1
2.5 Textos de homenagem póstuma	5
2.6 Textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus	-
2.6.1 Menções e/ou citações em livros	12
2.6.2 Menções e/ou citações em artigos em periódicos	15
2.6.3 Menções e/ou citações em jornais de notícias	3
2.6.4 Menções e/ou citações em textos acadêmicos	23
Total da seção	68

1. Bibliografia de A. F. Proença

1.1 Artigos em periódicos

PROENÇA, Antonio Firmino de. A bandeira nacional – resumo histórico. *Excelsior!* (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos, ano 2, n.5, p.16-18, nov. 1913.

PROENÇA, Antonio Firmino de. No domínio da technica: lições inductivas. *Excelsior!* (Escola Normal de S. Carlos). São Carlos, n.7, p.8-9, set. 1916.

PROENÇA, Antonio Firmino de. O estudo da natureza nas classes primarias: ligeiras considerações á cerca do assunto. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 1, n. 1, p. 24-26, nov. 1916.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Methodo didactico. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 1, n. 2, p. 25-26, jun. 1917.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Ensino primario. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 2 n. 4, p. 46-56, jun. 1918.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Juvenal Penteado. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 3, n. 6, p. 3-11, jun. 1919.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Ensino primario. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 4, n. 7, p. 62-67, dez. 1919.

PROENÇA, Antonio Firmino de. A escola e a caserna - ensino primario. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 4, n. 8, p. 63-70, jun. 1920.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Ensino primario. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 4, n. 8, p. 96-107, jun. 1920.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Desperdicio de energia nas escolas. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 5, n. 9, p. 50-54, nov. 1920.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Ensino primario. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 6, n. 10, p. 58-65, jun. 1921.

PROENÇA, Antonio Firmino de. A mosca. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 7, n. 12, p. 65-70, dez. 1922.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Methodos de ensino elementar. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 7, n. 12, p. 72-73, dez. 1922.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Lições de arithmetica. *Revista da Escola Normal de São Carlos*, São Carlos, ano 8, n. 13, p. 54-59, dez. 1923.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Sciencias naturaes: crustaceos. *Educação*, São Paulo, v.4, n.1, p.60-63, jul.1928.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Sciencias naturaes: insectos. *Educação*, São Paulo, v.4, n.2-3, p.162-166, ago./set.1928.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Ensino primario-plano de lições. *Educação*, São Paulo, v.5, n.2-3, p.294-296, nov./dez.1928.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Linguagem nas classes adiantadas: composição. *Educação*, São Paulo, v. 6, ano 2, p. 153-162, jan./fev. 1929.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Planos de lições primarias: sugestões para o estudo da natureza no 1º. anno preliminar. *Educação*, São Paulo, v.6, n.3, p.303-309, mar. 1929.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Planos de aulas: sugestões para o estudo da natureza no curso preliminar: Lepido'pteros. *Educação*, São Paulo, v.8, n.1, p.71-79, jul. 1929.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Estudo da natureza: a mosca domestica. *Educação*, São Paulo, v.8, ano 2, p.227-236, ago. 1929.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Planos de lições: o cheiro (lição de coisas). *Educação*, São Paulo, v.9, n.1, ano 3, p.136-142, out. 1929.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Collecção de insectos. *Educação*, São Paulo, v.9, n.1, ano 3, p.143-144, out. 1929.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Ensino primário: orientações e planos de aulas. *Educação*, São Paulo, v.10, n.1, p. 59-70, jan. 1930.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Ensino primario-Erros no ensino da aritmética elementar. *Educação*, São Paulo, v.11, n.2, p.207-212, mai.1930.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Ensino primário: primeiras lições de botanica. *Educação*, São Paulo, v.12, ano 3, p. 196-203, ago. 1930.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Questões de mathematica elementar. *Educação*, São Paulo, v.12, n.13, p.368-372, set.1930.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Erros no ensino da aritmetica escolar - I. *Revista do Professor*, São Paulo, ano 1, n. 2, p.3-4, abr. 1934.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Erros no ensino da aritmetica escolar- IV. *Revista do Professor*, São Paulo, ano 1, n. 3, p.3, mai. 1934.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Erros no ensino da aritmetica escolar - VII. *Revista do Professor*, São Paulo, ano 1, n. 4, p.3, jun./jul. 1934.

PROENÇA, Antonio Firmino de. Erros no ensino da aritmetica escolar - XI. *Revista do Professor*, São Paulo, ano 1, n. 5, p.5-6, ago. 1934.

1.2 Livros sobre educação

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Palestras pedagógicas*. São Paulo: Directoria Geral da Instrução Publica (Departamento de Publicidade), 1930. 34 p.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Palestras pedagógicas*. ?. ed. São Paulo: Directoria Geral da Instrução Publica (Departamento de Publicidade), 1938. 34 p.

1.3 Cartilha de alfabetização

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), 1926. 105 p. il.col.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 5. a 10.¹³⁹ ed. São Paulo: Melhoramentos, [1928?]. 107 p., algumas il. color.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 11 a 15 ed. São Paulo: Melhoramentos, [1929?]. 107 p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 39. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), [19--]. 107 p.il. color.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 53. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1939. 107 p.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 55. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1942. 107 p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 57. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1943. 107 p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 59. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1944. 106 p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 61. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1945. 106 p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 63. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1946. 106 p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 65. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1947. 106 p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 66. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948. 107 p., il. ("Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde" Registro nº. 938)

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 71. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 75. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1950. 106 p., il.

¹³⁹ Esta informação foi localizada na capa de um dos exemplares de *Cartilha Proença* e transcrita neste instrumento de pesquisa. Em casos semelhantes utilizei o mesmo procedimento.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 77. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1953.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 79. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954. 96 p., il. (“Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura” Registro nº. 938)

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Cartilha Proença*. 84. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955. 88 p. (“Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura”)

1.4 Livros de leitura

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 1 e 2 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), 1926.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 5. a 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1928?]. 111p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 12. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1929?]. 111p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 20. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1931?]. 111p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante, para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 22. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1933?]. 111p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante, para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 26. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1934?]. 111p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante, para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 28. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. 111p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante, para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 32. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [1934?]. 111p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante, para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 40. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos, [19--]. 111p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante: para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 59. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1943. 110p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante: para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 63. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1945. 110p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante: para o 1º. ano escolar*. 65. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1946. 109p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante: para o 1º. ano escolar*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 67. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1947.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante*: para o 1º. ano escolar. Ilustrações de Oswaldo Storni. 70. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948. 108p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura de principiante*: para o 1º. ano escolar. Ilustrações de Oswaldo Storni. 75. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1949. 112p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante*: para o 1º. ano escolar. Ilustrações de Oswaldo Storni. 79. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1951. 112p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante*: para o 1º. ano escolar. Ilustrações de Oswaldo Storni. 81. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954. 112p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Leitura do principiante*: para o 1º. ano escolar. Ilustrações de Oswaldo Storni. 83. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1954.

PROENÇA, Antônio Firmino de. *Leitura do principiante*: para o 1º. ano escolar. Ilustrações de Oswaldo Storni. 87. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1956. 112p.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *1º. livro de leitura*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), 1926.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *1º. livro de leitura*. 5. a 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1928. 160p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *1º. livro de leitura, para o 2º. ano escolar*. 35. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. 160p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *1º. livro de leitura*. ?. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1935?]. 160p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *1º. livro de leitura*. 45. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos, 1940. 176p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *1º. livro de leitura*. 46. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1946. 157p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *1º. livro de leitura*. 47. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1947. 157p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *1º. livro de leitura*. 48. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1948. 156p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *2º. livro de leitura*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), 1927.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *2º. livro de leitura*. ? ed. São Paulo: Melhoramentos, [1928]. 198p., il. color.

PROENÇA, Antonio Firmino de. *2º. livro de leitura*. 3. a 6. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1929?]. 198p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura*. [14. ed.] São Paulo: Melhoramentos, [1929?]. 198p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura*. 16. ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. 198p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura: para o 3°. anno escolar*. 16. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1933?]. 198p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura*. ? ed. São Paulo: Melhoramentos, [1933?]. 198p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura*. [22. ed.] São Paulo: Melhoramentos, [1935?]. 198p.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura*. 30. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1942. 194p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura*. 31. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1945. 181p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura: para o 3°. ano escolar*. 32. ed. rev. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1946. 181p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura*. 33. ed. rev. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1947. 176p., il. ("Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde" Registro nº. 944)

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura*. 49. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1949. 156p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 2°. *livro de leitura*. 50. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1950. 156p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 3°. *livro de leitura*. São Paulo: Melhoramentos, 1928. 236p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 3°. *livro de leitura*. 2. e 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, [1928?]. 236p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 3°. *livro de leitura*. [9. ed.] São Paulo: Melhoramentos, [1929?]. 236p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 3°. *livro de leitura para o 4°. ano escolar*. 15. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog irmãos incorporada), [19--]. 236p. il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 3°. *livro de leitura para o 4°. ano escolar*. 17. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog irmãos incorporada), 1941. 229p. il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 3°. *livro de leitura para o 4º. ano escolar*. 19. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1945. 229p.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 3°. *livro de leitura para o 4º. ano escolar*. 20. ed. Refundida. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1946. 228p.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 3°. *livro de leitura*. 34. ed. rev. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 3°. *livro de leitura*. 35. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1950. 175p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 4°. *livro de leitura, para o 4º. ano escolar*. 21. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1948. 228p., il.

PROENÇA, Antonio Firmino de. 4°. *livro de leitura, para o 4º. ano escolar*. 22. ed. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1951. 228p., il.

1.5 Livro de Geografia

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Como se ensina geographia*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporada), 1928. 105p. (Bibliotheca de Educação, v.VII)

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Como se ensina geographia: metodologia*. ? ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog irmãos incorporada), 1930. (Bibliotheca de Educação, v.VII)

PROENÇA, Antonio Firmino de. *Como se ensina geographia*. 2. ed. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog irmãos incorporada), 1932. 105p. (Bibliotheca de Educação, v.VII)

1.6 Plano de aula

PROENÇA, Antonio Firmino de. Coleção de insetos: plano de trabalho de muito valor educativo. In: D'AVILA, Antônio. *Práticas escolares*. São Paulo: Edição Saraiva, 1959, p.110-116. v. 2.

1.7 Outros

[PROENÇA, Antonio Firmino de]. *Escreva certo!* São Paulo: Atena Editora, 1939. 70p. (Prefácio de Dácio Pires Corrêa)

[PROENÇA, Antonio Firmino de]. *Escreva certo!:* método prático para escrever corretamente e sem necessidade de consultar o dicionário. São Paulo: Atena Editora, 1940. 76p. (De acordo com a reforma ortográfica oficial/Decreto-Lei nº. 292, de 23 de fevereiro de 1938)

[PROENÇA, Antonio Firmino de]. *Escreva certo!:* método prático para escrever corretamente e sem necessidade de consultar o dicionário. São Paulo: Atena Editora, 1943. 76p. (De acordo

com a reforma ortográfica oficial/Decreto-Lei nº. 5186, de 13 de janeiro de 1943) (Prefácio de Dácio Pires Corrêa, Diretor da Escola de Comércio D. Pedro II)

2. Bibliografia sobre A. F. Proença

2.1 Capítulo de livro

GAZOLI, Monalisa Renata. Bibliografia de e sobre A. F. Proença: um instrumento de pesquisa. In: RAZZINI, Márcia de Paula Gregório (Org.). *Antonio Firmino de Proença* (título provisório) (no prelo).

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Antonio Proença, escritor didático, na história da alfabetização no Brasil In: RAZZINI, Márcia de Paula Gregório (Org.). *Antonio Firmino de Proença* (título provisório) (no prelo).

2.2 Texto acadêmico

GAZOLI, Monalisa Renata. *O método analítico para o ensino da leitura em Cartilha Proença (1926), de Antonio Firmino de Proença*. 2007. 92f. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista, Marília. 2007.

2.3 Textos em anais de eventos

GAZOLI, Monalisa Renata. Um estudo sobre *Cartilha Proença (1926)*, de Antonio Firmino de Proença. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas, SP. *Anais eletrônicos...* Campinas: [s/l], p. 1-8, 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16sem07ss03_05.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2008.

GAZOLI, Monalisa Renata. O método analítico para o ensino da leitura em *Cartilha Proença (1926)*, de Antonio Firmino de Proença. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LIVRO DIDÁTICO: EDUCAÇÃO E HISTÓRIA. *Anais...* São Paulo:[s/l], 2007. p. 830-839. 1 CD-ROM.

GAZOLI, Monalisa Renata. Um estudo sobre *palestras pedagógicas (1930)*, de Antonio Firmino de Proença. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: ESCOLA CULTURA, 5., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: [s/l], 2008. p. 1-12. 1 CD-ROM.

GAZOLI, Monalisa Renata. Bibliografia de e sobre Antonio Firmino de Proença: um instrumento de pesquisa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: O ENSINO DE A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju, SE. *Anais....* São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008. p. 1-13.

GAZOLI, Monalisa Renata. O método analítico para o ensino da leitura em *Leitura do principiante (1926)* e *1º. livro de leitura (1926)*, de Antonio Firmino de Proença. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, 10., 2008, Marília. *Cadernos de áreas*. Marília: Programa de Pós-Graduação em Educação – Unesp, campus de Marília, 2008. p. 1-7.

GAZOLI, Monalisa Renata. *1º. livro de leitura (1926)*, de Antonio Proença, e a disseminação do método analítico para o ensino da leitura no Brasil. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2., 2009, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos....* Rio de Janeiro: Lihed – Núcleo de Pesquisa sobre livro e história editorial no Brasil, 2009. p. 1-13. 1 CD-ROM

2.4 Artigo em periódico

GAZOLI, Monalisa Renata. Um estudo sobre *Cartilha Proença* (1926), de Antonio Firmino de Proença. *Revista de Iniciação Científica*. Universidade Estadual Paulista, Marília, v. 7, n.3, p. 246-257, 2007. Disponível em: <<http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/ric/viewarticle.php?id=130&layout=abstract>>

2.5 Textos de homenagem póstuma

A. I. Um vulto sorocabano. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, p. 3, 29 mar. 1949.

D'ÁVILA, Antonio. História da educação. *Educação*, v.34, n.48-49, p.146-150, jul./dez. 1946.

D'ÁVILA, Antonio. Antonio Firmino de Proença. In: POLIANTÉIA comemorativa do 1º centenário do Ensino Normal de São Paulo. São Paulo: Gráfica Brésia, 1946. p. 107-108.

GOMES, Alfredo. Um grande educador: Proença. *Correio Paulistano*, São Paulo, p. 4, ano 92, n.27614, 6 abr. 1946.

PENNA, Helena et.al. *Antonio Firmino de Proença*: 1980, 1º centenário de nascimento. São Paulo: Gráfica da Secretaria da Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, 1980.

2.6 Textos com menções a A. F. Proença, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus

2.6.1 Livros

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. (Série Historiografia)

D'ÁVILA, Antonio. *Práticas escolares*. 5. ed. melh. e acres. São Paulo: Saraiva, 1959.v. 2.

DONATO, Hernani. *100 anos da Melhoramentos*: 1890-1990. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

EVANGELISTA, Olinda. *A formação universitária do professor: o instituto de educação da Universidade de São Paulo (1934-1938)*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC/Editora da Cidade Futura, 2002.

SUD MENNUCCI. *A escola paulista*. São Paulo: COPAC, 1930.

PFROMM NETO, Samuel; DIB, Carlos Z.; ROSAMILHA, Nelson. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

MACIEL, Francisca Isabel P.; FRADE, Isabel Cristina A. S. Cartilhas de alfabetização e nacionalismo. In: PRERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (orgs.). *Livros escolares e ensino a leitura e da escrita no Brasil (século XIX – XX)*. Pelotas: Seivas, 2003. p.27-51.

MELO, Luis Correa. PROENÇA, Antonio Firmino. In: _____. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmãos Andriolis, 1954. p. 500-501.

MONARCHA, Carlos (Org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas: Mercado das Letras; Curso de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – *campus* de Marília, 1997.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo/ 1876-1994. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

SILVA, Emerson Correia da. *O professor ideal em **Excelsior!** (1911-1916): a revista dos alunos da Escola Normal de São Carlos*. São Carlos: Rima, 2007.

2.6.2 Artigos em periódicos

AMARAL, A. B. do. Nossas revistas de cultura: ensaio histórico-literário. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, v.174, p.156-157, jul./set. 1968.

COLLABORADORES da “*Revista de Educação*”, *Revista de Educação*, v.8, n.8, p.I-IV, dez. 1934.

D’ÁVILA, Antonio. Departamento de educação: edital. *Revista de Educação*, v.23-26, n.23-26, p.104-119, set./dez./mar.jun. 1939.

ESCOLA Normal de São Carlos. *Revista de ensino*, São Paulo, ano15, n.4, p. 36-41, mar. 1917.

ESTRADA, Alduino. Proença (Antonio Firmino de). *Educação*, São Paulo, v.6, n.3, p. 310-312, mar. 1929. Bibliografia Pedagógica.

FIRMINO PROENÇA – referencia ao livro *Como se ensina geografia*. *Educação*, São Paulo, v.7, n.3, p.333, jun. 1929. Biblioteca Pedagógica.

JARDIM, Renato. A escola paulista - III. *Educação*, São Paulo, v.11, n.1, p. 99-102, abr. 1930. Através de revistas e jornaes.

JARDIM, Renato. A escola paulista- V. *Educação*, São Paulo, v.11, n.3, p. 384-387, jul. 1930. Através de revistas e jornaes.

MENDES, Amadeu. Directoria Geral da Instrucção Publica: seriação dos livros didacticos. *Educação*, São Paulo, v.6, n.3, p.298-302, mar.1929.

MENNUCCI, Sud. Como se ensina geografia – A. F. Proença. *Educação*, São Paulo, v.5, n.1, p. 58-61, out/dez. 1928.

MENNUCCI, Sud. A escola paulista. *Educação*, São Paulo, v.9, n.2, p. 270-273, nov. 1929.

MENNUCCI, Sud. A escola paulista - V. *Educação*, São Paulo, v.11, n.3, p.387-390, jul. 1930. Através de Revistas e Jornaes.

MENNUCCI, Sud. A escola paulista VII. *Educação*, São Paulo, v.2, n.2, p.295-298, ago. 1930. Através de revistas e jornaes.

NOMEAÇÕES. *Educação*, São Paulo, v.7, n.3, p.339, jun.1929. Informações.

SOARES, Álvaro. Os primeiros ensinamentos de leitura e linguagem. *Educação*, São Paulo, v.10, n.10-11, p.131-140, out./nov. 1932.

2.6.3 Jornais de notícias

FALECIMENTOS. Antonio Firmino de Proença. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 6, 5 abr. 1946.

NECROLOGIA. *Folha da manhã*, São Paulo, p.?, 6 abr. 1946.

VERDADEIRO CENTRO de irradiação pedagógica vai ser a Escola Normal Modelo recentemente criada. *Última hora*, São Paulo, p.?, [19--].

2.6.4 Textos acadêmicos

CAMPELO, Kátia Gardênia Henrique da Rocha; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. História da alfabetização mineira: um olhar sobre a circulação de cartilhas de alfabetização em Minas Gerais no período de 1930 a 1945. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 7., 2008, Portugal. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://web.letas.up.pt/7clbheporto/trabalhos_final.aspx>. Acesso em: 21 mai. 2009.

CATANI, Denice Bárbara. *Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*. 1994. 166 f. Tese (Livre Docência em Didática) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1994.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Coord.). Cartilhas escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais: construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a história da alfabetização e das cartilhas (MG/RS, 1870-1980). *Net*, Belo Horizonte/Pelotas, 2001. Disponível em: <<http://www.ufpel.tche.br/fae/pesquisa/cartilha.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2007.

FREITAS, Itamar. Os impressos pedagógicos e o ensino de história no Brasil (1880-1940). In: SEMANA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFS, 2006, São Cristóvão: [s/n], 2006. Disponível em: <<http://www.ensinodehistoria.com.br/producao.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

LABEGALINI, Andréia Cristina Fregate Baraldi. *A formação de professores alfabetizadores nos institutos de educação do estado de São Paulo (1933 a 1975)*. 2005. 315 f. Tese (Doutor em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Os sentidos da alfabetização*: a “questão dos métodos” e a constituição de um objeto de estudo (São Paulo – 1876/1994). 1997. 389 f. Tese (Livre-Docência em Metodologia do Ensino de 1º. Grau: Alfabetização) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1997.

MESSEMBERG, Cyntia Grizzo. *Um estudo sobre Na roça (1935), de Renato Sêneca Fleury*. 2008. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário; PEREIRA, Bárbara C.; GAZOLI, Monalisa Renata; ORIANI, Angélica; MESSEMBERG, Cyntia G. Cartilhas de professores paulistas do início do século XX e a conformação de práticas de alfabetização no Brasil. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 2., 2009, Niterói. *Anais eletrônicos...* Niterói: Lihed – Núcleo de Pesquisa sobre livro e história editorial no Brasil, 2009. p. 1-15. 1 CD-ROM

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Memória da escola no sertão do São Francisco: a Escola Nova e as contradições de um país plural (1910-1950)*. Net, [S.L], [2006?]. Disponível em: <http://jorge.carvalho.zip.net/arch2006-03-19_2006-03-25.html>. Acesso em: 22 jun. 2007.

NERY, Ana Clara Bortoleto. *A sociedade de Educação de São Paulo: embates no campo educacional (1922-1931)*. 1999. 377 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

NERY, Ana Clara Bortoleto. Impressos de e para professores: a conformação do campo pedagógico (1911-1930). In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. *Anais eletrônicos...* Campinas: [s/n], 2007. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/prog_pdf/prog07_03b.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2008.

NERY, A. C. B. Impressos de Professores: representação sobre educação e ensino nos periódicos paulistas (1911-1923). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, Caxambu, MG. *Anais eletrônicos...* Caxambu, MG: [s/n], 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT02-4219--Int.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2009.

OZELIN, Jaqueline Rampeloti. *Revista da Escola Normal de São Carlos (1916-1923): a formação do professor*. 2006. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

PEREIRA, Bárbara Cortella. *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro na história do ensino da leitura pelo método analítico no Brasil*. 2009, 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília, 2009.

SANTOS, Fátima Aparecida dos. *A Escola Nova e as prescrições destinadas ao ensino da disciplina de geografia da escola primária em São Paulo no início do século XX*. 2005. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.

SANTOS, Fátima Aparecida dos. *A geografia no ensino primário: representações em confronto*. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. *Anais eletrônicos...* Uberlândia: Net, 2006. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/308F%L1timaAparecidaDosSantos%20.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2007, às 15:08:13.

SILVA, Aldine Nogueira da. *Estudos sobre a revista Educação (1927-1930)*. 2005. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

SILVA, Emerson Correia da. *O professor ideal em Excelsior! (1911-1916): a revista dos alunos da Escola Normal de São Carlos*. 2006. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2006.

SILVA, Emerson Correia da; OZELIN, Jaqueline Rampeloti; INOUE, Leila Maria. A divulgação de saberes por meio de periódicos educacionais nas Escolas Normais de Piracicaba e São Carlos. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O HISTORIADOR E SEU TEMPO, 18., 2006, Assis. *Anais...* Assis: ANPUH/SP – UNESP, 2006. Não paginado. CD-ROM.

SOBRAL, Patrícia de Oliveira. *Um estudo sobre nova Cartilha analítico-synthética (1916), de Mariano de Oliveira*. 2007. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Alicerces da pátria: escola primária e cultura escolar no estado de São Paulo (1890-1976)*. 2006. 367 f. Tese (Livre docência em História da Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

VALDEZ, Diane. *Livros de leitura seriados para a infância: fontes para a história da educação nacional (1866/1930)*. Net, [Campinas], 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/linhas/ojs/include/getdoc.php?id=43&article=29&mode=pdf&OJSSID=8c17e4>>. Acesso em: 22 jun. 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Uma biblioteca escolar: práticas de formação docente no Rio de Janeiro, 1927-1935*. Net, [S/L], 2005-2007. Disponível em: <<http://www.extralibris.info/artigo/1>>. Acesso em: 22 jun. 2007.

Acervos físicos, base de dados disponíveis *on-line* e catálogos digitais disponíveis na Internet

Acervos físicos

Acervo do Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura do Brasil” - Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista - Marília-SP.

Acervo da Escola Normal “Caetano de Campos” - Centro de Referência em Educação “Mário Covas” - São Paulo-SP.

Biblioteca da Escola Estadual Prof. “Antonio Firmino de Proença” - São Paulo-SP.

Biblioteca do Livro Didático - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - São Paulo-SP.

Biblioteca Infanto-Juvenil “Monteiro Lobato” - São Paulo-SP.

Biblioteca Municipal Prefeito “Prestes Maia” - São Paulo-SP.

Biblioteca Prof. “Sólon Borges dos Reis” - Instituto de Estudos Pedagógicos “Sud Mennucci” - Centro do Professorado Paulista – São Paulo-SP.

Biblioteca “Sérgio Millet” - Centro Cultural de São Paulo - São Paulo-SP.

CEDAE - Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” - Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas - Campinas-SP.

Fundação Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro-RJ.

Seção Obras Raras e Especiais - Sala “Paulo Prado” - Biblioteca Municipal “Mário de Andrade” - São Paulo-SP.

Serviço de Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências - Universidade Estadual Paulista - Marília-SP.

Serviço de Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista - Araraquara-SP.

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo - São Paulo-SP.

Base de dados disponíveis *on-line* e catálogos digitais disponíveis na Internet

Base de dados Athena – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista. Disponível em: <<http://www.athena.biblioteca.unesp.br/F?RN=672374846>>.

Base de dados CEDAE - Centro de Documentação “Alexandre Eulálio” – Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas. <<http://www.cedae.iel.unicamp.br/biblioteca/catalogos.php>>.

Catálogo Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://www.bn.br/portal>>.

Base de dados Dedalus – Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://dedalus.usp.br:4500/ALEPH/por/USP/USP/DEDALUS/START>>.

Catálogo Digital do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação - CEIHE - Faculdade de Educação - Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <<http://www.ufpel.tche.br/fae/pesquisa/cartilha.htm>>.

Catálogo Digital “Memória da Cartilha” – Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria/cartilhas_imagens/principiante.htm>.

Catálogo Digital “Memorial da Educação” - Centro de Referência em Educação “Mário Covas”. Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/memorial.php>>.

Base de dados *Scientific Electronic Library Online* - SCIELO - Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?>>>.

ANEXOS



Foto de A. F. Proença.

Fonte: *Poliantéia...* (1946, p. 106).



GABINETE DE INVESTIGAÇÃO
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: *Antonio Firmino de Proença*

Data de nascimento: *12 de Junho de 1892*

Profissão: *Professor de Português e Francês*

Naturalidade: *Paraná - São Paulo*

Nacionalidade: *Brasileira*

NOTAS CROMÁTICAS

Cela: *Branca*

Ocult: *nenhuma* Cabele: *curta e loira*

OBSERVAÇÕES: (Marcas, Quedas, etc.)

SÃO PAULO, G. de *Junho* de 19*53*

[Assinatura]
Chefe do Serviço de Identificação

Foto do titular

R. Geral N.º *658133*

TIPO SANGÜÍNEO:

L. N. *---*

POLEGAR DIREITO

SÉRIE: *2.3333*
REGIÃO: *2222*

Antonio Firmino de Proença
Assinatura do titular

L. 2.333 - 2222

Foto do documento de identidade de A. F. Proença.

Fonte: Acervo da E.E. “Prof. Antonio Firmino de Proença”.

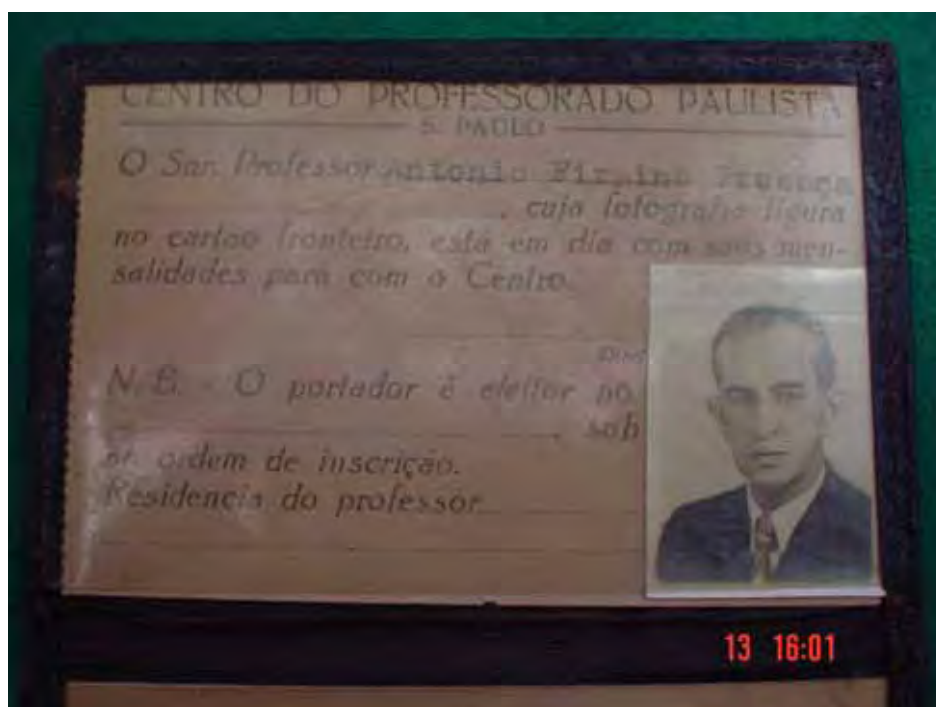


Foto da carteirinha de sócio de A. F. Proença ao Centro do Professorado Paulista (CPP).
Fonte: Acervo da E.E. “Prof. Antonio Firmino de Proença”.

9º SUBDISTRITO VILA MARIANA
Bel. JOÃO BAPTISTA MARTELLETO
 OFICIAL

OFICIAL DE REGISTRO CIVIL
 DAS PESSOAS NATURAIS
 COMARCA DA CAPITAL
 ESTADO DE SÃO PAULO

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que, as folhas 133-V do Livro C nº 023 do Registro de Óbito, Termu nº 7.185, consta que no dia quatro de abril de mil novecentos e quarenta e seis, foi lavrado o atestado de **ANTÔNIO FIRMINO DE PROENÇA**, falecido no dia quatro de abril de mil novecentos e quarenta e seis (04/04/1946), às oito horas, à sua residência, n.º 990, com sessenta e seis anos de idade, casado, de sexo masculino, de cor branca, funcionário público estadual, natural do Sorocaba, Estado de São Paulo, residente no mesmo endereço do falecimento, filho de **ANTÔNIO DE PROENÇA** e de **FRANCISCA DE PROENÇA**, falecidos.

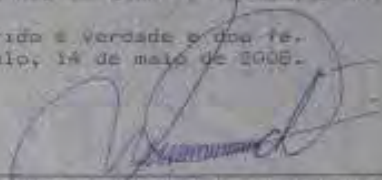
O atestado de óbito foi firmado pelo Doutor A. Costa Lima, que deu como causa da morte hipertensão arterial, adoes pulmonar.

O sepultamento foi realizado no cemitério São Paulo.

Foi declarante **ARISTOPINES PROENÇA**.

Observações: Casado em Sorocaba, com dona Isaura Cyríaco de Proença, detendo os filhos seguintes: Alair, com 16 anos, Cleofanes com 14 anos, Fatima com 13 anos e o declarante com 30 anos de idade; deixou bens sem ter feito testamento. Até a presente data não constam no livro elementos de anotação e/ou averbação.

O referido é verdade e dou fe.
 São Paulo, 14 de maio de 2006.


 Elyton Rodrigues de Carvalho
 Escrivão Autorizado

Enquadramento	Quota Cart. Inv.	Quota	Total
15,00	1,00	1,00	17,00

30% recolhidas pelo pmt do INSS/PS.
 70% pelo pmt da CVIA




PRAÇA OSWALDO CRUZ, 38 - SÃO PAULO - SP - CEP 04004-070 - TEL 3567-7125 / 3565-8074 - e-mail: oswaldo@sp.gov.br

Foto do atestado de óbito de A. F. Proença.

Fonte: Acervo pessoal da autora.



Foto da capa do livro *Antonio Firmino de Proença: 1980, 1º. centenário de nascimento*.
Fonte: Acervo da E.E. "Prof. Antonio Firmino de Proença".



Foto da lápide de A. F. Proença.

Fonte: Acervo pessoal da autora.



Foto da fachada da E.E. “Prof. Antonio Firmino de Proença”.
Fonte: Acervo pessoal da autora.